

UNIVERSIDADE ABERTA



Da polémica à agressividade verbal: uma análise pragmático-discursiva de conferências de imprensa de treinadores de futebol

Guilherme Delgado Oliveira

**TESE DE DOUTORAMENTO EM ESTUDOS PORTUGUESES
ESPECIALIDADE EM LINGUÍSTICA PORTUGUESA**

**Tese orientada pela Professora Doutora Isabel Roboredo
Seara**

janeiro de 2023

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos estendem-se às pessoas que contribuíram para a efetivação deste trabalho. Não posso deixar de expressar, por isso, os meus sinceros agradecimentos às personalidades que me acompanharam nesta tarefa. Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida. De seguida, à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, pela lição exigente e rigorosa, pelos conselhos, pela paciência e solicitude que, incondicionalmente, se dedicou à realização desta pesquisa. Agradeço à sua enorme disponibilidade e às sugestões sempre pertinentes.

Aos docentes e colegas da Uab, pelos momentos de convivência e pela oportunidade de poder aprender muito com as vossas experiências durante o curso. Ainda me lembro, a título de exemplo, das exigências implacáveis da Doutora Hanna Batoréo, a nível da Linguística Cognitiva, da simplicidade e sistematização das ideias do Doutor Paulo Nunes Silva relativamente à Linguística Textual, da azáfama dos trabalhos de pesquisa de Sociolinguística Interacional, área na qual recai parte considerável desta investigação, ministrada pela Doutora Carla Almeida, e da serenidade do Doutor Mário Felipe no tocante à Linguística Educacional. Todos, sem exceção, me ajudaram a descobrir os encantos da Linguística Geral e da Portuguesa, em particular.

Um agradecimento especial ao camarada croata Davor Gvozdic, o poliglota da turma, com quem muito troquei impressões, principalmente, em momentos mais difíceis. Os agradecimentos também se estendem a Benvindo Rocha, colega não da turma, mas da Universidade, com quem partilhei muitas informações sobre a vida institucional da Uab.

À minha mulher por me incentivar e ajudar durante todo este período académico até ao fim deste trabalho e pela partilha dos constrangimentos.

Agradeço, ainda, a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização desta tarefa.

Este trabalho é dedicado aos meus três filhos: Gabriel Oliveira, Lucas Oliveira e Lara Oliveira, como incentivo para os seus futuros estudos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no *Diário da República*, 2.^a série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

Universidade Aberta, 7 de janeiro de 2023

Guilherme Delgado Oliveira

STATEMENT OF INTEGRITY

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal *Diário da República*, 2.^a série, n.º 215, november 6, 2013).

Universidade Aberta, 7 de janeiro de 2023

Guilherme Delgado Oliveira

Título: Da polémica à agressividade verbal: análise pragmático-discursiva de conferências de imprensa de treinadores de futebol

Resumo:

Esta pesquisa, enquadrada no âmbito dos estudos linguísticos da delicadeza, indelicadeza verbais e do *ethos* construído no discurso, assim como da polémica verbal, tem como finalidade verificar as estratégias pragmático-discursivas das interações verbais protagonizadas pelos treinadores de futebol portugueses em excertos de conferências de imprensa de caráter menos harmonioso. Neste contexto, esta investigação de caráter empírico situa-se na confluência de paradigmas, como a Sociolinguística Interacional (Gumperz 1982; Tannen, 1989; Almeida, 2012), Análise Conversacional (Sacks, Schegloff & Jefferson 1974; Harvey Sacks 1966; Binet, 2013) e Pragmática Discursiva (Searle, 1984; Austin 1936; Fonseca, 1992; Carrilho, 1994). Para a sua efetivação, recorreremos a um *corpus* constituído por excertos de conferências de imprensa protagonizados por treinadores portugueses, circunscritos às épocas desportivas dois mil e dezasseis a dois mil e dezoito, os quais foram transcritos, tendo em conta o modelo aplicado pelos investigadores brasileiros (PETEDI) para o estudo dos géneros orais. Nela, tentamos demonstrar que, aquando das interações verbais menos harmoniosas, os treinadores, ao convocarem para a cena de enunciação (Maingueneau, 2006) os seus mais diretos adversários na luta por objetivos comuns, fazem uso de estratégias de descredibilização ou desqualificação do outro, características do discurso polémico (Amossy, 2017), assentes em atos de indelicadeza verbal (Culpeper, 1996; Locher & Bousfield, 2008), o que lhes permitem projetar *ethè* (Amossy, 2011; Charaudeau, 2006; Maingueneau, 2005; 2008) completamente antagónicos (Marques, 2008). Porém, estes atos de desacordo não se limitam aos colegas de profissão, mas também se estendem a outros intervenientes, nomeadamente, aos jornalistas, quem tem incumbência de lhes questionar sobre os eventos dos jogos, e às equipas de arbitragem. Na construção dessas imagens, faz-se uso de atos de ameaça (Almeida, 2011), sob forma de crítica e insinuação, isto é, atos cujo objetivo passa-se pelo ataque “*ad hominem*”, acarretando problemas para face do próprio locutor. Por isso, em

conferências de imprensa subsequentes, são obrigados a retratarem-se com atos reparadores (Briz, 2003), de pedido de desculpa (Brown & Levinson, 1987), justificação (Almeida, 2011), recorrendo a outras estratégias, como a polifonia de vozes (Fonseca, 1992), histórias de vida (Flannery, 2011; Gunthner, 2011), a atos de elogio (Kerbrat-Orecchioni, 1992) para captação, legitimação e credibilização discursivas (Charaudeau, 2014) e envolver, não só os jornalistas em presença, como também as testemunhas ausentes das trocas – os telespetadores/adeptos.

Palavras-chave: Conferências de imprensa de futebol; delicadeza e indelicadeza verbais; ethos; interação verbal; polémica.

Title: From polemics to verbal aggression: pragmatic-discursive analysis of football coaches' press conferences

Abstract: This research work, conducted in the scope of linguistics studies of verbal politeness, rudeness and ethos built in the scope of discourse, seeks to corroborate the pragmatic-discursive strategies of verbal interactions performed by football coaches in excerpts from press conferences of a less harmonious nature. Hence, this research work of empirical nature provides a convergence of paradigms, like the Interactional Sociolinguistics (Gumperz 1982; Tannen, 1989; Almeida, 2012), Conversational Analysis (Sacks, Schegloff and Jefferson 1974; Harvey Sacks 1966; Binet, 2013), and Discursive Pragmatics (Searle, 1984; Austin 1936; Fonseca, 1992; Carrilho, 1994). To get it done, we resorted to a corpus of excerpts from press conferences by Portuguese coaches, dating from the sporting seasons two thousand and sixteen / two thousand and eighteen, which were transcribed, bearing in mind the model applied by the Brazilian researchers (PETEDI) for the study of oral genres. We try to demonstrate that, during less harmonious verbal interactions, those coaches make use of discrediting or disqualifying strategies, when summoning their major opponents to the enunciation scene (Maingueneau, 2006), typical of controversial discourse (Amossy, 2017), based on acts of verbal rudeness (Culpeper, 1996; Locher & Bousfield, 2008), allowing them to project ethè (Amossy, 2011; Charaudeau, 2006; Maingueneau, 2005; 2008) utterly antagonistic (Marques, 2008). However, these acts of disagreement are not limited to professional colleagues. They are also directed to journalists, who are in charge of asking them about the match events, and about the refereeing teams' performances. To build up such scenes, acts of threat (Almeida, 2011) are used, in the form of criticism and insinuation, that is, acts whose goal are to attack "*ad hominem*", getting the speaker in troubles, himself. Therefore, in subsequent press conferences they are called on to retract themselves with redeeming acts (Briz, 2003), apology (Brown and Levinson, 1987), reasoning (Almeida 2011), and other strategies, such as the polyphony of voices (Fonseca, 1992), life stories (Flannery, 2011; Gunthner, 2011), praise (Kerbrat-Orecchioni, 1992) for catching, legitimizing

and crediting discourse (Charaudeau, 2014) and involving not only journalists in attendance, but also the witnesses outside the exchanges - the viewers/supporters.

Keywords: Football press conferences; verbal politeness and impoliteness; ethos; verbal interaction; verbal polemics.

Índice

INTRODUÇÃO	12
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	19
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
1.1 Análise do Discurso	19
1.2 Análise Conversacional	25
1.3 Pragmática e Sociolinguística Interacional	30
1.3.1 <i>A pragmática da enunciação – os atos ilocutórios</i>	32
1.3.2 <i>Princípio de Cooperação Verbal e Máximas Conversacionais</i>	37
1.4 Os gêneros orais	39
1.4.1 <i>O gênero conferência de imprensa - o caso das conferências de futebol</i>	48
1.5 Organização prototípica das conferências de imprensa de futebol	49
1.6 Caracterização das conferências de imprensa de futebol em termos interlocutivos e interacionais – o quadro participativo	52
1.7 A Delicadeza/Cortesias Verbal	56
1.7.1 <i>O modelo de delicadeza de Brown & Levinson</i>	58
1.7.2 <i>Críticas ao modelo de delicadeza de Brown & Levinson</i>	64
1.7.3 <i>As contribuições de Kerbrat-Orecchioni</i>	66
1.7.4 <i>O sistema linguístico de delicadeza verbal em português, segundo Araújo Carreira</i>	76
1.8 Violência ou agressividade verbal - uma questão de escolha ou de sentido?	80
1.8.1 <i>A indelicadeza verbal numa perspectiva linguística</i>	83
1.9 A polémica verbal	89
1.10 Abordagens teóricas sobre o conceito do ethos	96
PARTE II - OPÇÕES METODOLÓGICAS	105
2 METODOLOGIA	105
2.1 Caracterização sociológica dos intervenientes das conferências de imprensa de futebol	111
PARTE III - ANÁLISE DAS CONFERÊNCIAS DE IMPRENSA DE FUTEBOL ...	115
3 AS CONFERÊNCIAS DE IMPRENSA DE FUTEBOL - UM GÊNERO EMINENTEMENTE DO ORAL	115
3.1 O processo interativo nas conferências de imprensa de futebol: as seqüências de abertura, o corpo e a conclusão	118
3.2 Os pares adjacentes e as perguntas características nas conferências de imprensa	120
3.3 A negociação discursiva nas conferências de imprensa	123
3.4 A delicadeza ritual e a delicadeza estratégica	124
3.5 Os <i>ethè</i> dos treinadores construídos no discurso.....	125
3.5.1 <i>Ethos de arrogância</i>	125
3.5.2 <i>Ethos competente</i>	127
3.5.3 <i>Ethos humilde</i>	128

3.5.4 <i>Ethos solidário</i>	129
3.5.5 <i>Ethos agressivo</i>	130
3.6 Os <i>ethè</i> associados aos atos de delicadeza e de indelicadeza verbais no discurso polêmico dos treinadores	133
3.7 Polifonia de vozes e construção de um <i>ethos</i> de credibilidade	146
3.8 Histórias de vida como estratégia de legitimação do discurso	150
3.9 A polêmica nas conferências de imprensa de futebol	152
3.9.1 <i>A polêmica sustentada em atos indiretos como forma de denegrir, deplorar, ameaçar e criticar</i>	155
3.9.2 <i>Atos de elogio e crítica, como estratégias discursivas de credibilização, de captação e de distanciamento discursivo</i>	159
3.10 A emotividade nas conferências de imprensa de futebol: mecanismos linguísticos e paralinguísticos	168
3.11 A agressividade verbal nas conferências de imprensa.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187
REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS DE CONFERÊNCIAS ANALISADOS	201
ANEXO A - [Transcrição do Excerto da 1ª Conferência de Imprensa de Sérgio Conceição].....	202
ANEXO B - [Transcrição do Excerto da Conferência de Imprensa de Rui Vitória].....	203
ANEXO C - [Transcrição de um excerto de uma Conferência de imprensa de Sérgio Conceição, treinador do FC Porto, na sequência de dois outros excertos, proferidos primeiramente por Sérgio Conceição, seguido de Rui Vitória].	205
ANEXO D - [Transcrição do excerto de uma Conferência de Imprensa de Abel Ferreira, treinador do Sporting Clube do Braga]	207
ANEXO E - [Excerto de uma Conferência de Imprensa de Jorge Jesus, após Vitória de Setúbal 0 Sporting 6].....	210
ANEXO F - [Excerto de uma Conferência de Imprensa de Rui Vitória, após Sporting 0 Benfica 0, relativo à 33ª Jornada do campeonato português 2017/2018]	212
ANEXO G - Excerto de Conferência de Imprensa Jorge Jesus – SC Portugal 2 X Vitória FC 0 – 3 de dezembro de 2016	217

Índice de tabelas

		Página(s)
Tabela 1	Taxonomia dos atos ilocutórios de Searle, adaptada por Gouveia, C.A.M, in Faria, I. H. et al (1996, p. 391-392).	36
Tabela 2	Sistematização dos gêneros orais a partir de Travaglia et al (2013).	45-47
Tabela 3	Organização global de uma conferência de imprensa de futebol (nossa autoria).	51
Tabela 4	Fórmula proposta por Brown & Levinson para calcular o grau de uma potencial ameaça de um ato.	60
Tabela 5	Estratégias de delicadeza, segundo Brown & Levinson (1987, p.61).	63-64
Tabela 6	Sistema de delicadeza de Kerbrat-Orecchioni (1992, p. 184), adaptada por Rodrigues (2003, p.138).	68-70
Tabela 7	Convenções de transcrição dos gêneros orais baseadas no PETEDI.	107-111
Tabela 8	Listagem dos intervenientes dos excertos de conferência a analisar.	113-114
Tabela 9	Exemplos de sequências de justificação das conferências que sustentam os atos de dizer (nossa autoria).	160-161

Índice de Figuras

		Página
Figura 1	Estratégias de delicadeza de Brown & Levinson (1987).	62
Figura 2	Representação da Injunção e delicadeza de Carreira, in Marques (1995, p. 210).	77
Figura 3	Estrutura sequencial de uma interação verbal polémica, na ótica de Rodrigues (2008).	94
Figura 4	Taxonomia do ethos de acordo com a perspectiva da Análise do Discurso, Maingueneau (2008, p.19).	102
Figura 5	<i>Ethè</i> dos treinadores construídos no discurso (nossa autoria).	137
Figura 6	<i>Ethè</i> dos treinadores construídos no discurso (da nossa autoria)	137

Lista de Abreviaturas e Siglas

AC – Análise Conversacional

AD – Análise do Discurso

FTA – Atos Ameaçadores da Face (FTA ou *Face Threatening Act*)

(F) – Força ilocutória

FFA – Atos valorizadores da face (*FFA ou Face Flattering Acts*)

(p) – Predicação

PC – Princípio de Cooperação

PDI – Pragmática Discursiva e Interacional

PETEDI – Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso

INTRODUÇÃO

Estudos como os de Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), Brown & Levinson (1978;1987), Kerbrat-Orecchioni (1992; 2004), Haverkate (1994), Gumperz (1982), Almeida (2012), Culpeper (1996), entre outros, privilegiam a análise das interações orais, quer quotidianas, quer institucionais, focando a sua atenção em questões de turno, face, delicadeza e indelicadeza verbais, a partir do exame das estratégias linguístico-discursivas. Assim, investigações sobre o debate político, como as de Kerbrat-Orecchioni (2010) e Cabasino (2010), entrevistas da rádio, como as de Almeida (2012) têm surgido, nos últimos anos, no panorama linguístico internacional, evidenciando a pertinência do seu estudo.

Se anteriormente os focos de atenção se encontravam em questões de análise da gramática explícita de uma língua, hoje o discurso, no sentido restrito, tem sido objeto de investigação de muitos pesquisadores. É neste contexto, que nos propusemos estudar um tema que tem sido negligenciado, quer em língua portuguesa, quer mesmo em outras línguas, e que domina o quotidiano de todos os que seguem de perto o desporto-rei que é o futebol, pelo que considerámos pertinente a escolha do tema das conferências de imprensa de futebol.

Partindo do princípio de que “toute communication humaine s’inscrit dans une situation sociale” (Charaudeau, 2014, p. 142), consideramos que as conferências de imprensa se enquadram nesta perspetiva, porquanto representam um encontro entre atores sociais, jornalistas e treinadores. A atividade da fala (Gumperz, 1982) é orientada sobretudo sobre futebol, a qual predetermina o “contrato de comunicação” (Charaudeau, 2014, p. 142), assente no tema – falar de futebol. Assim, este encontro social é governado pelas coordenadas de enunciação – EU/TU – AQUI/AGORA (Fonseca, 1992; Vion, 1996; Faria 2003; Charaudeau, 2014) que configuram a macroestrutura do discurso produzido. Deste modo, o estudo destas conferências implica descortinar o que está acontecendo nessas interações, questão

imprescindível para descodificar um quadro comunicativo (Goffman, 2012 [1974]).

Escolhemos, para o nosso estudo, este género do oral que tem sido preterido das análises linguístico-discursivas, em português - as conferências de imprensa de treinadores de futebol profissional, embora com algumas exceções. Do nosso conhecimento, destacamos a tese de Matuda (2015) que se intitula “Futebóis: uma análise do léxico do futebol em português brasileiro e inglês” numa ótica lexical e outros artigos, nomeadamente, de Espíndola (2013), Ferreira (2019) e Teixeira (2011) numa perspetiva da linguística cognitiva, em que se analisa a metáfora concetual “futebol é guerra.”

No nosso caso, tomaremos o tema nas dimensões interacional e pragmática. Inicialmente, circunscrevê-lo-emos, destacando os momentos por que se compõem e as estratégias pragmático-discursivas predominantes. Mostraremos, de seguida, os diversos papéis desempenhados pelos diferentes atores sociais envolvidos - jornalistas *versus* treinadores -, e analisaremos a forma como se constroem os diferentes *ethè* dos treinadores, a partir do estudo dos atos de fala, seguindo, por isso, uma análise discursivo-pragmática, como anunciado no título. Serão naturalmente privilegiados os atos ameaçadores da face, os de crítica e ironia, assim como os de desconsideração do outro que subjazem à construção dos *ethè* arrogante e agressivo, baseado no conflitual dado o carácter polémico desse género.

O nosso objetivo é delinear, por isso, os *ethè* discursivos dos treinadores, construídos no discurso, ensaiando comprovar o carácter menos harmonioso e mais agressivo deste tipo de interação (cf. Simonin, 2010).

As interações verbais que coocorrem nas conferências de imprensa mais conflituosas evidenciam uma influência mútua entre os interlocutores, sendo contudo caracterizadas, em muitas circunstâncias, por uma reduzida colaboração comunicativa entre os intervenientes, o que conduz à instauração da polémica verbal (Rodrigues, 2008; Dascal, 2010; Amossy, 2017), ou pela intromissão no território do outro, pondo em evidência a questão dos atores sociais e os papéis discursivos (Vion, 1996), reivindicando, para si, o estatuto

de superioridade para desestabilizar e desacreditar o adversário, a fim de tirar partido daquilo que é comumente designado nesta *comunidade discursiva* (Swales, 1990) por *minds games*.

Propomo-nos, deste modo, observar as estratégias utilizadas pelos treinadores na construção de interações verbais conflituosas sobre temas polémicos (Dascal, 2010; Amossy, 2017).

Neste domínio, serão convocados os estudos das interações verbais (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996];1998), em confluência com os sobre a polémica verbal (Amossy, 2011; 2017), suportados nas investigações acerca da delicadeza (Brown & Levinson, 1987 [1978]; Kerbrat-Orecchioni, 1992; 2014 [1996]) e indelicadeza verbais (Locher & Watts, 2008; Culpeper, 2008; Bousfield, 2008) acerca do discurso das emoções (Flannery, 2011; Gunthner, 2011).

Nesta pesquisa, será importante demonstrar, através dos argumentos usados pelos treinadores em relação aos seus colegas de profissão, árbitros e jornalistas, que o discurso convocado pela cena de enunciação (Maingueneau, 2006) e nutrido pelas questões dos jornalistas é, em muitas circunstâncias, acusatório e crítico.

Com este propósito, basearemos a nossa análise na interpretação de algumas conferências de imprensa, assentes nas estratégias comunicativas, assumidas pelos interactantes, em que a teoria interpretativa de J. Gumperz (1982) se configura de extrema utilidade, já que põe tónica:

- (i)** na competência comunicativa;
- (ii)** no princípio da coerência e estratégica;
- (iii)** no processo de interpretação baseado nas inferências conversacionais, aspetos estes fundamentais para compreendermos o que está acontecendo numa determinada interação verbal no âmbito deste subgénero: “conferência de imprensa sobre futebol”.

Esta pesquisa subdivide-se em três partes fundamentais. Na primeira, designada de fundamentação teórica, visamos ensaiar uma reflexão sobre as mais diversas teorias que têm atravessado os estudos linguísticos, nas quais ancoramos o nosso objeto de estudo. Assim, discutiremos os paradigmas: Análise do Discurso, Análise Conversacional e a Pragmática Linguística. Dissertaremos, igualmente, sobre os géneros orais nos quais se inserem as conferências de imprensa. Aqui, debruçar-nos-emos sobre os aspetos enformadores do género ‘conferências de imprensa de futebol’, a sua organização prototípica, o quadro participativo em termos interacionais e interlocutivos. Seguidamente, daremos uma atenção personalizada aos conceitos de delicadeza (Brown & Levinson, 1987 [1978]; Ketbrat-Orecchioni, 1992; 2014 [1996]) e indelicadeza verbais (Locher & Watts, 2008; Culpeper, 2008; Bousfield, 2008; Charaudeau, 2019), dado que se trata de um género que se deixa contaminar, em algumas circunstâncias, pela conflitualidade, irrompendo um discurso agonístico (Marques, 2008a) em muitas circunstâncias. Abordaremos, também, o conceito da polémica verbal (Rodrigues, 2008; Dascal, 2010; Amossy, 2017), dadas as características das conferências, em que sobressai inequivocamente a conflitualidade.

A seguir, centralizaremos a nossa atenção nos *ethè*, cujas investigações de Amossy, Charaudeau e Maingueneau serão revisitadas. Optou-se por convocar o *ethos*, porquanto se verificou que nestas conferências se projeta uma pluralidade de imagens que se edificam no discurso sobretudo devido à polemicidade assente na desqualificação do outro e à polarização do discurso.

A segunda parte da presente tese é consagrada às opções metodológicas, em que descreveremos a técnica da transcrição dos excertos usada, tendo em consideração o método PETEDI.

Na terceira parte, procede-se a análise dos excertos de conferências de imprensa de futebol, em que tentaremos aplicar os conceitos discutidos na fundamentação teórica. Deste modo, caracterizaremos as conferências de imprensa de futebol, enquanto género do oral, identificaremos o processo interativo das conferências, e os seus constituintes - as sequências de

abertura, do corpo e de fecho, debruçar-nos-emos sobre os *ethè* projetados no discurso pelos treinadores, dos quais realçaremos os seguintes: humilde, arrogante, competente, solidário e agressivo. Similarmente, ensaiaremos demonstrar como se processa a polémica verbal neste género de interação. *A posteriori*, relacionaremos os *ethè* que foram identificados aos atos de delicadeza e de indelicadeza verbais, considerando sobretudo excertos de conferência de imprensa menos harmoniosos. Demonstraremos, do mesmo modo, como os atos de elogio e de crítica configuram estratégias de credibilização, captação e distanciamento discursivos. Nesta mesma linha de análise, é nossa intenção, certificar como se manifesta a emotividade e agressividade assentes em códigos linguísticos e paralinguísticos.

Finalmente, emerge a parte das conclusões na qual apresentaremos as considerações finais que decorrem da análise empreendida, ensaiando mostrar como o género conferência de imprensa de futebol obedece a uma determinada configuração discursiva e como nela se instauram momentos de polémica e de agressividade verbais.

Tendo em conta o acima exposto, escolhemos trabalhar este subgénero a fim de:

- (i) analisar o comportamento verbal (linguístico e pragmático) subjacente ao género em pauta;
- (ii) estudar as estratégias assumidas pelos interlocutores na construção de sentido;
- (iii) analisar as estratégias discursivas que subjazem à construção dos diferentes *ethè* (cf. Charaudeau 2005, 2013; Maingueneau, 2006; Amossy 2011) dos treinadores;
- (iv) demonstrar, segundo Almeida (2012) a partir de Diamond (1996, p. 1), que os constrangimentos da fala decorrem dos de relacionamento social;
- (v) verificar como se tecem os papéis sociais e discursivos nas interações verbais (cf. Vion, 1996; Pedro, 1996; Faria 2003);

- (vi) verificar como se processam os atos polêmicos nestas conferências;
- (vii) examinar sequências que deixam transparecer o discurso emotivo dos interactantes aquando das trocas verbais (Flannery, 2011; Günthner, 2011) e o envolvimento conversacional (Gumperz, 1982; Tannen, 1986);
- (viii) demonstrar, através da análise pragmático-discursiva dessas conferências que o discurso produzido é, muitas vezes, insultuoso, de descrédibilização do outro, o que deixa sobressair um *ethos* de arrogância (Marques, 2008) e de superioridade (Pita & Pinto, 2014), acarretando problemas para a face do locutor;
- (ix) analisar como se materializam discursivamente os rituais verbais de indelicadeza verbal;
- (x) verificar o valor pragmático de sequências de ironia e de insulto nas conferências de imprensa;
- (xi) delimitar e explicitar os recursos verbais que justificam os objetivos acima enunciados.

Como se pode constatar, a nossa pesquisa convoca estudos de várias enfoques teórico-metodológicos, assumindo um carácter interdisciplinar. Ancorar-se-á na Análise Conversacional (doravante AC), cujo expoente máximo radica nas investigações de Sacks, na qual teremos em conta os turnos pergunta/resposta (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) dos jornalistas *versus* treinadores, na Sociolinguística Interacional (a partir daqui SI) de John Gumperz (1982), baseada essencialmente nas estratégias comunicativas e nas pistas de contextualização na produção de sentido, na Pragmática Discursiva (doravante PD) através dos atos de fala (Searle, 1984; Austin 1936; Fonseca, 1992), bem como nos tropos ilocutórios (Kerbrat-Orecchioni, 1980) e na Análise do Discurso (Charaudeau, 2014), Amossy (2011).

Adotaremos uma perspectiva interdisciplinar de análise, convocando, igualmente, a teoria da delicadeza (nomeadamente a de Brown & Levinson (1987 [1978]) e indelicadeza de Culpeper (1996; 2005; 2009; 2011); Bousfield

(2008); Bousfield & Locher (2008); Charaudeau, 2019, entre outros e, por outro lado, a teoria da argumentação no discurso (Amossy, 2000), centrando a atenção em procedimentos discursivos de indelicadeza, como atos de crítica e insulto, enquanto ataque *ad hominem*. Na verdade, o insulto, como manifestação extrema de agressividade verbal, tem como consequências perlocutórias a própria inibição do diálogo, como acentua Ilie (2001, p. 244).

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dado o caráter da pesquisa, para o estudo dos excertos, consideramos relevante enquadrá-la na confluência de três correntes linguísticas – a Análise do Discurso (doravante AD), Análise Conversacional (doravante AC) e a Pragmática Discursiva e Interacional (doravante PDI).

1.1 Análise do Discurso

A Análise do Discurso ganha preponderância na linguística francesa, ancorada nos estudos de Pêcheux, a partir de 1969 (cf. Orlandi, 2005), não só no campo linguístico, como no seio de outras ciências sociais, ao introduzir o sujeito como fonte do “*dicere*” e do sentido, aspectos antes ignorados devido aos estudos empreendidos sobretudo acerca das formas linguísticas (estruturalismo).

Adam (2011, p.44), embora seja um estudioso da Linguística Textual, concebe o discurso como a inclusão de um texto no seu contexto, isto é, tendo em consideração as suas condições de produção e receção.

Vilela (1999), nesta mesma linha de pensamento, elege a Linguística Textual, como uma disciplina que se associa ao texto escrito enquanto o discurso oral seria objeto da AD.

Nesta mesma lógica, Pedro (2003, p.470-471), assinala que a linguagem em funcionamento, para a comunicação, chama-se discurso e o seu estudo a análise do discurso. Assim, pode-se descrever os dois modos de abordar a linguagem como contextual, referindo-se a factos exteriores (discurso) e formal a factos internos à língua (texto).

Lopes & Carapinha (2013, p.11-12), ao diferenciarem, por sua vez, os termos texto e discurso, invocam outros autores, como Georgakopoulou & Goustsos (2004), quem concebem o discurso como um termo abrangente correspondente a uma atividade comunicativa de natureza verbal, oral ou

escrita, prototipicamente envolvendo uma sequência de frases em que o texto representaria o produto e o meio através dos quais a atividade linguística se materializa.

Numa outra perspectiva, mais consensual, segundo as autoras, os dois termos não se encontram associados aos dois modos de expressão verbal (oral e escrito), nem às noções de processo (discurso) e produto (texto), todavia a dois enfoques, embora diferentes, complementares. Assim, o discurso seria uma entidade linguística empírica, diretamente observável, inserida no seu contexto de ocorrência, com os traços inerentes a essa inserção, enquanto o texto apenas o material linguístico destituído de todos os traços inerentes à contextualização.

Apropriando-se desta perspectiva, o Dicionário Terminológico¹ adota o termo discurso como o resultado da soma entre o texto e as suas condições de produção, enquanto o texto corresponderia o discurso independentemente da sua produção.

Na ótica de Lopes & Carapinha (2013, p.12) é a partir desta orientação que se compreende a tese que defende a existência de dois objetos de estudo diferentes: o texto – conjunto de frases, unidade transfrásica e independente do uso - seria o objeto da Linguística Textual, como postula Adam, e o discurso – conjunto de enunciados, entidade contextualizada, o objeto da AD.

No entanto, as autoras, assim como Fonseca (1992), para ultrapassar esta dicotomia, aceitam estes objetos como complementares ao serem convocados na análise de produtos verbais, assumindo, portanto, uma visão integradora e concomitantemente sinónima.

O discurso, devido à sua natureza e podendo ser objeto material de estudo de diferentes ciências sociais e humanas (como antropologia, sociologia, filosofia, política...), pode ser estudado a partir de vários enfoques teóricos e metodológicos, tornando-se um campo de estudo multidisciplinar,

¹ In dt.dge.mec.pt

fazendo com que a sua análise seja circunscrita, fruto dessa diversidade de perspectivas.

Partindo do princípio de que a AD lida com as relações entre a linguagem e a sociedade, o discurso, seu objeto de estudo, não se resume apenas, e como atesta Charaudeau², numa entrevista concedida a Londoño Zapata (2011, p.1), ao que é dito verbalmente - oral ou escrito -, mas também ao que não é.

Neste sentido, o autor entende-o enquanto sistema de significação que resulta de uma combinação do explícito e do implícito, isto é, um modo de dizer e um modo de significar, o que implica um conjunto possível de significados que circula na sociedade.

Há, por isso, perspectivas que tomam o estudo do discurso na ótica lexical, outras se concentram na problemática dos géneros discursivos (genericidade), como são os exemplos dos estudos de Michel Foucault (1969), retomados por Pêcheux (1990) e outras, ainda, centram-se no conteúdo dos textos na busca do seu significado ideológico, caso dos estudos de van Dijk (1989; 1993; 2008).

Sem entrarmos na diferenciação desses enfoques teórico-metodológicos, para a nossa pesquisa, apropriar-nos-emos das sistematizações propostas por Charaudeau (2003); Charaudeau & Maingueneau (2008), mas também das ideias defendidas por Fonseca (1992), as quais realçam e sistematizam os aspetos essenciais que têm atravessado a AD na contemporaneidade.

Charaudeau (2003, p. 23-25), sem querer apresentar uma definição cabal sobre o termo 'discurso', pois, na sua ótica, precisaria situá-lo no conjunto de uma teoria, prefere, antes, dissertar sobre o território no qual ele se move. Evita cair, assim, em confusões dadas as diferentes aceções em que é empregue. Propõe dentro deste âmbito que:

² Entrevista de Oscar Iván Londoño Zapata a P. Charaudeau, in https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/Entrevista_Analisis_del_discurso_.pdf

- (i) o conceito de 'discurso' não deve ser assimilado à expressão verbal da linguagem, dado que esta corresponde a um certo código semiológico - conjunto estruturado de signos formais, similarmente aos códigos gestual e icónico. O discurso ultrapassa, todavia, os códigos de manifestação de linguagem porque representa o lugar da encenação da significação, podendo utilizar, de acordo com a sua finalidade, um ou mais códigos semiológicos, não se reduzindo, portanto, ao uso do código verbal;
- (ii) o discurso não deve ser confundido com o texto, na medida em que este é o objeto que representa a materialização da encenação do ato da linguagem. O texto é o resultado de um processo singular dependente de um sujeito falante particular e de circunstâncias particulares. O texto deixa-se atravessar por vários discursos ligados a géneros ou situações diferentes. Por exemplo, o género político pode ser entrecruzado pelo discurso didático ou humorístico;
- (iii) o discurso não deve ser compreendido como a tradição linguística o concebe - como a unidade que ultrapassa a frase - visto que a relação entre as frases não constitui necessariamente a unidade-discurso.

Fonseca (1992, p.236-237), por sua vez, numa dimensão mais integradora, afirma que os discursos:

- são acontecimentos sociais os quais pressupõem, criam e transformam relações interpessoais, neles realizando atos de alcance social;
- envolvem sujeitos socialmente organizados e, por isso, são marcados pelas intenções, crenças e valores que animam, pelos estatutos e papéis que assumem ou encarnam o processo comunicativo;
- são percorridos por estratégias que visam assegurar-lhes uma adequada eficácia;
- estão ligados a quadros enunciativos específicos, cujos elementos fundamentais (EU/TU/AQUI/AGORA) eles próprios instituem, de modo implícito ou explícito ligados a situações socioculturais determinadas;

- testemunham o processo fortemente interativo da sua produção;
- se inscrevem no contexto global de outros sistemas semióticos que com eles interagem.

Adianta, ainda, que os discursos se organizam, tanto ao nível microestrutural como ao macroestrutural, segundo princípios idiomáticos, próprios de cada língua, que dispõe de instrumentos que a tal função são ou estão cometidos, mas também segundo princípios de ordem psicológica, cognitiva, cultural e comunicativa revelando componentes não estritamente linguísticas da competência de comunicação.

Esta perspectiva de Fonseca (1992) reforça, por um lado, as ideias defendidas por Charaudeau (2003) acerca da complexidade na abordagem de questões relacionadas ao discurso e expõe, por outro lado, as diferentes dimensões (linguística, social, psicológica, cognitiva e axiológica) que o enformam, resultando numa complexidade de relações. Tal complexidade acarreta, por sua vez, uma tomada de posição por parte do analista. Assim, os aspetos idiomáticos, as competências linguística, comunicativa e pragmática, os conhecimentos axiológico e enciclopédico dos interlocutores, as relações interpessoais, a ideologia que atravessa o momento da produção e interpretação são pontos assentes a terem em conta e serem equacionados no estudo de qualquer atividade discursiva, em que o analista é obrigado em determinadas situações a privilegiar uns em detrimentos de outros. Por isso, corroboramos a observação de Charaudeau (2003, p. 26) ao afirmar que o discurso pode ser utilizado em dois sentidos:

I - o discurso está relacionado ao fenómeno da encenação do ato da linguagem;

II- o discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construídos, na maior parte das vezes, de forma inconsciente pelos indivíduos de um determinado grupo social.

Em relação ao primeiro ponto, esta encenação está dependente de um dispositivo, que compreende dois circuitos, um externo e outro interno. O

primeiro representa o lugar do *fazer psicossocial*, o situacional, e o segundo a *organização do dizer*. Marques (2015, p. 113), como forma de encontrar um meio-termo para esta problemática é de convicção que:

- i) as teorias desenvolvidas na área da análise dos discursos devem integrar a complexidade do objeto, tomar em consideração diferentes vertentes da construção do discurso;
- ii) como consequência, a análise linguística dos discursos é marcada pela heterogeneidade. E, por essa razão, a heterogeneidade é o princípio ordenador da investigação.

Como pudemos observar na concetualização das conferências de imprensa, estas situam-se no domínio discursivo interativo, dado que colocam em jogo uma relação interpessoal entre um locutor e um alocutário historicamente situados no tempo e no espaço (jornalistas/treinadores/sala de conferência/ antes ou depois das partidas de futebol), os quais poderão ser analisados a partir de uma perspetiva microssociológica do tipo goffmaniano, o que acarreta uma faceta interativa do discurso, cujo objeto de estudo passa necessariamente pela Análise Conversacional.

Na verdade, as conferências de imprensa de futebol pressupõem uma troca verbal de, pelo menos, dois interlocutores. Estudá-la implica, no entanto, a interdisciplinaridade de vários enfoques, entre os quais privilegiamos: a teoria da enunciação (Austin, 1990; Searle, 1968; 1971; 1972), as implicaturas conversacionais de Grice (1975), o ethos (Maingueneau, 2008; Amossy, 1999; 2011) e a teoria da face de Goffman (2011 [1967]), bem como a teoria de argumentação (Amossy, 2005; 2012), sobressaindo o ecletismo e o sincretismo teóricos convocados pela AD da escola francesa (cf. Marques, 2015).

1.2 Análise Conversacional

A Análise Conversacional (doravante AC) corresponde ao estudo empírico e etnometodológico da conversação, tal como proposto por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) e Marcuschi (2003) cuja finalidade passa essencialmente por determinar as características das conversações quotidianas, quer sejam mais ou menos formais, e explicitar as regras que sustentam o funcionamento dessas trocas comunicativas.

A interação conversacional, enquanto forma de organização social, é relevante na medida em que é através da fala que os indivíduos efetivam as suas atividades as quais organizam as instituições sociais (cf. Schegloff 2006). É nesta perspetiva que Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) nos chamam atenção pela importância do estudo das práticas que, de forma sistemática, permitem aos indivíduos orientarem a sua conduta verbal e gerirem a interação conversacional. Assim, a análise de uma organização sequencial de uma determinada interação permite constatar a forma como, a par e passo, os indivíduos usam a fala em interação e mobilizam competências linguísticas e comunicativas.

Inicialmente, preocupada em descrever e sistematizar as regras da conversação, a AC é perspectivada por Binet (2013, p. 75) como uma versão mais avançada do paradigma interacionista, encontrando filiação nos estudos de Goffman (2011; 2012 [1974]) e de Garfinkel (1994).

Na sua tese, em 1953, Goffman elege as interações conversacionais como sendo o principal foco de análise sociológica. Goffman (1981), na verdade, concebe a interação conversacional organizada em *quadros* em que os interactantes definem e caracterizam a interação, delimitando os seus papéis no processo interativo. Foi, contudo, com o seu discípulo, Harvey Sacks (1966) que a AC ganha maior expressão, através da análise de um *corpus* de gravações de chamadas telefónicas sobre a prevenção do suicídio, resultando na sua tese de doutoramento sob a orientação de Goffman (cf. Binet, 2013, p.76). Após a morte de Sacks, em 1975, as suas aulas lecionadas

nas universidades da Califórnia (UCLA) e Irvine (UCI) sobre as interações conversacionais foram transcritas e publicadas por Sudnow, Jefferson e Schegloff, seus colegas pesquisadores, sob o título *Lectures on Conversation* (Sacks, 1992).

Assim, de acordo com Binet (2013, p.76-77), a organização sequencial, baseada em pares adjacentes, valores acionais definidos (pergunta/ resposta, oferta/ aceitação, saudação/saudação...) sujeitos à expansão fazem parte do programa dos estudos conversacionais, como de resto, delineou na sua obra Schegloff (2007) ou ainda questões acerca de convenções de transcrições detalhadas e a análise de sequências multi-turnos empreendidos por Jefferson (2007) são aspetos que interessam à AC.

Os estudos iniciados por Sacks (1974) expandiram-se e marcaram uma multiplicidade de análises interacionais, as quais privilegiam a fala em interação, interligando a todas as esferas da vida social.

Binet (2013) destaca, por exemplo, os estudos sobre as audiências em tribunais de Atkinson & Drew (1979); os de Lee (2005), as consultas médicas (Heritage & Maynard, 2006; Sarangi & Roberts, 2005), as interações mediatizadas (Hutchby, 2006; Schegloff, 2002), nas quais podemos situar as conferências de imprensa de futebol em estudo.

Em Portugal, podemos apontar as investigações de Almeida (2012) na perspetiva da ordem interacional ou as de Binet (2013), numa dimensão sociológica.

Na tradição francesa, Kerbrat-Orecchioni (1990; 1992; 2014 [1996]), Mondada (2001) e Traverso (2017) são exemplos de pesquisadoras que também impulsionaram esta área de pesquisa.

Kerbrat-Orecchioni (1996), na sua obra originalmente intitulada *La Conversation*, reeditada no Brasil, sob o título *Análise da Conversação – Princípios e métodos* (2014), efetua uma sistematização das diferentes correntes da análise das interações e aponta os enfoques que as têm dominado. Assim, Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p. 17-24) destaca os:

(i) “psi” (psicológico e psiquiátrico) – representado pela Escola do Palo Alto, cujas preocupações primeiras são de ordem terapêutica, em que se tratavam os casos de disfunções conjugais e das crianças esquizofrênicas, a partir de um enfoque sistémico. Aqui a ideia é de que as perturbações que afetam o indivíduo resultam, segundo um processo de causalidade circular, de uma disfunção do sistema relacional global no qual esse indivíduo se encontra inserido e deverá ser tratado. Alguns dos conceitos elaborados neste quadro são transponíveis da comunicação patológica à normal. Tal enfoque permite:

- a comunicação simétrica versus comunicação complementar;
- adotar a noção do duplo vínculo (cf. Bateson), considerando as comunicações sociais no seu conjunto.

(ii) etnossociológicos que, por sua vez, subdividem: - na etnografia da comunicação (de D. Hymes, 1974; J. Gumperz, 1982) – em reação à perspectiva chomskiana da linguagem, Hymes, em 1962, publica um artigo no qual expõe a sua própria crença e funda a etnografia da comunicação. Defende que saber falar não é simplesmente produzir e interpretar um número ilimitado de frases bem formadas, mas é também dominar as condições de uso adequado das possibilidades oferecidas pela língua. Assim, realça que a competência linguística deve ser considerada no interior de um conjunto mais amplo, no qual saberes linguísticos e socioculturais estão inextricavelmente misturados, o que pressupõe uma competência comunicativa. Esta define-se, por sua vez, como um conjunto de capacidades que permitem ao sujeito falante comunicar de modo eficaz, em situações culturalmente específicas. Destacam-se, ainda nesta vertente, os trabalhos de Gumperz (1982) sobre a comunicação intercultural e da variação do código de uma comunidade à outra ou na mesma, contradizendo a ideia de comunidade homogénea postulada por Chomsky (2007).

(iii) na etnometodologia –que se preocupa em descrever os métodos (procedimentos, saberes e técnicas) que os membros de uma dada sociedade

utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos na vida quotidiana. A etnometodologia assenta nos seguintes princípios:

- todos os comportamentos observáveis nas trocas quotidianas são rotinizados;
- as normas que sustentam os comportamentos sociais preexistem parcialmente;
- o procedimento etnometodológico é teoricamente aplicável a todos os campos da atividade social.

(iv) Outras abordagens sociológicas

Às duas correntes anteriormente referidas, pode-se, ainda de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p.23), acrescentar os trabalhos, de forte propensão interacionista, empreendidos em Sociolinguística por Labov (1972), Fishman (1972) ou Ervin-Tripp (1979) e, sobretudo, os de Goffman (2011 [1967]), embora este último não tenha fundado uma verdadeira escola, encontra-se omnipresente em filigrana na literatura interacionista, porquanto as suas intuições, observações e sugestões teóricas estimularam e alimentaram o estudo etnológico das comunicações quotidianas.

Abordagem Linguística – ainda que a conversação seja objeto da linguagem, a linguística só se veio interessar-se, segundo Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996]) por esta dimensão da linguagem muito tardiamente. A linguística preocupava-se essencialmente com o sistema abstrato que é a língua, apreendida a partir de exemplos produzidos para a circunstância, deixando de fora os discursos e, se abordados, estudavam os escritos e os monologais. Recentemente assiste-se a uma reabilitação do empirismo descritivo ao serviço da análise linguística assente em *corpora* autênticos, em que as construções teóricas são postas ao serviço dos dados. A partir da década de 80, a linguística passou a debruçar-se sobre a conversação.

Todos os modelos conversacionais adotam, com diferentes disposições, a noção dos atos de fala, elaborada no quadro da filosofia analítica anglo-saxónica (Austin, 1962; Searle, 1969), retomando, a seu modo,

a concepção pragmática do discurso, segundo a qual *dizer é fazer* (este aspeto será mais adiante discutido, pois a análise que iremos empreender assentará, em parte, nos atos de fala). A esta noção se juntaram outras, como *o jogo de linguagem* de Wittgenstein (1953), as *máximas conversacionais* de Grice (1975) ou ainda a de *diálogo* de Jacques (1979).

Como se observa, a nossa pesquisa será tributária de vários enfoques metodológicos. Deste modo, os excertos das conferências de imprensa serão analisados, não só numa perspetiva da AD, procurando a significação implícita e explícita, considerando todos os códigos semiológicos - os verbais e os não-verbais (sempre que possível) - como sugere Charaudeau, mas também na da AC, tendo em conta a alocação que o exercício da fala implica, assim como os da interlocução e da interação.

Na verdade, e como asseguram Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996]), Gumperz (1982) e Tannen (1989) para que haja uma troca comunicativa não basta que os falantes falem alternadamente, em turnos, é necessário que estejam ambos engajados na troca e deem sinais, validando a interlocução, ou melhor, que haja cooperação de parte a parte (Grice, 1975).

Do mesmo modo, as perspetivas linguísticas e pragmáticas são também relevantes na nossa pesquisa, já que nos propomos verificar, não só como os aspetos linguísticos interferem na produção de sentido em relação à formação dos diferentes *ethé dos treinadores*, mas também quais são os atos de fala predominantes nos excertos das conferências (se de crítica, de elogio, insulto...) que constituem o *corpus* e como participam na coconstrução de uma interação mais ou menos harmoniosa (cf. Simonin 2010) e, por conseguinte, quais as estratégias comunicativas adotadas (Gumperz, 1982).

1.3 Pragmática e Sociolinguística Interacional

Abordar a questão relacionada à Pragmática é uma tarefa complexa, pois se é unânime desde Morris (1938) que a Sintaxe é o estudo das relações existentes entre os signos e a Semântica o destes com o que significam, a Pragmática consiste em examinar a relação dos signos com os seus usuários (cf. Crystal 1985 [1941], p. 205-206). Estudá-la coloca, no entanto, alguns desafios, já que pode ser vista sob as mais diversas orientações do ponto de vista do fenómeno da linguagem.

Se a Sintaxe e a Semântica têm reunido um consenso sobre o seu objeto e alcance de estudo, sobre a Pragmática o mesmo não se pode afirmar. Carrilho (1994, p. 55) é, por exemplo, de convicção que tais complexidades provêm do (a):

(i) análise das relações que o discurso instaura entre os interlocutores (teorias da argumentação e da enunciação de Perelman e Ducrot, respetivamente);

(ii) apuramento do sentido e da verdade, tendo em atenção o papel dos locutores e da interferência dos contextos;

(iii) análise da linguagem numa perspetiva que a compara com a prática do jogo (Wittgenstein, 1953) ou que a aproxima de ação (Austin, 1961; 1962 ; Searle 1968;1969; 1971;1972);

(iv) compreensão da intersubjetividade em termos de uma conceção comunicacional da linguagem e da racionalidade (Habermas, 1981).

Como se pode observar, o estudo da Pragmática pode ser efetuado sob diferentes prismas dos quais se destacam, de acordo com Carrilho (1995, p.56) e Crystal (1984 [1941], p. 206), um maximalista (ou largo) e outro minimalista (ou estreito). No primeiro caso, como alude o primeiro autor, a Pragmática ocupar-se-á da linguagem, procurando explicar, numa perspetiva empírica, o seu funcionamento, através da sua articulação com as suas condições materiais, valorizando os contributos de disciplinas como a

psicologia e sociologia, negligenciando os domínios semióticos mais próximos, a sintaxe e a semântica. Esta conceção não é aceitável facilmente porque é:

- (i) impossível atribuir à Pragmática uma identidade definida, a não ser um denominador comum – o locutor;
- (ii) não só uma versão empírica ao tentar explicitar tal denominador, como também externalizar a Pragmática em relação a abordagens teóricas da linguagem e fazer sobressair um conjunto aberto de perspectivas;
- (iii) a Pragmática não pode continuar a eleger, de acordo com Carilho, a sua novidade e pertinência se não completando as abordagens tradicionais através de uma concetualidade que lhes é estranha.

No segundo caso, como propõe Carilho (1994, p.57), pode-se apontar a proposta surgida a partir da década de 80, e sustentada pelos trabalhos de Searle, Kiefer & Bierwisch (1980), sobressaindo outras orientações para o estudo da pragmática, das quais se destacam as *formal, contextual e de enunciação*.

A primeira inspira-se nos estudos de Carnap (1971) e aprofunda as expressões indexais (aspetos que remetem para a circunstância das enunciações – os pronomes pessoais, os demonstrativos e os indicadores espaço-temporais); a segunda- *dimensão contextual* – consiste numa distinção entre a pragmática e a semântica pelo papel do contexto e do uso no aprofundamento do sentido, papel que é pertinente na pragmática e irrelevante na semântica; a terceira - *perspetiva da enunciação* – impulsionada por Wittgenstein(1953), reconhece-se nos trabalhos de Austin (1961, 1962, 1990), Grice (1975) e Searle (1968, 1969, 1972), a ideia de que se deve abandonar a distinção entre um sentido decorrente da interferência do contexto e outro independente dele.

Para o estudo dos excertos das conferências de imprensa, não pretendemos separar os aspetos contextuais dos da semântica porquanto

teremos de ter em conta o contexto em que são produzidos, os conteúdos proposicionais e os valores perlocutórios inerentes aos atos, bem como a intenção que subjaz aos mesmos. Deste modo, valorizam-se as modalidades da intervenção contextual, realçando tanto o significado do uso convencional como o do contextual, em que os atos ilocutórios se revelam fundamentais.

1.3.1 A pragmática da enunciação – os atos ilocutórios

Sendo a comunicação uma *atividade social* (cf. Vion, 1996; cf. Faria, 2003; Goffman, 2012), a linguagem manifesta-se através do uso que os falantes dela fazem. Porém, não haverá troca se não houver cooperação (cf. Grice, 1975) ou envolvimento conversacional (Gumperz, 1982; Tannen, 1989), ou melhor, uma ação conjunta (cf. Simonin, 2010) na codificação e descodificação dos objetivos ilocutórios.

Austin, filósofo de Oxford, é o responsável por alterar substancialmente a filosofia da linguagem (cf. Carrilho, 1994), primeiramente com as suas conferências, de seguida, com as obras póstumas: *Philosophical Papers* (1961), *Sense and Sensibilia* (1962) e *How to do Things with Words* (1962).

Austin, na sua primeira conferência, de um conjunto de doze, traduzidas para o português, sob o título *Quando dizer é Fazer – Palavras em ação*³ que se intitula por “Performativos e Constativos”, demonstra que enunciados que não são passíveis de serem considerados verdadeiros ou falsos, não deixam de terem sentido, por serem o que são, rompendo assim com a conceção tradicionalista e de carácter descritivo que se tinham da noção de um enunciado.

Imaginemos que, numa conferência de imprensa, um treinador profira enunciados do tipo: “- Aceito este clube como minha casa” ... ou “- Prometo vencer o campeonato”, ou ainda, “-A sessão de perguntas encontra-se aberta”, não se está a descrever a realização de um ato, mas a executar uma

³ Tradução das doze conferências do professor Danilo Marcondes Sousa Silva (1990).

determinada ação. Deste modo, Austin (1962) introduz a ideia inovadora que nos permite distinguir o *performativo* do *constativo*.

Os exemplos atrás mencionados são designados, de acordo com Austin (1990 [1962], p. 21-28), por *frases performativas*, *enunciados performativos* ou simplesmente *performativos* pelo que, com os mesmos:

- (i) não se descreve o ato que se estaria a praticar ao dizer o que disse;
- (ii) não se declara o que se está a praticar, é fazê-lo;
- (iii) não se considera verdadeiro ou falso nenhum dos enunciados proferidos. Tais enunciados são registos da ação e obedecem apenas a condições de sucesso. É necessário, por isso, que quem os enuncie esteja na posição de o fazer.

Similarmente, numa conferência de imprensa de futebol, um jornalista, cujo papel seja questionar o treinador, pode declarar aberta a sessão de perguntas, diante de um assessor do clube responsável para o efeito. É claro que o enunciado vai anular-se a si próprio, pois aquele não está em posição de o fazer. Aqui, o enunciado não obedece ao parâmetro de felicidade, dado que o estatuto daquele locutor não lhe permite esse papel de abertura da sessão de questões.

Por outro lado, os enunciados passíveis de representar o mundo, os que interpretam factos e se caracterizam em termos de falsidade ou verdade, designam-se, por *constativos*. É de realçar que Austin (1962) interessou-se sobretudo pelos primeiros, porquanto estes se constituem simultaneamente em enunciados e a efetivação de ações, por conseguinte, ativos, ao criarem um novo estado de coisas. Acresce ainda que os performativos podem ser caracterizados de acordo com os parâmetros de felicidade e de infelicidade, como o exemplo acima descrito.

Outro aspeto relevante das suas pesquisas diz respeito aos conceitos relacionados com os atos discursivos: locutório, ilocutório e perlocutório⁴, os

⁴ *In oitava conferência*

quais se realizam em simultâneo e correspondem à base da teoria dos atos do discurso.

Para Austin (1990 [1970], p.113) o ato locutório consiste no dizer e comporta, por seu turno, três atos: **(i)** o *fónico* – emissão de sons; **(ii)** o *fático* – produção de palavras gramaticalmente articuladas e **(iii)** o *rético* – emissão de palavras dotadas de sentido e referência.

O ato ilocutório corresponde ao que se faz no falar, cuja força depende do contexto da enunciação e da forma frásica ou, por outras palavras, e como afirma Austin (1990 [1970], p.113), o ato efetuado ao dizer alguma coisa. Assim, por exemplo, qualquer falante da língua portuguesa saberá distinguir um pedido de uma ordem, através do contexto da enunciação e da forma da frase. Dizer, por exemplo, “– *fecha a janela!*” - demonstra-nos que o locutor possui autoridade para executar uma ordem, e o modo imperativo denuncia a sua presença.

Outro pesquisador que muito contribuiu para o desenvolvimento dos estudos pragmáticos foi Searle (1972), através da atenção dada às regras que regulam o processo comunicativo. Na verdade, a partir da ideia de que o uso da língua corresponde à assunção de uma conduta normalizada por regras as quais são determinantes para a significação dos enunciados, Searle (1972, p. 48) considera que “falar uma língua significa adotar uma forma de comportamento regido por normas”. Para explicitar as regras, Searle (1972, p.72-73) apresenta as *normativas ou regulativas* e as *constitutivas*. As primeiras governam as formas de comportamento preexistentes ou que existem de forma independente, como são os casos das formas de cortesia que governam as relações interpessoais existentes independentemente das regras, enquanto que as segundas não detêm uma função meramente normativa. Para melhor demonstração, Searle (1972) recorre às metáforas dos jogos de futebol e de xadrez. Assim, demonstra que as regras de futebol ou de xadrez não dizem somente como se jogam xadrez ou futebol, pois criam a possibilidade desses jogos, ou melhor, definem comportamentos. Por outras

palavras, como sugere Searle (1972) aprender uma língua e adquirir o seu domínio é aprender as suas regras e dominá-las.

Contrariamente a Austin, que enfatizou a distinção entre atos locutórios e ilocutórios, Searle (1968) traz para o foco das atenções, os conceitos - *atos de enunciação, proposicionais e ilocutórios*. Os *atos de enunciação* correspondem à pronúncia de um determinado enunciado, ou melhor, privilegiam o aspeto fónico. Os *proposicionais* relacionam os atos de referência aos de predicação. Tomemos como exemplo esta frase: “O Carlos é treinador.” Nela notam-se um objeto, isto é, um referente “O João” e um predicado “é treinador.” Esta relação entre o ato de referência e o do predicado permitem-nos identificar, neste enunciado, uma asserção, aquilo que Searle designa por *ato ilocutório*. Este confere um valor à enunciação proferida. Diríamos, por isso, que quando um locutor faz um pedido, ordena, aconselha, promete (...) estará a realizar atos ilocutórios. Tais atos são compreendidos através da força ilocutória (F), isto é, do *marcador* da força ilocutória que nos é dado pela estrutura sintática da língua e quanto muito pelo contexto. Assim, saberemos quando estaremos perante uma ordem, um pedido, um desejo.

Em suma, podemos afirmar que a distinção que Searle faz entre o ato proposicional e o ilocutório possibilita-nos verificar os elementos constitutivos dos atos discursivos – o *conteúdo proposicional* gerado pela referência e pela predicação (p) e a *força ilocutória* (F), os quais representam o ato ilocutório pela função $F(p)$, sendo que estes atos possuem um efeito sobre o alocutário, o que nos permite falar em *ato perlocutório*, como atesta Austin. Influencia-se, portanto, ao argumentar, esclarece-se ao informar.

Na verdade, e como está bem patente na obra de Searle (1982), todos os nossos atos comunicativos se resumem a um determinado fim ilocutório ou intenção comunicativa. Sendo assim, o uso de que fazemos da língua restringe a classificação dos atos num número finito e muito reduzido, pelo que, de acordo com o *objetivo ilocutório*, é possível determinar se o locutor se está a comprometer com o alocutário, se está a exprimir o seu estado psicológico, se tenta que o alocutário realize algo verbalmente ou não.

De acordo com a finalidade ilocutória, Searle (1969, 1975) estabeleceu uma taxonomia para os atos ilocutórios que a seguir se apresenta.

Tipos	Objetivos ilocutórios
ATOS ILOCUTÓRIOS ASSERTIVOS	Relacionar o locutor com a verdade de algo, com a verdade da proposição expressa no enunciado.
ATOS ILOCUTÓRIOS DIRETIVOS	Tentar que o alocutário pratique uma ação verbal ou não verbal, determinada pelo reconhecimento por este efetuado do conteúdo proposicional do enunciado.
ATOS ILOCUTÓRIOS COMPROMISSIVOS	Comprometer o locutor, relativamente à prática de uma ação futura, determinado pelo conteúdo proposicional do enunciado.
ATOS ILOCUTÓRIOS EXPRESSIVOS	Expressar o estado psicológico especificado na condição de sinceridade acerca de um estado que o conteúdo indica.
DECLARAÇÕES	Fazer com que o universo em referência coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, trazendo um novo estado de coisas à existência.
DECLARAÇÕES ASSERTIVAS	Trazer um novo estado de coisas à existência, por coincidência do universo em referência com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor da verdade desse conteúdo.

Tabela 1 - Taxonomia dos atos ilocutórios de Searle, adaptada por C.A.M. Gouveia, in I. H. Faria et al (1996, p.391-392).

Focalizando e relacionando com o objeto de estudo, nas conferências de imprensa de futebol, todos estes atos se materializam, porquanto podemos atestar, por exemplo, os treinadores, como locutores, a comprometerem-se com uma ação futura, o que coloca a nu os atos compromissivos, assim como a agir sobre os interlocutores diretos ou indiretos, através de tropos conversacionais, deixando sobressair os atos diretivos, ou ainda a se relacionar com a verdade dos conteúdos proposicionais, bem como a proferir declarações, em muitas situações, polémicas, as quais convocam tomadas de

posição por parte dos visados. Aqui, nunca devemos olvidar, independentemente do domínio discursivo em causa, que toda e qualquer forma de linguagem é ela também uma forma de ação (Almeida, 2014), isto é, o locutor age epistemológico, comportamental e emocionalmente sobre o alocutário.

1.3.2 Princípio de Cooperação Verbal e Máximas Conversacionais

Sendo a conversação uma constante troca de poder e negociação de lugares institucionais (Almeida, 2014), jamais haverá significação se os atores sociais não se comprometem na interação. Para tal acontecer é necessário que haja envolvimento de parte a parte (Gumperz, 1982; Tannen, 1989) ou cooperação (Grice, 1975).

Na verdade, seria, todavia, uma visão romântica se todas as trocas conversacionais respeitassem as máximas conversacionais de Grice (1975) ou, por outras palavras, obedecessem ao princípio de cooperação, ou então aos princípios de delicadeza verbal de Brown & Levinson (1978, 1987).

Grice (1975, p. 45-47), ao analisar o significado, demonstrou que há enunciados que literalmente interpretados aparecem como inadequados ou desajustados, por isso, a sua descodificação necessita que o alocutário apreenda algo que não se encontra na literariedade do discurso - a intencionalidade do locutor, cuja compreensão exige o princípio de cooperação do alocutário, traduzido, por seu turno, num conjunto de quatro máximas conversacionais que governam as nossas interações - *qualidade, quantidade, relação e modalidade*.

Com estas máximas, Grice (1975) tenta explicitar a distinção entre “o dizer” e “o significado”, diferenciação possível graças ao conceito de *implicatura*. Aqui há que considerar, por um lado, a significação como resultado de uma ordem intralinguística, fruto da relação dos constituintes da enunciação em causa e, por outro lado, a significação como consequência de um processo verbal entre os interlocutores, cujo sentido se depreende por via

da identificação da intenção que o subjaz. Para o primeiro caso, Grice refere a *implicatura convencional* enquanto o segundo é tido por *implicatura conversacional*. Tomemos dois exemplos:

- 1) **A-** Sporting, Porto e Benfica são os grandes de Portugal. Braga não é titulado.
- 2) **A-** Braga nunca venceu um campeonato. **B-** Há uma loja de troféus por aqui.

Em ambas as situações se diz mais do que se consta nos enunciados. Para o primeiro caso, Braga não se insere no grupo dos grandes por não ter conquistado nenhum campeonato, traduzindo-se, assim, numa *implicatura convencional*. Para o segundo, o interlocutor B demonstra, com ironia, que para Braga ser considerado um grande do futebol português terá de vencer um campeonato, o que implica uma *implicatura conversacional*. “Comprar um troféu” não deverá ser interpretado literalmente. É neste ponto que reside a centralidade da ideia defendida por Grice (1979, p. 60-61), defendendo que a troca interacional se rege por um *princípio de cooperação* cujas regras comunicativas não se reduzem a uma mera troca de palavras. As interações verbais resultam, assim, do resultado de esforços de cooperação em que os participantes reconhecem nas trocas um fim ou um conjunto de fins comuns, ou, pelo menos, uma direção aceite por todos.

Este modelo de Grice (1975) entrevê algumas questões: será que todas as interações são regidas por este princípio? E as conflituosas, ou melhor, as menos harmoniosas obedecem a este modelo?

Responder a estas perguntas põe em causa outros aspetos – os de delicadeza e de agressividade verbais.

Porém, se formos verificar, o princípio de cooperação (PC) proposto por Grice (1975) é anterior ao de delicadeza de Brown & Levinson (1978) ou de indelicadeza de Bousfield (2008). A resposta reside no facto de o PC ser meramente *descritivo e não prescritivo*, como defende Jobert:

L'objectif de Grice n'est pas de proposer des règles qui permettraient de simplifier le travail de l'interlocuteur mais précisément de montrer les

processus en jeu pour faire sens d'un énoncé construit de manière non explicite. Pour lui, les maximes sont suivies de manière lâche dans les faits, ce qui déclenche des "inférences conversationnelles" chez l'interlocuteur dont le but est de maintenir la "coopération" dans l'échange. On peut reprocher à Grice d'avoir choisi le terme de "cooperation" qui peut prêter à confusion. "Coopérer" ne signifie pas être bienveillant envers son interlocuteur, c'est-à-dire faire preuve de "politesse linguistique". "Coopérer" signifie accepter le fonctionnement harmonieux de la conversation qui sous-entend un minimum de participation active et d'inférences.⁵ (Jobert, 2010, p.12).

Um ponto a ser salvaguardado nas interações é, portanto, um trabalho de envolvimento permanente devido aos implícitos, aos subentendidos, isto é, às implicaturas e respeitando sempre a permuta de papéis quer institucionais, quer informais.

1.4 Os gêneros orais

A história tem-nos provado que os gêneros discursivos são entidades dinâmicas. Como as sociedades que os materializam, eles nascem, desenvolvem-se, modificam-se e muitos acabam por desaparecer. Por isso, uma tentativa de fazer o levantamento dos que circulam numa sociedade seria uma tarefa infrutífera por duas ordens de razões: a primeira concerne ao número ilimitado de atividades humanas, o que resulta numa multiplicidade de formações sócio-discursivas e, por consequência, numa pluralidade de gêneros; a segunda prende-se com a mutabilidade das práticas sócio-discursivas e, concomitantemente, a dos gêneros. Um dos exemplos atuais, que pode confirmar esse dinamismo, é o das tecnologias. Na verdade, com o advento das tecnologias de comunicação e informação, emergiu uma diversidade de gêneros. Estes novos suportes de comunicação e de informação vieram atribuir uma nova configuração a esta área.

⁵ O objetivo de Grice não é propor regras que simplificariam o trabalho do interlocutor, mas precisamente mostrar os processos envolvidos para dar sentido a uma declaração construída de maneira não explícita. Para ele, as máximas são seguidas livremente nos factos, desencadeando "inferências conversacionais" no interlocutor, cuja finalidade é manter a "cooperação" na troca. Grice pode ser criticado por escolher o termo "cooperação", que pode ser confuso. "Cooperar" não significa ser benevolente com a outra pessoa, isto é, mostrar "cortesia linguística". "Cooperar" significa aceitar o bom funcionamento da conversa, o que implica um mínimo de participação ativa e inferências.

Nas sociedades modernas, as cartas pessoais, por exemplo, quase que se extinguíram, dando lugar aos *e-mails*, cujo suporte são as plataformas digitais. Sobre este aspeto, Seara (2021) não tem dúvidas em assinalar que atualmente:

As tecnologias da informação e da comunicação, e a Internet em particular, provocaram uma verdadeira revolução nas nossas formas de ser, pensar e agir. Após a descoberta de dispositivos, tais como o e-mail, bibliotecas em linha, downloads de música e filmes, fóruns e blogues, surgiram as redes sociais digitais e com elas uma nova onda de espanto perante a extensão das mudanças que despoletaram e as novas possibilidades de comunicação que oferecem e, sem dúvida, os novos riscos e oportunidades envolvidos. Através das redes sociais, os sujeitos têm ao dispor novos meios para se expressar, para testemunhar, para protestar, para debater num espaço e interativo, questionando a hierarquia, na medida em que anteriormente os meios de comunicação explicitavam o que deviam saber e conhecer e, na atualidade, as redes sociais inspiram os media sobre os temas mais relevantes a desenvolver. Por outro lado, a instantaneidade ou a ilusão da sincronia das interações em ambiente digital conduz a uma aceleração das relações entre indivíduos e, concomitantemente, conduz a uma contração do tempo. (Seara, 2021, p.386).

Na Antiguidade Clássica havia, por exemplo, já uma preocupação com a taxionomia dos géneros. A mesma restringia-se particularmente ao âmbito literário. Davam muita importância aos géneros épico, dramático e lírico.

Esta tendência em estudá-los, sob o ponto de vista do discurso literário, floresceu e dominou as investigações até à década de setenta. T. Todorov (1978) citado por Adam & Heidmann (2009, p. 16-17) demonstrou que: “os géneros literários são apenas um caso, entre outros, ‘no sistema de géneros’ de uma dada sociedade e que o objeto de estudo não diz respeito exclusivamente à poética literária.”

Swales (1990, p. 33) corrobora esta mesma ideia, ao afirmar que hoje, ‘género’ é um termo recorrentemente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.

Antes de refletirmos sobre os géneros orais, pensamos ser conveniente definir o conceito de género discursivo. Concetualizá-lo não é, no entanto, tarefa fácil, pois envolve diferentes perspetivas metodológicas. Atualmente,

duas são as tendências que têm ganho destaque nos estudos linguísticos: as de Bakthin (1992 [1979]) e Swales (1990).

Bakthin 1992 [1979] privilegia o conceito de *atividade humana* enquanto Swales o de *comunidade discursiva*.

Bakthin (1992 [1979], p. 278-279) começa por referir que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a língua, sob forma da utilização diversificada de enunciados **orais e escritos**, concretos e únicos, o que acarreta uma multiplicidade de géneros, que decorre dessa variação das *atividades humanas*. Assim, os géneros discursivos são quase que infinitos, porquanto resultam dessa abundância de esferas da atividade humana. Deste modo, os enunciados produzidos refletem as condicionantes individuais e os objetivos de cada esfera, resultantes do seu conteúdo, estilo verbal (especificidades lexicais, fraseológicas e gramaticais) e da sua construção composicional, os quais se fundem no todo do enunciado e todos eles marcados pela esfera da comunicação.

Como podemos verificar, esta conceção bakthiniana acerca do género não se preocupa em explicitar o que é entendido por *esfera de atividade humana*, focaliza-se, preferencialmente, no conteúdo, estilo e construção composicional, o que torna as características de cada género *sui generis*.

Swales (1990), por seu turno, no seu livro *Genre analysis: English in academic and research settings*, numa perspetiva sociorretórica, não refere a diversidade das atividades humanas, como Bakthin, mas convoca para sua reflexão os conceitos de *comunidades de fala*, *comunidade discursiva* e *propósito comunicativo*, sendo os dois últimos imprescindíveis para as suas análises. Assim, Swales (1990, p. 23-24), após discorrer sobre os diversos critérios implicados na concetualização de comunidade de fala, diferencia-a da discursiva, contrapondo-as da seguinte forma:

i) a comunidade discursiva oferece-nos uma perspetiva social sobretudo à escrita, ao contrário da comunidade de fala;

ii) trata-se de um agrupamento sociorretórico, cujas características discursivas são mantidas pelos objetivos que perseguem, diferentemente da

comunidade de fala, em que a socialização ou a solidariedade desenvolvem-se e mantêm-se pelas necessidades comunicativas do grupo, considerando-se, por isso, um agrupamento sociolinguístico;

iii) as comunidades discursivas são centrífugas, pelo que separam os indivíduos em grupos ocupacionais ou de interesse, enquanto as de fala são centrípetas (tendem a absorver as pessoas em geral na sua estrutura). Uma *comunidade discursiva* configura-se, em suma, e de acordo com o investigador, como um '*Grupo de Interesse Específico*'.

Swales (1990, p. 24-27), elegendo seis propriedades, ressalta que *uma comunidade discursiva*:

- possui um conjunto de objetivos públicos comuns amplamente acordado;
- detém mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
- usa seus mecanismos participativos principalmente para fornecer informações e 'feedback';
- utiliza e tem um ou mais géneros na promoção comunicacional de seus objetivos;
- além de possuir géneros, adquiriu um léxico específico;
- é portadora de membros principiantes com um grau adequado de conteúdo relevante e conhecimento discursivo.

Como podemos observar, Swales (1990), ao contrário de Bakthin (1992 [1979]), realça o *propósito comunicativo* e a *comunidade discursiva* como fatores determinantes para concetualização de género, visível nas suas palavras:

Um género compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade de discurso dos pais e, portanto, constituem a razão para o género. Esse raciocínio molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado quanto um que opera para manter o escopo de um género, como aqui concebido estreitamente focalizado em ação retórica comparável [...] ⁶.

⁶ "A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members

Esta concetualização realça, primeiramente, a ideia de que o evento comunicativo é necessário para a criação do género, o qual resulta de uma determinada situação discursiva, aliada à função e ao ambiente, em que é concebido e recebido. De seguida, realça a pertinência dos **propósitos comunicativos**. Estes servem para delinear a estrutura representativa do discurso, influenciando e restringindo as escolhas de conteúdo e estilo, sendo os géneros os veículos para consecução de determinados objetivos.

É de assinalar que, em alguns casos, situar um propósito comunicativo torna-se uma tarefa árdua. É precisamente esta complexidade a razão do surgimento de várias críticas ao trabalho de Swales (1990). O autor sentiu, pois, necessidade de, em investigações posteriores, reformular e admitir as debilidades de alguns dos conceitos inicialmente propostos. Não podemos olvidar, contudo, o seu valioso contributo para o estudo do género, numa visão sociorretórica.

Outras abordagens, como as de Bronckart (2003), têm merecido atenção de pesquisadores do conceito de género discursivo. O autor afastando-se dos critérios da *comunidade discursiva* e de *propósito comunicativo* de Swales (1990), introduz o conceito de *formações sociais*, aproximando-se, assim, do conceito de *atividades humanas* de Bakhtin (1992 [1979]), porém sem nunca explicitar o que são formações sociais. Para Bronckart (2003):

[...] os textos são produtos da atividade da linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis. Bronckart (2003, p.137).

of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse, influences, and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action [...].”

Após termos percorrido algumas das principais teorias sobre o género, embora nem sempre convergentes, centramos a nossa atenção naquilo que é considerado como géneros do oral.

Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p. 37-38) é categórica ao afirmar que é primeiramente sob a forma do oral que a linguagem verbal se realiza. No entanto, nem sempre a linguística moderna tirou as consequências metodológicas inerentes, por isso, tem-se privilegiado as análises na vertente escrita, considerada normativa, negligenciando o oral espontâneo, considerado como um subproduto da linguagem.

Pensamos que, por este motivo, muitos dos géneros considerados orais têm sido preteridos no âmbito dos estudos linguísticos, em virtude da predominância da análise dos géneros escritos.

Os géneros orais, dado o uso de diferentes linguagens (gestos, expressões fisionómicas, música, atitude e postura corporais, entre outras) em conjugação com a própria língua (cf. Travaglia *et al*, 2013), e por representarem a fala quotidiana, deixam-se guiar por aspetos considerados falhas do discurso, como são os gaguejos, os lapsos, as frases inacabadas, repetições, hesitações, aspetos estes que, do ponto de vista conversacional, são relevantes para compreendermos uma determinada interação verbal.

Quando nos referimos aos géneros orais, o primeiro aspeto que consideramos é naturalmente o suporte pelo qual se materializam - a voz. Todavia, de acordo com Travaglia *et al* (2013, p. 5), não se pode confundir o suporte dos géneros orais com a fala pelo que:

(i) esta é a própria língua usada oralmente;

(ii) os géneros orais constroem-se inequivocamente com a língua falada e poderão ter características desta, específicas de um género ou comuns a todos os géneros orais.

Também muitos géneros, ainda que sejam marcados pela oralidade, podem socorrer-se do suporte escrito, como são os casos de uma notícia, uma intervenção num debate político, um sermão religioso ou uma

conferência, em que os oradores ou locutores têm o suporte escrito. Aludir, por isso, ao suporte como único critério na distinção dos gêneros orais pode ser contra-produtivo.

Há determinados gêneros que sempre foram verbalizados oralmente, como é o caso dos contos tradicionais. Porém, na atualidade, temos acesso a esse patrimônio cultural e linguístico graças ao seu suporte escrito. Portanto, como podemos observar, e como atestam Travaglia *et al* (2013), no funcionamento dos gêneros no seio das comunidades discursivas ou nas esferas da atividade humana há gêneros que são:

(i) escritos para serem oralizados (as participações em eventos científicos, as intervenções em debates, as conferências políticas, as homilias e sermões religiosos, as comunicações oficiais, etc...);

(ii) orais na sua origem, mas ganharam e ganham registo na escrita, para serem preservados ou divulgados na variedade escrita (piadas, contos tradicionais...);

(iii) orais e sem versão escrita (debates, entrevistas, leilões...).

Os autores supracitados (2013, p. 5-6), ao fazerem uma taxonomia dos gêneros orais que circundam na sociedade brasileira, tomaram, como ponto de partida, as esferas de atividade humana (*cf.* Bakthin, 1992 [1979]) produtores de gêneros e sistematizaram-nos da seguinte forma:

Esferas de atividade humana	Gêneros
Relações do dia-a-dia	Entrevista de emprego , fofoca, caso / caso, recados (social e familiar), bronca, (repreensão), conselho, discussão (bate-boca, briga, reclamação, lamento, alerta, brinde, cantiga de ninar, discurso , exéquias, juramento, provérbio, nota de falecimento (pode também ser escrito, como as que aparecem em jornais), convite (também pode ser escrito), acusação, agradecimento, atendimento (por exemplo por secretárias, telefonistas), recados (em secretárias eletrônicas ou pessoalmente) ...
Entretenimento e literária	Cantiga de roda, piada, anedota (é diferente de piada?), peça de teatro

	(representação), parlenda, reconto, comédia <i>stand up</i> , repente (improvisado cantado ou recitado), bingo (o cantar as pedras, prêmios e vencedores), filme, narração desportiva radiofônica/televisada (de jogos, corridas...), telenovela, adivinha, desafio, locução de rodeio, música (a letra da música que só existe como música quando cantada. Fora disso tem-se um poema), entrevistas com celebridades ...
Escolar e Académico	Avisos/comunicados feitos em sala de aula por agentes diversos (professores, funcionários da direção ou da secretaria, alunos etc.), palestra/conferência, exposição oral (como nas aulas. Pode ocorrer em outras esferas), debate de opinião, debate deliberativo, arguição e defesa de dissertação ou tese ou sobre um assunto estudado ou de monografia/trabalho de conclusão de curso, comunicação de pesquisa (em eventos acadêmico-científicos), entrevista de pesquisa científica, arguição / prova oral, etc.;
Religiosa	Homília, sermão, celebração da palavra, pregação ou prédica, prece/oração, confissão, passe espírita, benzeção, batismo, batismo de fogueira, casamento (religioso, mas há também o civil), consagração, crisma, extrema unção; unção de enfermo, cantos de folia de reis, ladainha, profissão de fé (há profissões de fé religiosas, mas também sobre aspectos filosóficos, sobre cânones artísticos, etc.), hinos, cânticos de congadas ou congado, ordenação de padre, batizado, consagração, ângelus, prece/oração/reza, jaculatória (oração curta e fervorosa), missa, testemunho (é um tipo de depoimento que nesta esfera recebe um nome particular), oferenda, leitura de búzios...;
Militar	Comandos, instrução de comandos ...
Médica	Consulta (a anamnese seria parte da consulta), sessão de terapia ...;
Jornalística	Notícia, reportagem, comentário (feito por comentaristas económicos, desportivos, críticos de arte, etc.), entrevistas (como as de opinião sobre determinado tópico);

Jurídica/ Forense	Depoimento, defesa, acusação ...;
Policia	Interrogatório, denúncia (não se trata aqui do gênero escrito produzido pelo ministério público, mas das denúncias orais e informais realizadas por cidadãos em geral), depoimento ...;
Industrial e Comercial	Pregão (de camelô, de vendedor, de feirante, etc.), leilão (a fala do leiloeiro), atendimento de <i>call center</i> , transações de compra e venda (pessoalmente ou mediadas), entrevista (de pesquisa de preço e opinião sobre produtos, por exemplo)...
Transportes	Navegação de voo, cancelamento de voo, informes/avisos orais em aeroportos e rodoviárias sobre partidas, chegadas, cancelamentos...
Magia	Leitura de mão, praga, leitura de cartas, simpatia...
Diversas	Depoimento / relatos de experiência de vida (policia, religiosa, de tratamentos, histórico, etc.) pedido (social = casamento e outras, comercial, etc.), agradecimentos, profissão de fé, dramatização (ver relação com peças de teatro), instruções (de voo, para realização de algo ...), aviso ...;

Tabela 2: Sistematização dos gêneros orais a partir de Travaglia et al (2013).

A esta lista, podemos acrescentar o gênero ‘conferência de imprensa de futebol’, pois este é materializado oralmente, embora possa ser escrito posteriormente. É oral na sua essência e baseia-se na sequência de turnos perguntas/respostas; regista marcas da oralidade, como a repetição, o

discurso direto, marcadores discursivos e conversacionais, uso de mecanismos fáticos e interjeições, às vezes, com superposição simultânea de vozes, com códigos paraverbais, configurando-se um gênero multimodal (cf. Travaglia *et al* (2013)).

1.4.1 O gênero conferência de imprensa - o caso das conferências de futebol

As conferências de imprensa são um encontro social mediático entre uma entidade ou personalidade, geralmente planeado antecipadamente, com elementos da comunicação social, cujo intuito é justamente a prestação de informações sobre um determinado acontecimento ou evento.

Para a sua efetivação, elabora-se um comunicado de imprensa redigido, *a priori*, pela assessoria da instituição ou pela personalidade em causa, no qual se delineiam as coordenadas espaciais e temporais - local e data - do encontro, assim como o seu propósito comunicativo.

Hodiernamente, as conferências de imprensa corporalizam-se em várias esferas da atividade humana. Há, por isso, conferências relacionadas à política, economia, desporto, entre outras áreas, sendo as de futebol que nos interessam para o presente trabalho de investigação, a fim de analisarmos os *ethè* dos treinadores e os atos verbais de delicadeza e indelicadeza que dominam estas interações verbais.

O universo do futebol apaixona, na verdade, muita gente, nomeadamente o do futebol profissional, das grandes equipas, pois gera paixões, por um lado, para os adeptos e, por outro, por estar ligado a grandes interesses económicos, o que contribui para que seja uma atividade social que gera muito interesse.

Estas conferências processam-se em dois momentos distintos: o de antevisão ao jogo que ocorre, normalmente, um dia antes da partida e outro relativo à análise das principais ocorrências do jogo, logo após o término, para que se efetue o seu rescaldo. Em ambos os momentos, são atores sociais os treinadores das duas equipas, acompanhados de jogadores e o assessor de

imprensa do clube. Acontecem, geralmente, numa sala do estádio onde se desenrola ou se desenrolará a partida de futebol.

Se aplicarmos as reflexões teóricas anteriormente convocadas sobre o género, podemos afirmar que as conferências de imprensa de futebol se enquadram nas *esferas de atividade* (cf. Bakthin, 1992 [1979]) ou formação discursiva (cf. Bronckart, 2003) – desportiva e jornalística - pelo que envolvem atores sociais desses dois domínios – treinadores, jogadores e jornalistas – cujo *propósito comunicativo* (cf. Swales, 1990) e *atividade de fala* (Gumperz, 1982) centralizam-se em falar de futebol.

A par desse género, há outros que se relacionam com as conferências, como são os casos de *flash interview*, relato, entrevistas desportivas, crónicas desportivas, comentários, entre outros, os quais nos permitem afirmar que estamos perante uma *comunidade discursiva* (Swales, 1990), porquanto há um conjunto de géneros que se relacionam para prossecução de objetivos comuns, centrado numa *atividade de fala* (Gumperz, 1982) – falar de futebol. Além disso, possuem um léxico específico – do campo semântico-lexical futebolístico⁷, bem como um conjunto de objetivos comuns amplamente acordados. Falar, por exemplo, em cartões amarelo e vermelho não é estranho a essa comunidade discursiva. Para o primeiro caso, reconhece-se como uma advertência ao jogador e uma punição, com ordem de expulsão do campo, para o segundo. Metaforicamente, no quotidiano relacional, as cores do cartão atingiram outros domínios, como a política, economia, entre outras, por isso, também é comum ouvirmos amiúde que um político levou um cartão vermelho por parte dos eleitores, por exemplo.

1.5 Organização prototípica das conferências de imprensa de futebol

Prototipicamente, as conferências de imprensa de futebol seguem a estrutura conversacional (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) organizada em

⁷ Vide tese de: Matuda, S. (2015). *Futebóis: uma análise do léxico do futebol brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da linguística de corpus*. São Paulo.

turnos do tipo pergunta *versus* resposta, pelo que os jornalistas dos vários órgãos de comunicação social, sejam da rádio, de diferentes canais televisivos, de jornais ou outros órgãos de comunicação, questionam os treinadores acerca dos eventos dos jogos, enquanto estes lhes respondem. Isto não significa dizer, todavia, que, dado o rumo dos acontecimentos e como estratégias discursivas, os treinadores não possam alterar deliberadamente o papel, ou introduzir, como estratégias outros assuntos, como forma de contornar ou de fugir a determinadas questões dos jornalistas, como explicitaremos mais adiante em alguns excertos de conferências.

Além disso, os participantes, jornalistas e treinadores, organizam e negociam as suas identidades institucionais, as quais os orientam na realização das tarefas, geralmente o jornalista questiona e o treinador responde.

Em termos de fluxo comunicativo (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974), nas conferências de imprensa, predominam as perguntas, geralmente breves, às vezes com sequências pré-avaliativas dos entrevistadores, e respostas geralmente mais desenvolvidas, sempre que ocorrem o envolvimento ou cooperação, suportados por sequências justificativas e avaliativas.

É praxe, no início de turno, os jornalistas saudarem o treinador e, no fecho, o assessor despedir-se dos jornalistas. Por outro lado, estes rituais, embora bastante presentes nestas interações, fazem com que constatem outros, nomeadamente, questões sobre os resultados, o desempenho da equipa da arbitragem, dúvidas acerca das escolhas feitas pelos treinadores, perguntas que invadem deliberadamente o território do treinador, configurando-se assim em rituais verbais construídos no próprio discurso.

Pelo anteriormente exposto, essas conferências pertencem ao domínio institucional, na medida em que não se enquadram na espontaneidade do exercício da atividade verbal, apresentando, por isso, características bastante ritualizadas, tal como definido por Drew & Heritage (1992), pois cumprem os pressupostos elencados:

- (i) pelo facto de estas orientarem os participantes à realização de tarefas, cujos objetivos estão relacionados com as suas identidades institucionais;
- (ii) pela existência de constrangimentos sobre as contribuições adequadas à atividade a realizar;
- (iii) pela existência de uma associação estreita entre quadros de inferência e os procedimentos específicos de determinados contextos institucionais em particular.

Para sintetizar, apresentamos, de seguida, uma tabela que representa a estrutura organizacional das conferências de imprensa de futebol:

Organização global de uma conferência de imprensa	Tarefas e ações realizadas pelos intervenientes
Início	Entrada na sala de conferência
	Saudação inicial pelo assessor de imprensa
	Palavra concedida aos jornalistas pelo assessor de imprensa
Desenvolvimento	Saudação e autoapresentação dos jornalistas no início de cada turno; Sequência de perguntas; Respostas dos treinadores
Fecho	Agradecimentos Referências a próximas atividades da equipa (Geralmente hora e local de treinos...) Despedida Saída da sala

Tabela 3 - Organização global de uma conferência de imprensa de futebol (nossa proposta).

1.6 Caracterização das conferências de imprensa de futebol em termos interlocutivos e interacionais – o quadro participativo

Qualquer interação verbal, entendida como “classe de eventos que ocorre durante a copresença e por causa da copresença” (cf. Goffman, 2011, p. 9), representa um encontro social governado pelo uso da linguagem. Assim, a linguagem torna-se o instrumento da atividade social que requer uma ação conjunta entre os atores sociais (cf. Faria, 2003), ou seja, um envolvimento conversacional (cf. Tannen, 1989; Gumperz, 1982), ou ainda, cooperação (Grice, 1975).

Uma interação verbal não se reduz, porém, única e exclusivamente, ao uso da linguagem. Nela, há segundo Goffman (2012 [1974]) e Vion (1996) uma ordem maior - a social, a que se interrelaciona com o conteúdo verbal e dá sentido a uma situação.

A reforçar esta ideia, repousa o postulado de van Dijk (1992) ao afirmar que a interação é “uma ação social”, isto é, uma sucessão de ações praticadas pelos indivíduos. Deste modo, são duas as relações que emergem numa interação - a interlocutiva e a social - embora não atuando num mesmo nível - não se excluem.

A ordem social remete-nos a uma microsociologia do tipo goffmaniano, enquanto a interlocutiva à sociolinguística. Nesta perspetiva, as ações verbais quotidianas dos sujeitos participantes de uma determinada interação contribuem para a criação de uma ordem social efetiva (cf. Vion, 1996).

Goffman (2012 [1974]) defende que, quando os participantes se envolvem numa atividade discursiva criam uma estrutura de participação, a qual se designa de quadro (“*frame*”), cuja concetualização reside na ideia de as definições de uma situação serem construídas de acordo com os princípios de organização que determinam um acontecimento. Os sujeitos negociam, por isso, um conjunto de conceitos e perspetivas teóricas que organizam experiências e orientam as ações dos indivíduos, grupos e sociedades.

Para ilustrar o conceito de *frame*, Goffman (2012 [1974]) dá o exemplo de um quadro de imagem: a pessoa usa a armação - que representa a estrutura - para manter unida a sua imagem (que representa o conteúdo) do que ele está passando em sua vida.

É através do quadro que os participantes projetam as suas ações, tendo sempre em conta a percepção da face do outro, dos observadores e do cenário.

Nesta perspectiva, para um pesquisador desta área, compreender uma interação é segundo Goffman (2012 [1974], p. 30-33) tentar responder à questão: “*o que está acontecendo aqui?*”, o que nem sempre é uma tarefa fácil porquanto:

- (i) o acontecimento pode ser descrito num espectro amplo ou restrito, implicando uma tomada de posição;
- (ii) os papéis dos participantes são diferenciados e acarretam visões diversificadas sobre uma mesma situação;
- (iii) muitas coisas diferentes ocorrem simultaneamente no “*hic et nunc*”, dificultando a tarefa do observador/investigador.

No caso das interações verbais que ocorrem nas ‘conferências de imprensa de futebol’ responder a esta pergunta não coloca muitas dúvidas, na medida em que interactantes têm como *atividade de fala* (Gumperz, 1982) falar de futebol. No entanto, partindo do princípio que, em qualquer quadro, pode haver *ruturas* (cf. Goffman 2012 [1974], p. 424) importa sublinhar que o “*frame*” não se resumirá à atividade falar de futebol. No caso de um treinador se recusa a dar uma resposta, ou simplesmente fugir à questão do jornalista, como estratégia para esconder a tática do jogo da equipa adversária, ou então trazer para a *cena de enunciação* (cf. Maingueneau, 2006) um dado novo, que nada tem que ver com o assunto em pauta, refugiando-se, por exemplo, numa *breve história de vida* (Flannery, 2011; Gunthner, 2011), ou ainda por não gostar da pergunta que lhe foi dirigida, porque a sua face é eventualmente colocada em causa, estamos face a alguns constrangimentos que podem manifestamente interferir com a quadro comunicativo expectável.

Aqui, não devemos olvidar, como atesta Goffman (2012 [1974], p.165), que o ser humano é um ator cénico sendo, por isso, participante e encenador de um quadro teatral. Deste modo, defendemos que analisar uma ‘conferência de imprensa de futebol’ implica trazer para o foco a dimensão espetacular da mesma.

As ‘conferências de imprensa de futebol’ correspondem a uma interação verbal de caráter profissional e, por conseguinte, institucional, cujo quadro participativo (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]) é constituído por vários interlocutores, dos quais podemos aludir aos jornalistas (desportivos ou generalistas), aos treinadores, aos jogadores e aos assessores do clube, funcionando, neste caso, como distribuidores de turno (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014[1996], p.11) e que, em termos de participantes, podem ser classificados como *ratificadores* (cf. Carapinha, 2016, p.51), pois todos têm direito ao uso da palavra, ainda que o treinador goze de um poder diferenciado, pelo que o tempo do uso da palavra seja superior, como fica comprovado nos excertos em análise.

Aqui, entendem-se os conceitos de locutor e alocutário não numa dimensão *subjéctiva*, como postulado por Beveniste, todavia numa perspectiva *intersubjéctiva* (cf. Fonseca, 1992, p. 282-284) ao concebê-los numa relação em que o discurso assume uma matriz dialógica, isto é, um ato conjunto do locutor e alocutário.

O locutor é então um dos participantes de um determinado ato de enunciação, numa situação de comunicação oral, isto é, o responsável para emitir uma mensagem linguística, o sujeito ativo pela realização da locução, enquanto o alocutário corresponde ao destinatário ou sujeito a quem o locutor dirige o seu enunciado.

Neste género discursivo, há que equacionar, ainda, os espetadores (*‘bystanders’*), testemunhas das trocas, quer sejam os telespetadores/ouvintes/adeptos, quer outros recetores indiretos, presentes. (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1994; 2014 [1996]). Assim, em muitas situações, a

determinação do alocutário numa conferência de imprensa complica-se na medida em que os alocutários diretos podem esconder outros.

Pensamos que, nas conferências de imprensa de futebol, isto acontece com frequência, quando, por exemplo, os treinadores utilizam os jornalistas para desferirem críticas a terceiros ausentes, quer seja aos árbitros, quer aos treinadores adversários, quer aos jogadores da equipa adversária ou, ainda, a outros elementos, o que restringe ou amplia, de certa forma, o processo interativo.

Em termos interlocutivos, aos jornalistas é-lhes reservado o papel de interrogador/inquiridor/entrevistador, enquanto aos treinadores, o de entrevistados. Estes são indubitavelmente os papéis interlocutivos institucionalmente pré-definidos.

É nesta linha de pensamento que corroboramos a posição de Pedro (1996), ao referir que:

Interagir implica, assim, troca entre um locutor e um alocutário, um falante e um ouvinte, constituídos na matriz das suas experiências, com o conhecimento particular do mundo, com perceções, sentimentos, valores concretos em relação às coisas, aos outros, ao mundo que os rodeia e a si mesmos enquanto indivíduos socialmente inseridos. (Pedro, 1996, p.452).

No entanto, como em qualquer interação, pode ocorrer constantemente mudança ou ruturas de quadro (cf. Goffman, 2012 [1974]), isto significa que, intencionalmente, os interactantes podem assumir outros papéis na interação.

Não raras vezes, como estratégias discursivas, os treinadores questionam deliberadamente os jornalistas, por exemplo, quando não estão de acordo com determinados juízos de valor, o que altera os papéis interlocutivos, ou ainda, quando se sentem a necessidade de defender a sua imagem, por ter sido colocada em causa numa situação anterior, o que acontece com frequência nas conferências de imprensa.

1.7 A Delicadeza/Cortesia Verbal

A Pragmática Linguística, a partir da década de setenta do século XX, começou principalmente na linguística anglófona, a popularizar os estudos sobre a ‘*politeness*’ (Lakoff, 1973; Brown & Levinson, 1987 [1978]), seguindo-se-lhe a linguística francesa com o termo ‘*politesse*’, sobretudo com os trabalhos de Kerbrat-Orecchioni (1992), cuja correspondência na tradição linguística ibérica é cortesia (Haverkate, 1994) e no português europeu e do Brasil é habitualmente traduzida pelos termos delicadeza/cortesia/polidez verbal (cf. Carreira, 1997).

No tocante às interações verbais admitindo-se que, hodiernamente, não se consegue descrever de forma eficaz as trocas comunicativas sem se considerarem os princípios de delicadeza/cortesia (apropriar-nos-emos a partir daqui o item lexical ‘*delicadeza*’, como sinónimo de cortesia ou polidez) porquanto estes exercem pressões sobre a produção dos enunciados sendo, por isso, um fenómeno linguisticamente pertinente (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]).

Fávero (2014) alega que a cortesia tem sido objeto de estudo sob diferentes perspetivas, desde a tradicional, enquanto fenómeno cognitivo, na teoria de Escandell-Vidal (2003), de custo-benefício na de Leech (1983), ou de preservação da face, na perspetiva de Goffman, aprofundada por Brown & Levinson (1987 [1978]).

Por seu turno, Charaudeau (2014) resume o quadro dos estudos que tem sustentado as investigações sobre a cortesia verbal no panorama linguístico mundial da seguinte forma:

Depuis Brown et Levinson (1978) qui ont traité la politesse comme un des *phénomènes universels* du langage, s’est instaurée une tradition des études sur cette question au croisement de différents points de vue, particulièrement celui de Searle (1972) qui a défini les *actes de langage* dans une perspective pragmatique, de Goffman (1974) qui a développé la *théorie des faces*, et des études américaines sur les “conversations”, reprises et prolongées par Kerbrat-Orecchioni en France, Briz et ses collaborateurs en Espagne, Bravo et d’autres pour l’Amérique latine. (Charaudeau, 2014, p. 137-138).

Hoje em dia, é sobejamente consensual que, numa relação interpessoal, fazer uso de formas de delicadeza será certamente uma mais-

valia, desde que sejam utilizadas para manter a cooperação e o envolvimento dos interlocutores.

A delicadeza corresponderia ao que Brown & Levinson (1978, 1987) defendem como a busca de um equilíbrio entre o desejo de preservação das imagens e o caráter potencialmente ameaçador de qualquer ato verbal, em que a forma de resolver esta tensão passa por selecionar estratégias de delicadeza, cuja finalidade serve para suavizar os atos ameaçadores, possibilitando que as faces não se percam.

A delicadeza é, por conseguinte, uma espécie de um “*contrato conversacional*”, como defende Fraser (1980), que obriga os intervenientes do processo comunicativo a direitos e a obrigações mútuas (cf. Haverkate, 1994). É neste quadro teórico que vários estudos se têm encarregado de explicitar como as estratégias de delicadeza são efetivadas para manter a ordem e a harmonia sociais nas trocas comunicativas, cujos expoentes máximos são os de Brown & Levinson (1987 [1978]) e de Kerbrat-Orecchioni (1992).

Gouveia (1996, p.410), por exemplo, é de convicção que “a delicadeza e a cortesia, enquanto princípios de comportamento social, têm os seus contrapontos no modo como o falante realiza as suas ações linguísticas”. Para sustentar este argumento recorre a Leech (1983) ao defender que se refere ao princípio de delicadeza quando certas forças ilocutórias parecem ser atenuadas por ação de mecanismos linguísticos, cuja inserção nos enunciados é determinada pela delicadeza do locutor.

Aqui, é de realçar que as formas de delicadeza se podem manifestar também através de códigos paralinguísticos. No domínio do futebol, por exemplo, há determinados gestos que são considerados rudes e suscitam polémica, como é o caso do não apertar as mãos a um jogador da equipa adversária, ou, inversamente, outros como ajudar um colega a levantar-se, após uma queda, são dignos de serem considerados atos de *fair-play*, isto é, um sinal de delicadeza.

Tomaremos, entretanto, para a nossa análise, essencialmente as manifestações verbais, tal como defende Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p.

77) “a noção de *politesse* é aqui entendida em sentido amplo, recobrando todos os aspetos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o carácter harmonioso da interação.

1.7.1 O modelo de delicadeza de Brown & Levinson

Dois dos investigadores que sublinharam a pertinência do conceito de ‘*politeness*’ na área dos estudos linguísticos foram Brown & Levinson (1978; 1987). Partindo do conceito goffmaniano de *face*, traduzido na ideia do valor social que uma pessoa reivindica para si mesma, estes autores ensaiaram mostrar um *arquetipus* que, ainda hoje, é fonte obrigatória, embora nem sempre consensual, para quem deseja iniciar-se nos estudos da delicadeza/cortesia e indelicadeza/ descortesia verbais.

Brown & Levinson (1987 [1978]) sustentam que os participantes, numa relação interpessoal, são potencialmente agressivos, e a delicadeza/cortesia torna as ações sociais mais exequíveis. Assim, os autores entreveem a delicadeza/cortesia como um conjunto de estratégias de “preservação da face”. Esta, por sua vez, é bidimensional, pelo que todo o indivíduo possui uma dupla face – uma negativa e outra positiva. É nesta ‘perspetiva que repousa o princípio da universalidade, pois, para Brown & Levinson (1987), ainda que o conteúdo e a definição das faces possam diferenciar-se de acordo com a cultura dos seus membros, o seu conhecimento mútuo, a autoimagem pública e a necessidade de auto-orientação social são universais.

Brown & Levinson (1987) concetualizam a face negativa como o desejo de liberdade de ação e o domínio do conjunto dos territórios do *eu*, e a positiva, enquanto o desejo de ser aceite pelos outros e de que estes compartilhem os mesmos desejos.

Esta diferenciação coloca a nu, por um lado, as necessidades básicas de um indivíduo como ser social - face negativa - e, por outro lado, os seus desejos pessoais - face positiva.

Numa conferência de imprensa de futebol, se um treinador for abruptamente interrompido, enquanto estiver a proferir uma declaração, é manifesto que se está a violar o seu direito de expressão, colocando em causa a sua face negativa. Se, por outro lado, ao recorrer, por exemplo, às suas conquistas, enquanto treinador, para justificar uma derrota, estará a evidenciar a sua face positiva porquanto quer ser reconhecido socialmente.

Numa determinada interação verbal, com dois participantes, de acordo com Brown & Levinson (1987, p. 65-68), quatro “faces” emergem. E nessa troca, os interlocutores são levados a realizarem um certo número de atos, verbais ou não, que na sua maioria, ou na sua totalidade, constituem ameaças potenciais para uma ou para outra dessas faces – negativa e positiva – de onde provém a expressão *Face Threatening Act* (FTA)⁸. Tais atos, de acordo com Brown & Levinson (1987, p.65) são, por sua natureza, contrários à face quer do destinatário e/ou locutor. Deste modo, das interações verbais, sobressaem quatro faces sujeitas a potenciais atos ameaçadores (verbais ou não), as quais Brown & Levinson (1987, p. 65-68) categorizam em:

- 1. atos ameaçadores à face negativa do locutor** - é o caso da oferta ou da promessa, pelas quais o locutor se propõe ou se compromete a efetuar um ato suscetível de lesar seu próprio território, num futuro próximo ou distante. *Vide* passagem do excerto 4: “*E é dentro do campo que eu quero competir.*” [Cl.4- AF, 18.01.2018].
- 2. atos ameaçadores à face positiva do locutor** – referem-se a atos de confissão, desculpa, autocrítica e outros comportamentos “auto-degradantes”. A título ilustrativo, apresenta-se o exemplo do excerto de conferência 3: “*Eu... aquilo que eu disse em relação ... àquilo que foi o exemplo que eu dei na semana passada de um outro treinador, foi menos feliz da minha parte. Lamento!*” [Cl.3-SC, 14.01.18].

⁸ Em português corresponderia à sigla AAF (Atos ameaçadores à face).

3. **atos ameaçadores à face negativa do alocutário** – dizem respeito às violações territoriais de natureza verbal (perguntas indiscretas, atos inoportunos e diretivos, quais sejam a ordem, a interpelação, o conselho, a proibição...) e não verbal (ofensas proxémicas, contactos corporais impróprios, agressões visuais, sonoras...). Tomemos como exemplo, o fragmento do excerto 1: “*Sérgio Conceição: Siga!*” [Cl.1. -SC, 7.01.18].

4. **atos ameaçadores à face positiva do alocutário** – correspondem aos atos que colocam em causa a autoestima do *alter*, como a crítica, a reprovação, a refutação, o insulto, a injúria... Como se verifica na passagem do excerto de conferência 5: “*Mau colega... Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais...*” [Cl.5-JJ, 6.01.16].

É de assinalar, ainda, que um mesmo ato pode inscrever-se simultaneamente em diversas categorias, assumindo uma delas um valor dominante. Assim, uma ordem ameaça tanto a face negativa como a positiva do alocutário.

O peso da ameaça de qualquer ato, que é variável quanto à intensidade, mede-se através da fórmula analítica proposta por Brown & Levinson (1987, p.76), assente nos parâmetros abaixo assinalados:

$W_x = D(S,H) + P(H,S) + R_x.$ <p>w= weightiness, D= distance, S= speaker, H= hearer, P= power, R= rank</p> <p>O grau de uma potencial ameaça de um ato (W) dependerá da distância social do emissor (S) e do recetor (H), da relação do poder (P) entre eles e do próprio grau de imposição do ato em causa (R).</p>
--

Tabela 4. Fórmula proposta por Brown & Levinson para calcular o grau de uma potencial ameaça de um ato (1987, p.76).

Para Haverkate (1994), destas correlações, decorrem duas conclusões:

Si el peso de la imposición es muy reducido, como en el caso en que el hablante tiene poder sobre el oyente y la exhortación es una exhortación rutinaria, no hace falta aplicar una estrategia de cortesía especial; el hablante puede limitarse a la realización directa del acto de habla. La situación inversa se da cuando el peso de la imposición es muy grande, incluyendo el riesgo de amenazar la relación social de los interlocutores; en tal caso, el hablante preferirá no realizar el acto de habla. (Haverkate 1994, p.40).

Concomitante ao conceito de face são, também, pertinentes para a teoria de delicadeza, os conceitos de *face want*⁹ e *face work*¹⁰. Sabendo que os atos realizados são potencialmente ameaçadores às faces dos interlocutores, os interlocutores devem, por isso, trabalhar e serem cuidadosos sob pena de vir a perder uma das faces. Deste modo, recorrem a diversas estratégias de delicadeza para limar as arestas das ameaças e manter o equilíbrio conversacional, de forma racional.

A noção de face sobrepõe-se à de FTA e “*face want*” - *desejo de preservação da face* - o que suscita uma contradição entre o alvo da ameaça permanente e o desejo de preservação da face.

Assim, Brown & Levinson (1987) asseveram que, em contexto de vulnerabilidade mútua, qualquer agente racional procurará evitar atos que ameçam à face ou empregará certas estratégias para minimizar a ameaça. Quer isto dizer que a preservação das faces individuais pressupõe automaticamente a proteção das faces do outro. Tal tarefa só é possível graças ao *trabalho de figuração* – *face work* (cf. Brown & Levinson, 1987, p.68), assente em estratégias de delicadeza. É nesta perspetiva que ensaiaram um inventário de estratégias que esquematizaram da seguinte forma:

⁹ Desejo de preservar a face.

¹⁰ Trabalho de “*figuração*” de acordo com Goffman.

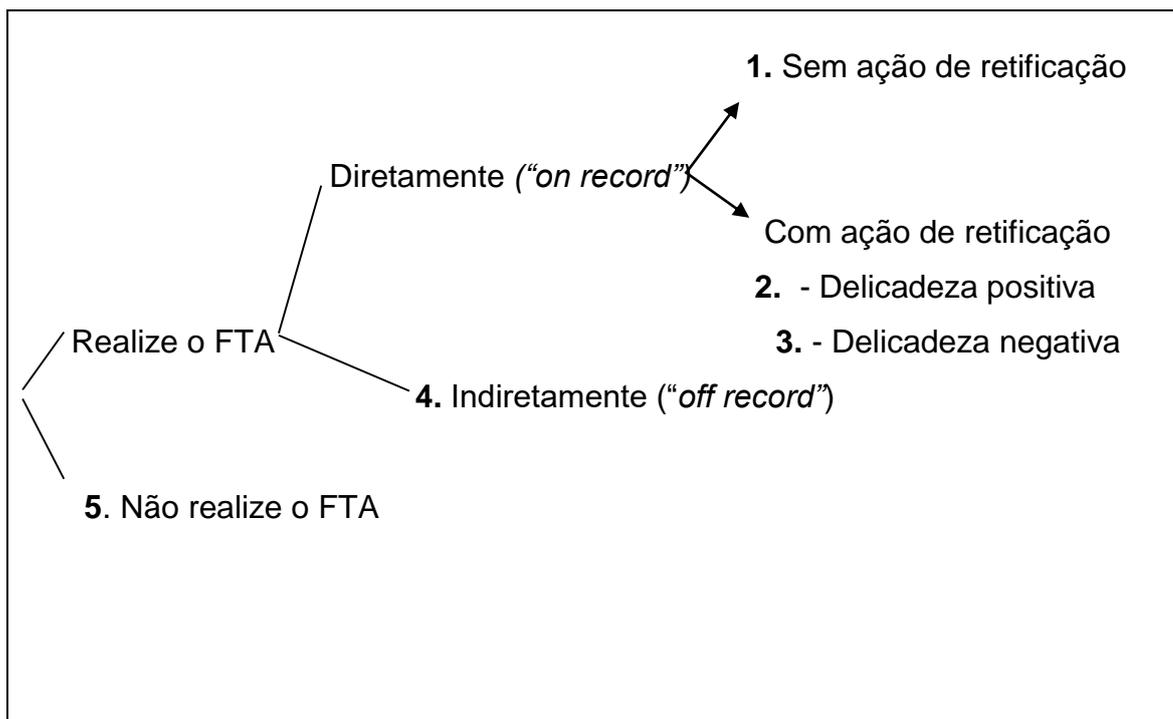


Figura 1 - Estratégias de delicadeza de Brown & Levinson (1987, p. 69).

Vê-se, nesta tabela, que estas estratégias de delicadeza se encontram enumeradas por ordem crescente em consonância com o crescente risco da perda da face. Assim, observa-se que ao produzir um FTA diretamente, sem ação de retificação, menor é o grau de ameaça à face do interlocutor. Porém, pode-se efetuar-la, com ação de retificação positiva ou negativa. A primeira – delicadeza positiva – ocorre quando as ações, traduzidas em atos de acordo e solidariedade empreendidas visam salvar a face positiva do locutário. A segunda – delicadeza negativa – quando as ações corretivas são orientadas para a face negativa do locutor. Poderão ainda ser feitas indiretamente, em que a intenção atribuível ao ato permanecerá ambígua, permitindo ao locutor salvaguardar a sua face, caso seja julgado desfavoravelmente. Finalmente, deve-se evitar realizar um FTA se o risco de perder a face for evidente.

Um aspeto a realçar que sobressai dos estudos de Brown & Levinson (1987 [1978]) em relação à delicadeza verbal diz respeito à indiretividade dos atos de fala (estratégia 4 da tabela). Na perspetiva destes linguistas, são duas as características de um ato indireto – estar veiculado de forma exclusiva à delicadeza negativa e usar recursos convencionais e universais. Assim, argumentam que a principal razão de ser dos atos indiretos tem a ver com a

realização de funções com delicadeza e que ocorrem em todas as línguas, assumindo, portanto, um caráter universal (cf. Brown & Levinson, 1987, p.142). Estes atos indiretos variam, contudo, de acordo com a viabilidade da interpretação, sendo as pistas de contextualização (Gumperz, 1982) e o conhecimento compartilhado (cf. Sathtler, 2015) relevantes para a descodificação da intenção do locutor.

Além dessas estratégias de indiretividade de delicadeza **(15)**, abaixo assinaladas, os pesquisadores propõem outras, tanto para a **delicadeza positiva (15)** - atos que visam salvar a face positiva do interlocutor, evidenciando seus valores, ações, atributos, em que o locutor demonstra respeito e admiração - como **para a delicadeza negativa (10)**, as quais se apresentam, na tabela infra:

A- ESTRATÉGIAS DE DELICADEZA POSITIVA
<ul style="list-style-type: none">● Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.● Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia para o outro.● Identifique o interesse para o outro.● Use marcas de identidade de grupo.● Procure acordo.● Evite desacordo.● Pressuponha, declare pontos em comum.● Faça piadas.● Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos dos outros.● Ofereça, prometa.● Seja otimista.● Inclua o ouvinte na atividade.● Dê e peça razões, explicações.● Simule ou explícite reciprocidade.● Dê presentes.
B- ESTRATÉGIAS DE DELICADEZA NEGATIVA
<ul style="list-style-type: none">● Seja convencionalmente indireto.● Questione, seja evasivo.● Seja pessimista.● Minimize a imposição.● Mostre respeito.● Peça desculpas.

- Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes “eu” e “tu”.
- Declare o FTA como uma regra geral.
- Nominalize.
- Vá diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.

C- ESTRATÉGIAS DA INDIRETIVIDADE

- Dê pistas.
- Dê chaves de associação.
- Pressuponha.
- Diminua a importância.
- Exagere, aumente a importância.
- Use tautologias.
- Use contradições.
- Seja irônico.
- Use metáforas.
- Faça perguntas retóricas.
- Seja ambíguo.
- Seja vago.
- Hipergeneralize.
- Desloque o ouvinte.
- Seja incompleto, use elipse.

Tabela 5 – Estratégias de delicadeza, segundo Brown & Levinson (1987, p.61)

1.7.2 Críticas ao modelo de delicadeza de Brown & Levinson

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p.81; 2010, p.37), embora seja inegável a importância do modelo de delicadeza verbal de Brown & Levinson (1987 [1978]), conforme comprovam os estudos que se lhe seguiram, como os de Watts, Ide & Erlich (1992), Eelen (2001); Watts (2003); Lakoff & Ide (2005); Terkourafi (2008); Mills (2003); Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 2005), este modelo foi considerado, por um lado, como demasiado pessimista (cf. Kasper, 1990; Kerbrat-Orecchioni, (2014 [1996]) e, por outro lado, foi contestada a sua universalidade.

Além disso, foi considerada excessiva a racionalização do modelo de face, ao etnocentrismo, e criticada a não abordagem da indelicadeza,

sublinhando-se igualmente a falta de referência aos atos que realçam a imagem do interlocutor.

A linguista francesa assevera ainda que a teoria de Brown & Levinson (1978) reduz a delicadeza à sua forma negativa, ao insistir nas ameaças às faces, não referenciando alguns atos que são, por outro lado, valorizadores da face, dos quais se destacam o elogio, o agradecimento ou os cumprimentos. Estes atos são designados por Kerbrat-Orecchioni (2014, [1996] p. 82) como “anti-FTA’s” ou “FFA’s” - *Face Flattering Acts* – correspondendo a atos anti-ameaçadores, ou suavizadores, com um efeito positivo sobre as faces (*vide* mais abaixo).

Outro aspeto que tem merecido um olhar crítico dos estudiosos da delicadeza em relação ao modelo de Brown & Levinson diz respeito à questão da universalidade que se atribui à imagem, aplicável essencialmente à cultura anglo-saxónica e dificilmente ajustável a outras culturas, como a japonesa (cf. Haverkate, 1994).

Em relação aos conceitos de imagens positiva e negativa, apresentados por Brown & Levinson (1987) como universais, importa concluir que nem sempre essas imagens coincidem em todas as culturas e sociedades.

Estudos interculturais revelaram, de acordo com Urquizu (2009, p. 31), que a delicadeza verbal, como um comportamento social, permanece intimamente ligada aos sistemas de valores e costumes de cada sociedade. Portanto, nenhum ato será considerado inerentemente delicado ou indelicado.

Adianta ainda que muitos atos apresentam uma ambivalência a partir da perspectiva adotada para a sua avaliação, tomando como exemplo, o caso da oferta. Assim, ainda que alguns atos sejam percebidos intuitivamente como mais ou menos delicados, esse julgamento depende de variáveis contextuais, situacionais e da influência simultânea de outros fatores, como assinala Urquizu (2009), quais sejam:

- (i) a natureza do relacionamento; a interação no eixo relacional triplo proposta por Kerbrat-Orecchioni (1992) horizontal, vertical e consensual x conflitual;
- (ii) o conjunto contextual relacionado à conversação em andamento, mas também ao histórico comum dos interlocutores;
- (iii) as escolhas feitas a nível prosódico a imitar a declaração. Um pedido de desculpas ou elogio pode ser apropriado ou inadequado de acordo com a maneira que é realizado ou em virtude da sua ocorrência (cf. Meier, 1995).

1.7.3 As contribuições de Kerbrat-Orecchioni

Numa visão menos pessimista da interação verbal acerca dos atos da linguagem, mais conciliadora e eclética, Kerbrat-Orecchioni (1992; 2014 [1996]), partindo do modelo de Brown & Levinson (1978), abarcando os estudos de outros autores, como os de Lakoff (1973), Leech (2007), ensaia uma teoria de delicadeza mais operativa e positiva (cf. Rodrigues, 2003), embora ela também sujeita a críticas (cf. Rodrigues, 2003), ao introduzir a noção de atos valorizadores da face dos interactantes, *Face Flattering Acts (FFA's)*, ou seja, os *anti-FTA's*.

Como exemplo de um FFA, destaca-se o fragmento do excerto da conferência de imprensa [Cl.4- AF, 18.01.2018], no qual o locutor valoriza a face de uma fração dos jornalistas, sabendo que o contexto de onde foi retirado é, essencialmente, uma crítica ao trabalho desta classe profissional.

E nós, hoje em dia, temos grandes programas que falam **do futebol, jogado. Fantásticos!** Com ex-jogadores, com ex-treinadores, com grandes jornalistas que falam do futebol jogado, com género feminino e **com género masculino. Fantásticos!** Em que eu vejo, ouço e sei que a crítica ou o elogio é isento. **Há sites e blogues de futebol, absolutamente fantásticos**, que falam daquilo que interessa, que é o futebol / o futebol jogado. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Aqui, o FFA é reforçado através de itens lexicais, como a classe dos adjetivos 'Fantásticos!' '[...] grandes programas', a introdução da classe

feminina como comentadora do futebol, sabendo que, em termos culturais, esta atividade desportiva é habitualmente desempenhada pela classe masculina. Porém, também podemos considerar o excerto como uma combinação de um FFA e FTA, na medida em que o locutor, ao proferir os enunciados, quer que os interlocutores infiram que eles, ou parte deles, não se enquadram neste grupo. Neste sentido, do contexto em que foi extraído, de um macro-FTA, pois o treinador ataca a face negativa dos jornalistas (*vide* todo o excerto da conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018]), este FFA serve para suavizar o FTA.

Ou ainda, quando Sérgio Conceição enaltece a performance da equipa adversária, no trecho do excerto da conferência de imprensa [Cl.1. -SC, 7.01.18]: *“Sérgio Conceição: - Dar mérito ao Vitória de Guimarães, porque fez uma primeira parte excelente naquilo que foi a sua ação defensiva.”* [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Neste caso, verificamos um FAA dirigido à face positiva de uma terceira pessoa, mais precisamente a uma instituição, o Vitória de Guimarães, em que o treinador elogia a performance da equipa adversária durante uma parte da partida.

Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p. 82) refere que a **delicadeza negativa** é de natureza abstencionista ou compensatória, pois consiste em evitar produzir um FTA, ou em abrandar por meio de algum procedimento, sua realização – quer esse FTA se refira à face negativa (ex. crítica ao destinatário) enquanto a **delicadeza positiva** é, ao contrário, de natureza produtiva – consiste em efetuar algum FTA à face negativa (ex. presente) ou positiva (ex. elogio) do destinatário.

Ao efetuar essa distinção, Kerbrat-Orecchioni realça a ideia de que a delicadeza positiva é tão relevante como a negativa, por isso, tal como esta, merece ocupar um lugar de direito na teoria geral da delicadeza, pois mostrar-se delicado na interação não é apenas suavizar ou atenuar os FTA's, é, igualmente, produzir FAA's. Esta forma de repensar o sistema de delicadeza verbal permite a Kerbrat-Orecchioni (2010, p.37-38) perspetivar a interação

verbal como um incessante e subtil jogo de equilíbrio entre os FTA's e os FFA's, sendo a delicadeza redefinida como um conjunto de estratégias de proteção, mas também de valorização das faces dos interlocutores, sem colocar em causa a sua, sendo a finalidade última a preservação da *ordem interacional*, proposta por Goffman (1973) e apropriada por Brown & Levinson (1978).

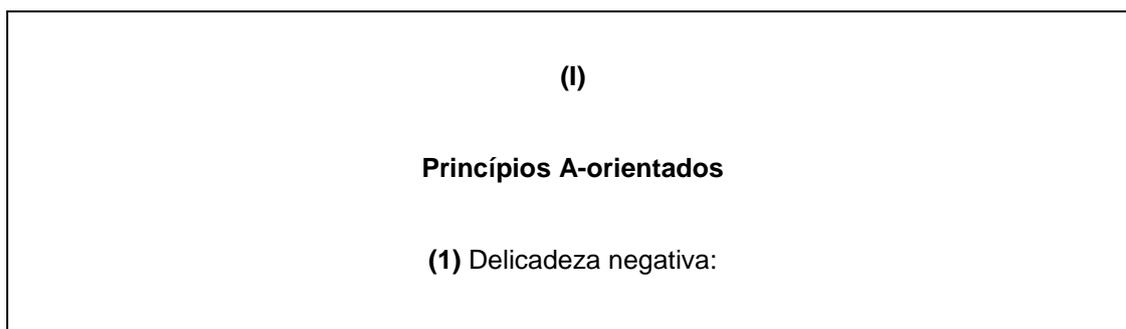
A teoria geral da delicadeza verbal, na perspectiva de Kerbrat-Orecchioni, gravita, assim, em torno das seguintes noções:

- (i) Face negativa e face positiva;
- (ii) FTA e FFA;
- (iii) Delicadeza negativa e delicadeza positiva.

Com esta revisão fica claro que, numa interação verbal, quatro faces emergem. Há atos intrinsecamente ameaçadores às faces (FTA's), por um lado, e atos completamente valorizadores às faces (FFA's), por outro. Recorre-se a um conjunto de estratégias verbais e não-verbais que fazem despoletar a delicadeza negativa e/ou positiva. Deste modo, um ato de fala, como sustenta Kerbrat-Orecchioni pode representar um FTA, um FFA ou um misto de ambos. Em determinados contextos até mesmo um ato de agradecimento ou ato de despedida, podem intrinsecamente ser indelicados, como mostra Marques (2008a, p.292): “os atos de cortesia positiva são manipulados para servirem como introdutores de um efetivo ato de crítica, de censura... Enfim, um ato ameaçador que desvaloriza o alocutário.”

Kerbrat-Orecchioni (1992) sistematizou o sistema de delicadeza verbal da seguinte forma:

SISTEMA DE DELICADEZA



Evite ou atenuie atos verbais ameaçadores para:

- a)** *a face negativa do alocutário*
- b)** *a face positiva do alocutário.*

(2) *Delicadeza positiva:*

Produza atos verbais valorizadores de

- a)** *a face negativa do alocutário*
- b)** *a face positiva do alocutário.*

(II)

Princípios L-orientados

A- Princípios favoráveis a L

(1) *Delicadeza negativa:*

Proceda de modo a não perder, de forma demasiado ostensiva,

- a)** *a sua face negativa*
- b)** *a sua face positiva.*

(2) *Delicadeza positiva (sem princípios)*

B-

Princípios desfavoráveis a L

(1) *Delicadeza negativa:*

Evite ou atenuie a formulação de atos valorizadores de

- a)** *a sua face negativa*
- b)** *a sua face positiva.*

(2) *Delicadeza positiva:*

Realize atos ameaçadores em relação a

a) sua face negativa

b) a sua face positiva

Tabela 6- Sistema de delicadeza de Kerbrat-Orecchioni (1992, p.184), adaptada por Rodrigues (2003, p.138)

No esquema, como se faz notar, dois são os princípios orientados para o alocutário – **(L1 e L2)** - os quais traduzem o preciso sistema de delicadeza, cujos propósitos passam-se por evitar produzir ou atenuar atos ameaçadores e executar atos valorizadores à face negativa e positiva do alocutário, respetivamente. Por isso, no caso de **IA**, deve-se abster ou compensar (através de estratégias atenuadoras, com recurso aos substitutivos e/ou acompanhantes – *vide* mais abaixo) os FTA's, como críticas, insultos, refutações, atos diretos que põem em risco às faces negativa e positiva do interlocutor.

Kerbrat-Orecchioni (1992) faz corresponder as estratégias de delicadeza às máximas de Leech (1983). Na verdade, o autor entende a delicadeza como a adequação às regras de comportamento de uma determinada sociedade. Assim, um indivíduo julga-se delicado ou indelicado tendo em conta o respeito às normas do grupo social no qual se encontra inserido. A delicadeza manifesta-se tanto a nível do conteúdo informativo como na forma que o falante a gere.

Leech (1983, p.132) elaborou um conjunto de seis máximas, com as respetivas submáximas, que lhe permitiram sintetizar os princípios de delicadeza verbal, os quais orientam o indivíduo a estar em harmonia com o *alter* caso sejam respeitados, durante uma determinada interação, a saber:

1. Máxima do tacto

- a) Minimize os custos para os outros;
- b) Maximize os benefícios para os outros.

2. Máxima de generosidade

- a) Minimize os benefícios para si;

- b) Maximize os custos para si.
- 3. **Máxima de aprovação**
 - a) Minimize a crítica do outro;
 - b) Maximize o elogio do outro.
- 4. **Máxima de modéstia**
 - a) Minimize o elogio de si próprio;
 - b) Maximize a autocrítica
- 5. **Máxima de acordo**
 - a) Minimize o desacordo com os outros;
 - b) Maximize o acordo com os outros.
- 6. **Máxima de simpatia**
 - a) Minimize a antipatia
 - b) Maximize a simpatia

Retomando a tabela de Kerbrat-Orecchioni (1992), ao princípio de delicadeza negativa, orientado para a face negativa do alocutário (**I-1a**), associa-se a submáxima do tacto, segundo a qual se deve minimizar o custo de atos que se almeja que o outro execute. Ao princípio de delicadeza negativa (**I-1b**), orientado para a face negativa do alocutário associam-se as máximas da aprovação, concordância e simpatia, traduzidas nas submáximas segundo as quais se deve minimizar a crítica, a desavença e a antipatia, respetivamente.

Em **I2**, deve-se produzir FAA's tanto à face positiva como à negativa do alocutário, recorrendo para tal a atos que propagam conteúdos de elogio, simpatia, apreço, autoajuda, felicitação, ou seja, a atos que são edificantes. O princípio de delicadeza positiva, voltado à face negativa do alocutário (**I-2a**), refere-se à máxima do tacto de Leech (1983), em que o locutor deve maximizar o benefício em favor do *alter*. Porém, quando endereçada à face do alocutário (**I-2b**) corresponde às máximas da aprovação, concordância e simpatia, sob as submáximas em que o locutor deve maximizar os elogios, os acordos e a simpatia, respetivamente, em relação ao outro.

A seguir, surgem, na tabela, os princípios de delicadeza orientados ao locutor (L-orientados), os quais diferenciam os princípios favoráveis a **L (II-A)** e os desfavoráveis a **L (II-B)**. Em relação aos primeiros – **(II- A)**, verifica-se um único princípio **(II-A-1)**, demonstrando que o locutor deverá salvaguardar, por um lado, os seus territórios o mais que possível de intrusos e inoportunos e, por outro, não permitir destruir a sua imagem, sob pena de retorquir a ataques, insultos ou a outros atos degradantes em defesa da sua honorabilidade e evitar efetuar promessas impensadas. Quanto à delicadeza positiva, não há quaisquer princípios favoráveis ao Locutor, como se vê em **(2)**. Neste ponto, resta lembrar que se deve evitar atos de autoelogio, pois são malvistas nas sociedades ocidentais, devido à violação do princípio de modéstia de Leech (1983), como já referido num tópico anterior. (cf. Kerbrat-Orecchioni, (2014, [1996] p.96).

Para manter a delicadeza, encontram-se os princípios desfavoráveis ao locutor, como se nota em **II-B**. O princípio **II- B-1** sugere-nos a indireção, caso queiramos fazer os nossos próprios elogios, recorrendo para o efeito a figuras retóricas como minimizadores ou outros substitutos. O princípio **II- B-1-a)** corresponde à submáxima da generosidade em que o locutor deve minimizar o benefício em relação a si próprio, enquanto **II-B-1-b)** condiz com a submáxima da modéstia em que o falante deve abster-se de autoelogios. Se nas sociedades ocidentais os autoelogios são de se evitar, o mesmo não acontece com os atos de auto-degradação. Assim, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1992), exaltar a face positiva de si próprio faz com que haja uma desvalorização indireta do outro, pondo em risco a perda da face deste e, às vezes, rebaixando-se, aumentam as chances de conquistar a face dos outros. Por isso, em nome da modéstia no relacionamento interpessoal, a favor da delicadeza positiva, de acordo com determinadas situações, prejudicamos o nosso próprio território, com vista a salvaguardar as faces de si próprio. Este procedimento corresponde às submáximas de Leech (1983) em que **II-B-2** refere-se à da generosidade em que o locutor deve maximizar os custos em relação a si próprio, e **II-B-2**, a submáxima da modéstia, segundo a qual o locutor deve maximizar a auto-degradação.

Para a linguista (2014 [1996] p. 84-92), considerando a delicadeza negativa, a melhor maneira de ser (negativamente) delicado é evitar cometer um ato ameaçador à face do destinatário. Porém, como isso não é generalizável, então recorre-se a um conjunto de procedimentos linguísticos e para-verbais (voz baixa, sorriso...) designados de *suavizadores* ('*softeners*'), os quais possibilitam atenuar a ameaça.

Para o efeito, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996]) concorrem essencialmente dois procedimentos de natureza verbal (i) os *substitutivos* vs. os *acompanhantes* e (ii) os *subsidiários*. Os procedimentos *substitutivos* consistem, de acordo com a autora, em trocar uma formulação mais direta para outra mais suave, através:

- a) da formulação indireta do ato de fala – apresenta, como exemplo, o caso da ordem como ato intrinsecamente ameaçador às faces do alocutário, sob a forma do uso do modo imperativo. Para minimizá-lo, em vez se recorrer à forma imperativa, utilizam-se meios linguísticos mais indiretos, menos coercivos, de modo a suavizar o ato, quais sejam perguntas, asserções apropriadas. Assim, como substituto de: Feche a porta! Dir-se-ia, de forma mais natural, Poderia fechar a porta? Gostaria que fechasse a porta.
- b) de outros procedimentos substitutivos, como os desatualizadores modais, temporais ou pessoais, cuja função é a de distanciar a realização do ato problemático. São exemplos o condicional (Poderia fechar a porta?), o passado de delicadeza (Eu queria te pedir que...), o apagamento da referência direta aos interlocutores por meio da voz passiva, do impessoal ou do indefinido (O problema não foi resolvido corretamente.). Destacam-se os pronomes, com ênfase no que marca a deferência “o senhor”, o uso do “nós” com valor de solidariedade, substituindo “tu” e “você”. Exemplo: *Tu perdeste*, por *Nós perdemos*. Acrescem, ainda, os procedimentos retóricos, como o uso da lílote ou eufemismo (geralmente encontram-se associados a críticas) e o tropo comunicacional, fingindo dirigir um enunciado ameaçador a um outro, a quem o

enunciado não se destina. (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p. 95-97).

- c) Os *procedimentos subsidiários* consistem, segundo Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p. 98-99), em suavizar a formulação de um FTA, fazendo-o ser acompanhado de uma forma especializada, como “por favor” ou “se for possível.” Ou ainda por outros procedimentos, tais como recurso a um enunciado preliminar ou pré, sob forma de interpelações, perguntas, críticas ou objeções, convites, reparações (justificação e pedido de desculpa).

Importa ainda referir outras estratégias discursivas, como o uso de:

- **minimizadores**, cuja função é parecer reduzir a ameaça que constitui o FTA, destacando-se essencialmente o sufixo - inho. “Eu queria *simplesmente* te pedir.../ É só para saber se... Você poderia arrumar um pouquinho estas coisas? Eu posso dar-te um conselhinho? Você pode dar-me uma ajudinha? [...]”

- **modalizadores** que, ao acompanharem uma asserção, instauram uma certa distância entre o sujeito de enunciação e o conteúdo do enunciado: “eu penso/creio/acho/tenho a impressão que.../parece-me que, talvez/possivelmente/provavelmente, para mim, na minha opinião [...]”

- **desarmadores** pelos quais se antecipa uma possível reação negativa do destinatário do ato e tenta-se neutralizá-la. “Não te queria importunar, mas..., Fico embaraçado por te importunar, mas..., Espero que não me interprete mal, mas... [...]”;

- **moderadores** são suavizadores que visam fazer engolir a pílula do FTA, pílula sem a qual, de acordo com Orecchioni, seria muito amaga. “Por gentileza, passe-me o sal. Feche a porta, meu anjo.”

A língua, como atesta Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996]), coloca à nossa disposição para suavizar a realização dos FTA's uma panóplia rica de suavizadores. Assim, esses procedimentos combinam-se em muitas circunstâncias tornando-se mais evidentes, como no exemplo desta refutação:

“Desculpe-me, talvez eu vá chocá-lo, mas o que acabou de dizer não está totalmente exato. [Desculpa + desarmador + modalizador + lilote].”

Em posição contrária, aparecem os agravantes dos suavizadores, cuja função passa- pelo reforço dos atos de fala, em vez de abrandá-los e aumentar o seu impacto em vez de atenuá-los.

Como faz notar Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p. 91), a panóplia de intensificadores parece, portanto, tão vasta quanto a dos suavizadores, mas a sua utilização é muito diferente – para além do caso particular de trocas com carácter fortemente conflituoso, os agravantes são muito mais raros e marcados que os suavizadores quando acompanham um FTA. Por um lado, um aspeto importante a ser realçado nos estudos de Kerbrat-Orecchioni (1992; 2014 [1996]), e como podemos observar, diz respeito à sua perspetiva integradora na problematização dos princípios de delicadeza.

A linguista, sob um olhar atento, aproveita e integra, criticando os pontos fracos da teoria de Brown & Levinson (1987 [1978]), com os de Leech (1983), edificando um modelo mais completo, porém sem deixar de reconhecer o mérito dos seus antecessores que, como referimos anteriormente, deverão ser revisitados para quem se interesse para o estudo da delicadeza e indelicadeza verbais. No entanto, de acordo com Rodrigues (2003):

Os fenómenos da cortesia verbal não são, todavia, tão lineares e simples quanto à descrição pode sugerir. Com efeito, nem sempre é fácil determinar, com precisão, por exemplo, se um ato verbal é cortês ou descortês; se ele ameaça, protege ou valoriza a face de cada um dos interlocutores, ou as faces de ambos ao mesmo tempo, ou ora as de um ora as de outro; se os atos de cortesia são verdadeiros ou fingidos; se são estratégias para relações de delicadeza, ou estratégias de delicadeza para outros fins, etc. Pode-se até dizer que a prática de uns princípios entra em conflito com o que determinam outros, parecendo pôr em causa a validade do sistema. (Rodrigues, 2003, p.147).

Para o estudo dos excertos das conferências, tomaremos essencialmente estas contribuições de Kerbrat-Orecchioni (1992; 2014 [1996]), embora tenhamos em atenção aspetos como:

- (i) a inclusão das formas de delicadeza à face dupla de terceiros, essencialmente aos ausentes (aos terceiros

visados) das conferências de imprensa, por exemplo, quando os treinadores se referem aos seus colegas de profissão, sob forma direta ou de tropo comunicacional, entendendo este último conceito como “fingir dirigir um enunciado ameaçador a um outro que não é aquele a quem esse enunciado, verdadeiramente, se destina.” (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p.87);

- (ii) aos fenómenos verbais de indelicadeza como estratégias discursivas dos treinadores para desestabilizar os colegas de profissão;
- (iii) estratégias de delicadeza e indelicadeza verbais, não só como responsáveis para manter a harmonia e desarmonia nas relações interpessoais, porém para a persecução de outros objetivos retórico-argumentativos.

1.7.4 O sistema linguístico de delicadeza verbal em português, segundo Araújo Carreira

No contexto da linguística portuguesa, adaptando os estudos da teoria das faces de Brown & Levinson (1987 [1978]) aos dos atenuadores de Kerbrat-Orecchioni (1992; 2014 [1996]), Araújo Carreira (1995, p. 207-217) elabora um novo modelo de delicadeza verbal assente em quatro princípios:

1. delicadeza negativa para com a face negativa (exemplo, um pedido de desculpas, por qualquer violação do “território do eu”);
2. delicadeza negativa para com a face positiva (por exemplo, a atenuação de uma crítica);
3. delicadeza positiva para com a face negativa (por exemplo, a proposta de ajuda);
4. delicadeza positiva para com a face positiva (por exemplo, um elogio).

Cada um destes tipos se articula, segundo Carreira (1995), com os princípios orientados pelo alocutário (*delicadeza no sentido restrito*) e

princípios orientados pelo locutor, como descrito por Kerbrat-Orecchioni (1992, p.184), tabela apresentada acima pp.57-58.

Considerando, essencialmente, os *princípios orientados pelo alocutário*, Carreira (1995, p. 2010-2015) propõe as fórmulas e rotinas, os processos de indireção e de desatualização modal e/ou temporal e estratégias conversacionais, como processos linguísticos do português, os quais considera fundamentais para o estudo da delicadeza verbal. Partindo da delicadeza negativa (atenuadora de atos ameaçadores da face negativa), a qual corresponde à máxima do tacto de Leech (1983), a linguista portuguesa acentua a importância de se *evitar ordens brutais e perguntas indiscretas* para a eficácia interativa.

Para o primeiro caso, adverte que a injunção pode expressar-se de modo mais ou menos direto, sendo que o menos direto corresponderia ao mais delicado. Tal constatação permitiu-lhe traçar uma escala formando um eixo contínuo cujas extremidades resguardam, por um lado, um ato direto de ordem e, por outro, a expressão da sugestão e desejo, como se depreende na seguinte tabela:

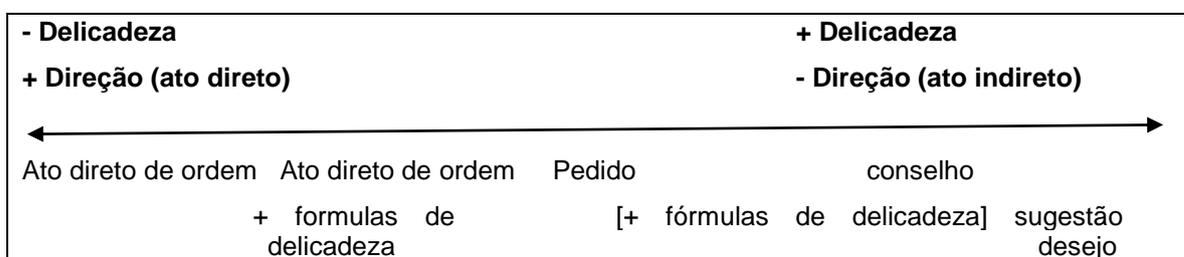


Figura 2 - Representação da Injunção e delicadeza de Carreira, in Marques (1995, p.210).

Verifica-se, também, que o ato direto de ordem se situa numa zona próxima do ato direto de ordem com as fórmulas de delicadeza e a expressão de pedido com delicadeza se aproxima, por sua vez, da do conselho, sugestão e desejo. É de realçar, entretanto, o papel da entoação, consoante a intenção comunicativa.

Carreira (1995, p.210-211) sistematiza um conjunto de mecanismos linguísticos que nos permitem identificar estes atos. Assim, para o ato direto de ordem destaca-se o imperativo verbal, o principal mecanismo. Este poderá

ser feito com o uso do presente ou futuro do indicativo, como a autora faz notar: (exemplo: Fique! Fica! Ficará.), ou ainda pelo infinitivo e gerúndio, os quais atenuam o valor injuntivo (exemplo: ficar! Saindo!).

As formas de tratamento, que acompanham o enunciado imperativo, podem atenuar ou reforçar o ato direto de ordem. Seu malandro, fique! / Você, fique! O senhor, fique! Prezado Senhor, fique!

As formas de delicadeza mais frequentes, “faz favor” ou “por favor”, antepostas ou pospostas ao ato direto de ordem atenuam o caráter brusco ou mesmo brutal da ordem. Do mesmo modo, podem combinar-se com atos indiretos de ordem, nomeadamente com o pedido. Expressões do tipo “não se importa de...?”, “queria...?”, “pode...?”, será que...? “Se me permite...?” minimizam os atos diretos. Outras formas de realizar com delicadeza um ato diretivo é fazê-lo através de expressões que marcam um (a):

- (i) desejo (eu preferiria/gostaria que...);
- (ii) conselho/uma sugestão/um encorajamento (não se importa, não era/não será melhor...? sugiro/sugeria/sugeriria...);
- (iii) proposição condicional com valor contrafactual: “e (se) mais imperfeito do conjuntivo” (exemplo: e se retratasse?).

Para evitar ordens brutais, a autora assinala ainda a importância da combinação da entoação interrogativa para acentuar a estratégia de delicadeza.

Em relação à delicadeza negativa para com a face positiva, correspondente às máximas do acordo, da aprovação e simpatia de Leech (1983), para evitar críticas desagradáveis ou veementes, Carreira (1995, p. 213-214) apresenta alguns processos de atenuação os quais apontamos de seguida:

- uma modalização epistémica com valor de incerteza que se aplica ao objeto de desacordo (Será mesmo assim? Talvez não seja tanto assim);
- o acordo modalizado ou não, seguido de um conector argumentativo, geralmente, “mas” como nos exemplos: “*Sim, mas não será que... sim, talvez tenha razão, mas não será que*” ...;

- a escolha de uma forma verbal impessoal ou primeira pessoa do plural (nós englobando EU e TU), exprimindo uma modalidade deôntica, como se verificam nos exemplos: “Tem de se ter em conta/ temos de ter em conta”;

- o desacordo, precedido de uma fórmula exprimindo a ocasionalidade (exemplo: por acaso), a gradação (exemplo: de certo modo, em certa medida, até certo ponto), é atenuado.

Por outro lado, a delicadeza positiva referente aos atos intrinsecamente não ameaçadores, considerados os verdadeiros FFAs, segundo Kerbrat-Orecchioni (1992), subdividem-se em duas modalidades, nas de delicadeza positiva para com a face negativa (máxima do tacto de Leech, 1983) e nas de delicadeza positiva para com a face positiva (máximas de acordo e simpatia de Leech, 1983).

Em relação aos primeiros, ofertar, ajudar são apontados, por Carreira, como exemplos destes atos.

Entretanto, é de assinalar que se deve minimizar a oferta de acordo com os seguintes procedimentos. A autora supracitada aponta os que se seguem:

- minimização dos presentes através dos recursos linguísticos: “pequeno, é só, lembrança”;

- minimização da ajuda, através de expressões do tipo: *Não me custa nada; não tem importância nenhuma.*

A delicadeza positiva para com a face positiva manifesta-se, por sua vez, em atos de acordo, elogios, agradecimentos, convites, os quais se equiparam às máximas de acordo, simpatia e aprovação de Leech (1983).

Para Carreira (1995, p.214-215), o acordo pode manifestar-se através da entoação, de marcadores de afirmação (sim/sim; pois/pois; claro/com certeza ...) ou por meio de estratégias que se desenvolvem durante a interação.

Os atos de elogios são enfatizados por meio da sinonímia (lindo em vez de bonito), pelo emprego de advérbios de quantidade (*muito/muitíssimo; imenso/imensamente...*), de exclamações (que lindo!), reforçados ou não pela entoação. Já os de agradecimentos concretizam-se linguisticamente através de fórmulas reforçadas (Muito obrigado! Agradeço-lhe imenso!

/imensamente/muito/muitíssimo...), enquanto os de convite expressam-se, numa situação informal, sob forma do imperativo (Vem jantar conosco!) ou numa formal expressos por uma construção hipotética, exprimindo uma desatualização modal e conseqüentemente um distanciamento em relação à aceitação do convite. Por outro lado, a pesquisadora fez notar a partir de Holmes (1995) que atos como elogio, agradecimento e encorajamento estão ao serviço de estratégias de cooperação interacional.

Como podemos depreender da análise feita por Carreira (1995), a delicadeza verbal é uma estratégia (linguística ou não), assente em regras linguísticas e sociais, que os falantes – locutor e interlocutor - usam para manter o equilíbrio relacional, ou seja, promover a harmonia social, aquando de uma interação verbal e evitar, por isso, pôr em xeque as suas faces – a positiva e a negativa- recorrendo, por consequência, a procedimentos como o uso de FFA's, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1992) ou à atenuação de FTA's, segundo Brown & Levinson (1987 [1978]).

Este levantamento dos recursos linguísticos de delicadeza em português por Carreira representa, por conseguinte, uma síntese das teorias de Brown & Levinson (1987 [1978]) e Kerbrat-Orecchioni (1992) e a sua aplicabilidade na cultura linguística portuguesa.

É de realçar, no entanto, a preocupação da investigadora em chamar a atenção para o uso da entoação para reforçar estes atos de delicadeza e a importância do contexto para compreensão das estratégias de delicadeza, muitas vezes, construídas aquando das interações, propriamente ditas.

1.8 Violência ou agressividade verbal - uma questão de escolha ou de sentido?

Para Charaudeau (2019, p. 444) a violência, no sentido geral, e a verbal, em particular, não datam de hoje. Para nos elucidar a este propósito, recorre a Homero, realçando que a história é pontuada por momentos de irrupção, de explosão contra *outrem*, e que os atos de insultos são transversais a todas as épocas, sendo o insulto intrinsecamente humano.

Concordamos com esta observação, pois basta verificarmos atentamente a formação e a extinção de certas sociedades. A violência, ao longo da história da humanidade, tem tido o seu papel na configuração e reconfiguração das sociedades. Porém, não nos apraz entrar nesta via, pois teríamos de estudar a violência na sua dimensão física, histórica, política, filosófica e cultural. Aqui, focar-nos-emos na sua dimensão verbal, isto é, nos atos de fala agressivos e no seu efeito perlocutório.

Em alguns estudos sobre a indelicadeza verbal, encontram-se referências a dois itens lexicais - violência e agressividade, ora como vocábulos sinónimos, ora com sentido diferente. Há autores que, no entanto, tentam diferenciar os conceitos (Colin Rodea, 2003; Fuentes y Alcalde, 2008; Charaudeau, 2019). Segundo Fuentes Rodríguez & Alcalde Lara (2008, p.14), a agressividade e a violência verbais, conceitos não necessariamente idênticos, veiculam estratégias de indelicadeza.

Locker & Bousfield (2008), por seu turno, apontam a agressividade verbal enquanto um FTA intencional, gratuito e conflituoso, que se produz de forma intencional. Balandrón Pazos (2004), similarmente, adianta, que a agressividade:

No es sino un primer estadio desde el que se puede entender, junto con otros condicionantes y dimensiones la violencia; al fin y al cabo, el ser humano puede llegar a ser violento porque, además, puede ser agresivo. Entendida la agresividad como tendencia a la agresión, agresividad y violencia no serían más que potencia y acto de un mismo fenómeno, al igual que agresividad y agresión.

Esta conceitualização de Balandrón Pazos (2008) coloca a agressividade num patamar abaixo da violência sendo que a primeira significaria a potência e a segunda o ato.

Charaudeau (2019) assegura, por sua vez, que:

Em sua origem, 'violência,' está ligada à força física exercida contra alguém (vis, vires), à potência e à intensidade da ação ('tempestade violenta', 'morte violenta'), e, por extensão, ao que é excessivo, exagerado ('É um pouco violento'). O termo 'agressão', que lhe é associado, vem do latim *agressio*, o qual se origina de *gradus*, que significa passo, avanço; sob a influência do grego militar, ataque, implica, portanto, um agressor e um agredido. (Charaudeau, 2019, p. 445).

Charaudeau acrescenta, ainda, que violência corresponderia um estado global marcado pela força e pela potência de diversas ações, e aquele

que sofre a violência pode ser considerado uma vítima. Agressão seria, por seu turno, um ato singular, um ataque físico ou psicológico direcionado que implica um agressor e um agredido.

Com esta concetualização, diríamos que a violência seria o hiperônimo de agressão e de agressividade, já que aquela invoca o sentido global, e esta um sentido mais singular, como profere o autor supracitado.

Centrar-nos-emos na dimensão verbal, isto é, nos atos de fala e nos seus efeitos perlocutórios, embora seja difícil avaliá-los na perspectiva do analista. Assim, a linguagem é o *locus* no qual recai a nossa análise.

Para o nosso estudo, tomaremos, ao invés do conceito de violência, o de agressividade, já que os locutores e os interlocutores do nosso *corpus* são singulares, isto é, identificáveis, tornando-se fácil localizarmos a origem e o visado do *dicere*.

A violência verbal encontra-se intrinsecamente relacionada ao ato da palavra, ou melhor, da linguagem, cujo intuito é atingir ferindo psicologicamente um interlocutor diretamente ou um terceiro (cf. Charaudeau, 2019) numa determinada situação comunicativa. Sem entrarmos na semântica das palavras, há um conjunto de itens lexicais que são comumente referidos quando se quer aludir à violência verbal. Assim, ações verbais como criticar, injuriar, insultar, ultrajar, ofender (cf. Colin Rodea, 2003; Charaudeau, 2019) transportam em si, num crescendo, a ideia de violência verbal.

A violência verbal manifesta-se, igualmente, através de gritos e do uso de palavras empregadas de tonalidades diversas (cf. Charaudeau, 2019, p. 451). No entanto, o autor adverte que nem sempre palavras consideradas grosseiras são necessariamente violentas e que palavras aparentemente neutras poderão exprimir agressividade, dependendo do contexto em que são empregues. A este respeito, lembremo-nos os célebres versos de Eugénio de Andrade (1966, p.154): “as palavras são como um cristal/ (...)/ Algumas, um punhal/ um incêndio/ Outras/ orvalho apenas.”

No nosso estudo, sempre que utilizarmos os vocábulos ‘violência’ e ‘agressividade’ verbais, tomámo-los no sentido de uso de um FTA intencional, cujo objetivo passa por ofender ou causar danos à face do destinatário em que este compreende ou reage a intenção do locutor, tal como proposto por Bousfield & Locher (2008, *vide* abaixo) ou então na perspectiva de Culpeper (2011). Subscrevendo as reflexões de Seara (2021), na análise sócio-pragmática das conferências de imprensa, consideraremos as estratégias que estas:

- (i) visam agir sobre o interlocutor ou os interlocutores através de atos de ameaça, de crítica e avaliação axiológica negativa;
- (ii) concorrem para o mal-estar do interlocutor e, conseqüentemente, a perda da face sua pública, por meio da acusação e do insulto,
- (iii) visam causar o dano pessoal e social através da exclusão do *outrem* sob forma de ataques *ad personam* e *ad hominem*, colocando em causa a sua honestidade, sinceridade e boa fé.

1.8.1. A indelicadeza verbal numa perspectiva linguística

Ainda que não seja regra, como faz questão de notar Charaudeau (2010), a grosseria, entendida no sentido de indelicadeza, não é convencionalmente codificada - porque o princípio da regulação tende a equilibrar as relações comunicativas.

Há, entretanto, determinadas interações, em que a desarmonia emerge em detrimento da harmonia, em que atos de grosseria são usados como ataques “*ad hominem*” e “*ad personam*” com os devidos custos e benefícios para os interactantes.

É nesta linha que têm surgido mais recentemente um conjunto de trabalhos orientado para o exame da *impoliteness*, dos quais são exemplos maiores os de Culpeper (1996, 2005), Bousfield (2008), Bousfield & Locher (2008), embora para Locher & Bousfield (2008) esta tenha sido a “parente-

pobre” da delicadeza. Esta observação encontra sustentabilidade nas pesquisas de Fraser (1999), ao proferir que existem mais de mil publicações (entre artigos e livros) sobre a delicadeza verbal, nas últimas décadas, o que nos demonstra um acentuado desequilíbrio pelo interesse entre fenômenos da delicadeza em detrimento dos da indelicadeza.

Kerbrat-Orecchioni (2010, p.38) assegura, a este propósito, que correlativamente ao estudo da delicadeza verbal surge o interesse crescente pelas interações verbais altamente conflituosas, como são os casos das que ocorrem nos círculos policiais ou militares, ainda que a brutalidade do comportamento não implique necessariamente a “grosseria”. Por sua vez, as interações predominantemente mais agressivas que ocorrem nas redes sociais, em espaços urbanos, em transportes públicos, em lojas e serviços, em espaços escolares, assumem um caráter linguístico e etnográfico, como são os exemplos da investigação da violência verbal de Moïse *et al* (2008).

Tal constatação também se pode confirmar nos argumentos de Culpeper, Bousfield & Williammann (2003, p. 1545-1546) *apud* Locher & Bousfield (2008, p.2), que:

Se constatou que o conflito desempenha um papel - e muitas vezes central, por exemplo, no discurso de treinamento do exército (Culpeper 1996), discurso do tribunal (Lakoff 1989, Penman 1990), discurso familiar (Vuchinich 1990), discurso do adolescente (Labov 1972; Goodwin e Goodwin, 1990), discurso médico-paciente (Mehan, 1990), discurso terapêutico (Labov e Fanshel 1977), 'conversa quotidiana' (Beebe 1995) e textos fictícios. (Culpeper 1998, Liu 1986, Tannen 1990).

A esta lista, podemos naturalmente acrescentar as conferências de imprensa de futebol, caracterizadas por atos de polemicidade.

Comprovamos que, neste género de interações, na busca da valorização da autoimagem, os treinadores menosprezam a dos seus adversários.

Concentrando-nos no conceito *impoliteness* (o qual traduziremos por *indelicadeza*).

No capítulo introdutório de “Impoliteness and power in language”, Locher e Bousfield (2008, p. 3-4) recorrem às concetualizações de Bousfield & Culpeper (2008); Terkourafi (2008) e Locher & Watts (2008) para verificar

os pontos convergentes e divergentes sobre o assunto. Assim, Culpeper, Bousfield & Wichman (2003) focalizam a sua atenção no interlocutor, enquanto chave para a compreensão da intenção do falante do ato como indelicado, enquanto Terkourafi sustenta que o reconhecimento de intenções constitui “grosseria” em vez de indelicadeza.

Numa posição mais conciliadora, surgem os estudos de Locher & Watts (2008). Embora reconhecendo a necessidade da prossecução da investigação, os autores não acentuam tanto a diferença entre os conceitos de indelicadeza e grosseria, propondo que o espaço concetual da *impoliteness* seja compartilhado por outros termos avaliados negativamente. Assim, observam que a *impoliteness* é:

O comportamento negativamente marcado, ou seja, conduta que violou uma norma social..., evoca avaliações negativas, como falta de educação ou excesso de educação (ou qualquer lexema alternativo como rude, agressivo, insultuoso, sarcástico, etc., dependendo do grau da violação e do tipo de concetualização o comportamento inadequado é perfilado contra)¹¹ (Locher & Watts, 2008, p.79).

Esta definição coloca, a nosso ver, dois problemas, um direcionado ao interlocutor, na avaliação de um ato como indelicado ou delicado, outro na perspectiva do analista.

Para a resolução desta questão seria viável que houvesse uma fórmula que nos permitisse mensurar o grau de indelicadeza de um ato de fala, o que verdadeiramente não acontece.

Do ponto de vista do alocutário, o interlocutor vivencia na pele a situação, cabendo-lhe avaliar se o ato é ou não indelicado contextualmente, ponderando os danos da sua face. Mas para o analista, é sempre mais exigente reconstruir o contexto em que ocorrem os atos. Locher & Bousfield (2008, p.5-6) para resolver esta dicotomia falam em investigações da primeira e de segunda ordens.

¹¹ No original negatively marked behaviour, i.e. behaviour that has breached a social norm . . . , evokes negative evaluations such as *impolite* or *over-polite* (or any alternative lexeme such as *rude*, *aggressive*, *insulting*, *sarcastic*, etc. depending upon the degree of the violation and the type of conceptualisation the inappropriate behaviour is profiled against). (Locher and Watts, 2008, p. 79).

Culpeper (1996; 2006) tem sido, na verdade, um dos maiores impulsionadores na procura de um modelo que responda ao funcionamento da indelicadeza. Para tal, paralelamente ao *arquetipus* de delicadeza delineado por Brown & Levinson (1987 [1978]), recorre, ainda que de forma inversa, apropriando-se do conceito de ataque à face em detrimento da preservação à mesma, como elemento basilar da sua teoria. Assim, delinea cinco super-estratégias:

1- indelicadeza explícita ou direta (*“bald on record impoliteness”*) – cuja estratégia se baseia no ataque direto às faces positiva e negativa do alocutário;

2- indelicadeza positiva (*“positive impoliteness”*) – esta estratégia consiste em atacar a face positiva do alocutário. Inventariou-se, para tal, um conjunto limitado de sub-estratégias para o efeito (*vide* mais abaixo).

3- indelicadeza negativa (*“negative impoliteness”*) – estratégia que consiste em atacar a face negativa do alocutário. Do mesmo modo, uma série de realizações é proposta para o efeito: ser desdenhoso, assustar, bloquear fisicamente o outro...

4- sarcasmo ou delicadeza fingida (*“sarcasm or mock politeness”*) - consiste em utilizar FTA's, associando-os a estratégias inescrupulosas de delicadeza;

5- suspensão da delicadeza (*“withhold politeness”*) – estratégia que se baseia em suspender a delicadeza quando a mesma seria expetável.

A par destas supra-estratégias de indelicadeza, como as designou Culpeper (1996, p.356), o mesmo aponta outras sub-estratégias, tanto para a indelicadeza positiva, como para a negativa.

Para o primeiro caso - indelicadeza positiva -, Culpeper (1996, p. 357) propõe que (se):

- ignore, esnobe o outro;
- exclua o outro de uma atividade, negando-lhe o território comum;
- seja desinteressado, despreocupado, antipático;
- use marcadores de identidade inadequados;
- utilize linguagem obscura e secreta;

- procure desacordo;
- faça o outro sentir desconfortável;
- utilize palavras tabus;
- nomeie os outros depreciativamente (chame nomes obscenos).

Para o segundo caso – indelicadeza negativa, sugere que (se):

- assuste o outro;
- despreze ou ridicularize seja desdenhoso, não trate o outro a sério;
- o outro, enfatizando o seu poder relativo;
- diminua o outro (use o diminutivo);
- invada o espaço do outro literalmente ou metaforicamente;
- associe explicitamente o outro a um aspeto negativo;
- personalize (uso de pronomes “eu/tu”) ...;

Embora este modelo de indelicadeza se assemelhe em número de estratégias ao de Brown & Levinson (1987 [1978]), não surge ordenado por ordem crescente ou decrescente de indelicadeza. É de notar também que estas sub-estratégias de indelicadeza positiva e negativa aparecem em oposição às máximas de Leech (1983) para manutenção do equilíbrio relacional, assente na delicadeza.

Há alguns críticos que têm mostrado, entretanto, algumas reservas face ao modelo de indelicadeza, entre os quais podemos apontar Charaudeau (2010) que, no seu artigo, originalmente intitulado “Étude de la politesse, entre communication et culture”, é de convicção que o modelo de indelicadeza não deverá ser tratado simetricamente com o da delicadeza, por duas razões:

- (i) não há situações que, por convenção, exijam uma atitude de rudeza;
- (ii) pode questionar-se se as atitudes traduzidas em refutação, reprovação, insulto, zombaria, sarcasmo, ironia, crítica, irritação, são realmente atos de grosseria. Adianta ainda que em determinadas culturas, como a francesa, para se desencadear uma controvérsia não necessariamente se tem de recorrer a um ato de grosseria.

Culpeper (1996, p. 354) reparou, por outro lado, que há circunstâncias em que a vulnerabilidade das faces é desigual, e a motivação para cooperar

é reduzida. Assim, aponta alguns fatores situacionais que podem conduzir a atos de indelicadeza:

- um dos interactantes é colocado numa posição de poder e pode mais facilmente ser rude ao seu interlocutor;

- há um conflito de interesses, e é importante impor sobre a outra pessoa e obter o melhor sobre ela;

- um objetivo positivo a longo prazo pode ser alcançado por uma estratégia de rudeza a curto prazo;

- o falante simplesmente tem algum interesse particular em atacar a (s) face (s) do seu destinatário.

Já na apologia à polémica, relativamente à retórica do dissenso, Amossy (2017, p.169-172) refere-se à violência, no sentido de indelicadeza verbal, enquanto meio para desacreditar, desqualificar e atacar o outro. A pesquisadora nomeia algumas premissas que nos permitem falar da violência verbal:

- (i) uma forte pressão ou coerção para impedir o outro de se exprimir e de expor livremente o seu ponto de vista;
- (ii) o ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado, ou ridicularizado, ou seja, é objeto de um ataque destinado a desqualificar o outro e colocá-lo fora do jogo;
- (iii) ataque à própria pessoa do oponente. Neste quesito, destaca-se o argumento *ad hominem* que consiste em atacar a pessoa do adversário, em detrimento da tese. Este argumento é, segundo o ponto de vista, a entidade ou a pessoa que o incorporam são assimilados ao mal absoluto, livrando-o da execração pública;
- (iv) a violência manifesta-se através de sentimentos (*pathos*) os quais se irrompem por meio de marcas lexicais, sintáticas e prosódicas;
- (v) insultos contra o adversário. Tais insultos representam os argumentos *ad personam* que, segundo Gauthier (1995), colocam em causa o *outrem*, pela sua imoralidade, desonestidade, incompetência, ligações duvidosas (cf. Seara,

2021, p. 389). O ato do insulto combina-se, na perspectiva de Chevalier & Constantin (2009), com o ato assertivo para desqualificar a pessoa, com o expressivo a fim de demonstrar hostilidade e com o diretivo cujo propósito é suscitar uma reação do interlocutor ou de um terceiro ausente;

(vi) incitação à violência contra os outros.

1.9 A polémica verbal

Ultimamente as Ciências da Linguagem, a Retórica e a Análise do Discurso têm-se interessado pelos discursos, pelas interações e pelas trocas polémicas. Assim, estudos voltados para interações políticas, académicas, religiosas, filosóficas e mediáticas têm-se dedicado à descodificação do sentido discursivo dando conta da conflitualidade e da controvérsia sociais (cf. Dascal, 2010; Amossy, 2017).

Dascal (2010) vai mais longe ao referir que para qualquer lado que olhemos, estamos enredados em polemizações intermináveis: das brigas domésticas diárias, passando por disputas sobre vagas de estacionamento ou escritórios, até dissensões políticas; desde discussões em *talk shows*, passando por conflitos trabalhistas, até decisões políticas; de desacordo moderado, por meio de brigas amargas, a cisma; de resenhas críticas de livros, passando por mesas redondas de congressos, a controvérsias científicas; em questões de gosto literário, nos tribunais, no local de trabalho, nos parlamentos e em casa.

Na verdade, e como fez notar Kerbrat-Orecchioni (1994), há sociedades que primam por um *ethos* confrontacional (exemplo da israelense) enquanto outras por um mais regulador (caso da japonesa). No entanto, de acordo com Dascal (2010) os elaborados dispositivos de delicadeza usados para evitar confrontos polémicos explícitos, que podem prejudicar a face do interlocutor, sugerem que eles não negligenciem a importância da polémica, mas sim conduzem-na de forma encoberta, em vez de aberta.

A polémica, enquanto objeto de estudo, pode ser analisada, segundo Sónia Rodrigues (2008):

A partir de cada um dos planos em que se fixa: acontecimento, ato, elemento que gera divergência e divisão; atividade discursiva em que participa uma determinada comunidade em torno de uma questão que divide opiniões; interação verbal entre, pelo menos, dois interlocutores, reconhecida pelos falantes de uma comunidade como contendo traços de 'polemicidade'; forma discursiva dotada de 'polemicidade' como propriedade genérica. (Sónia Rodrigues, 2008, p. 273).

Amossy (2017, p.53-60), no levantamento exaustivo feito sobre a polémica, caracteriza-a sobretudo por três coordenadas:

- (i) dicotomização;
- (ii) polarização ou divisão social;
- (iii) relação com o outro – a desqualificação do adversário.

Para a situação da dicotomização, como forma de gestão do conflitual, a polémica entende-se como um choque de opiniões antagónicas, em que o conflito é o seu traço norteador.

Amossy (2017, p.53) recorre a Dominique Garand (1998) para demonstrar que o denominador comum de enunciados polémicos, em todos os géneros, não é a violência verbal, mas sim o conflitual. Embora nem toda a situação conflitual origine uma intervenção polémica, todo o discurso polémico é oriundo do conflitual.

Esta perspetiva realça também a importância do conflito para a existência da polémica que, numa perspetiva da interação verbal, se traduziria, na ótica da linguista, num modo *particular da gestão do conflito*, sob forma discursiva de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público.

Tais opiniões contraditórias acarretam, por sua vez, uma dicotomização no discurso em que duas opções antitéticas se excluem mutuamente, abrindo espaço à ausência de um consenso entre os participantes, pois essa dicotomização faz com que haja uma radicalização do debate. Assim, Amossy (2017, p. 55) assevera que “a polémica que trata questões de interesse

público é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a busca por um acordo.” A dicotomização exacerba posições e torna-as inconciliáveis (cf. Amossy, 2017, p.56).

A polarização ou divisão social é, também, para Amossy (2017, p.56) um aspeto caracterizador da polémica. O debate que opõe duas posições antagónicas constrói-se por meio de atores, indivíduos concretos, que sustentam os seus respetivos discursos (cf. Plantin, 2003 *apud* Amossy 2017).

Se nos apropriarmos da polémica instituída nas conferências de imprensa de futebol, os atores sociais são os treinadores e jornalistas, os quais representam as vozes efetivas do discurso. No entanto, podem ocorrer enunciados polémicos entre estes atores que se estenderão além plano da enunciação, pelo que, posteriormente, em círculos próprios, aparecem terceiros a tomarem parte das posições defendidas. Aqui entra em jogo, o que Amossy designa de plano da estrutura actancial envolvendo um oponente, um proponente e um terceiro (cf. Amossy, 2017, p.56).

Estas entidades passam a representar papéis. Assim, há um defensor da posição proposta, um opositor dessa posição e o espetador/ouvinte da confrontação. A nível das interações polémicas respeitantes ao futebol tais papéis são bastante visíveis devido às paixões e às cores clubísticas, o que nos permite identificar grupos sociais a favor e contra as teses defendidas pelos treinadores. Basta verificarmos os comentários nas redes sociais sobre um tema polémico proferido numa dada conferência.

Esta divisão actancial entre os adversários, tomada numa relação antitética do tipo conflitual, confere, segundo Amossy (2017), à polémica uma operação de polarização, cuja retórica consiste em estabelecer campos inimigos. Assim, defensores das ideias dos atores que representam o papel de oponente colocam-se a favor deste, enquanto há outros que se posicionam a favor das do proponente, fazendo com que não haja um consenso em relação às posições defendidas, porquanto já não dependem só da vontade desses atores senão também de terceiros. Neste caso particular, muitas

vezes, o propósito não passa pelo acordo mútuo, outrossim atrair a adesão de terceiros, por isso, a polarização convoca o reagrupamento por identificação.

Nas declarações polêmicas de treinadores, os adeptos, tomados como terceiros, defendem as ideias dos treinadores que representam as suas cores clubísticas e são intransigentes quer tenham ou não razão. É neste ponto que concordamos com as palavras de Amossy (2017) ao proferir que:

A assimilação da posição defendida à pessoa do debatedor significa um fenómeno identitário cuja importância não deve ser subestimada. [...] a tese defendida na controvérsia está tão intimamente integrada à visão do mundo do locutor, do seu sistema de valores, do seu pertencimento ao grupo, do seu estatuto social... (Amossy 2017, p.58).

O terceiro e último elemento definidor da polémica verbal, como anunciado anteriormente, é a relação com o outro, sustentada na desqualificação do adversário. Aqui, o locutor tende a apresentar pejorativamente o *alter ego*, desqualificando-o.

Se a polarização e a dicotomização pressupõem a existência de campos inimigos irreconciliáveis em termos da construção de um comum acordo, a desqualificação do outro tende a piorar a situação, pois a imagem do alocutário é atacada pelo locutor, isto é, o oponente, sem qualquer escrúpulo, tenta deslegitimar não só o discurso, como a própria pessoa do outro, para poder tirar vantagem da situação. Serve para o efeito todos os mecanismos verbais, cuja finalidade é então diminuí-lo, rebaixá-lo ou aniquilá-lo.

Kerbrat-Orecchioni (1980) fez notar, a este propósito, que o discurso polémico é desqualificador, com mira num alvo, cujo objetivo é desacreditá-lo. Acrescenta ainda que polemizar é tentar falsear as palavras do outro.

Ainda sobre a desqualificação, Seara & Cabral (2017), inspiradas nas situações de violência verbal, categorizaram algumas funções que a violência verbal exerce na argumentação, essencialmente nas reações, quais sejam a:

- (i) desqualificação direta focada no outro: avaliação negativa em relação ao usuário via comentário reativo, isto é, o outro é

- usuário produtor da contribuição inicial ao qual o comentário reativo se dirige;
- (ii) desqualificação direta focada no objeto: avaliação negativa relacionada ao tema do conjunto de contribuições – incluindo o comentário inicial e os reativos – via comentário reativo;
 - (iii) desqualificação direta focada nos argumentos – avaliação negativa em relação aos argumentos usados em defesa de um ponto de vista;
 - (iv) desqualificação indireta coconstruída – estado ou sentimento negativo por parte do produtor do comentário reativo em relação do produtor inicial;
 - (v) desqualificação indireta desviante - o usuário apresenta outro tema, mas não pertinente à discussão, introduzindo, por vezes, outro tópico.

1.9.1. A polémica verbal enquanto forma discursiva dialogal

Adam (1992), ao estudar as tipologias ou tipos de texto, ainda que de uma perspetiva textual, evidencia que os discursos reais se caracterizam pela heterogeneidade composicional. Delimita, no entanto, uma taxonomia que nos possibilita distinguir padrões de textualização, isto é, protótipos relativamente estáveis quais sejam: o narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo, injuntivo e dialogal. Estes tipos textuais, ao combinarem-se num determinado discurso real, fazem com que a heterogeneidade seja uma característica.

Segundo Rodrigues (2008, p. 274), e de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990), assim como Adam (1992), a estrutura dialogal concetualiza-se pelos seguintes parâmetros, os quais se conglobam numa lógica dialogal:

- (i) as vozes dos interlocutores respondem-se;
- (ii) as intervenções dos interlocutores sucedem-se numa sequência alternada de réplicas;

- (iii) cada intervenção individual apresenta uma estrutura diafônica, uma vez que retoma as propostas atribuíveis ao seu interlocutor no seu próprio discurso.

De acordo com Rodrigues (2008, p. 274), a polémica é definida, em termos estruturais, por um conjunto mínimo de constituintes, sem os quais não passa de um estado embrionário, potencialmente desencadeador de uma troca verbal polémica. Acrescenta ainda que essa estrutura sequencial alberga um texto inicial (para o caso das conferências adotamos, em vez de texto, o item lexical 'discurso', devido à oralidade), dotado de polemicidade, que abre a possibilidade de uma situação interlocutiva. Essa situação interlocutiva (ou diálogo) só se efetiva no momento da produção do discurso de abertura da interação verbal polémica, isto é, no momento em que surge um texto (ou discurso, **sublinhado nosso**) que reage a um outro anterior, abrindo a partir da sua enunciação o diálogo polémico; este segundo texto (ou discurso) assume a dupla natureza reativa e iniciativa, instaurando o início da interlocução que se torna efetiva quando o interlocutor visado reage por meio de réplica.

Para uma interação verbal polémica, Rodrigues (2008, p. 275) propõe a seguinte estrutura sequencial:

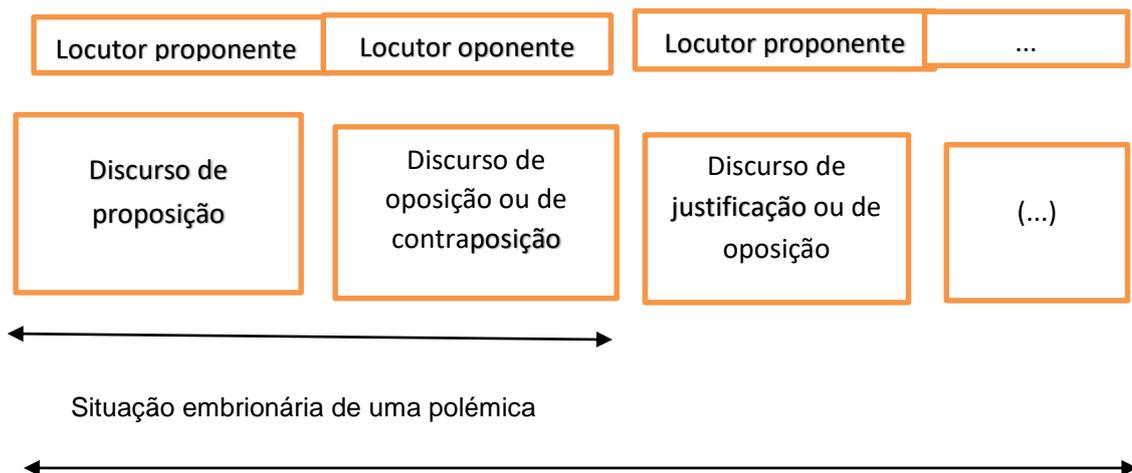


Figura 3 - Estrutura sequencial de uma interação verbal polémica, na ótica de Rodrigues (2008, p.275).

Para que se efetive uma polémica, é necessário, como se constata no esquema, uma sequência alternada de réplicas com uma específica estrutura sequencial e interacional. Da estrutura sequencial, fazem parte o modo de enunciação, a forma de enunciado e a alternância de vozes.

Sabendo que as conferências de imprensa de futebol pertencem ao domínio do discurso jornalístico, mediatizado, em que muito treinadores são obrigados a retratarem-se, após proferirem atos indelicados, ou ainda a posicionarem-se face ao contraditório, acabam por se embaraçar no dito e no não dito, tal como descrito por Duarte (2004), colocando à vista a questão das implicaturas conversacionais de Grice (1975), ou do princípio de inferências de Gumperz (1982). *Vide* os excertos das conferências [Cl.1. -SC, 7.01.18], [Cl.2- RV, 12.01.18] e [Cl.3-SC, 14.01.18].

Tendo em linha de conta os pressupostos teóricos enunciados por Amossy (2017, p.61) de que a polémica se define por sua ancoragem no conflito, dado a sua tendência à dicotomização, à polarização e ao desejo de desqualificação do outro, como descrito acima, e sabendo que essa polemicidade nas conferências é assegurada pelos discursos dos treinadores das equipas adversárias, questionámos, então, de que forma se processa:

- não sendo dialogal, pelo que, em muitas circunstâncias, o visado não se encontra *vis-à-vis* com o locutor, como se alimenta tal polémica?
- de que forma a violência verbal se manifesta linguisticamente nestas interações?
- a polémica associa-se ao *pathos* ou ao *logos*?
- será falaciosa, gratuita, de aniquilação ao outro (...)?
- quando desencadeada, que custos e benefícios para os interactantes?
- haverá sequências de justificação, pedidos de desculpa, posteriores, como atos reparadores (Almeida, 2013; Briz, 2013)?
- que tropos ilocutórios (Kerbrat-Orecchioni, 1994), em termos pragmáticos, sustentam as polémicas instituídas?

Uma vez que a polémica verbal se concretiza discursivamente através de atos de crítica, insinuação, ofensa, ou seja, através de FTA's, entre os

protagonistas, examinaremos que estratégias de indelicadeza Culpeper (1996, 2005) sustentam os enunciados polêmicos dos treinadores.

Daremos, por isso, uma maior atenção aos *FTA's*, como insultos, insinuações, críticas diretas e indiretas.

1.10 Abordagens teóricas sobre o conceito do *ethos*

Para o nosso estudo, considerámos relevante convocar o conceito de *ethos* para a análise do discurso das conferências de imprensa de futebol, na medida em que os atos de delicadeza e indelicadeza verbais propiciam a edificação de um conjunto de imagens, as quais merecem concomitantemente a nossa atenção. Sob este prisma, Terkourafi (2008) realça que existe uma relação entre a indelicadeza verbal e a construção do *ethos* no discurso. Assim, a construção da imagem do orador envolve a construção ou a destruição da imagem do outro, do adversário, o que robustece o carácter intencional da indelicadeza na edificação do *ethos*. Como veremos na análise, mais adiante, nas conferências de imprensa sobressaem uma pluralidade *ethè*, construídos no discurso, muitas vezes antagónicos, principalmente quando os treinadores convocam os seus mais diretos adversários na luta por objetivos comuns.

O conceito de *ethos* encontra eco mais remoto na cultura helénica nos estudos retóricos de Aristotéles quem, de facto, foi o responsável pela introdução do conceito na Retórica, a par de outros dois conceitos inseparáveis: o *logos* (a razoabilidade dos argumentos) e o *pathos*, cujo propósito passaria pela persuasão do auditório. Desta tríade, o *ethos* é tido como o mais importante das provas e representa o carácter do orador, enquanto o *logos* encontra-se intimamente ligado ao discurso, isto é, a sua razoabilidade, e o *pathos* às emoções suscitadas junto ao auditório.

O *ethos* aristotélico é intradiscursivo e resulta de três qualidades: prudência, virtude e benevolência. Estas três qualidades corresponderiam,

por sua vez, à honestidade do orador para ser merecedor da credibilidade do auditório.

Nesta concepção, o *ethos* representaria as qualidades morais que o orador exhibe no seu discurso de forma implícita pelo que não está em causa dizer abertamente que o orador é equilibrado, honesto ou benevolente, mas em demonstrá-lo através do seu comportamento a fim de garantir o sucesso do empreendimento oratório (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2002, p. 42).

Já a linguista israelita, Ruth Amossy (2012), referindo-se à retórica da idade clássica, a noção de *ethos* inseria-se no contexto dos *mores oratorii*, ou seja, os hábitos oratórios, contrapostos aos caracteres reais.

Na retórica clássica, portanto, introduzia-se a relação de *ser e parecer* que acabou por se refletir no discurso, pois a autoridade moral do orador estaria inexoravelmente ligada à sua pessoa e à sua forma de agir na vida real, tendo repercussões no seu discurso:

O ser transparece no discurso, permitindo assim operar uma relação harmoniosa entre a pessoa do locutor, suas qualidades, seu modo de vida e a imagem que o seu discurso projeta dele. O locutor, portanto, só pode dar uma impressão de modéstia ou de honestidade se essas virtudes são efetivamente praticadas por ele: as qualidades interiores e os hábitos de vida de uma pessoa se traduziriam de algum modo espontaneamente no seu discurso. (Amossy, 2012, p. 87).

A comunicação, como se vê, põe a nu a imagem dos seus interlocutores. Assim, aquando da interação verbal, o *ethos* sobressai, pois através do uso que o locutor faz da linguagem, o seu estilo imprimido no discurso, as suas escolhas lexicais e morfossintáticas e o conhecimento mobilizado deixa transparecer a imagem do falante, ideia esta corroborada por Amossy (2005) ao sustentar que a construção do *ethos* é um processo complexo que implica não só o recurso ao seu estilo pessoal, às suas competências linguísticas, aos seus saberes enciclopédicos e às suas crenças, mas também aos valores e aos ideais do auditório.

Não é necessário, por isso, o locutor falar de si para se poder fazer a sua radiografia em termos da sua imagem. Estas observações encontram eco nas palavras de Amossy (2011[1999], p.9) ao afirmar que “todo o ato de tomar

a palavra implica a construção da imagem de si mesmo.” Por isso, somos de convicção que o locutor deixa, de forma consciente e/ou inconsciente, as suas marcas idiossincráticas no discurso.

O conceito de *ethos* introduzido por Aristóteles, na Retórica Clássica, no sentido de caráter moral do orador (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2002), como uma das três peças da engrenagem - *pathos*, *logos* e *ethos* - para assegurar a eficácia oratória, tem sido revisitado e utilizado por muitos autores da linguística contemporânea, sob a perspectiva de diferentes enfoques metodológicos dos quais sobressaem os da Semântico-pragmática, da Análise do Discurso (doravante AD) e da Pragmática Discursiva (a partir daqui PD).

Kerbrat-Orecchioni (2002, p. 42) assinala que, no âmbito da pragmática e da análise interacionista do discurso, se podem observar duas extensões do conceito:

- (i) uma relacionada à psicologia social do tipo goffmaniano, embora este autor não tenha utilizado o termo *ethos*, há, todavia, correspondência com a expressão “*présentation de soi*” ou “*gestion de l’identité*,”
- (ii) a outra utilizada na Pragmática Contrastiva, numa dimensão etnográfica da comunicação, a partir de Bateson (1936), a qual encontrou eco em Brown & Levinson (1978) reutilizando-o, como um rótulo para a qualidade da interação que caracteriza grupos, ou categorias sociais de pessoas, numa sociedade particular.

Ducrot (1984) resgata, por sua vez, através da perspectiva semântico-pragmática, o conceito do *ethos* aristotélico e insere-o na doutrina polifónica da enunciação (cf. Amossy (2011 [1999], p.14), em que passa a ser visto como uma aparição do enunciado, e não o ato produzido por alguém. Os pressupostos teóricos de Ducrot (1984), na concetualização do *ethos*, diferenciam o locutor – L (o locutor empreendido como enunciador) e o *locutor* – *lambda* (o locutor como ser do mundo), em que o *ethos* se mostra no ato da enunciação e não dito no enunciado. Ducrot (1984) abandona o sujeito

falante, como tal, ou seja, sujeito real e interessa-se pela instância discursiva, exterior ao locutor:

Dans ma terminologie, je dirai que l'ethos est attaché à L, le locuteur en tant que tel: c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante. (Ducrot 1984, p. 201).¹²

Por sua vez, Maingueneau (2002), uma das figuras cimeiras da AD, a par de Charaudeau (2005, 2013) e Amossy (2011 [1999]), confere uma atenção especial ao *ethos*, pois na teoria argumentativa, o conceito é considerado de extrema relevância na organização do discurso.

Maingueneau (2002, p. 15) destaca que o *ethos* está crucialmente ligado ao ato da enunciação, porém não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* antes mesmo que o locutor fale. Com esta observação, o investigador (2002, p. 4) põe em destaque a importância tanto do locutor, como do público, na construção da imagem, por meio do discurso, e traz para o centro da análise os conceitos do *ethos pré-discursivo* (“*ethos prédiscursif*”) e *ethos discursivo* (“*ethos discursif*”).

Maingueneau, na verdade, chama a atenção para a existência do *ethos* pré-discursivo que está, muitas vezes, associado aos *media*, em que os locutores se tornam pessoas públicas, caso dos políticos ou das celebridades e acabam por construir a sua imagem mediática, fixando-a na memória das pessoas, através das suas aparições comunicativas.

O *ethos pré-discursivo* é construído a partir de representações sociais, estereótipos, que num determinado momento circulam numa determinada comunidade. Sendo uma caracterização *a priori*, ela resulta, no entanto, de um fazer discursivo, faz parte da memória discursiva coletiva, ao mesmo tempo que participa da construção do *ethos discursivo*, que assim conjuga a imagem discursiva com a imagem social. Estas representações sociais, que circulam numa determinada comunidade e numa determinada época, servem

¹² Na minha terminologia, direi que o *ethos* se associa ao L, o locutor como tal: é na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável. (Tradução nossa).

de ancoragem ao ethos discursivo:

Or cet autre [l'interlocuteur], pour construire l'image du sujet parlant, s'appuie à la fois sur des données préexistants au discours – ce qu'il sait a priori du locuteur – et sur celles apportées par l'acte de langage lui-même. (Charaudeau, 2005, p. 88)

Se tomarmos estas ideias, diríamos que os treinadores de futebol, por estarem constantemente na cena mediática, ao prestarem declarações na imprensa, permite-nos, também, traçar este *ethos pré-discursivo*, que a enunciação pode ou não, subsequentemente, confirmar. É verdade que, comumente, ouvimos comentar que um determinado treinador é um “*gentleman*” do futebol, ou que é “pé-frio”, por nada ganhar, ou simplesmente “arrogante”, criando, deste modo, imagens estereotipadas desta classe. Tais imagens são pré-concebidas e são construídas frequentemente pela comunicação social.

Para Maingueneau (2008, p.16), a elaboração e descodificação do *ethos* acarreta um conjunto de problemas, dos quais salienta:

- (i) os índices sobre os quais se apoia o intérprete abrangem não só o registo da língua e das palavras, como também o planeamento textual, passando pelo ritmo e modelação;
- (ii) o conjunto do quadro de comunicação, a nível das interações orais, suscita dificuldades, na medida em que o *ethos* não resulta simplesmente do que ocorre dentro do discurso, pois há elementos contingentes do ato comunicativo (relacionados aos códigos para-verbais, como vestuário do locutor, gestos, tom da voz) que, em última instância, cabe ao intérprete considerar ou ignorar, sendo, por isso, a escolha de carácter teórico;
- (iii) o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido.

Maingueneau considera o *ethos*:

- (i) como uma noção *discursiva*, que se constrói através do discurso e não corresponde a uma imagem do locutor exterior a sua fala;

(ii) fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;

(iii) uma noção essencialmente *híbrida* (sócio-discursiva);

Na teoria da AD sobre o *ethos*, Maingueneau (2008, p. 16-18) recorre, ainda, à ideia de um *fiador* (“*garant*”), uma instância subjetiva, portadora não só de um estatuto e responsável pela *cena genérica e cenografia*, mas também dotado de uma “voz” intrinsecamente ligada a um “corpo” e um *caráter*, localizado historicamente. O conceito de *voz* abrange, por sua vez, todo e qualquer tipo de texto, oral ou escrito. Assim, ao *fiador* é-lhe reservado um *caráter e uma corporalidade*, tributários de representações coletivas. Para identificá-los o alocutário deverá considerar um conjunto vago de estereótipos associados a determinadas condutas que o processo enunciativo irá confirmar ou refutar. Maingueneau adianta ainda que essa identificação não se limita a um corpo e um caráter, mas implica também o reconhecimento de um mundo ético adjacente ao *fiador* e que envolve certo número de situações estereotipadas que correspondem a esses comportamentos.

Por outro lado, esta perspetiva de Maingueneau (2008) sobre o *ethos* traduz-se numa taxonomia, a qual nos permite distinguir o *ethos dito* e o *ethos mostrado*, bem como a função dos interlocutores na edificação dessa imagem no discurso. Assim, o *ethos efetivo* é construído pelo destinatário/alocutário, pois só ele tem acesso ao *ethos* pretendido pelo locutor, enquanto representação da imagem que apetece passar. Maingueneau (2008) sintetiza esta ideia, afirmando que:

O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos pré discursivo*, *ethos discursivo* (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. A distinção entre *ethos dito* e *mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação. O *ethos efetivo*, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias. As flechas duplas do esquema abaixo indicam que há interação.¹³ (Maingueneau, 2008, p.10).

¹³ L’*ethos* d’un discours résulte d’une interaction entre divers facteurs: *ethos prédiscursif*, *ethos discursif* (*ethos montré*), mais aussi les fragments du texte où l’énonciateur évoque

Esta perspectiva é, também, visível no esquema abaixo, concebido pelo próprio autor, como forma de nos fazer entender como funciona o *ethos* efetivo:

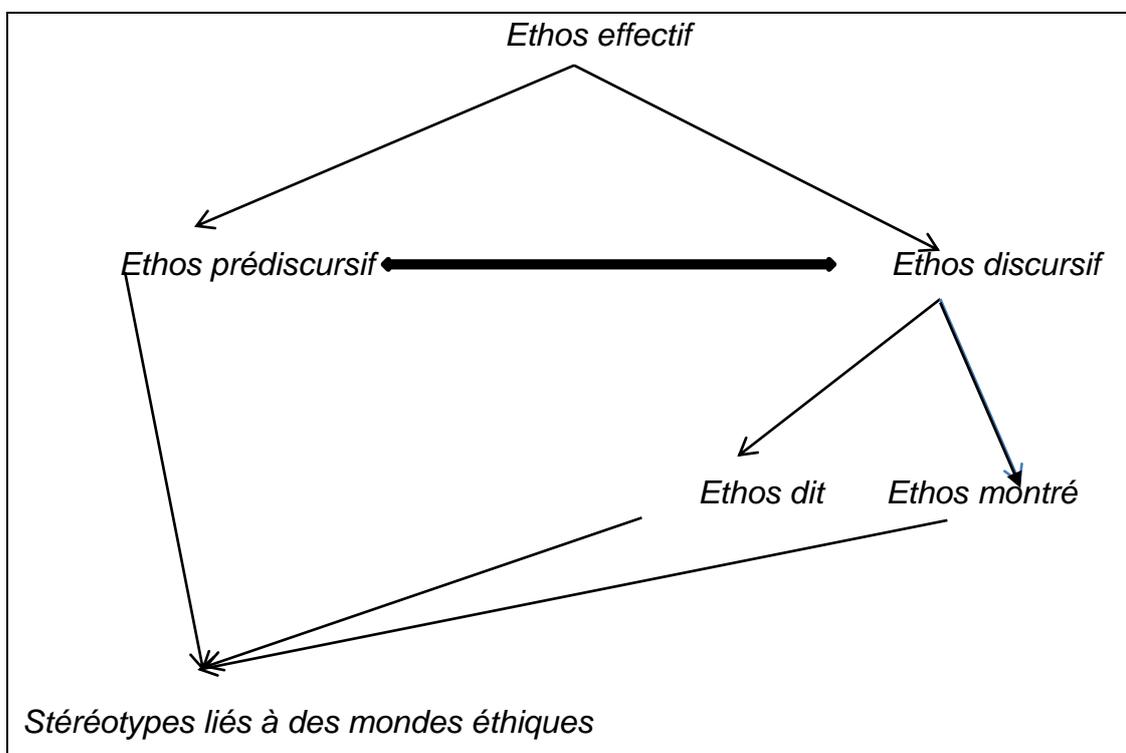


Figura 4 - Taxonomia do *ethos* de acordo com a perspectiva da Análise do Discurso, Maingueneau (2008, p.19).

Como se pode observar nesta tabela representativa das modalidades do *ethos* segundo Maingueneau, o efetivo é o somatório tanto do pré-discursivo, como do discursivo, nos quais os papéis do locutor e alocutário são determinantes na sua identificação. Quem traça a sua imagem, no e pelo

sa propre énonciation (*ethos dit*): directement (“c’est un ami qui vous parle”), ou indirectement, par exemple par le biais de métaphores ou d’allusions à d’autres scènes de parole (ainsi F. Mitterand dans sa *Lettre à tous les Français* de 1988 comparant sa propre énonciation à la parole du père de famille à la table familiale). La distinction entre *ethos dit* et *montré* s’inscrit aux extrêmes d’une ligne continue puisqu’il est impossible de définir une frontière nette entre le “dit” suggéré et le “montré”. *L’ethos effectif*, celui que construit tel ou tel destinataire résulte de l’interaction de ces diverses instances dont le poids respectif varie selon les genres de discours. La double flèche dans le schéma ci-dessous indique qu’il y a interaction. (No original).

discurso, é o locutor e quem o interpreta, ou melhor, tem acesso ao *ethos* efetivo, é o alocutário, sendo, por isso, o responsável pela sua descodificação.

Outro investigador que deu uma atenção especial ao assunto, particularmente, na análise dos discursos políticos, foi Charaudeau (2005, 2013).

Nas suas investigações sobre o tema, integra várias perspetivas acerca do conceito, sendo, por isso, analisado numa dimensão interdisciplinar. Embora destaque sobretudo as questões de sentido e linguísticas, Charaudeau fixa a sua abordagem essencialmente na ótica semiolinguística, cuja construção de sentido depende da intenção de um sujeito em exercer influência sobre o meio social, numa determinada situação de comunicação. Assim, o autor deixa sobressair a ideia de que a imagem é o resultado do cruzamento entre os valores do sujeito e os da sociedade, ou seja, ela é o produto da identidade social e da discursiva.

Charaudeau (2005, p.91- 128), por outro lado, distingue duas grandes categorias de *ethè*, “*l’ethos de crédibilité*” e “*l’ethos d’identification*”. Analisa o *ethos* de “competência”, que integra na primeira categoria, como uma das imagens mais valorizadas no discurso político. Liga-o explicitamente às dimensões do saber e do saber fazer, ao considerar numa perspetiva de percurso político global, que implica uma outra imagem, a de coerência.

O *ethos* de credibilidade (de cariz racional) edifica-se, assim, a partir dos dados transmitidos pelo locutor e apresenta os seguintes traços: competência, seriedade e virtude, isto é, deixa transparecer a racionalidade do ator político enquanto o da competência refere-se às imagens que incrementam a adesão dos outros à pessoa política, pondo em relevo o reflexo do eu, do cidadão e dos imaginários sociodiscursivos. Joga-se com o lado irracional e emotivo do público. Este *ethos* descreve-se por: potência, caráter, inteligência, seriedade, chefe, humanidade.

Se partirmos deste modelo de Charaudeau, podemos perguntar até que ponto o mesmo se aplica ao discurso das conferências de imprensa? Como se enformam os *ethè* dos treinadores?

Charaudeau (2005), também, demonstra a centralidade deste conceito tanto na perspectiva individual como na coletiva na demarcação da identidade que pode ser individual ou de grupo. Quem corrobora esta mesma perspectiva, é a linguista portuguesa Maria Aldina Marques (2008), ao afirmar que:

O *ethos* pode ainda constituir-se como imagem de uma entidade coletiva, uma classe, uma profissão, uma comunidade mais ou menos alargada, ou como imagem de um indivíduo. No primeiro caso há lugar à construção de um *ethos* colectivo e no segundo de um *ethos* individual.” (Marques, 2008, p.4).

Para a nossa pesquisa, consideramos pertinente abordar o *ethos* coletivo porquanto trabalhamos com o discurso público de um grupo/classe profissional que, no entanto, tal como reconhece Marques (2008) pode ser um fator de tensão discursiva devido ao cruzamento de *ethè* contrários. Deste modo, ensaiaremos demonstrar que nos discursos dos treinadores de futebol sobressai um conjunto de *ethè*, consequência de um quadro comunicativo que ganhará uma dimensão teatral e lúdica.

Para além da ótica da Análise do Discurso, o *ethos* poderá ser também estudado duma perspectiva interacionista sob o conceito de *negociação*.

Nas conferências de imprensa, de acordo com as características do discurso, tendo em conta um *continuum*, na interação discursiva, do mais harmonioso ao menos harmonioso entre os interactantes – jornalistas *versus* treinadores e treinadores *versus* treinadores convocados - pensamos sobressair uma pluralidade de *ethos*, formando os *ethè*, em que somos de convicção que, nas trocas menos harmoniosas entre os jornalistas *versus* treinadores e treinadores *versus* treinadores (os quais são convocados pela cena de enunciação, cf. Maingueneau, 2006) prevalece o de arrogância.

PARTE II - OPÇÕES METODOLÓGICAS

2. METODOLOGIA

Como explicitámos na introdução deste trabalho, de carácter empírico, este baseia-se essencialmente na análise de excertos menos harmoniosos de conferências, cujos atores sociais são treinadores de futebol.

Para a sua efetivação, constituímos num *corpus* de conferências de imprensa circunscrito às épocas desportivas 2016 a 2018, e que recolhemos do *Youtube*.¹⁴ Tal *corpus* basia-se em sete excertos de conferências de imprensa, protagonizados pelos quatro treinadores dos considerados clubes grandes do desporto rei em Portugal, envolvendo, neste caso, os que exerciam a função de treinador nessa altura. Assim, destacam-se as declarações de Sérgio Conceição (SC), Rui Vitória (RV), Jorge Jesus (JJ) e Abel Ferreira (AF).

Com uma revisão bibliográfica, em termos teóricos, começamos por recensear aspetos que dizem respeito à Análise do Discurso (Adam, 2011; van Dijk, 1989, 1993; Maingueneau 2008; Charaudeau 2014; Fonseca, 1992; Marques 2015); à Análise Conversacional (Binet, 2013; Havey Sacks, 1992; Kerbrat-Orecchioni, 1990, 1992); Pragmática (Austin 1990 [1962]; Searle, 1972), e à Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Tannen 1989), ao Princípio de Cooperação e às Máximas Conversacionais (Grice, 1975) para depois debruçarmo-nos sobre questões da delicadeza (Brown & Levinson

¹⁴ Excertos de conferência de imprensa
In, <https://www.youtube.com/watch?v=ZjZvtXLejCg>
Excerto de conferência de imprensa,
In, <https://www.youtube.com/watch?v=RNtZ6SktRbk>
Excerto de conferência de imprensa,
In, <https://www.youtube.com/watch?v=qjY8v6tTEHs>
Excerto de conferência de imprensa,
In, <https://www.youtube.com/watch?v=54sYspUeLcM>
Excerto de conferência de imprensa,
In, https://www.youtube.com/watch?v=tFmcqwUS_s8
Excerto de conferência de imprensa
In https://www.youtube.com/watch?v=_pWd0iGY-28

1987 [1978]; Kerbrat-Orecchioni, 1992; 2014 [1996]) e indelicadeza verbais (Bousfield & Locher, 2008; Culpeper 1996, 2006).

Posteriormente, refletiu-se sobre a problemática dos gêneros orais, dando especial atenção a teóricos como Bronckart (2003), Bakthin (1992 [1979]), Swales (1990) e Travaglia *et al* (2013) de modo a enquadrar o gênero conferência de imprensa de futebol no domínio discursivo.

De seguida, procedemos à caracterização desse subgênero em termos interacionais e interlocutivos, tomando como suporte os estudos de Goffman (2012 [1974]) e Vion (1996). Neste ponto, concetualizamos as conferências de futebol como um encontro social governado por normas, organizadas prototipicamente por turnos de perguntas e respostas, cujo propósito comunicativo (Swales, 1990) e atividade de fala (Gumperz, 1982) passa-se por falar de futebol. Concomitantemente a este aspeto, refletimos sobre o quadro participativo- *frame*- (Goffman, 2012 [1974]) das conferências em que se abordou a questão dos papéis dos participantes das interações – treinadores, jornalistas e telespetadores/ouvintes.

Num segundo momento, uma vez que pretendemos estudar a imagem construída nas conferências dos treinadores, principalmente, quando ocorrem interações conflituosas, procedemos a uma revisão teórica do conceito de *ethos*, tendo em conta sobretudo os estudos de Amossy (2011 [1999]), Maingueneau (2002; 2008) e Charaudeau (2005; 2013).

Delineámos, a partir da análise de alguns excertos, uma taxonomia de *ethos* que se aplica aos treinadores aquando das interações menos harmoniosas. A mesma caracterizou-se pelos seguintes *ethè*: ethos arrogante, competente, solidário, humilde e agressivo.

Detivemo-nos mais aturadamente nos conceitos de delicadeza e indelicadeza verbais porquanto um dos nossos objetivos foi verificar a forma como interferem na produção de sentido e na edificação dos *ethé* dos treinadores. Foi dada, também, uma atenção especial ao conceito da polémica verbal em que os estudos de Amossy (2017) se revelaram imprescindíveis. Aqui, discutimos questões relacionadas à polarização do discurso, à dicotomização e à desqualificação do adversário, sendo que este

último tópico é o mais que se aplica às conferências de imprensa, cujo conteúdo interativo tende a pender pela conflituosidade.

Após o enquadramento teórico acima discriminado, transcreveram-se alguns excertos de conferências de imprensa, circunscritos nas épocas desportivas 2016 a 2018, nos quais notamos a presença da polemicidade, como marca do conflitual, disponíveis no *youtube*, através das convenções de transcrição de géneros orais – PETEDI.¹⁵

Optámos por utilizar esta transcrição por configurar um modelo simplificado aplicado aos estudos dos géneros orais na linguística brasileira e resumir as convenções adotadas por Atkinson & Hirtage (2006) nos seus trabalhos sobre a Análise Conversacional.

Seguindo as convenções do PETEDI para a transcrição dos géneros orais, aplicaram-se as normas que se ilustram na tabela, a seguir, representada, com as ocorrências, sinais gráficos e respetivas exemplificações retiradas dos excertos de conferência, em análise:

Ocorrência	Sinais	Exemplificação
Nomes próprios em geral	Iniciais maiúsculas	<p>“Rui Ribeiro, muito boa tarde, estamos em direto para a CMTV. Há duas épocas quando houve uma guerra de palavras com o treinador rival acabou por ser campeão.”</p> <p>[CI.2.- RV, 12.01.18]</p>
Numerais	Por extenso	<p>“Não ando aqui a mando de alguém ou algo do género. Zero...Zero.”</p>

¹⁵ In Olhares & Trilhas | Uberlândia | vol. 19, n. 2 | jul./dez. 2017 ISSN 1983-385,

		[Cl.1. -SC, 7.01.18]
Ações não-verbais	Parêntesis curvos ()	<p>“Depois carrega-se no botão para entrar em modo ‘padre’ e ele mete as mãos assim (junta as mãos como se estivesse a rezar).”</p> <p>[Cl.1. -SC, 7.01.18]</p>
Entoação enfática	A negrito	<p>“A partir desse momento a incoerência que eu falei continuo a reafirmar e continuo a dizer... É só isto, mais nada ... não há mais nada! Ponto final!”</p> <p>[Cl.3-SC, 14.01.18]</p>
Micropausa	Ponto final	<p>“Eu falei em incoerência. Incoerência só.”</p> <p>[Cl.3-SC, 14.01.18]</p>
Macropausa (mais de três segundos)	Reticências [...]	<p>“- olhe, aamm... aahmm...em primeiro lugar, não sabia que o Braga tinha tantos adeptos assim.”</p> <p>[Cl.4- AF, 18.01.2018]</p>

Fáticos e interjeições dicionarizados	Usa-se o ponto de exclamação (!)	“Disse? Aaah! ... Em relação/em relação ao jogo, à equipa ... Aaah! ...” [CI.5-JJ, 6.01.16]
Marcadores discursivos e conversacionais	Utiliza-se o ponto de interrogação (?)	“[...] forma como tu queres qualificar, não é? ” / “ Tá entendido? ” [CI.5-JJ, 6.01.16]
Truncamento (palavras incompletas, cuja pronúncia foi interrompida)	/ (uso de barra para marcar o truncamento)	“Se não vou vos dizer o que andámos a fazer/ vou vos dizer o que andámos a fazer. Não se admirem /não se admirem que o que nós andámos a fazer com a informação.” [CI.4- AF, 18.01.2018]
Pausa	Reticências (...)	“Eu lamentei ... um exemplo menos feliz que levou a que as pessoas ... que fosse quase um ... parasse Portugal... e eu vi assim ontem nos telejornais uma revolta, uma resposta (com tom irónico, com a gesticulação dos braços) ... nada disso, pá!” [CI.3-SC, 14.01.18]
Início de turno	Usa-se sempre letra minúscula	“Rui Vitória: - <u>v</u> amos lá por partes em relação a isso. Em

		<p>relação à ambição do campeonato é evidente que a ambição é sempre enorme e muito grande e acreditamos como acredita qualquer equipa daquela que está na frente pode vencer o campeonato.”</p> <p>[CI.2- RV, 12.01.18]</p>
Discurso direto	Aspas duplas e travessão	<p>“Sérgio Conceição: - <u>vou</u> dizer aqui uma coisa muito importante. Eu não voltei atrás naquilo que eu disse (gesticula as mãos como se estivesse a retroceder atrás). Ehhh ... eu lamentei que um exemplo menos feliz da minha parte ... que o levassem à ofensa, e eu não quis ofender.”</p> <p>[CI.3-SC, 14.01.18]</p>
Comentário descritivo do comentador	Entre parêntesis duplos e em itálico (())	<p>“((Bate a mão direita na mesa duas vezes)).”</p> <p>[CI.4- AF, 18.01.2018]</p>
Incompreensão de palavras	Ponto de interrogação entre parêntesis (?)	<p>“A outra questão... Mau colega... Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais...”</p>

		[Cl.5-JJ, 6.01.16]
--	--	--------------------

Tabela 7- Convenções de transcrição dos géneros orais baseadas no PETEDI.

Nesta pesquisa, tentamos demonstrar através dos argumentos usados pelos treinadores em relação aos seus colegas de profissão, árbitros e jogadores, que o discurso convocado pela cena de enunciação (Maingueneau, 2006) e nutrida pelas questões dos jornalistas é, em muitas circunstâncias, acusatório, crítico e agressivo.

É de salientar que o nosso estudo se baseia essencialmente no método qualitativo pelo que assente sobretudo na análise de conteúdos dos excertos transcritos. Porém, não se deve excluir outros, nomeadamente, o método sociolinguístico, dado o estudo sustentar-se em pressupostos pragmáticos e de (in)delicadeza verbal os quais são examinados através da relação entre as estruturas linguísticas e grupos socioprofissionais específicos (neste caso treinadores e jornalistas), com o intuito de explicitar o comportamento verbal desses atores envolvidos no processo comunicativo.

Do mesmo modo, sentimos a necessidade de caracterizar e classificar sociologicamente os intervenientes das conferências a fim de sistematizarmos as suas intervenções e possibilitar a sua indexação no *corpus* de análise o qual consta, a seguir.

2.1 Caracterização sociológica dos intervenientes das conferências de imprensa de futebol

Os treinadores e os jornalistas desportivos são entidades que laboram no ramo da atividade desportiva e jornalística. Aqueles, de acordo com o código de ética e de conduta dos treinadores (Lima, 2016), numa sociedade onde se pratica desporto, assumem uma elevada importância social e cultural.

Como é do nosso conhecimento, a sociedade encontra-se organizada em grupos socioprofissionais os quais se responsabilizam pela produção dos

mais diferentes géneros e subgéneros discursivos e/ou textuais. De acordo com Silva (2015):

Numa perspetiva sociológica, é possível divisar diferentes grupos socioprofissionais nas sociedades contemporâneas, de acordo com a área de atividade em que os indivíduos desempenham tarefas e assumem papéis socioprofissionais. Por exemplo, pessoas que exercem atividades que incluem a produção de textos (orais e escritos) na área do jornalismo pertencem a um mesmo grupo socioprofissional. Este raciocínio é válido para outros grupos, como os indivíduos que se dedicam a áreas como a política, a administração da justiça ou a religião, entre outras. Os grupos socioprofissionais assim delimitados são designados formações sociodiscursivas. (Silva, 2015, p.10-11).

Assim, como proferido anteriormente, o género conferência de imprensa de futebol situa-se no âmbito dos domínios jornalístico e desportivo, pelo que se recorre ao critério de natureza socioprofissional o qual envolve intervenientes dos domínios jornalístico e desportivo.

Dos excertos das conferências transcritos, constam declarações de quatro treinadores considerados, dos quatro clubes grandes do futebol português, os quais desempenhavam funções principais nas épocas desportivas 2016 a 2018.

Tendo em conta esta perspetiva, passa-se, a seguir, na tabela, à sistematização da caracterização sociológica dos intervenientes que participam do *corpus* que nos serve de base da nossa análise:

Intervenientes	Atividade socioprofissional	Anos de desempenho da função	Excertos de conferência de imprensa e respetivas marcas de indexação
Sérgio Conceição (SC)	Treinador do F.C.Porto Jornalista (?) – não identificado no excerto	De 2018 até à atualidade	[CI.1. -SC, 7.01.18] ¹⁶
Rui Vitória (RV) Rui Ribeiro (J)	Treinador do Benfica Jornalista da CMTV	De 2015 a 2019	[CI.2- RV, 12.01.18]
Sérgio Conceição (SC) Jornalistas – (J)	Treinador do F.C.Porto (Não identificados no excerto)	De 2018 até à atualidade	[CI.3-SC, 14.01.18]
Abel Ferreira (AF)	Treinador do Sporting Clube de Braga	De 2017 a 2019	[CI.4- AF, 18.01.2018]
Jorge Jesus (JJ) Jornalistas (J)	Treinador do Sporting Clube de Portugal (Não identificados no excerto)	De 2015 a 2018	[CI.5-JJ, 6.01.16]
Rui Vitória (RV) Ricardo (...) (J) João Miguel Nunes	Treinador do Sport Lisboa e Benfica; ABola TV Jornalista da RTP	De 2015 a 2019	

¹⁶ CI.1.S.C, 7.01.18 - Corresponde ao nº de conferência de imprensa, aos iniciais dos nomes dos treinadores e à data da sua efetivação. Assim, lê-se conferência de imprensa 1, treinador Sérgio Conceição, 7 de janeiro de 2018 enquanto data da sua efetivação.

Gonçalo Ferreira	Jornalista da Sic		[CI. 6, RV-5.05.2018]
Bruno Valério			
Pedro Neves de Sousa	Jornalista da Sportv		
	Jornalista da CMTV		
Jorge Jesus (JJ)	Treinador do Sporting Clube de Portugal	De 2015 a 2018	[CI. 7, JJ-3.12.2016]
Tiago Labrega	Jornalista da Sporting TV		
Mário Ribeiro	Jornalista da CMTV		
Miguel Custódio	Jornalista da Abola TV		
António Pedro Carvalho	Jornalista da RTP3		
	Jornalista da TVI24		
Jorge			

Tabela 8 – Listagem dos intervenientes dos excertos de conferência a analisar

PARTE III - ANÁLISE DAS CONFERÊNCIAS DE IMPRENSA DE FUTEBOL

3. AS CONFERÊNCIAS DE IMPRENSA DE FUTEBOL - UM GÊNERO EMINENTEMENTE DO ORAL

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p.37), “é, primeiramente, sob a forma do oral que a linguagem verbal se realiza.”

No tocante às conferências de imprensa de futebol, estas são um gênero que se processa primeiramente a nível do oral, fazendo jus às palavras da autora supracitada. Elas são concebidas baseadas na palavra falada, tendo como suporte principalmente a voz. As questões são colocadas oralmente, e as respostas também o são. Verifica-se que os interlocutores - os treinadores e jornalistas -, estão em presença, embora aquando das interações seja crucial ter sempre em linha de conta os espetadores (*bystanders*), isto é, os ausentes.

Este gênero apresenta um conjunto de características que a gramática tradicional poderia considerar falhas (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p. 37) que, no entanto, lhe são características intrínsecas. Referimo-nos concretamente às repetições, aos marcadores de hesitação, à presença de fáticos e reguladores, aos lapsos, balbucios, às perguntas-tag.

Quanto às repetições, Tannen (1989, p. 59) advoga que estas favorecem tanto o locutor como o alocutário na produção e compreensão enunciativas, na medida em que tornam o discurso menos denso, facilitando ao interlocutor apreender, de forma reiterada, as informações produzidas pelo locutor, contrariamente ao que acontece com a escuta da leitura de um discurso escrito.

Tannen (1989, p. 101) refere, ainda, que a repetição é um recurso pelo qual os interactantes criam mutuamente um discurso, um relacionamento e um mundo. É a estratégia central de criação de significados linguísticos, um recurso ilimitado para a criatividade individual e envolvimento interpessoal.

Fica comprovado, por exemplo, nos seguintes segmentos coconstruídos pelo entrevistador e pelo entrevistado do excerto da conferência [Cl.5-JJ, 6.01.16]:
Jornalista: - *“a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, que é mau caráter e mau colega.”* Jorge Jesus: *“- disse essas três questões. (...) Disse? Disse?”* [Cl.5-JJ, 6.01.16].
Aqui, notamos a reiteração do item lexical “disse”, com a intenção de confirmar o que foi proferido pelo colega de profissão, por um lado, e desresponsabilizar-se, por outro, do ataque que vai levar a cabo posteriormente: *“Mau colega... treinador... como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele.”* [Cl.5-JJ, 6. 01.16].

A repetição é transversal a todos os excertos destas conferências de imprensa, o que possibilita a facilitação da apreensão da mensagem oral, aumentando a taxa de compreensão da informação, por uma via, e permitindo a retoma das ideias, por outro, o que deixa transparecer o envolvimento dos interlocutores.

Quanto aos marcadores de hesitação e de interrupção, considerados manifestações intrínsecas da oralidade, também são uma constante nestes excertos, pois tratando-se da construção do sentido discursivo no *“hic et nunc”* é natural que os interlocutores tentem organizar o seu pensamento, necessitando de mais tempo de reflexão e de planificação da mensagem que desejam transmitir.

A hesitação, segundo Marcuschi (2006), preenche-se por pausas, cujo papel cognitivo indicia uma atividade de processamento da fala e a sua função é mais do que sugerir sintomas desse processamento, não deverá ser reduzida, portanto, a uma simples disfunção da fala ou a uma fragilidade. Encontram-se, ao longo dos excertos de conferência, marcadores discursivos de hesitação como: *ehh...ahh...*, como se verificam nas passagens que se seguem: *“- isto ainda falta uma jornada, ainda falta uma jornada... ehh... essa carga ahh...oiça...ahh...valorizem...é de facto aquilo que o Benfica fez.”* [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

A par destes marcadores de hesitação, são patentes também as interrupções, denunciadas sobretudo a partir de cortes sintáticos e lexicais, os quais são visíveis principalmente nas interações com um certo teor de patemecidade, como se apercebe nestes exemplos: *“tenho visto agora nos últimos dias ‘haja respeito entre os treinadores’ haja ehh...os treinadores têm que..., mas eu faltei ao respeito a alguém?”* [Cl.3-SC, 14.01.18].

Para além desses recursos característicos do discurso oral, acrescentem-se as *perguntas-tag*, as quais, segundo André-Lorochevouvry (1984, p.101) *apud* Almeida (2012, p. 25) representam uma estratégia de consenso, por um lado, como se verifica no excerto da conferência [Cl. 7, JJ- 3.12.2016]: *“- era a pensar mais no jogo da quarta-feira, como é óbvio, não é?”* [Cl. 7, JJ- 3.12.2016]. Por outro, funcionam enquanto mitigadores discursivos na ótica de Fraser (1980), permitindo a atenuação da força ilocutória dos atos de asserção e representando um equilíbrio ritual das faces.

São, igualmente, notórias as *fórmulas interlocutórias do discurso* (Maçãs, 1976), através do item lexical “olhe”, cujo propósito é a manutenção do contacto, isto é, encerram uma função fática, características do discurso oral, como se verifica nos fragmentos do excerto de conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018]: *“Olhe, aammm... aammm... em primeiro lugar, não sabia que o Braga tinha tantos adeptos assim.”* [Cl.4- AF, 18.01.2018]. Ou ainda através do uso do pronome de tratamento “você”, não só para marcar o distanciamento do locutor em relação ao alocutário, mas também como função fática, o que é visível no mesmo excerto: *“E vocês estavam aqui comigo. Vocês estavam aqui comigo.”*

A maior aproximação dos interlocutores destas conferências de imprensa traduz-se no uso da primeira pessoa discursiva, como é notório, por exemplo, no excerto de conferência [Cl.1. -SC, 7. 01.18]: *“(Eu expresso...” / “Eu...Eu...Eu” / “...assumo a responsabilidade do que digo.”* [Cl.1. -SC, 7. 01.18], partilhando o mesmo quadro de referência e através de uma forte modalização discursiva, deixando sobressair a posição dos interactantes, com expressões modalizadores, como se nota no mesmo excerto da conferência

[CI.1. -SC, 7.01.18]: “... assumo a responsabilidade do que digo.” Ou ainda esta passagem do excerto 2 (vide sublinhado): “Nem aceito que o digam de forma leviana sobre a minha pessoa, nunca passei determinados limites e como não os ultrapassei não metam tudo dentro do mesmo saco. Eu não aceito isso.” [CI.1. -SC, 7.01.18].

As conferências de imprensa de futebol, por serem instantâneas, revelam por tudo o que foi dito uma menor planificação, constatada na rutura frásica, nas antecipações e retrocessos, nas mudanças bruscas de tópicos, nas pausas, nos bordões de fala, nas repetições, especificidades linguístico-discursivas de um género eminentemente do oral.

A estes mecanismos juntam-se, por um lado, os sinais prosódicos, como a curvatura entonativa, traduzida pela aceleração (vide nos anexos todas as passagens a negrito) ou redução da elocução, devida às pausas. Por outro, crescem os sinais de natureza mimo-gestual, como se apercebe nas passagens com parêntesis duplos, dos excertos [CI.3. -SC, 14.01.18] e [CI.4-AF, 18.01.2018], respetivamente: “... ((*Levanta os braços, gesticulando-os.*))” [CI.3. -SC, 14.01.18] / “... ((*levanta a mão direita e gesticula o dedo apontador*))” [CI.4- AF, 18.01.2018], ainda que estes não tenham sido alvo de análise no presente trabalho, em que privilegiámos a análise dos enunciados verbais.

3.1 O processo interativo nas conferências de imprensa de futebol: as sequências de abertura, o corpo e a conclusão

As conferências de imprensa de futebol inscrevem-se nas trocas conversacionais de carácter institucional (cf. Drew & Hirtage, 1992), cujos papéis dos interlocutores aparecem já pré-definidos. Por outro lado, como qualquer interação verbal, estas conferências formam uma unidade comunicativa, baseada, também ela, numa continuidade interna.

As conferências de imprensa de futebol, enquanto interação, baseiam-se essencialmente em sequências, entendidas como um bloco de trocas

ligadas por um forte grau de coerência semântica ou pragmática (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p.56). Desenvolvem-se respeitando:

- (i) uma sequência de abertura;
- (ii) um corpo de interação
- (iii) e uma sequência de conclusão ou desfecho.

Fazem *parte da sequência de abertura* aspetos relacionados ao estabelecimento do contacto físico e aos rituais confirmativos. No caso das conferências de imprensa de futebol, o assessor de imprensa abre a sessão, ao saudar e ao passar, de seguida, a palavra aos intervenientes diretos: jornalistas e treinadores.

No entanto, sempre que o jornalista questiona os treinadores estabelece-se de novo esse contacto físico com os respetivos *atos confirmativos*, o que faz com que a arquitetura deste género seja *sui generis*, ao repetir constantemente tais atos ao longo do corpo da interação. A razão de ser radica no facto de os jornalistas pertencerem a entidades diferentes.

Tomemos alguns exemplos que coocorrem no excerto da conferência de imprensa 6:

Jornalista: “- boa noite, Ricardo (?), em direto para Abola TV! Com este resultado sente que o Benfica pode ter perdido os milhões, os muitos milhões da liga dos campeões do próximo ano, ou seja, ter entregue o segundo lugar ao Sporting?” / “Jornalista: “- boa noite, Rui Vitória, João Miguel Nunes RTP, com este empate o Porto sagra-se campeão. Pergunto-lhe se o FCPorto é um justo campeão este ano?” / “Jornalista: “- Rui Vitória, boa noite! Gonçalo Ferreira, em direto da SIC Notícias, foi muito crítico, não tanto nesta conferência de imprensa, mas sim na ‘flash’, os erros da arbitragem justificam esta que é uma das piores épocas da história do Benfica? [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

O corpo da interação ou desenvolvimento baseia-se, por sua vez, numa troca, entendendo-a como uma menor unidade dialogal (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996],p. 58), isto é, constituída por dois participantes (jornalista e treinador) e, concomitantemente, duas intervenções, formando um par adjacente, sendo a primeira intervenção *iniciativa* e a segunda *reativa*, como se apercebe em todos os excertos de conferência, com a exceção de algumas *trocas estendidas* (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p. 59) que coocorrem precisamente quando há desentendimento entre os intervenientes

como se verifica no corpo do excerto da conferência de imprensa [Cl. 6, RV-5.05.2018]:

Jornalista: - Rui Vitória, boa noite! Gonçalo Ferreira, em direto da SIC Notícias, foi muito crítico, não tanto nesta conferência de imprensa, mas sim na 'flash', os erros da arbitragem justificam esta que é uma das piores épocas da história do Benfica?"

Rui Vitória: "- aahh, quem é que disse isso?"

Jornalista: "- não disse nada."

Rui Vitória: "- ok! Mas há uma dedução que não é aquilo que não disse aqui há pouco. Aquilo que eu disse aqui há pouco foi factual em relação a este jogo. Não estejam a baralhar as coisas, porque não é isso que eu... e vou repetir aquilo que eu disse. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

As *sequências de conclusão* representam o desfecho da interação e marcam os agradecimentos, bem como as promessas de reencontro.

Em termos de tipologias textuais/discursivas, nas conferências de imprensa de futebol, prevalece o tipo dialogal, pelo que o discurso no corpo da interação se organiza em turnos, ou seja, a tomada de vez, assente no movimento de perguntas por parte dos jornalistas e respostas dos treinadores. Além disso, são notórias sequências de abertura e fecho, com a participação de vários interlocutores (jornalistas dos diferentes meios de comunicação social, treinadores, assessores do clube), sendo, por isso, um discurso poligerido.

3.2 Os pares adjacentes e as perguntas características nas conferências de imprensa

De acordo com a perspetiva da AC, a conversação implica uma alocação, uma interlocução e uma interação (cf. Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]).

A alocação resulta de o ato de falar com alguém, o que acarreta a necessidade de haver um locutor e um alocutário, ainda que este não necessite se manifestar.

A interlocução pressupõe, por seu turno, para além da existência de um locutor e um interlocutor, que haja troca.

Já na interação, além de um locutor, interlocutor e troca há que haver engajamento, isto é, cooperação ou envolvimento dos interlocutores na construção de sentido interacional.

Tratando-se de um género discursivo de carácter institucional, os papéis dos seus participantes aparecem pré-definidos, como vimos anteriormente. Aos treinadores é-lhes reservado o direito de resposta, enquanto aos jornalistas o de perguntas. Deste modo, estas conferências inserem-se na organização sintagmática das *trocias lineares* (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p. 60) baseadas em perguntas-respostas, assentes em pares adjacentes. Deste modo, a primeira intervenção é de iniciativa e a segunda reativa.

Nas conferências de imprensa, da perspetiva dos treinadores, enquanto locutores, sobressaem algumas modalidades de perguntas, a saber:

- (i) *perguntas confirmativas* – são questões antecidas de pedidos de informação, cujo objetivo é reiterar a informação dada anteriormente (cf. Dantas *et al*, 2012), como se verifica no excerto da conferência de imprensa [Cl.2- RV, 12.01.18], embora através do uso de sinónimos entre ‘ser campeão’ e ‘acabar a época a sorrir.’ “*Há duas épocas quando houve uma guerra de palavras com o treinador rival acabou por ser campeão. Acha que esta época acontecendo o que aconteceu vai acabar a época a sorrir, tendo em conta que quem ri por último ri melhor?*”
- (ii) *perguntas típicas* – geradas ao apelo à informação em que o locutor pretende ter acesso a informações (cf. Dantas *et al*, 2012) sobre determinados eventos. No caso das conferências de imprensa, estas são as questões que mais se verificam. Podemos apontar o exemplo do excerto da conferência 6:

Jornalista: - boa noite, Rui Vitoria, Pedro Neves de Sousa da CMTV, pergunto-lhe para uma equipa que precisava hoje de marcar aqui golos, não teve receio de pôr o Jonas mais cedo, o melhor marcador do campeonato, e aquele que disse ontem que era o melhor jogador do campeonato? [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

(iii) *perguntas direcionadas*, em que há um direcionamento pré-estabelecido de resposta (cf. Dantas *et al*, 2012) positivo ou negativamente, como se depreende deste exemplo do excerto da conferência de imprensa [Cl.1.-SC, 7.01.18]: “*Jornalista: -Sérgio Conceição, perguntava-lhe se o que esteve aqui a dizer tem um destinatário.*” [Cl.1.-SC, 7.01.18].

Estas são as três modalidades de questões que prevalecem nestes excertos de conferência, no entanto, dado o rumo dos acontecimentos, em muitas situações, os treinadores, a quem se reserva o direito de resposta, questionam também eles deliberadamente os jornalistas, alternando aqui os seus papéis. Configuram, assim, estratégias pragmáticas, quando não estão em sintonia com a perspetiva do jornalista, ou ainda quando querem confirmar o *dictum* anterior, denunciando, por seu turno, um grau máximo de envolvimento conversacional. Assim, notamos a presença de:

(i) *perguntas retóricas* com as quais não se visa obter resposta. Estas perguntas aparecem com frequência quando os treinadores não se encontram em sintonia com as observações dos jornalistas. *Vide* as questões das conferências de imprensa [Cl.2- RV, 12.01.18]:

Segunda parte da questão, segunda parte do preâmbulo, desculpe-me que vos diga: tenho visto agora nos últimos dias ‘haja respeito entre os treinadores’ haja eh...os treinadores têm que... mas eu faltei ao respeito a alguém? Mas eu faltei ao respeito a alguém? [Cl.2- RV, 12.01.18].

(ii) *perguntas com valor persuasivo* – são questões, cuja intenção é agir sobre o outro, influenciá-lo, de modo a aderir a perspetiva do locutor. Tais questões aparecem geralmente no interior da argumentação, como forma de reforço da persuasão. Vejamos exemplos do excerto da conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018], protagonizada por Abel Ferreira:

Há sites e blogues de futebol, absolutamente fantásticos, que falam daquilo que interessa, que é o futebol / o futebol jogado. E desde o primeiro dia que me sentei nesta cadeira/ **cadeira a qual**, foi o presidente António Salvador que me escolheu para estar aqui... eu me comprometi em valorizar o espetáculo. Lembrem-se da história do colibri? Alguém se lembra aqui da história do colibri? Alguém se lembra? Mas isso é preciso meter nos jornais. Não adianta num discurso de um minuto tirar só trinta segundos daquilo que eu disse. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

3.3 A negociação discursiva nas conferências de imprensa

Tomando o discurso na sua dimensão interacional face a face, tal como concebido por Goffman (1981), Sacks e Schegloff (1974), Roulet *et al* (1985, p.41)¹⁷ este é conceptualizado enquanto negociação resultante de duas modalidades de pressões: (i) a completude interacional e (ii) a completude interativa.

Os autores entendem que qualquer processo de negociação se inicia com um problema por parte do locutor que é posteriormente reclamado pelo interlocutor. Se a reação for favorável, o locutor fecha a negociação, exprimindo seu acordo. Assim, o processo de negociação resumir-se-á a três constituintes, efetivando a completude interacional, cuja satisfação de acordo mútuo possibilita o encerramento da interação. Se a reação do interlocutor for desfavorável, o locutor pretenderá certamente contrariar a reação desfavorável do interlocutor, pois não se operou a primeira completude, ou melhor, não se chegou a um acordo. Assim, opera-se, em muitas circunstâncias, uma interação complexa. Em termos idênticos, Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996], p.74) assegura que as trocas comunicativas são o lugar de batalhas permanentes para a alta posição (batalhas mais ou menos discretas ou alardeadas, delicadas ou brutais), quer se trate de trocas institucionalmente desiguais, nas quais os jogos de taxemas podem infletir e até mesmo inverter (pelo menos, provisoriamente) a relação de lugares iniciais.

Nas conferências de imprensa de futebol, por encontrarmos diferentes interlocutores, as interações não se resumem exclusivamente a um treinador e a um jornalista, mas sim a vários jornalistas da comunicação social, o que dificulta essa negociação discursiva. Por outro lado, por vezes, dado uma reduzida colaboração do treinador em termos comunicativos e, na

¹⁷ En effet, ce qu'on observe quand on étudie attentivement des conversations authentiques, c'est pas seulement une interaction, mais eune véritable négociation entre les interlocuteurs.

impossibilidade de o jornalista dispor da possibilidade de replicar, reformular ou contestar, porquanto cada um tem direito a uma questão, depreende-se a negociação através das questões colocadas pelos seus pares.

Após escutar a resposta do treinador, um outro jornalista pode aproveitar a deixa e formular ou reformular as questões precedentes, deixando antever uma polifonia de vozes (voz de si e do outro), por um lado. Por outro lado, é recorrente socorrer-se também de avaliações axiológicas do que foi proferido numa conferência de imprensa precedente, e o jornalista, como inquiridor, trazê-las à luz da apreciação do interlocutor que está a ser questionado, o que pode resultar em inesperadas reações. Tomemos como exemplo, o excerto da conferência [CI.5-JJ, 6.01.16]: “**Jornalista:** (?) - [...] *a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau caráter e mau colega.*” [CI.5-JJ, 6.01.16].

3.4 A delicadeza ritual e a delicadeza estratégica

Como vimos na caracterização das conferências de imprensa de futebol, este género pertence ao domínio institucional, com papéis bem definidos entre os seus atores, os quais atribuem legitimidade aos intervenientes. Os jornalistas são os responsáveis para questionar os treinadores e estes responderem às mais variadas questões, com maior tempo do uso da palavra, enquanto os assessores abrem e encerram o ato comunicativo, o que requer uma certa restrição, por exemplo, na abertura da conversação, na tomada de turnos, ou no fechamento das interações.

É natural, por isso, que antes das perguntas propriamente ditas se recorra a atos de delicadeza ritual, como a saudação inicial ou o agradecimento pela comparência dos interlocutores, o que poderá ser feito tanto pelos jornalistas, treinadores e assessores.

Estes atos de delicadeza encontram-se fixados socialmente e fazem parte dos rituais da interação institucional.

A este nível estamos no domínio da delicadeza ritual, na terminologia goffmaniana - *trocac confirmativas*-, sob forma de rituais de abertura e fecho: “**Jornalista:** - Rui Ribeiro, muito boa tarde, estamos em direto para a CMTV. Há duas épocas quando houve uma guerra de palavras com o treinador rival acabou por ser campeão.” [Cl.2- RV, 12.01.18]. “**Jornalista:** “- boa noite, Rui Vitória, João Miguel Nunes da RDP, com este empate o Porto sagra-se campeão.” [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

No entanto, durante as trocas, os atos de delicadeza podem ser negociados, dependendo da própria vontade do locutor que procura a colaboração do interlocutor, sua disponibilidade em escutá-lo ou prepará-lo para possíveis atos menos abonatórios. Aqui, encontra-se dentro do domínio da delicadeza estratégica:

Eu tenho respeito por toda a gente. Eu tenho respeito pelo nosso roupeiro. Tenho respeito, numa instituição, seja a minha, seja outra instituição rival. Tenho respeito pelos roupeiros adversários, rivais. Tenho respeito pelos vendedores de pipocas. Tenho respeito pelos treinadores.” / Ou: “Da minha parte haverá sempre respeito entre os treinadores. Uma coisa é divergências de opinião sobre jogos, outra coisa é achar que vale tudo. Da minha parte não vale tudo. Já ganhei e já perdi mas nunca ninguém me disse que ultrapassei limites em relação à função de treinador. Por isso não aceito que ultrapassem comigo. [Cl.2. - RV, 12.01.18].

3.5 Os ethè dos treinadores construídos no discurso

3.5.1 Ethos de arrogância

Nas modalidades discursivas mediáticas, nas quais há espaço para o dissenso e para a polémica verbal (cf. Amossy, 2017) em que há uma necessidade de desestabilizar e desacreditar o *outro*, com o intuito de tirar partido de determinadas situações, neste caso concreto, quando os treinadores das equipas adversárias são convocados pela cena de enunciação (cf. Maingueneau, 2006), emerge, através do discurso um *ethos* de arrogância ou de superioridade, o que nos permitiria afirmar que os treinadores de futebol podem assumir este tipo de *ethos* de arrogância e de superioridade. Para Marques:

Em termos discursivos, a acusação de arrogância resulta de uma imagem negativa construída pelo alocutário, que assim avalia o discurso do locutor; tem, portanto, uma natureza relacional, isto é, decorre da relação discursiva construída entre os interlocutores, marcada pela agressividade. Constitui-se como contradiscurso, potencialmente polêmico. (Marques 2008, p. 2).

Esta perspectiva de Marques (2008) clarifica a ideia de que a arrogância é suscitada pela agressividade verbal (ou não), pois ela pode ser potenciada tanto pelos recursos linguísticos como pelos paralinguísticos, como o tom da voz, os gestos, a alocação, interpretada pelo interlocutor.

Esta imagem de arrogância emerge, nas conferências, essencialmente quando o treinador de uma equipa adversária aponta as debilidades no outro, ameaçando as imagens pela evidência devido às suas qualidades negativas, como ocorre no exemplo do excerto [Cl.1. -SC, 7.01.18]:

Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'padre' e ele mete as mãos assim ((junta as mãos como se estivesse a rezar)). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Ainda que a arrogância se manifeste através da agressividade verbal, esta também pode ocorrer por atos de autoelogio, pois um locutor por mais sensato que seja, não deverá reduzir o seu discurso a esta tipologia de atos, sob pena de poder vir a ser julgado socialmente de forma negativa, ou melhor, perder a sua face positiva, pois ao fazê-lo, o seu comportamento alcança inversamente a face dos outros. Cabral (2020) é de parecer que desqualificar o outro pode ser uma estratégia para se enaltecer a si próprio. Contudo, Kerbrat-Orecchioni (2014 [1996]) chama-nos atenção sobre o uso desta estratégia, proferindo que:

[...] em nossas sociedades é mal visto vangloriar-se (mesmo merecidamente) e, isso em virtude de um princípio ao qual chamaremos, de *princípio de modéstia*; deve-se evitar, ao máximo possível, autoelogios, ou se, porventura, somos conduzidos a fazer o nosso próprio elogio, devemos absolutamente incorporar-lhe algum procedimento minimizador ou reparador. (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996], p. 96).

3.5.2. *Ethos competente*

Charaudeau (2005, p.96) é de convicção que “*l’ethos de compétence exige de quelqu’un qu’il possède à la fois savoir et savoir faire.*”¹⁸ Como em qualquer atividade profissional, os treinadores de futebol devem mostrar essas competências e deixar transparecer, por um lado, a imagem de um conhecimento sabedor relacionado à sua área socioprofissional e, por outro, serem capazes de convocar essas competências aquando da interação verbal. Todavia, não deverão ultrapassar a máxima da modéstia de Leech (1983), pelo que se o fizerem ou se mostrarem deliberadamente superiores ao outro estarão certamente a realçar o *ethos* de arrogância que, nas sociedades democráticas não é positivamente avaliado. É de bom-tom que as pessoas, numa relação interpessoal, deixem que as outras apreciem, por si próprias, o seu talento, as suas qualidades, ou melhor, a sua competência.

Pita & Pinto (2014, p. 150), ao investigarem os *ethè* dos políticos em Portugal e no Brasil, revelam que o *ethos* apresenta a prova da competência do político em executar as medidas propostas e do seu domínio sobre diversas matérias, materializando-se linguisticamente na primeira pessoa do plural, na passiva de estado e no pretérito perfeito do indicativo ou na perifrástica de continuidade.

Em posição contrária, quando alguém intencionalmente tenta descredibilizar o outro através de autoelogios e atos de arrogância verbal e, em resposta, como forma de exercer o contraditório, a tendência da pessoa visada é edificar um *ethos* humilde, em oposição ao anteriormente construído, demarcando-se do que lhe foi traçado, para mostrar ser diferente ou, então, responder, colocando no mesmo patamar, simetricamente, e continuar a alimentar (cf. Simonin, 2010) uma guerra verbal mediatizada. No caso das conferências de imprensa, as questões dos jornalistas, como veremos adiante são o combustível para essa polemicidade, o que acontece no excerto proferido por Jorge Jesus: “*A outra questão...Mau colega... Treinador...*

¹⁸ o *ethos* de competência exige que alguém possua conhecimentos e habilidades.

Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais... [Cl.5-JJ, 6.01.16]. Ou ainda esta passagem reproduziada por Rui Vitória:

Nós fizemos uma primeira parte de grande nível ahh... ahh ... a vir a uma equipa ...a casa de uma equipa forte...ahh ... e jogar a forma como nós jogámos na primeira parte ...foi uma/uma primeira parte de grande nível...poderíamos e deveríamos ter feito golos e não os fizemos, mas fomos uma equipa de carácter, uma equipa de/de grande entrega, de qualidade, a jogar com qualidade e... merecíamos/merecíamos ter ganho... É ... é evidente que defrontámos uma equipa de qualidade, isto não tira mérito àquilo que é equipa. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

3.5.3. *Ethos humilde*

Como proferido anteriormente, as sociedades democráticas privilegiam a modéstia em detrimento da arrogância, a simplicidade em prejuízo da prepotência ou da soberba. Por isso, para um indivíduo o *ethos* humilde patenteado no discurso é uma mais-valia.

No âmbito do futebol, cujas vitórias são o que conta, mostrar humildade, tanto nas derrotas como nos triunfos, será uma virtude do locutor. Assim, este *ethos* edifica-se quando um treinador demonstra, em ambas as circunstâncias, não ser nem pior nem melhor do que o adversário, isto é, encontra-se ao mesmo nível do colega de profissão, demonstrando cordialidade, respeito, simplicidade e honestidade para com o outro, o que, em geral, é uma atitude que acontece com mais raridade, malogradamente.

Esta imagem poderá ser construída através de atos de elogio ao adversário, do reconhecimento às suas competências reveladas em campo ou simplesmente distanciando-se de uma imagem de arrogância previamente erigida por um oponente, como podemos inferir nestes excertos do discurso de Rui Vitória e Conceição, respetivamente:

Já ganhei e já perdi mas nunca ninguém me disse que ultrapassei limites em relação à função de treinador.” / “Por isso que respeito um vendedor de pipocas...respeito um colega de trabalho, um treinador de futebol/um treinador de futebol, respeito um roupeiro. **Respeito verdadeiramente!** [Cl.3-SC, 14.01.18].

De acordo com Pita e Rosalice (2014, p.150), o *ethos* humilde traduz-se concetualmente no “reconhecimento dos erros, falhas e defeitos.”

Dado estas circunstâncias, em muitas situações, para que este *ethos* se torna operacional, o locutor deverá construir um discurso no qual em vez de se elevar verbalmente, deverá fazer o inverso, rebaixar-se, construindo o *ethos* de humildade. Aqui entra em cena a questão das submáximas de Leech (1983), referidas anteriormente, no capítulo sobre a delicadeza, traduzidas na maximização do benefício, custo, honra e modéstia do outro, em detrimento de si próprio. Pita & Rosalice (2015, p.150) adiantam que linguisticamente tal *ethos* se concretiza através do uso:

- (i) da primeira pessoa;
- (ii) do advérbio modal epistémico;
- (iii) da perifrástica *ter de* mais infinitivo com valor deôntico de obrigação.

3.5.4 *Ethos solidário*

A solidariedade consubstancia-se na vontade de estar em sintonia com o outro e compartilhar os mesmos valores e princípios do outro, ou seja, não o excluir. No caso dos treinadores do futebol, este *ethos* reconhece-se com a identificação do treinador com as preocupações do grupo, colocando-se no mesmo patamar dos outros intervenientes e, portanto, não se considerar

superior, nem inferior aos demais colegas de profissão. Deve compartilhar seus valores, ambições, ideais e dificuldades.

Para um treinador transmitir a imagem de solidariedade, basta associar-se às opiniões da classe e defendê-las em todas as circunstâncias, evitando demonstrar, no entanto, compaixão, como se verifica nesta passagem da conferência do treinador Abel Ferreira:

Elogiei o Rui Vitória. Elogiei o Sérgio Conceição e se vocês me perguntassem e porque eu não fujo à pergunta nenhuma, só me faltou elogiar aqui o Jorge Jesus que foi o meu treinador.” Ou ainda a de Sérgio Conceição: “Por isso que respeito um vendedor de pipocas, respeito um colega de trabalho, um treinador de futebol/um treinador de futebol, respeito um roupeiro. **Respeito verdadeiramente!** [Cl.4- AF, 18.01.2018].

3.5.5. *Ethos agressivo*

Este *ethos* edifica-se através de uma linguagem dominada por ataques *ad personam*, assente em insultos, críticas e agressividade verbais, cuja intenção passa-se por denegrir a imagem do outro, ou melhor, pôr em causa a sua imagem pública.

Esta modalidade de *ethos*, que se opõe ao de benevolência, é fruto de uma forma de um comportamento verbal que recorre, essencialmente, a ataques pessoais. Não se referindo à imagem, mas sim a atos de indelicadeza, há circuitos que privilegiam um discurso agressivo, como são o caso do político ou militar (cf. Culpeper, 1996) aos quais podemos associar igualmente às conferências de imprensa de carácter menos harmonioso.

Nas conferências de imprensa de futebol, o *ethos* agressivo pode manifestar-se sobretudo aquando das interações conflituosas. Não é por acaso que Teixeira (2011), ao examinar as capas dos jornais desportivos portugueses, em relação à vertente cognitiva da linguística, concetualiza o jogo de futebol como sendo uma guerra verbal, traduzida na metáfora concetual o jogo de futebol é uma guerra.

No entanto, dado o carácter da interação – institucional – não se traduz numa agressividade ilimitada pois há regras instituídas que podem inibir as declarações dos treinadores. Não é por acaso que muitos treinadores são punidos, com multas ou suspensões, por prestarem declarações menos

abonatórias à imagem do outro. Na verdade, há códigos de conduta do conselho de disciplina das federações que regulam os atos verbais mais agressivos os quais extrapolam o aceitável. Todavia, é evidente, em interações menos harmoniosas, atos de crítica, insinuações e agressividade verbais, como se depreendem dos excertos infra:

Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'pai' e ele mete as mãos assim ((junta as mãos como se estivesse a rezar)). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. [Cl.1. -SC, 7.01.18].

A outra questão... **Mau colega...** Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais... [Cl.5-JJ, 6.01.16].

E quando alguém for buscar ahh declarações ... a um minuto tirar trinta segundos quando estou com este casaco (demonstra o tamanho das mangas do casaco)) e a seguir tenho outro de manga curta ((aponta às mangas do casaco)), **vocês, jornalistas, vocês, jornalistas, são responsáveis por repor a verdade**. Tá entendido? E, eu não vou... sou coerente com aquilo que digo e aquilo que faço. A minha função aqui é ser treinador. Não quero entrar em novelas, nem em circos, porque não sou ator e nem palhaço. Sou treinador de futebol. Tá entendido? [Cl.4. -AF, 18.01.2018].

Estes três excertos representam FTAs, os dois primeiros relativos a críticas a terceiros ausentes, isto é, a colegas de profissão e o último à face dos interlocutores presentes, aos jornalistas, sob forma de insultos e ataques “*ad personam*”.

Nas conferências de imprensa de futebol, na maior parte das vezes, os atos de insulto são dirigidos a terceiros ausentes, sendo, por isso, considerados de acordo com a taxonomia de Martínez Lara (2009, p. 69) pouco ameaçadores (*'poco amenazante'*) pelo que servem para:

- (i) atacar, humillar y desacreditar la imagen positiva de un participante ausente;
- (ii) evaluar positiva o negativamente la imagen positiva de un participante ausente;
- (iii) evaluar la imagen positiva de cualquiera de los participantes presentes en la interacción y llamar la atención de los interlocutores.

3.6 Os ethè associados aos atos de delicadeza e de indelicadeza verbais no discurso polémico dos treinadores

No excerto de conferência - [CI.1-SC, 7.01.18] -, irrompe uma sequência discursiva na qual Conceição, treinador do futebol Clube do Porto, ataca a face de Rui Vitória, treinador do Sport Lisboa e Benfica, pondo em evidência a questão da delicadeza verbal. É visível que o locutor, inicialmente, sem identificar diretamente o alocutário, a quem são dirigidos os enunciados, ataca-o através de tropos (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]). Recorre a metáforas e imagens, agravando porém os atos através da reduplicação de itens lexicais, em forma de agravantes (Kerbrat-Orecchioni, (2014 [1996]), como ‘*é verdade*’, ‘*é verdade*’ e a enunciados para se distanciar do visado, como ‘*eu não sou desses*’, reforçados por códigos para-linguísticos, neste caso, por pistas de contextualização (Gumperz, 1982), como o juntar das mãos, em representação do modo padre e, por último, faz uso explícito do nome do alocutário, com estratégias positiva e negativa de indelicadeza (Culpeper, 2005) para atacar as faces do visado, como se constata no par adjacente pergunta/resposta: “*Jornalista: Sérgio Conceição, perguntava-lhe se o que esteve aqui a dizer tem um destinatário. Sérgio Conceição: - Tem/tem/tem! É para o Rui Vitória.*” [CI.1-SC, 7.01.18].

Ao analisar os eventos do encontro com o Vitória de Guimarães, razão da conferência, sobressai um discurso centralizado no “eu” no qual convoca, primeiramente, a sua própria voz, para projetar um *ethos* competente (cf. Pita, 2014, p.150) de uma pessoa coerente e frontal:

Sou frontal, digo aquilo que penso. Por isso é num contexto digo para deixarem os árbitros em paz, para depois justificar o dito com sequências contra-argumentativas: “mas também já disse e critiquei equipas de arbitragem. Aquilo que é o meu sentimento no momento, eu digo. Não tenho problema nenhum. [CI.3. -SC, 14.01.18].

Invoca, por outro lado, o conhecimento enciclopédico, saberes comuns (opiniões sobre a arbitragem) e outras vozes (cf. Fonseca, 1992), para reforçar a sua tese e dar maior credibilidade ao discurso anteriormente construído:

Não é a mando de alguém ou algo do género. Aliás, **vocês** sabem que eu até já entrei em confronto, salvo seja, com o nosso **diretor de comunicação** e posso entrar com o **meu presidente**. Sou livre e crescido, assumo a responsabilidade do que digo. [Cl.3. -SC, 14.01.18].

Aqui, é importante ressaltar que este discurso reporta a um antes da enunciação, o qual motiva, através do tropo comunicativo (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1992, p.213) uma crítica contundente a uma terceira pessoa, constringindo, deste modo, a face do visado:

Faz-me lembrar um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'pai' e ele mete as mãos assim (junta as mãos como se estivesse a rezar)). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. [Cl.1.-SC, 7.01.18].

Ao formular esta crítica através do tropo comunicativo, direcionada a uma terceira pessoa, inicialmente, não explicitada, viola deliberadamente os princípios de delicadeza verbal, permitindo-lhe construir uma imagem do *outrem* oposta à sua, fazendo com que os interactantes, os jornalistas, e terceiros, neste caso, os adeptos infiram que ele seja coerente, ao contrário, do visado, incoerente: “*Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social.*” [Cl.1.-SC, 7.01.18].

Ao socorrer-se de construções metafóricas “*Faz-me lembrar um boneco que o meu filho tem em casa (...)*”, o locutor distancia-se da personalidade do implicado descrita e constrói duas imagens completamente antagónicas, uma que, socialmente, pode ser avaliada de forma positiva, com os traços semânticos [+ coerente, + frontal, + autónomo], contrariamente à implicada com os traços [- coerente, - frontal, - autónomo]. Aqui, os atos de indelicadeza verbal e paraverbal não são para os interlocutores *in praesentia*, os jornalistas, mas *in absentia*, o treinador da equipa adversária. No entanto, o jornalista não escapa, também ele, a uma ordem, com valor impositivo, sem qualquer minimizador, o que coloca em causa a face negativa do visado e de quem profere o ato, através do verbo ‘*Siga!*’, no modo imperativo. Viola, por isso, os princípios de delicadeza de Brown & Levinson (1987 [1978]).

Ao atacar a face do treinador da equipa adversária, o locutor constrói, através do discurso uma imagem negativa do seu colega de profissão, por meio da desqualificação, atribuindo-lhe qualidades de uma pessoa que se deixa manipular, sem capacidade de decisão, ou seja, de livre-arbítrio, sujeita à imposição da vontade dos outros:

Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'padre' e ele mete as mãos assim (junta as mãos como se estivesse a rezar). [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Vê-se, claramente, de acordo com Culpeper (1996), que há um conflito de interesses, por isso, é importante impor a opinião. No entanto, ao descredibilizar o outro, através de recurso a atributos negativos, também o sujeito enunciador revela um *ethos* de arrogância, pois mostra falta de modéstia ao se revelar ser diferente e superior ao colega de profissão: “*Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social.*” [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Em termos pragmáticos, a seleção das estratégias de indelicadeza negativa (Culpeper, 1996), neste caso, de indelicadeza explícita ou direta, como o ataque *ad hominem*, sob a forma de invasão do território do outro, primeiramente metaforicamente, a seguir literalmente, associando o *outro* a aspetos negativos e personalizando o ato, está em sintonia com o que é preconizado por Amossy (2017) como desqualificação do outro, enquanto característica do conflitual ao serviço da construção da polemicidade. Esta desclassificação veicula a intenção de denegrir a imagem do outro e tirar partido de uma situação num tempo futuro, a luta por objetivos comuns, a conquista do título de campeonato.

Em resposta ao ataque à sua imagem, no excerto da conferência de imprensa [Cl.2- RV, 12.01.18], já na posse de uma *doxa* comum, Rui Vitória não se identifica com o discurso avaliativo proferido e contrapõe ao que lhe foi dirigido anteriormente. Assim, opostamente a Conceição, opta por se distanciar da imagem que lhe foi precedentemente criada. Primeiramente, tenta afastar-se da polémica, ao lembrar a origem da mesma: “[...] *este episódio não começou aqui, não começou aqui, mas da minha parte termina aqui hoje.*” De seguida, por meio de duas perguntas retóricas, demonstra não ter faltado ao respeito ao colega de profissão: “*Mas eu faltei ao respeito a alguém? Mas eu faltei ao respeito a alguém?*” [Cl.2- RV, 12.01.18], para depois invocar a sua história de vida, realçando o seu percurso de trabalho à base do esforço e humildade, como forma de legitimar o seu discurso e criar um *ethos* abonatório à sua própria pessoa:

Subi a pulso, agarrando as oportunidades, deixando amigos em todos os clubes, cheguei aqui dessa maneira e assim vou continuar a ser. Falo quando quero e da forma como quero. Sei o clube que represento e a responsabilidade que tenho. Não aceito de forma leviana que alguém diga que se faltou ao respeito. Da minha parte haverá sempre respeito entre os treinadores. Uma coisa é divergências de opinião sobre jogos, outra coisa é achar que vale tudo. Da minha parte não vale tudo. Já ganhei e já perdi, mas nunca ninguém me disse que ultrapassei limites em relação à função de treinador. [Cl.2- RV, 12.01.18].

Como se verifica, nos excertos [Cl.1. -SC, 7.01.18] e [Cl.2- RV, 12.01.18], criaram-se dois *ethè* resultantes dos discursos proferidos, os quais podemos esquematizar da seguinte forma:

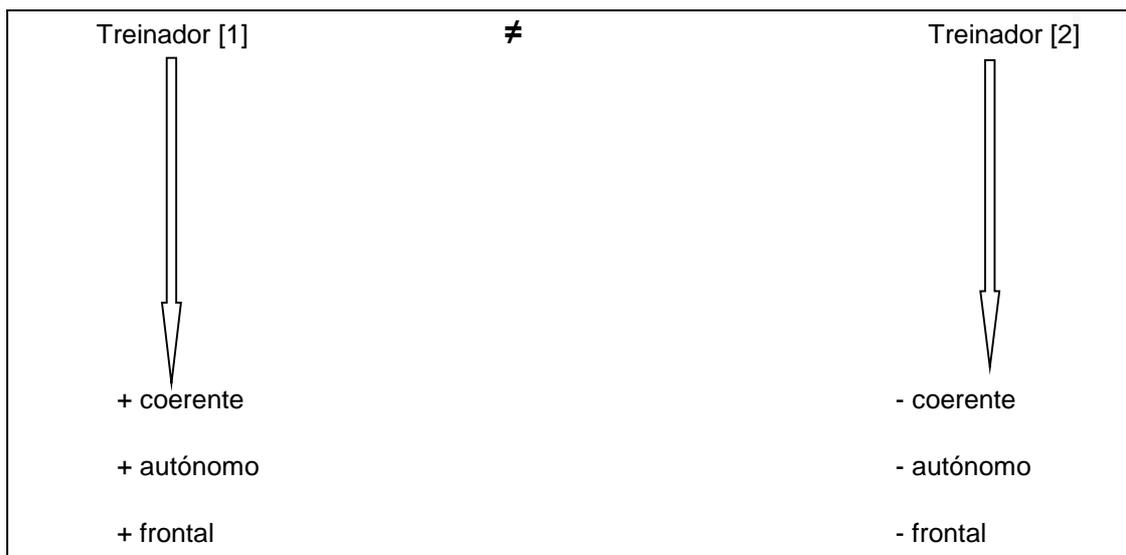


Figura 5- Ethè dos treinadores construídos no discurso (nossa autoria)

Estes *ethè*, por serem construídos com base na polarização do discurso (Amossy, 2017), uma característica basilar do conflitual, pressupõem automaticamente a projeção de uma imagem inversa da do treinador em causa, que poderá ser inferida através da tese: se eu sou (x), o outro é (- x), isto é, inversamente proporcional, pois os atributos conferidos são contrários, resultantes do discurso agonístico. Projetam-se, com efeito, as imagens do *ego* e do *alter* da seguinte forma:

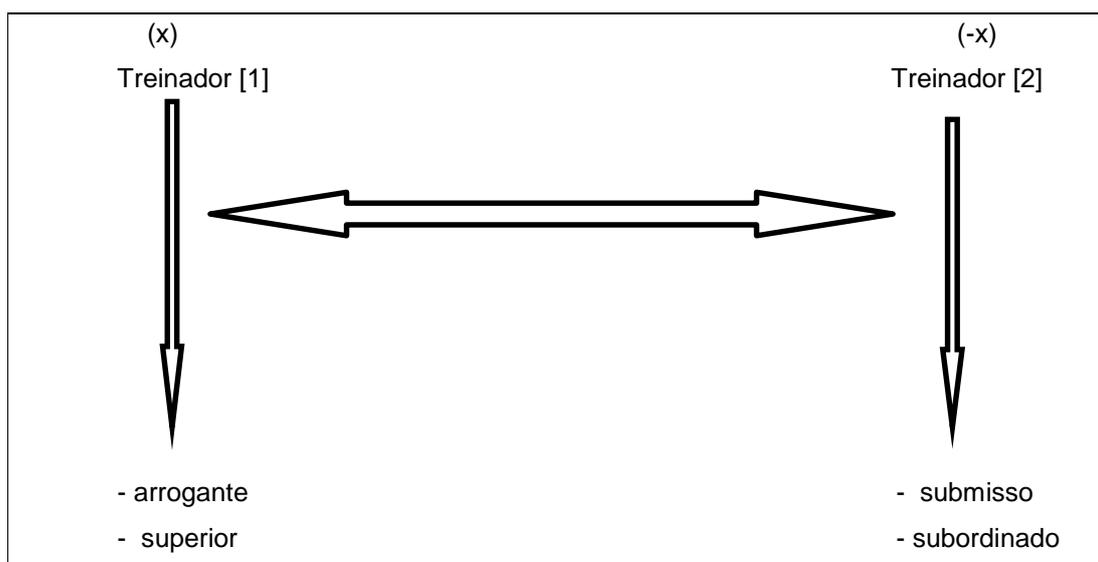


Figura 6 - Ethè dos treinadores construídos no discurso (da nossa autoria)

Instigado pelos jornalistas, a pronunciar-se sobre se as suas palavras tinham um destinatário, Conceição não hesita em referir Rui Vitória, treinador do Benfica: “- *Tem, tem, tem. É o Rui Vitória.*” [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Com a identificação do referente explícito, o que analisámos anteriormente como *tropo comunicacional* deixa de o ser e transforma-se numa crítica direta, a qual ganha dimensão de ofensa e injúria, pois ameaça ainda mais a face de Rui Vitória, invadindo declaradamente o seu território.

Ao aproveitar o espaço de interação, que serviria para abordarem os eventos do jogo com o adversário, em campo, Conceição, ainda que inicie a sua análise nesta perspetiva, altera subitamente o rumo discursivo, trazendo para o centro das suas apreciações, Rui Vitória. Tal estratégia assumida é uma forma de desestabilizar um concorrente direto à luta pelo título de campeão de futebol português. Ao fazê-lo, desta forma, porque a “atividade de fala” (Gumperz, 1982) lhe permite – “falar de futebol”, aproveita os diversos meios de comunicação social presentes para poder disseminar o discurso construído, o que lhe possibilita atingir o seu propósito comunicativo. Aqui, não devemos olvidar que as palavras têm poder. Porém, essas mesmas palavras, intensificadas pelo tom crítico e pelos gestos, como “pistas de contextualização” (Gumperz, 1982), agravadas pela identificação explícita do referente, Rui Vitória, e associadas ao estatuto que o locutor ocupa na sociedade, treinador de um histórico clube do futebol português, poderão reverter a seu desfavor e pôr em causa a autoimagem edificada. Aliás, na interação verbal, optar por uma linguagem de confronto, em detrimento de uma harmoniosa, tem sempre os seus custos e benefícios (cf. Leech, 1983; Simonin, 2010).

A segunda relaciona-se com o discurso emotivo (cf. Günthner, 2011), evidenciado pelas figuras de linguagem utilizadas, a metáfora e a imagem, a negrito, e pela repetição (Tannen, 1989, p.101) dos mesmos itens lexicais, que são também tidos como *mecanismos de envolvimento conversacional* (Gumperz, 1982; Tannen 1989). Neste excerto, podemos apontar os seguintes exemplos: “**Faz-me lembrar um boneco** que o meu filho tem em casa que **não tem expressão**, mas depois **tem um botão para ‘agressivo’**,

carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos / (...) *“Tem, tem, tem: é o Rui Vitória.”* [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Este discurso, com traços de emotividade, é denunciado também pelos picos da entoação, revelados prosodicamente pela reiteração de palavras monossilábicas oxítonas, como *“sou”, “tem”, “não”*. *“Eu.”* [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Na sequência desta conferência de imprensa, emerge outra, agora como protagonista Rui Vitória, que convidado a pronunciar-se sobre o discurso proferido a seu respeito, não querendo responder, retorquiu, utilizando uma estratégia discursiva, primando pela elevação enunciativa. Primeiramente, abre a conversação com dois preâmbulos, como o mesmo afirma, em forma de tese, os quais guiam toda a sua argumentação discursiva, atribuindo-lhe coerência macrotextual (cf. Fonseca,1992), para se defender daquilo que é acusado: *“Faço um preâmbulo: este episódio não começou aqui, mas da minha parte termina hoje. Segunda parte do preâmbulo: tenho visto 'haja respeito entre os treinadores.”* [Cl.2- RV, 12.01.18].

Com a primeira sequência discursiva, desresponsabiliza-se do evento narrado *“este episódio não começou aqui, mas da minha parte termina hoje”* cujos deícticos espaciais, temporais e enunciador *“aqui / hoje/ eu”* deixam implícitos os *“acolá / ontem/ tu”* para demonstrar o *locus*, o momento e o enunciador/foco do problema, neste caso, o causador do tema em discussão. De seguida, convoca outras vozes, embora não identificadas, ***“tenho visto 'haja respeito entre os treinadores”***, as quais, por um lado, conferem maior vivacidade e autenticidade ao acontecimento narrado (cf. Macaulay, 1987) e, por outro, servem-lhe de suporte para as suas investidas discursivas com vista a sua autodefesa, em que a reiteração desta pergunta-retórica é um exemplo manifesto *“mas eu faltei ao respeito a alguém?”*, para depois, a partir de um conjunto de sequências, justificar e avaliar o assunto em pauta, porém rejeita usar palavras ofensivas, como fez o seu oponente, criando, deste modo, o *ethos* de uma pessoa equilibrada e responsável.

Ao assumir esta estratégia discursiva, sugere que os interactantes – jornalistas - infiram que ele seja distinto, isto é, tendo a oportunidade de responder, de forma simétrica, recorrendo também a palavras ofensivas, opta pela delicadeza verbal, deixando implícito, através de uma *inferência conversacional* (Gumperz, 1982) esta ideia: *Não sou grosseiro, como ele, por isso, recuso-me a usar palavras indelicadas para lhe responder.*

Embora utilize um discurso pedagógico, assente em enunciados como *“nunca passei determinados limites” / “Da minha parte haverá sempre respeito entre os treinadores”*, reiteradamente justificados, faz uso, de sequências avaliativas, como expressão do tipo *“intervenção leviana”*, *“a minha postura há de ir comigo até ter a minha demência e é assim que vou ganhar mais vezes”* devido ao conhecimento já partilhado. [CI.2- RV, 12.01.18].

Finalmente, Rui Vitória, ao apropriar-se de sequências avaliativas, como conclusão da sua argumentação, recorrendo ao *dictum* anterior à enunciação, demonstra por meio de inferências, ter compreendido o propósito comunicativo de Conceição:

Há duas semanas avisei o que estava em causa. Isto é um alvo ao Benfica e os benfiquistas já entenderam isso. Em relação a mim, reafirmo que não faltei nem faltou ao respeito, a minha postura há de ir comigo até ter a minha demência e é assim que vou ganhar mais vezes. Não pedi a ninguém para estar aqui. [CI.2- RV, 12.01.18].

As estratégias adotadas para a eficácia interativa e discursiva, pelos treinadores, face às questões dos jornalistas, permitiram-lhes posicionar-se de forma diferente. Numa primeira, Conceição, numa toada ofensiva, tenta descredibilizar Rui Vitória, construindo-lhe uma imagem negativa perante os outros, enquanto auto-constrói a sua positivamente, como sendo uma pessoa frontal e coerente, atributos apreciados socialmente. No entanto, já na posse de uma *doxa comum* (Fonseca, 1992), Vitória faz valer a delicadeza verbal, através do poder da palavra e obriga Conceição, a retratar-se, porquanto está em causa o seu crédito social, tratando-se de uma pessoa que deverá primar pelo respeito pelo outro. O seu estatuto social, treinador de um grande clube, assim o obriga. Por isso, a razão dos atos de pedido de desculpa ao seu colega de profissão, numa terceira

conferência de imprensa, com sequências de justificação como troca reparadora (Kerbrat-Orecchioni 2014, [1996], p. 129), reforçando a ideia defendida por Almeida (2012, p.15) a partir de Diamond (1996, p. 1) que os constrangimentos da fala são os do relacionamento social.

Tal constatação, verifica-se através de sequências de justificação em que Conceição tenta redimir-se não dos danos causados à imagem do seu colega de profissão (vide excerto de conferência [Cl.3. -SC, 14.01.18]), mas defender os seus argumentos anteriormente proferidos, com pedidos de desculpas sob forma de realizações implícitas (Kerbrat-Orecchioni [1996], 2006, p.130), manifestadas essencialmente por:

- (i) **meio da descrição do estado de alma:** *“eu lamentei que um exemplo menos feliz da minha parte”; “[...] Eu assumi a responsabilidade daquilo que disse, e vim aqui depois daquilo que eu disse, do exemplo que dei, menos feliz e disse que lamentava.”;*[Cl.3.-SC, 14.01.18].
- (ii) **justificação da ofensa:** *“[...] Se eu mandar umas indiretas, não posso assumir essa...essa ... eehh... essa responsabilidade daquilo que digo, porque acabo por não dizer, porque há algo no ar, algumas coisas no ar, eu não sei quê! ((Levanta os braços, gesticulando-os.)) Eu não! Eu assumo essa responsabilidade de vir aqui.”* [Cl.3. -SC, 14.01.18]. Vê-se que em vez de o fazer diretamente põe tónica na justificação dos seus argumentos, a qual mitiga e permite o locutor distanciar-se do *dictum*.

Todo o excerto da conferência [Cl.3. -SC, 14.01.18] possui, na verdade, um efeito mitigador ou reparador (Briz, 2013) do FTA proferido anteriormente, servindo para atenuar os atos ilocutórios mais ameaçadores, embora sejam ainda notáveis alguns agravantes (Kerbrat-Orecchioni [1996] 2006, p. 91) dado, por um lado não assumir na totalidade o pedido de desculpas:

[...] **Não é desculpa nenhuma. Não tenho de pedir desculpa nenhuma! Não tenho de pedir desculpa a ninguém! Eu lamentei ... um exemplo menos feliz que levou a que as pessoas ... que fosse quase um ... parasse Portugal... e eu vi assim ontem nos telejornais uma revolta, uma resposta [...]**". [Cl.3. -SC, 14.01.18].

Por outro lado, tem dificuldades em personalizar este pedido de desculpas, ou seja, de o efetuar explicitamente à face do referente do discurso. Vê-se que, em vez de o fazer diretamente, coloca a tónica na justificação dos seus argumentos, permitindo ao locutor distanciar-se do *dictum*, por um lado, e estabelecer o equilíbrio interacional, por outro.

Entretanto, para criar um *ethos* humilde, contrapondo a imagem antes edificada, demonstra o respeito por todas as classes profissionais, desde as mais humildes às mais ostentosas:

Eu tenho respeito por toda a gente. Eu tenho respeito pelo nosso roupeiro. Tenho respeito, numa instituição, seja a minha, seja outra instituição rival. Tenho respeito pelos roupeiros adversários, rivais. Tenho respeito pelos vendedores de pipocas. Tenho respeito pelos treinadores. Tenho respeito pelos presidentes. Tenho respeito por toda a gente. [Cl.3. -SC, 14.01.18].

De seguida, para tornar credível o dito, refugia-se na sua história de vida para demonstrar o seu percurso como profissional, amenizando assim o FTA:

[...] Eu, tudo aquilo que consegui, como jogador, vocês sabem disso, que eu não sou nenhum "yes man", não faço parte de /de ... dessa/ desse grupo de pessoas ... que ...que... que sou mais dado a dizer sim do que por vezes não. Eu, não! Eu digo o que sinto, o que penso. Fui assim sempre como jogador. **Fui assim sempre como treinador desde quando comecei como adjunto na Bélgica.** Ok! E que cheguei ao patamar em que cheguei. Ao FC Porto. Ponto. Não há mais nada a dizer sobre isso." [Cl.3. -SC, 14.01.18].

Aqui, é importantante lembrarmos Leech (1983) ao proferir que os atos se avaliam em termos de custo ou benefício, supondo o seu cumprimento pelo emissor e recetor.

Assim, considera-se a ação mais indelicada quanto maior é o custo para o interlocutor e menor seu benefício. Por outro lado, é mais delicada quanto maior for o custo para o locutor e maior o benefício para o interlocutor.

Estes excertos analisados representam aquilo que Schiffrin (1994) concetualiza de “inerentemente uma atividade interativa na qual o que uma pessoa diz e faz é duplamente uma resposta a palavras e ações anteriores, servindo de base para futuras ações e palavras” e, portanto, construindo este jogo de acusação e defesa da imagem de um e do outro. Deste modo faz todo o sentido, a *teoria interpretativa* de Gumperz (1982).

Na verdade, Gumperz (2002, p. 32), numa entrevista concedida à Revista *Palavra*, defende que a sua pesquisa busca dar conta tanto dos processos interpretativos ao nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários, das ideologias linguísticas e de como eles fazem parte do insumo para os processos inferenciais que determinam os julgamentos de sentido.

Relativamente ao excerto da conferência [CI.4- AF, 18.01.2018], após uma questão provocadora do jornalista, que põe em causa a honorabilidade e o profissionalismo da equipa por si treinada, o Sporting Clube de Braga, ameaçando gravemente a face do interlocutor, Abel Ferreira, o treinador da equipa, começa, primeiramente, por elogiar o número de adeptos da sua equipa e, de seguida, a justificar o resultado da partida, socorrendo-se dos eventos do jogo, para depois, mudar o rumo discursivo, e criticar veementemente a positiva da classe dos jornalistas.

Este excerto representa em termos macrotextual um FTA a esta classe profissional, com recurso a atos de ironia:

Os jogos ganham-se dentro do campo. Os campeonatos ganham-se dentro do campo. E é dentro do campo que eu quero competir. Não é aqui! Eu aqui não quero competir com ninguém. Aqui ao microfone não quero competir com ninguém!”, para posteriormente se dirigir diretamente aos jornalistas e criticá-los abertamente, agravando ainda

mais a sua face negativa: “**E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me**, porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica. Tem que dizer a verdade. O bom jornalista é aquele que diz a verdade.” [Cl.4- AF, 18.01.2018].

No excerto [Cl.4- AF, 18.01.2018], verifica-se, ainda, um constante uso de marcadores verbais de distância explícita (Kerbrat-Orecchioni, [1996], 2014: 68-69) através de expressões: “*apesar de não termos relações pessoais*” ou por meio da forma de tratamento formal “*vocês*” (cf. Villalva: 2003) ou de deferência (cf. Marques, 1995), como se comprova no excerto: “**E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me** [...]” - [Cl.4- AF, 18.01.2018] - que serve, neste contexto, por um lado, para marcar o descontentamento do locutor relativo à questão do jornalista que ameaçou a sua face, pondo em causa a honorabilidade do clube por si representado e, por outro, como estratégia de distanciamento e de deferência em relação ao outro (cf. Gouveia, 2008).

No que diz respeito aos valores sociopragmáticos das formas de tratamento, com base na ideia de que a sociedade se articula entre duas forças, Brown e Gilman (1960) distinguem as de poder, que expressam uma relação assimétrica de poder dos interlocutores, marcando a sua superioridade ou inferioridade (*tu / você vs. o senhor*). Tais marcadores demonstram uma relação de divergência entre os interlocutores. Aliado a estes marcadores verbais, acrescem os paraverbais que dizem respeito à intensidade vocal na conversação (vide todas as passagens a negrito, no excerto 4, por exemplo).

Estes mecanismos linguísticos e paralinguísticos, pragmaticamente traduzidos em atos de crítica e de desaprovação, representam uma forma de refutação da sequência avaliativa presente na questão levantada pelo jornalista.

Constatamos, também, sequências de justificação, as quais especificam as do tipo: “***Vocês trabalham comigo e admiram-me, porque***

para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica, ou “Não quero entrar em novelas nem em circos, porque não sou ator e nem palhaço.” [Cl. 4. - AF, 18.01.2018].

Estas sequências de justificação, segundo Fonseca (1996:87) *apud* Almeida (2015, p. 6-7) funcionam, no discurso como sendo um ato de natureza sequencial. Acabam por justificar as razões que explicam a situação retratada pelo entrevistado e constituem uma forma de minimizar as ameaças da sua própria face positiva visada pela primeira asserção de resposta.

Um outro aspeto que diferencia este excerto dos outros já analisados tem que ver com a interação face a face. Ao contrário dos outros em que os atos de crítica, insinuação e de desaprovação eram direcionados a terceiros ausentes, cujos atores eram convocados, aquando da interação, neste, os atos operam-se diretamente à face dos jornalistas.

O excerto de conferência [Cl.5-JJ, 6.01.16] representa, por sua vez, um macro FTA, sob forma de indelicadeza negativa (Culpeper, 1996) em que Jesus ataca a face de Rui Vitória. Mais uma vez, este excerto tem como referente uma terceira pessoa, não os interlocutores do quadro interativo em presença, mas o colega de profissão que luta pela conquista de objetivos comuns, o campeonato de futebol, ou seja, tais atos visam o poder, ser vencedor.

Após uma questão, sob forma de avaliação pejorativa do interlocutor: “**Jornalista: (?) - [...] a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau carácter e mau colega.**” [Cl.5-JJ, 6.01.16]. Jesus responde inicialmente tecendo considerações sobre os eventos do jogo para depois visar abertamente à face do colega.

Primeiramente, invoca o saber fazer, isto é, o *ethos competente* para minimizar os comentários do adversário, como se apercebe nesta passagem:

Em relação ahhh... ao meu colega, eu tou obcecado/tou obcecado pelo Benfica, tou obcecado pelo Porto, tou obcecado por todos os meus adversários e, **principalmente, pelos dois rivais que sei que vão estar na luta direta para a conquista deste/deste campeonato. E, portanto, procuro, não é? Tar cada vez mais esta opção, e esse conhecimento, para quando/quando for a quarta vez voltar a ganhar e ser quatro**

vitórias. Essa é a minha opção em relação aos adversários. [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Posteriormente, constrói no discurso um *ethos de superioridade*, recorrendo a estratégias de indelicadeza positiva e negativa (Culpeper, 1996) para atacar abertamente a face do colega de profissão, descredibilizando-o: “A outra questão... **Mau colega...** Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais...” [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Com estas estratégias, ignora-o, isto é, exclui-o de uma atividade comum, negando-lhe o mesmo território. Fá-lo sentir-se desconfortável, pois ao não o reconhecer como pertencente à mesma classe, minimiza-o e desacredita-o. Lembremo-nos Marques (2008a, p. 285) ao afirmar que “a agressividade de falar do alocutário sem lhe falarmos, tira-o da relação interlocutiva, desclassifica-o.”

Relativamente a uma mesma atividade profissional, quando um colega não reconhece o outro com competências para exercer o cargo, faz o outro sentir desconfortável, porém em situação inversa põe em risco também ele a sua face, pois viola a máxima de modéstia de Leech (1983).

3.7 Polifonia de vozes e construção de um ethos de credibilidade

Nas conferências de imprensa de futebol, um outro aspeto que nos possibilita verificar a construção de sentido é precisamente a pluralidade de vozes convocada pelos treinadores aquando das interações mais conflituosas, tornando o discurso polifónico.

Como nos relembra Fonseca (1992, p. 277), é no discurso onde várias vozes se orquestram, apoiando-se ou digladiando-se, num jogo de interlocutivo e interativo diversificado. Neste caso, não somente no sentido do eixo discursivo dominado pela correlação global entre um EU - jornalista e um TU-treinador, marcas macro da enunciação, porém do encaixe ou irrupção no

discurso de um dado locutor de outras enunciações, outros discursos/discursos dos outros (cf. Fonseca, 1992, p.274).

Na verdade, a própria voz do locutor funda-se em outras vozes, fazendo com que a linguagem se torne polifônica, perspectivando, assim, diferentes pontos de vista. Apercebe-se, assim, de uma heterogeneidade enunciativa (Fonseca, 1992), resultante da conjugação de vozes que se dão ao ouvir ou se fazem ouvir, ou mais especificamente, o que Fonseca (1992) designa de '*discursos no discurso*', isto é, do encaixe ou irrupção no discurso de um dado locutor de outras enunciações, outros discursos/discursos de outros, ou então o que Cabasino (2010, p. 2) prefere denominar por '*dialogismo interdiscursivo*', que consistiria numa espécie de '*diálogo interno*', através do qual os argumentos do sujeito são elaborados, mobilizando diferentes pontos de vista." Tomemos algumas passagens de excertos de conferências de imprensa:

O bom jornalista é aquele que diz a verdade. E nós, hoje em dia, temos grandes programas que falam **do futebol, jogado. Fantásticos!** Com ex-jogadores, com ex-treinadores, com grandes jornalistas que falam do futebol jogado, com gênero feminino e **com gênero masculino. Fantásticos!** Em que eu vejo, ouço e sei que a crítica ou o elogio é isento. **Há sites e blogues de futebol, absolutamente fantásticos,** que falam daquilo que interessa, que é o futebol / o futebol jogado. E desde o primeiro dia que me sentei nesta cadeira/ **cadeira a qual,** foi o presidente António Salvador que me escolheu para estar aqui... eu me comprometi em valorizar o espetáculo. Lembrem-se da história do colibri? Alguém se lembra aqui da história do colibri? Alguém se lembra? Mas isso é preciso meter nos jornais. Não adianta num discurso de um minuto tirar só trinta segundos daquilo que eu disse. E vocês estavam aqui comigo. Vocês estavam aqui comigo. O jornal A Bola, O Record e O Jogo, o que deviam fazer para a verdade desportiva era pôr o discurso que o treinador Abel Ferreira teve. Só me faltou elogiar o Jorge Jesus. Elogiei o Rui Vitória. Elogiei o Sérgio Conceição e se vocês me perguntassem e porque eu não fujo à pergunta nenhuma, só me faltou elogiar aqui o Jorge Jesus que foi o meu treinador. Só faltou elogiar esse. E vocês / e vocês para serem grandes jornalistas não precisam ser polémicos. Eu para ser grande treinador não preciso andar à procura de polémica. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Todo o excerto, proferido por Ferreira, não deixa de revelar outras vozes - as dos bons jornalistas, da imprensa desportiva: *A Bola, O Record e O Jogo*, bem como as dos treinadores rivais – Sérgio Conceição, Rui Vitória e Jorge Jesus, entre outros, como a do Presidente do clube, António Salvador.

Tais vozes servem, na verdade, para legitimar o discurso do locutor Abel Ferreira e angariar a sua credibilidade, como profissional antes posta em causa pela pergunta do jornalista:

[...] **Jornalista:** - Abel, após a exibição frente ao Benfica, o Braga foi acusado de ser/ de ter sido uma equipa pouco apática comparativamente a outros jogos. O que eu lhe pergunto se isso é algo que preocupa o Abel e se espera uma resposta forte após as críticas que foram feitas após o jogo feito pelo Benfica. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

O mesmo se verifica nesta outra passagem da conferência [Cl.5-JJ, 6.01.16], com Jesus, ao questionar os jornalistas sobre o *dictum* do seu adversário para poder desresponsabilizar-se das qualidades depreciativas, sob forma de insulto, que vai, de seguida, atribuir ao colega de profissão, desvalorizando-o ao designá-lo, inferencialmente, por incompetente:

Jornalista: (?) - [...] a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau caráter e mau colega. **Jorge Jesus:** - disse essas três questões? Se eu perguntar porque eu não posso responder... Disse? Disse? Aahh [...] A outra questão... **Mau colega...** Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais... [Cl.V-JJ, 6.01.16].

Aqui, convoca a voz do outro e constrói uma imagem negativa do colega de profissão, diminuindo-o profissionalmente. Neste caso, em concreto, recorre a uma estratégia de indelicadeza negativa, pois ao desprezar o outro, enfatiza o seu poder relativo. Exclui-o deliberadamente do processo comunicativo, ao não o considerar um elemento pertence à mesma classe profissional. Porém, ao ser indelicado, desresponsabiliza-se, na medida em que se refugia no *dictum*, não só do jornalista “- disse essas três questões? Se eu perguntar porque eu não posso responder.... Disse? Disse?”, como no do colega, de modo a responder simetricamente, legitimando a crítica, pois contesta a uma avaliação axiológica negativa que lhe foi tecida anteriormente, ao ser qualificado como ‘*mau colega*’ e ‘*mau caráter*’. Ameniza, por conseguinte, o ato de arrogância ou de superioridade em relação à terceira pessoa visada, ao convocar a voz do outro, através do

discurso direto citado (Macaulay 1987), reduzindo o grau de responsabilidade sobre as suas avaliações proferidas como resposta à questão do jornalista.

Tomemos um outro exemplo do discurso citado (*vide* excerto de conferência 6), em que Rui Vitória recorre à voz da arbitragem para contestar o desempenho dos juízes:

Não falei de mais nada. Não foi do campeonato nem menos campeonato. E aí que eu me vou cingir. Hoje de manhã há uma reunião preparatória, para quem não possa estar devidamente informado. Há uma reunião preparatória em que está a equipa da arbitragem, estão as equipas, com os seus responsáveis ...ahh... e que o árbitro acaba por dizer quais são algumas das diretrizes para o jogo, e a transmitir que dura o tempo ... mais coisa ou menos coisa (eu não estive lá, mas ele não me vai desmentir), dura o tempo que durar, se nós tivermos que analisar qualquer lance que haja para analisar, vamos analisar. Dura o tempo que durar! Diz-se isto de manhã, à tarde por que não se faz, à noite? [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

Nesta passagem o locutor, Rui Vitória, convoca a voz do outro, a da equipa da arbitragem, em forma de *discurso direto citado* (Macaulay, 1987): ‘o árbitro acaba por dizer quais são algumas das diretrizes para o jogo, e a transmitir que dura o tempo ... mais coisa ou menos coisa (...) dura o tempo que durar, se nós tivermos que analisar qualquer lance que haja para analisar, vamos analisar. Dura o tempo que durar!’ [Cl. 6, RV- 5.05.2018], para recordar os eventos passados, o que lhe permite validar os seus atos de crítica à equipa de arbitragem. Na verdade, como nos lembra Macaulay (1987) o *discurso direto citado* atribui vivacidade à narrativa, conferindo autenticidade e validação da história. Neste caso, o locutor ao utilizar esta estratégia discursiva, reforça a sua tese perante o alocutário, anulando a responsabilidade do que se diz, enquanto aumenta a responsabilidade da pessoa visada, sendo neste contexto, um reforço ao ato de crítica à equipa da arbitragem, agravada pela pergunta retórica: ‘Diz-se isto de manhã, à tarde por que não se faz, à noite?’

3.8 Histórias de vida como estratégia de legitimação do discurso

As breves histórias de experiências de vida (Flannery, 2011) também são convocadas no âmbito dessas interações orais, como *estratégias de captação* (Charaudeau, 2014, p. 144) e envolvimento do alocutário, principalmente quando o locutor sente a sua imagem ameaçada. Vejamos três exemplos seguintes, extraídos dos excertos: [CI.2- RV, 12.01.18], [CI.3-SC, 14.01.18] e [CI.4- AF, 18.01.2018], cujos treinadores intervenientes são Rui Vitória, Sérgio Conceição e Abel Ferreira, nesta ordem cronológica:

(...) Subi a pulso, agarrando as oportunidades, deixando amigos em todos os clubes, cheguei aqui dessa maneira e assim vou continuar a ser. Falo quando quero e da forma como quero. Sei o clube que represento e a responsabilidade que tenho. [CI.2. - RV, 12.01.18].

Mas ando no futebol **há vinte e um anos! Enquanto jogador, não tive/um problema com um treinador. Um!** E quando os tinha fazia como os homens fazem. Não preciso mandar recados. Falo pessoalmente. Não tive **um problema**, enquanto treinador, com ninguém. **Com ninguém!** [CI.3-SC, 14.01.18].

E desde o primeiro dia que me sentei nesta cadeira/ **cadeira a qual**, foi o presidente António Salvador que me escolheu para estar aqui... eu me comprometi em valorizar o espetáculo. [CI.4- AF, 18.01.2018].

No primeiro caso, Vitória demonstra o seu percurso de vida, feito de sacrifício e respeito pelo outro, contrariando as avaliações axiológicas do seu antagonista. Ao socorrer-se desta curta história assente na humildade, sacrifício e respeito pelo outro, atributos valorizados socialmente, reivindica uma adesão dos jornalistas e do público ao seu ponto de vista, contrapondo às críticas que lhe foram tecidas pelo adversário. Através da manifestação do seu estado psicológico, compartilhando a sua forma de ser e estar perante o outro tenta seduzir os interlocutores de forma apaixonada e envolvê-los no processo interativo.

No segundo, Conceição convoca o seu histórico profissional para manifestar a relação cordial, que tem pautado a sua carreira, primando pela frontalidade. Ao lembrar os seus anos de experiência assentes no respeito

pelo outro, desarma o interlocutor e aniquila qualquer tentativa de o qualificar como desonesto.

No terceiro, Ferreira invoca a voz do outro em *flash back* para angariar e reforçar a sua posição como treinador.

Deste modo, estes excertos revelam experiências de histórias de vida (Flannery, 2011; Günthner, 2011), encaixadas nas conversações, sob forma de segmentos narrativos (cf. Adam, 2011), cujo objetivo passa por envolver o interlocutor (cf. Tannen 1989; Almeida, 2011). Ao serem convocadas, o locutor dá-se a conhecer, isto é, compartilha o seu passado no espaço interativo, criando novas significações, em que o interlocutor passa a fazer parte.

Estas sequências testemunham, em si, a construção de enunciados de carácter confessional com a produção de *identidades discursivas situadas* (cf. Almeida, 2011, p. 46) para a *credibilização* (Fonseca, 1992; Charaudeau, 2014) e *captação enunciativas* (Charaudeau, 2014), permitindo a edificação de um ethos credível situado na *identidade discursiva* (Charaudeau, 2006), em muitas situações na defesa da sua face. Recorre-se a estas breves histórias que tendem a afetar a emoção, os sentimentos do interlocutor, de modo a seduzi-lo ou persuadi-lo. Estão, assim, ao serviço da persuasão do outro, atingindo seus afetos (*pathos*), ou sua participação racional (*logos*), jogando com a força da argumentação (cf. Charaudeau, 2014, p.145).

Goffman (2012 [1974], p.610) vai mais além ao proferir que:

Uma narrativa (...) não é simplesmente um informe de um acontecimento passado. Em seu sentido mais pleno, é um relato expresso a partir da perspectiva pessoal de um participante real ou potencial, situado de tal forma que desse ponto de partida procede um certo desenvolvimento temporal e dramático. Uma representação, portanto, será incidentalmente algoem que os ouvintes podem inserir-se com empatia, voltando a experimentar indiretamente o que aconteceu.

Estas sequências narrativas resultam da necessidade de os treinadores angariarem apoios na defesa das críticas apontadas. Esta ideia encontra suporte (*vide* sublinhado abaixo) nas palavras de Flannery (2011, p.118) ao afirmar que:

Quando contamos uma estória, fazemos muito mais do que encadear uma sequência de ações. O ato de narrar versões de experiência pessoal é também um adiantamento de representações, seja daquilo que vivenciamos, ou gostaríamos de fazer crer que vivenciamos, seja de personagens que (re)construímos. Porque esta representação é verbalizada, temos no discurso narrativo material potencialmente repleto de pistas sobre como queremos que outros nos vejam, mas também sobre quem somos, de facto. (Sublinhado nosso).

Linguisticamente, podemos verificar a passagem do uso do pretérito perfeito (*'subi, cheguei, tive'*) para o presente do indicativo (*'sei, tenho, falo..'*; *vide* excertos acima), servindo para sustentar as memórias na partilha de uma doxa comum (Fonseca,1992), o recurso à primeira pessoa discursiva, enquanto marca da subjetividade, as repetições (cf.Tannen, 1989) dos itens lexicais *'um', 'problema', 'cadeira'* – *vide* excertos acima -, os quais denunciam o envolvimento conversacional (Tannen,1989) e marcam estratégias de aproximação do *outro*. Estas histórias de vida, embora sejam eventos passados, ao serem narradas no *"hic et nunc"* da interação, fazem com que a distância entre o locutor e o alocutário se reduza e se crie uma certa cumplicidade (cf. Günthner, 2011).

3.9 A polémica nas conferências de imprensa de futebol

Numa conferência de futebol, uma vez instaurada uma discussão, com críticas diretas ou indiretas, com insultos, ou outros atos indelicados que ameaçam a imagem social de um outro treinador, isto é, a desqualificação (cf. Amossy, 2017; Seara & Cabral 2017) dá-se início a um confronto verbal (Amossy, 2017). Tal conflito alimentar-se-á não só de argumentos antagónicos dos treinadores na defesa da sua imagem pública, que se quer ver preservada, (Goffman, 2012 [1974]) como também das questões dos próprios jornalistas, abrindo o espaço a uma confrontação pública, mediatizada (Amossy, 2017), sustentada pela polémica verbal.

Nas conferências de imprensa, está presente, com frequência, a desqualificação, não só da tese defendida anteriormente por um determinado treinador, mas também a desqualificação da própria pessoa do treinador,

resultantes do choque de opiniões contraditórias (Amossy, 2017; Seara & Cabral, 2017).

Aqui, é bom relembrar, tal como assegura Amossy (2017, p.59), que o descrédito lançado sobre as pessoas pode anular a força dos seus argumentos, como poderemos constatar nestas passagens, do excerto da conferência [Cl.1. -SC, 7.01.18], cujo protagonista é Sérgio Conceição, treinador do F.C.Porto, ao dirigir-se ao colega de profissão Rui Vitória, enquanto este limite-se a defender cordialmente em [Cl.2- RV, 12.01.18].

Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'padre' e ele mete as mãos assim (junta as mãos como se estivesse a rezar). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. Eu, não. Siga. [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Não aceito de forma leviana que alguém diga que se faltou ao respeito. Da minha parte haverá sempre respeito entre os treinadores. Uma coisa é divergências de opinião sobre jogos, outra coisa é achar que vale tudo. Da minha parte não vale tudo. Já ganhei e já perdi, mas nunca ninguém me disse que ultrapassei limites em relação à função de treinador. Por isso não aceito que ultrapassem comigo. A conversa sobre este assunto da minha parte termina aqui. Só acrescento este ponto. [Cl.2- RV, 12.01.18].

É de realçar, e como nos chama atenção Maingueneau (2010), a polémica, numa perspetiva aspetual, prolonga-se no tempo e pressupõe, por conseguinte, uma sucessão de trocas, distinguindo-se assim de uma discussão que é geralmente pontual. É nesta perspetiva que Sónia Rodrigues (2008) assinala as respostas dos interlocutores e a estrutura diafónica como elementos caracterizadores da polémica.

Nas conferências de imprensa de futebol, como se pode verificar, por exemplo, nos excertos: [Cl.1. -SC, 7.01.18], [Cl.2- RV, 12.01.18] e [Cl.3-SC, 14.01.18], esta polemicidade é durativa e alimentada quase sempre pelas questões dos jornalistas, as quais servem como combustível dessa conflitualidade, como podemos assinalar nas perguntas presentes nos excertos das conferências [Cl.2- RV, 12.01.18] e [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Jornalista: Rui Ribeiro, muito boa tarde, estamos em direto para a CMTV. Há duas épocas quando houve uma guerra de palavras com o treinador rival acabou por ser campeão. Acha que esta época acontecendo o que aconteceu vai acabar a época a sorrir, tendo em conta que quem ri por último ri melhor? (...) Sérgio Conceição o ter comparado a um boneco?" [Cl.2- RV, 12.01.18].

Jornalista: (?) [...] a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau carácter e mau colega." [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Relativamente às temáticas, a polemicidade opera-se sob vários prismas, entre os quais destacamos: ataque à face do treinador da equipa adversária, o que se evidencia neste segmento do excerto da conferência [Cl.5-JJ, 6.01.16]: "... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele ... Para ser treinador tem de ser muito mais." ou da equipa da arbitragem, como se depreende neste excerto da conferência [Cl. 6, RV-5.05.2018], proferido por Rui Vitória:

Estes dois jogos, que objetivamente há ali **lances para...pa/para serem ajuizados de uma outra forma**. Curioso, está o Hugo Miguel, que foi o árbitro do primeiro jogo, e é o Hugo Miguel no vídeo árbitro deste segundo jogo! Não está em causa aqui... o Xistra vai... já me arbitrou muitos jogos, já vai arbitrar muitos jogos... aahh...acho que tem qualidade, **mas é pá...** estas coisas têm que ser ... de manhã diz-se uma coisa. [Cl. 6, RV-5.05.2018].

Verifica-se, também, nas respostas às perguntas dos jornalistas que se intrometem no território dos treinadores, *vide* este exemplo retirado do excerto da conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018], no qual Abel Ferreira, treinador do Braga, não corrobora as insinuações do jornalista:

Aqui ao microfone não quero competir com ninguém! E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me, porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de

polémica. Tem que dizer a verdade. O bom jornalista é aquele que diz a verdade. E nós, hoje em dia, temos grandes programas que falam **do futebol, jogado. Fantásticos!** [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Estes mesmos atos de polemicidade são desencadeados pela discordância em relação aos resultados menos positivos obtidos por influência de fatores externos, como erros da arbitragem. Verifique-se, ainda, o excerto da conferência [Cl.5-JJ, 6.01.16], proferido por Rui Vitória:

De certeza que aquilo foi mal analisado, os lances que houve na... durante ehh... o jogo. Foi mal analisado ou das duas uma. Ou foi mal analisado por quem está a arbitrar, ou foi analisado por quem lá está sentado em cima num quarto qualquer, por quem lá está ehh... como vídeo-árbitro. **O que é certo é que nos dois dérbi, nós vimos quatro pontos a esfumarem-se com muitos lances factuais** de penáltis nestes dois jogos, e vimos quatro pontos a esfumarem-se ahh...e nada agora podemos fazer. E a verdade amanhã quem fica com menos pontos somos nós. **E hoje, quer pela qualidade, quer por aquilo que se passou em relação à arbitragem, nós merecíamos ter ganho.** [Cl. 6, RV-5.05.2018].

O mesmo ainda se pode comprovar neste segmento do excerto da conferência [7], **tecido por Jorge Jesus:** “Fizemos três golos. Só valarem dois, **mas três golos limpinhos.** [Cl. 7, JJ- 3.12.2016].

Estes exemplos comprovam a argumentação de Seara (2021, p. 386) ao afirmar que “a expressão das emoções como a indignação, a agressividade e a violência verbais são as marcas do discurso polémico.”

3.9.1 A polémica sustentada em atos indiretos como forma de denegrir, deplorar, ameaçar e criticar

A indiretividade (cf. Brown & Levinsson 1978; Carreira,1995; Kerbrat-Orecchioni, 1996) é uma das estratégias de atenuação das ameaças à face do outro ou de terceiros. Lembremo-nos Searle (1982) ao afirmar ser a delicadeza o principal motivo do uso de atos indiretos. Recorrer a tropos, de acordo Kerbrat-Orecchioni (1996) é uma forma de se distanciar do ato ilocutório (1980). No entanto, à medida que se explicita o referente, ou seja, se identifica a pessoa atacada, deixa de ser um mecanismo atenuador e passa

a ser um agravante das faces (negativa do interlocutor e da positiva do locutor), porquanto denigre a imagem do referente do discurso em causa.

Nas conferências de imprensa, verificamos que o uso de tropos (Kerbrat-Orecchioni, 1980) é uma estratégia para minimizar ou intensificar o ato ilocutório dirigido à face do outro. Apropriemo-nos deste excerto cujo interveniente é Sérgio Conceição:

Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para 'agressivo', carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo 'pai' e ele mete as mãos assim ((junta as mãos como se estivesse a rezar)). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Nesta passagem, notamos a presença da comparação “*Faz-me lembrar um boneco*”, das metáforas (*‘um boneco que o meu filho tem em casa, modo agressivo, modo pai’*) que concorrem, por sua vez, para a formação de uma imagem caricatural de uma figura telecamandada, cuja finalidade é fazer-nos inferir que a pessoa visada não tem autonomia na tomada de decisões. Por outras palavras, deixa-se manipular facilmente e não detém o perfil de líder, atributo relevante no desempenho da função de treinador.

Ao utilizar esses tropos, o locutor, ainda que recorra à indiretividade, sustenta a sua avaliação axiológica em atos do tipo *conflitivo* (Leech, 1983), pois assentam em ações que vão contra as relações sociais porquanto ameaça, insultando o outro, através do sarcasmo. Tais atos assumem um valor depreciativo, sendo que a intenção é denegrir a imagem do treinador em causa. Ganham este valor precisamente quando o locutor explicita o nome do referente em causa: “**Jornalista:** - Sérgio Conceição, perguntava-lhe se o que esteve aqui a dizer tem um destinatário. -**Sérgio Conceição:** - tem/tem/tem! É para o Rui Vitória.” [Cl.1. -SC, 7.01.18].

Tomemos esta outra passagem do excerto [Cl.5-JJ, 6.01.16], cujo protagonista agora Jorge Jesus, treinador do Sporting:

Fi-lo sair da toca. Ele tem de se assumir. Para treinar o Benfica tem de se assumir. Para conduzir um “Ferrari” tem de ter andamento para ele, não é? E, portanto, isso tudo eu acho normal, desde que não entremos cada

um na vida particular... e, portanto, cada um defende, como é óbvio o seu clube. [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Neste excerto, também, há recuso a figuras retóricas, com intenção de denegrir o referente ausente. O locutor faz uso de metáforas, ao comparar a grandiosidade de um clube a um modelo requintado de carros '*Ferrari*', para demonstrar, por meio do sarcasmo, que o seu '*piloto*', neste caso, o treinador, não tem as capacidades para o dirigir. Ao estabelecer essa analogia, desvaloriza o treinador do clube, Rui Vitória, e agride a sua face negativa, através do insulto.

Nestas conferências de caráter polêmico, em que os treinadores atacam a face de terceiros ausentes e do alocutário presente, o sarcasmo é uma estratégia recorrente para provocar o outro, sendo que o objetivo é criticar ou ofender, assumindo, por conseguinte, um efeito negativo (cf. Alvarado Ortega 2005). Deste modo, é uma estratégia retórica utilizada para desqualificar o outro, assumindo a forma de um ritual de insulto, em que o locutor se afasta consideravelmente da imagem do referente. Aqui, entende-se insulto como um ato, cuja função perlocutória é ofender, diminuindo ou humilhando o outro (Boliver, 2002).

A sua finalidade passa por denegrir a imagem do *outro*, por isso, está associado aos atos de indelicadeza verbal. É de destacar que estes atos irónicos, sob forma de sarcasmo, assumem, neste contexto, um efeito negativo pelo que se fazem enquanto finalidade provocatória a uma terceira pessoa. Alvarado Ortega (2005), a este propósito assevera que:

Si la burla en la ironía de efecto negativo se produce hacia su oyente, hay también ausencia de cortesía, ya que no se puede ser cortés cuando se amenaza la imagen social del otro. También ocurre cuando la burla va dirigida hacia una persona ausente o hacia una situación. (Ortega 2005, p. 38).

Estas figuras, como a comparação, metáfora, imagem, repetição e a adjetivação no sentido depreciativo ('*mau caráter*'... '*mau colega*'), a ironia, em simultâneo, num *jogo de figuras* (cf. Almeida, 2013), concorrem para a construção de uma imagem menos abonatória ao referente, e representam estratégias retóricas de desvalorização da face do outro, numa ótica do denegrir, instaurando assim a polémica verbal (Amossy, 2017), porém abrem

espaço à defesa do locutor, devido à indiretividade, ao resguardar inferências (Gumperz, 1982). Almeida (2010, p.140), por exemplo, reforça a ideia de que estas figuras retóricas resguardam um cálculo interpretativo, pois envolvem uma certa avaliação do interlocutor. Comprovam o enunciado por Amossy (2017) que destaca a desconsideração, a redicularização, o ataque e o uso de insultos ao adversário, como as situações em que a agressividade verbal pode ser utilizada como modalidade argumentativa polémica.

Recuperemos outro fragmento do excerto da conferência [Cl. 6, RV- 5.05.2018] **de Rui Vitória**, cujo ato de crítica encontra-se alicerçado em figuras retóricas, proferidas no contexto de ameaça à face direta do outro, cujo treinador se encontra em desacordo com uma apreciação de um jornalista ao contestar a sua escolha de jogadores para uma partida:

Rui Vitória: - olhe, você vê essas coisas sempre como copo vazio e copo cheio. Ehh... oiça, nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Tá a perceber? Nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Se calhar, agora, tava-me aqui a dizer, se não tivéssemos feito aquela primeira parte, porque jogámos com dois médios, porque jogámos com mais ... **Nós fomos os melhores! Nós merecíamos ter ganho!** Não é que há mais Jonas, menos Jonas, nem menos...! Aquilo que fizemos, fomos os melhores. Chegámos aqui, impusemos o nosso jogo, não vamos agora cá tar...eehhh... Para alguns é... é tudo bonito, para outros é tudo cinzento. Isto aqui...Tenham lá paciência, porque vos conheço de gingeira. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

O treinador faz uso de figuras retóricas, como metáforas e imagens '*you see these things always as an empty cup and a full cup*'; *Para alguns é...é tudo bonito, para outros é tudo cinzento*', para sustentar o seu desacordo com a apreciação do jornalista. Critica o ponto de vista radicalizado do jornalista, pois ao trazer a imagem de um copo vazio ou cheio, está a demonstrar que a avaliação pode ser negativa, pessimista (*'copo vazio/ tudo cinzento'*) ou positiva, otimista (*'copo cheio/ tudo bonito'*), sendo neste contexto, o primeiro caso. No entanto, sempre que faz estas observações distancia-se, ao reiterar a ideia de ser a equipa que melhor prestação teve, concluindo reiteradamente, através da entoação ascendente, como *pista de contextualização* (Gumperz, 1982) que deveriam ter ganho '**Nós fomos os melhores! Nós merecíamos ter ganho!**'

3.9.2 Atos de elogio e crítica, como estratégias discursivas de credibilização, de captação e de distanciamento discursivo

As conferências de imprensa de futebol são fecundas em atos de elogio, enquanto estratégias de autopromoção e defesa da imagem do locutor. Elogiar o outro, como vimos nas sociedades ocidentais (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1996) é positivamente valorizante, porém autoelogiar é uma estratégia suicida na construção da credibilidade durante uma interação. Quem elogia, segundo Orecchioni (1992), realize um FFA. Assim, constatamos que os treinadores têm uma tendência em usar atos de elogios, quer nas interações mais harmoniosas, quer nas menos harmoniosas. Elogiam as prestações dos adversários, como estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva (Carreira, 1995), mas também como estratégias de autopromoção com o intuito de realçar ainda mais a vitória conseguida, por um lado. É frequente recorrerem a sequências de justificação, enquanto estratégias de desresponsabilização dos resultados menos positivos, por outro.

Tomemos alguns trechos de conferências protagonizados, primeiramente por Sérgio Conceição e, de seguida, por Rui Vitória:

- dar mérito ao Vitória do Guimarães, porque fez uma primeira parte excelente naquilo que foi a sua ação defensiva. [Cl.1. -SC, 7.01.18].

E depois tem Rui Patrício que acaba por fazer uma ou duas defesas de **grande nível, de grandíssimo nível**, ao nível dos melhores da Europa e que acaba por dar pontos ao Sporting. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

No primeiro excerto, há um ato de elogio, seguido de uma sequência de justificação do tipo *causal de enunciação* (Lopes, 2012), cujo conector 'porque' interliga um ato assertivo, isto é, o dizer e a justificação do dito. O locutor elogia o referente como forma de engrandecer o mérito da sua equipa e, conseqüentemente, da vitória alcançada.

No segundo, verifica-se a elevação das qualidades do guarda-redes da equipa adversária, através dos marcadores verbais, pela reiteração do adjetivo '*grande*', acrescido do sufixo – '*íssimo*', marcadores do superlativo

absoluto analítico e sintético, respetivamente, ‘*grande nível*’, ‘*grandíssimo nível*,’ funcionado nestes casos como estratégias de delicadeza realizadas sob forma de FFA (Kerbrat-Orecchioni, 1992; Carreira,1995), ou seja, atos valorizadores da face do outro. Importa recordar que a manifestação de elogios, segundo Carreira (1995, p.215), é enfatizada através de escolhas lexicais em séries sinonímicas, advérbios de quantidade e exclamações.

A utilização das sequências de justificação decorre da necessidade de os treinadores prestarem esclarecimentos em relação aos atos que sustentam o dizer, por um lado, e defenderem-se das críticas dos jornalistas ou treinadores das equipas adversárias ou então anteciparem-se a elas.

É, igualmente, uma estratégia pragmática usada para enfatizar os bons resultados conseguidos, por um lado, e atenuar os menos positivos, por outro, de modo a projetarem um *ethos competente*, num jogo de responsabilização e desresponsabilização. A seguir, apresentam-se alguns exemplos dos atos de dizer e das sequências de justificação característicos destas interações:

Atos que sustentam o dizer	Justificação do dizer (sequência de justificação)	In Anexos
[Ato assertivo]: “Tenho respeito por toda a gente,”	“porque ... ehh... o verdadeiro limite no futebol ...é mesmo esse respeito pela verdade desportiva.”	[Cl.3-SC, 14.01.18]
[Ato assertivo] : “E com isso quero concluir...”	“porque aquilo que tenho de falar por mim são os resultados.”	[Cl.3-SC, 14.01.18]

[Ato assertivo]: “ Vocês trabalham comigo e admiram-me ”	“porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica. Tem que dizer a verdade.”	[Cl.4.- AF, 18.01.2018]
[Atos assertivo e diretivo] : “Estamos a fazer uma boa época, que já há muito tempo que não se via o Braga a fazer. Nem eu, não vou admitir,”	“porque entre ser um bom treinador e um bom homem, prefiro ser um bom homem.”	[Cl.4- AF, 18.01.2018]
[Ato expressivo] : “Não quero entrar em novelas, nem em circos,”	“porque não sou ator e nem palhaço.”	[Cl.4- AF, 18.01.2018]
Ato assertivo ... eu tou a lembrar-me destes dois jogos,	porque estamos a falar da mesma equipa...	[Cl. 6, RV- 5.05.2018]
.... temos que levar um/um elemento da arbitragem para dentro dessas reuniões,	porque se calhar não estamos a nos entender	[Cl. 6, RV- 5.05.2018]

Tabela 9 - Exemplos de sequências de justificação das conferências que sustentam os atos de dizer (nossa autoria).

Estas sequências de justificação representam pragmaticamente uma forma de envolvimento conversacional (Gumperz, 1982; Tannen, 1989) e mitigação do grau das ameaças contidas no ato de dizer, sendo, por isso, tidas como estratégias de delicadeza positiva na perspetiva de Kerbrat-Orecchioni (1992, 1996) na medida em que suavizam o grau de imposição do ato de dizer.

Além disso, quem justifica reconhece o direito do outro e sente-se no dever de lhe prestar esclarecimentos. Por outras palavras, tais sequências revelam a cooperação dos intervenientes na busca do consenso.

Nas conferências, para além de os jornalistas colocarem questões para as quais se esperam naturalmente respostas, há outras testemunhas das trocas (adeptos, telespetadores), que as avaliam. Dado estarmos em presença de um género mediatizado, cujas repercussões vão além da sala de conferências, requerem, por isso, do locutor o esclarecimento por meio de sequências de justificação ou outras estratégias discursivas.

Os atos de crítica são, por outro lado, uma constante nas conferências de imprensa de carácter menos harmonioso. Estes atos são concetualizados por Lima (2007, p.47), enquanto atos assertivos avaliativos, porquanto exprimem uma avaliação negativa contra algo proferido anteriormente.

Nestes excertos, verificamos sequências avaliativas negativas dirigidas sobretudo à face dos jornalistas, dos treinadores e dos árbitros. A título ilustrativo, podemos tomar algumas passagens da conferência 2, cujo protagonista é Rui Vitória:

(...) Segunda parte da questão, segunda parte do preâmbulo, desculpe-me que vos diga: tenho visto agora nos últimos dias 'haja respeito entre os treinadores' haja ehh...os treinadores têm que... mas eu faltei ao respeito a alguém? Mas eu faltei ao respeito a alguém? Portanto, não aceito, e estou a falar para quem diz isso, para quem escreve e para algumas instituições que às vezes de uma forma leviana metem tudo ao mesmo nível. Quando digo ao mesmo nível, digo o mesmo patamar. Nem aceito que o digam de forma leviana sobre a minha pessoa, nunca passei determinados limites e como não os ultrapassei, não metam tudo dentro do mesmo saco. [Cl.2. - RV, 12.01.18].

Todo este excerto é uma crítica à classe jornalística, isto é, um FTA (Brown & Levinson, 1978; Kerbrat-Orecchioni, 1992), em que o locutor Rui Vitória lhes tece algumas avaliações negativas relativas à asserção '*tenho visto agora nos últimos dias haja respeito entre os treinadores*'. Ao efetuar esta crítica quer que infiramos que nunca faltou ao respeito a ninguém, por isso, não admite que se lhe impute essa responsabilidade.

Em termos pragmáticos, recorre a estratégias de delicadeza negativa, como pedidos de desculpa explícita (Brown & Levinson, 1978; Kerbrat-

Orecchioni, 1996), *'desculpe-me que vos diga'*, explicitando posteriormente o alvo das críticas (*' ... e estou a falar para quem diz isso, para quem escreve e para algumas instituições que às vezes de uma forma leviana metem tudo ao mesmo nível'*), que no contexto dos atos de crítica, representa uma estratégia para atenuar o grau de ameaça à face dos interlocutores em presença (excluindo os que não foram identificados na asserção).

Do mesmo modo, faz uso de perguntas retóricas (*'mas eu falei ao respeito a alguém? Mas eu falei ao respeito a alguém?'*) para levar os jornalistas a refletirem sobre a sua conduta verbal, como estratégias de delicadeza negativa. Entretanto, não se espera do alocutário uma resposta.

Sobre as perguntas retóricas, Rodrigues (1998, p.59) assegura que “a formulação retórica deixa transparecer que o locutor destes enunciados não está completamente seguro acerca daquilo que assere de modo indireto e daí a opção por esta estratégia discursiva.”

Tanto os pedidos de desculpa, como as formulações retóricas são mecanismos de atenuação dos FTAs sendo, por isso, estratégias de delicadeza negativa (Brown & Levinson, 1987).

Para Figueiredo (2011, p. 64), os procedimentos de mitigação são normas de conduta social ao serviço da delicadeza e estratégia conversacional vinculada à relação interlocutiva que atenua a força ilocutória de uma ação ou o valor significativo de uma palavra ou expressão. Briz (2013), por sua vez, entende-a enquanto:

... categoria pragmática, um mecanismo estratégico e tático (portanto, intencional), que se relaciona à efetividade e à eficácia do discurso, ao alcance dos objetivos na interação, além de se tratar de uma função só determinável a partir do contexto. É uma estratégia, uma vez que se atenua, argumentativamente falando, para conseguir o acordo ou a aceitação do outro (inclusive, quando seja esta apenas uma aceitação social). Logo, é um mecanismo retórico para convencer, conseguir um benefício, persuadir e, ao mesmo tempo, para cuidar das relações interpessoais e sociais ou evitar que estas sofram algum tipo de menoscabo. Mais concretamente, a mencionada estratégia consiste linguisticamente em diminuir, minimizar, mitigar, debilitar a ação e a intenção ou o efeito que estas possam ter ou ter tido na interação, debilitação argumentativa, portanto, e em tal estratégia estão envolvidos os falantes, os ouvintes e, inclusive, terceiros (presentes ou ausentes). (Briz, 2013, p. 285).

No entanto, estes atos de crítica podem ser intensificados e ganham dimensão superior de ameaça e ofensa quando o locutor explicita o seu estado psicológico, demonstrando o seu grau de descontentamento e desacordo em relação à avaliação negativa que lhe foi traçada antecipadamente *‘nem aceito que o digam de forma leviana sobre a minha pessoa, nunca passei determinados limites e como não os ultrapassei’*, seguido de um ato diretivo direto, com recurso ao modo imperativo na forma negativa, o qual aumenta o grau de ameaça à face dos jornalistas *‘(...) não metam tudo dentro do mesmo saco.’*

Não nos olvidamos que os atos de pedido interferem no território do outro e ameaçam, conseqüentemente, a sua face (cf. Rodrigues, 1998). Neste caso em concreto, o objetivo do locutor é persuadir o interlocutor a não fazer algo num tempo futuro que não esteja de acordo com a vontade daquele. Almeida (2016a, p.9) considera, a este propósito, que:

O ato de ameaça, sendo um ato comissivo, encontra também realizações que incidem nos desejos (de valor axiológico negativo) do alocutário em fórmulas discursivas do quotidiano que demonstram que o locutor procura, com este ato, convencer (efeito perlocutório) o alocutário a não fazer algo.

Observemos estas outras passagens do excerto da conferência de imprensa [Cl.4. - AF, 18.01.2018]:

E vocês / e vocês para serem grandes jornalistas não precisam ser polémicos. Eu para ser grande treinador não preciso andar à procura de polémica. Eu quero competir **só** com os meus colegas que os respeito todos dentro das quatro linhas. Aí que eu quero competir com eles. [Cl.4. - AF, 18.01.2018].

(...) E ando no futebol de cara limpa e de cara levantada. E para as pessoas que fazem mal ao futebol, para os ignorantes, para os mal-intencionados, para os recalçados, fica a oração dos sábios. Tá entendido? E não vou admitir **que ninguém, ninguém, ponha em causa a instituição do Braga, os profissionais do Braga que têm sido campeões.** [Cl.4. - AF, 18.01.2018].

O primeiro fragmento é uma resposta, sob forma de crítica velada à classe jornalística, após uma questão antecedida por uma sequência de avaliação axiológica negativa (ver sublinhado adiante) que põe em causa o profissionalismo do treinador e da sua equipa *“[...] **Jornalista: - Abel, após a exibição frente ao Benfica, o Braga foi acusado de ser/ de ter sido uma equipa**”*

pouco apática comparativamente a outros jogos. O que eu lhe pergunto se isso é algo que preocupa o Abel e se espera uma resposta forte após as críticas que foram feitas após o jogo feito pelo Benfica.” [Cl.4. - AF, 18.01.2018].

Além disso, as asserções reiteradas na forma negativa (*‘...não precisam ser polêmicos ... não preciso andar à procura de polémica’*) [Cl.4. - AF, 18.01.2018] são uma forma enfática de expressar o desacordo, constituindo uma estratégia retórica de intensificação (cf. Almeida, 2016, p.38) da não comunhão do mesmo ponto de vista.

Responde com ironia, ao afirmar que para ser grande jornalista não é necessário ser polêmico, mitigando o ato de crítica com a mesma observação avaliativa em relação à sua profissão *‘Eu para ser grande treinador não preciso andar à procura de polémica.’* Como estratégia discursiva faz uso de duas avaliações simétricas, uma em relação ao que considera ser *‘um bom jornalista’* e outra *‘um bom treinador’*. Posteriormente, agrava a crítica por meio de uma outra ironia, ao afirmar querer competir só com os colegas de profissão, ameaçando indiretamente à face dos interlocutores.

Já no segundo segmento, Abel Ferreira traça através de uma outra sequência avaliativa uma imagem de seriedade: *‘E ando no futebol de cara limpa e de cara levantada’*, distanciando-se da insinuação anterior que lhe foi direcionada, para depois criar *um efeito perlocutório* (Austin, 1962) de ofensa por meio de adjetivos pejorativos (*‘... para os ignorantes, para os mal-intencionados, para os recalcados’*) [Cl.4- AF, 18.01.2018] -, embora utilize a *atenuação sob forma da despersonalização dos participantes da enunciação* (cf. Briz, 2013, p. 289) já que não explicita diretamente o interlocutor, porquanto utiliza uma terceira pessoa (*‘para as pessoas que fazem mal ao futebol’*), cabendo aos jornalistas reconhecerem através do *cálculo interpretativo ou implícito conversacional* (Almeida, 2010) a intenção comunicativa do treinador e inferir serem eles os visados. Por outro lado, na mesma asserção invoca um saber enciclopédico *‘a oração dos sábios’*, com o

sentido de ignorar ou ficar em silêncio, como resposta aos interlocutores que fazem parte dos visados.

Consideremos uma terceira, e última passagem do excerto da conferência, cujos atos de crítica se direcionam à face da arbitragem, *in abstentia* e dos jornalistas *in praesentia*:

Curioso, está o Hugo Miguel, que foi o árbitro do primeiro jogo, e é o Hugo Miguel no vídeo árbitro deste segundo jogo! Não está em causa aqui... o Xistra vai... já me arbitrou muitos jogos, já vai arbitrar muitos jogos... aahh...acho que tem qualidade, **mas é pá**...estas coisas têm que ser ... amanhã diz-se uma coisa ... eehh... se calhar pôr lá dentro...temos que levar um/um elemento da arbitragem para dentro dessas reuniões, porque se calhar não estamos a nos entender, se calhar tem que tar lá um ex-árbitro, um ex-fiscal de linha, um ex-qualquer coisa da arbitragem, porque não estamos a nos entender. Pelos vistos não estamos a nos entender. Vai um elemento da minha equipa técnica e nos, (?) nos quer transmitir alguma coisa, e agora chega-se..., **com um cuidado enorme!** [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

- olhe, você vê essas coisas sempre como copo vazio e copo cheio. Ehh... oiça, nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Tá a perceber? Nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Se calhar, agora, tava-me aqui a dizer, se não tivéssemos feito aquela primeira parte, porque jogámos com dois médios, porque jogámos com mais (...) fomos melhores. Chegámos aqui, impusemos o nosso jogo, não vamos agora cá tar...eehhh... Para alguns é...é tudo bonito, para outros é tudo cinzento. Isto aqui...Tenham lá paciência, porque vos conheço de ginjeira. E essa conversa não é adequada para aquilo que se passou hoje. Mas qual Jonas, menos Jonas? **Nós fomos os melhores!** E é isso vocês têm de dizer. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

No primeiro caso, os atos de crítica são direcionados à equipa da arbitragem, sob forma de insinuações “*Curioso, está o Hugo Miguel, que foi o árbitro do primeiro jogo, e é o Hugo Miguel no vídeo árbitro deste segundo jogo*”. Quer, o locutor, que infiramos que o responsável do empate seja atribuído ao vídeo-árbitro, ‘*árbitro do primeiro jogo, e é o Hugo Miguel no vídeo árbitro deste segundo jogo!*’, embora se abra espaço ao elogio, como forma de mitigar (Briz, 2013; Kerbrat-Orecchioni, 1992) os atos de censura “*não está em causa aqui... o Xistra vai... já me arbitrou muitos jogos, já vai arbitrar muitos jogos... aahh. Há que ter qualidade*”. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

No segundo, os atos de crítica são endereçados aos jornalistas em presença. Todavia, tais críticas, ainda que ponham em causa a face negativa dos jornalistas, são atenuadas pelos *marcadores discursivos e controladores*

de contacto (Briz, 2013, p.290) ‘olhe, você’ ao individualizar o interlocutor e pelo recurso à metáfora concetual, cabendo ao jornalista inferir o seu significado implícito: ‘olhe, você vê essas coisas sempre como copo vazio e copo cheio.’ Neste caso, quer que o jornalista seja razoável nas suas apreciações, isto é, que não seja radical, por isso, a razão de ser da metáfora ‘COPO VAZIO, COPO CHEIO.’

Com as análises empreendidas, podemos observar que os atos de crítica resultam de uma avaliação negativa, no âmbito de uma sequencialização discursiva, em que os interlocutores exercem uma influência mútua na execução dos seus mais diversos objetivos comunicativos, desempenhando os seus papéis discursivos.

Nestes segmentos de conferência de carácter menos harmoniosos, os atos de crítica não aparecem gratuitamente. Os jornalistas, enquanto locutores, com a intenção de obter respostas dos treinadores, como alocutários, socorrem-se de pré-sequências de avaliações axiológicas negativas ou de questões provocatórias as quais abrem espaço a respostas também elas assentes em defesa da sua imagem, originando críticas aos jornalistas, num jogo de pergunta *versus* resposta; acusação *versus* defesa; entendimento *versus* desentendimento.

Confirmam, por isso, as reflexões de Schiffrin (1994) ao afirmar que “estar envolvido na interação social é estar envolvido num intercâmbio no qual nossas próprias atividades são direcionadas a outras pessoas e as atividades de outras pessoas são direcionadas a nós.”¹⁹ (Schiffrin, 1994, p.415).

Estes atos de crítica alimentam, em muitas situações, a polémica verbal (Amossy, 2017) que se instaura em conferências subsequentes e prolonga-se no tempo, num jogo de *disse que não disse*, na defesa e ataque de imagens, de si, do outro e de terceiros, responsabilizando-se e desresponsabilizando-se pelo dito, o que nos permite reforçar a tese

¹⁹ “To be involved in social interaction is to be involved in an interchange in which our own activities are directed to other people and other’s activities are directed to us.” (Schiffrin, 1994, p.415).

goffmaniana de que o ser humano é um *ator cénico* (Goffman, 2012 [1974]).

O autor vai mais além, ao dizer que:

O indivíduo gasta a maior parte de seus momentos de fala em fornecer evidência da justiça ou injustiça de uma situação atual e outros motivos para simpatia, aprovação, absolvição, compreensão ou divertimento. (Goffman, 2012 [1974], p.609).

Portanto, de acordo com Goffman, a compreensão daquilo que se passa numa determinada interação só é possível graças à descodificação do quadro, isto é, as regras ou princípios não declarados, estabelecidos mais ou menos implicitamente.

3.10 A emotividade nas conferências de imprensa de futebol: mecanismos linguísticos e paralinguísticos

Segundo Figueiredo (2012, p. 55) “o tratamento das emoções, no quadro de uma teoria do discurso interacional, confirma o lugar central da expressão das emoções na dimensão relacional através dos elementos verbais, não verbais e para-verbais.”

Aristóteles, na retórica clássica, já reservava um lugar central para o estudo das emoções segundo o conceito de *pathos*.

Roman Jakobson (1960), na sua teoria taxionómica das funções da linguagem, criticando a excessiva atenção dada à função referencial, destaca a emotiva. Na contemporaneidade, as emoções e os sentimentos têm sido estudados numa perspetiva cognitivista (cf. Damásio, 1994; Batoréo, 2004;).

Já numa perspetiva argumentativa das emoções, autores como Plantin (1998) e Micheli (2010), ao se referirem às características do discurso polémico, apresentam a construção das emoções, demonstrando que elas poderão ser argumentadas.

Embora não seja fácil determinar com exatidão do ponto de vista do pesquisador se um enunciado esteja ou não impregnado pela patemicidade, há pesquisas, numa perspetiva interacional, como as de pesquisadora alemã, Susane Günthner (2011), e Figueiredo (2012) que inventariaram um conjunto

de procedimentos linguísticos e paralinguísticos, enquanto vetores potenciais da emotividade no discurso interativo.

Figueiredo (2012) assinala, por exemplo, os procedimentos fonéticos e prosódicos, marcadores do discurso e índices mimo-gestuais, interjeições, procedimentos de mitigação, vocabulários e tropos, entre muitos outros recursos, como a elipse, o anacoluto, as metáforas criativas e da vida quotidiana ou, textualmente, a retoma intra e extralinguística e a repetição.

Günthner (2011), por sua vez, no exame de histórias de vida do quotidiano, destaca as frases elíticas, frases sintáticas mínimas, com inversões sintáticas e construções infinitivas designadas de construções densas - "*dense constructions*" - (Günthner, 2011, p.575) que se associam à prosódia (à entoação e ao tom de voz).

As conferências de imprensa de futebol, por pertencerem ao domínio das interações orais, como descrevemos anteriormente, em que os locutores, os treinadores, recorrem a estratégias de breves histórias de vida para envolver os interlocutores, jornalistas e terceiros ausentes, telespetadores, podemos notar a presença de construções linguísticas e paralinguísticas, as quais conferem ao discurso traços de emotividade.

A expressão das emoções como a indignação, a agressividade e a violência verbais são as marcas do discurso polémico.

São notórios sobretudo nos excertos em que se instauram atos de crítica, desacordo, reprovação, insinuação, isto é, atos nos quais os locutores deixam transparecer o seu estado psicológico em relação ao estado de coisas vivenciado, aos intervenientes e visados ausentes. Observemos alguns exemplos do excerto [Cl. 6, RV- 5.05.2018], proferido por Rui Vitória:

Diz-se isto de manhã, à tarde por que não se faz, à noite? Ehh... portanto... eu...eu... tenho sido ao longo deste campeonato...ahh... porque têm batido tanto no Benfica...eu tenho a noção da responsabilidade que tenho... de grandeza deste clube... e tento ser, tenho sido sempre elegante, respeitador ... ahh ... à minha maneira.... Mas... e também não estou aqui a falar... e se calhar já vai tarde, se calhar já vou tarde, se calhar ... ehh..., ehh... se calhar temos ... tenho que falar com o presidente para arranjar outra estratégia para nós funcionarmos em relação a isto... nestas questões... quer dizer...porque eu não entendo isto! Eu... ehh ... estava a

olhar para esta arbitragem... e estou a falar assim um bocadinho mais com o coração...eu estava a olhar para essa arbitragem e estava a ver que... Ehh... parece que os árbitros querem que isso anda assim, para um zero, zero, vai andando. [Cl. 6, RV- 5.05.2018].

Neste exemplo, traduzido em atos de desagrado e crítica à equipa da arbitragem, notamos a presença de frases elíticas, cujo sentido global fica em suspenso, como se verifica com a constante pontuação reticente ('...'), a repetição de vocábulos num mesmo enunciado ('e se calhar já vai tarde, se calhar já vou tarde, se calhar ... ehh..., ehh... se calhar temos'), sequências de justificação carecendo de uma coerência lógica com o ato de dizer ('*tenho sido ao longo deste campeonato...ahh... porque têm batido tanto no Benfica*') [Cl. 6, RV- 5.05.2018], a repetição de fáticos e marcadores conversacionais ('*Ehh... portanto... eu...eu...*'), são denunciadores de emoções no discurso (Figueiredo, 2012), aos quais se junta o performativo ('...e estou a falar assim um bocadinho mais com o coração' [Cl. 6, RV- 5.05.2018]), confirmando na primeira pessoa a presença do discurso emotivo.

Para além desses recursos linguísticos, verificamos outros, os prosódicos, essencialmente a alteração da altura e o tom da voz, com intensidade e ênfase (*vide* as expressões a negrito do excerto [Cl.4- AF, 18.01.2018] proferido por Abel Ferreira) de forma reiterada, associados à repetição do mesmo vocábulo '**fantásticos**' com valor axiológico positivo:

O bom jornalista é aquele que diz a verdade. E nós, hoje em dia, temos grandes programas que falam **do futebol, jogado. Fantásticos!** Com ex-jogadores, com ex-treinadores, com grandes jornalistas que falam do futebol jogado, com género feminino e **com género masculino. Fantásticos!** Em que eu vejo, ouço e sei que a crítica ou o elogio é isento. **Há sites e blogues de futebol, absolutamente fantásticos,** que falam daquilo que interessa, que é o futebol, o futebol jogado. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Em outras situações, há fatores extralinguísticos, como gestos, expressão facial e postura corporal, enquanto marcadores do estado emocional dos locutores (*vide* os exemplos dos segmentos [Cl.3-SC, 14.01.18] e [Cl.4- AF, 18.01.2018], sublinhados, entre parêntesis duplo, em simultâneo com o aumento do tom da voz, a negrito):

Não é desculpa nenhuma. Não tenho de pedir desculpa nenhuma! Não tenho de pedir desculpa a ninguém! Eu lamentei ... um exemplo menos feliz que levou a que as pessoas ... que fosse quase um ...

parasse Portugal... e eu vi assim ontem nos telejornais uma revolta, uma resposta ((com tom irónico, com a gesticulação dos braços)). [CI.3-SC, 14.01.18].

Tá entendido? E não vou admitir **que ninguém, ninguém, ponha em causa a instituição do Braga, os profissionais do Braga que têm sido campeões.** Estamos a fazer uma boa época, que já há muito tempo que não se via o Braga a fazer. Nem eu, não vou admitir, **porque entre ser um bom treinador e um bom homem, prefiro ser um bom homem ((Bate a mão direita na mesa duas vezes)).** **Entre ser um bom treinador ou um bom homem, se me derem a escolher, eu prefiro ser um bom homem.** Já vos disse qual é a minha filosofia de vida, não, já? Já vos disse qual é, a minha filosofia de vida? Isso é preciso pôr **((bate novamente a mão direita na mesa)).** [CI.4- AF, 18.01.2018].

Estes mecanismos conferem ao discurso uma certa carga dramática e, conseqüentemente, o envolvimento conversacional (Tannen, 1989) cujo objetivo último é adesão do interlocutor ao estado psicológico do locutor.

Pragmaticamente, estes atos que denunciam a patemicidade representam uma estratégia discursiva, cujo intuito passa por influenciar o outro, através do poder expressivo da linguagem, isto é, não se comove pela força do argumento, todavia pelo *pathos*.

3.11 A agressividade verbal nas conferências de imprensa

A atividade de fala, que orienta as conferências de imprensa desse género de discurso, centraliza-se no falar de futebol. É de assinalar que esta atividade socioprofissional tem de se enquadrar dentro de princípios orientadores da ética desportiva. Lima (2016) assegura que os treinadores no exercício da sua função devem:

Respeitar os outros – os praticantes, os adversários, os árbitros, os dirigentes, os espetadores e o público, os representantes da comunicação social. Na sua conduta é cortês, respeita a dignidade, a privacidade e a liberdade dos praticantes, é tolerante e aceita as diferenças individuais não recorrendo a qualquer manifestação de violência. (Lima, 2016, p.13).

Ainda que esta seja uma atividade socioprofissional assente numa deontologia profissional em que a conduta pessoal dos treinadores deverá transmitir sinais claros de comportamento social e refletir uma imagem pública de grande correção, bem como não prejudicar a reputação dos outros (Lima,

2016), não nos devemos olvidar que os treinadores estão sob a pressão constante para apresentar resultados positivos (cf. Becker, 2008) e, por isso, encontram-se constatemente vigiados pelas mais diversas entidades e sensibilidades: dos reponsáveis clubísticos, até aos adeptos e, inclusivamente, a toda a comunicação social. Por outra via, trata-se de uma atividade desportiva que gera muita paixão e, conseqüentemente, move-se pela emotividade. Nesta perspetiva, quando os resultados positivos não acontecem, há descontentamento e pressões, o que faz com que, em determinadas situações, as reações verbais não sejam as mais acertadas e acabem por extravasar o lado racional atingindo o emocional.

Há, também, determinados estereótipos que se encontram associados ao futebol sob forma de metáforas e que estão enraizados na sociedade, por exemplo: “o futebol é virilidade”, o “futebol é guerra”, “o futebol é agressividade”.

No âmbito desta modalidade, por todas as razões acima apontadas, quando se refere à agressividade, segundo Samulski (2008), ela pode ser interpretada em duas perspetivas, como algo positivo e negativo. Se, por exemplo, se se efetivar e não se violarem as regras do jogo, essa agressividade considera-se boa, porém se estas forem violadas estamos perante uma forte agressividade. No entanto, adianta, ainda, que a questão da agressividade está sempre debaixo do escrutínio do observador.

No âmbito da conduta verbal, a agressividade manifesta-se por via da indelicadeza verbal (cf. Fuentes Rodríguez e Alcaide Lara, 2008; Charaudeau, 2019), em que, como já proferido, o propósito é ameaçar e depreciar o outro, isto é, com recurso a FTAs.

No caso particular das conferências de imprensa de futebol, estes atos de agressividade emergem sobretudo quando os colegas de profissão se dirigem aos congéneres com o intuito de os provocar, emergindo um discurso com tonalidades de agressividade em que o papel do jornalista se revela imprescindível, na medida em que é ele quem redireciona as questões colocadas em conferências precedentes e alimenta, deste modo, a polémica

verbal. É precisamente isto que se verifica, por exemplo, no excerto da conferência [Cl. 1. -SC, 7.01.16], protagonizado pelo treinador do F.C.Porto, Sérgio Conceição. Inicialmente, com recurso a um FTA, provoca o colega de profissão, numa espécie de indelicadeza dissimulada. Nas interações verbais, falar do alocutário ausente, tirando-o da relação interlocutiva, significa desclassificá-lo (cf. Marques, 2008). Inicialmente com atos indiretos, ao não explicitar o referente, com metáforas (“trata-se de um boneco”) os quais se amplificam quando, com insitência do jornalista, deixa explícito o visado da crítica (“Tem.Tem. Tem. É o Rui Vitória.”). Neste caso, em concreto, o objetivo do locutor, Sérgio Conceição, é provocar Rui Vitória, feri-lo na sua autoestima, associando-o a factos negativos (Blas Arroyo, 2004), isto é, exclui-lo do grupo de pessoas que tem autonomia na tomada de decisões. Ao tratá-lo dessa forma, sobressai uma certa agressividade, na medida em que lhe atribui um certo fracasso e incompetência. Ainda que o ato indireto, num primeiro momento atenua a força ilocutória, o mesmo amplifica-se quando se torna explícito o objeto da crítica, identificando-o com o nome próprio por meio da reduplicação da forma verbal “*Tem. Tem. Tem.*” Assim, ao explicitar o referente, ofende a imagem do colega de profissão, personalizando-o através do item lexical marcado “boneco”, isto é, alguém que é comandado por outros, ou melhor, não possui autonomia. Neste caso, utiliza-se uma estratégia de indelicadeza negativa segundo Culpeper (1996) cuja intenção passa-se pela estigmatização do adversário.

Outras vezes, utilizam-se atos ilocutórios diretivos diretos, sem qualquer atenuador, quando, por exemplo, os treinadores através da injunção se dirigem aos jornalistas, deixando transparecer uma certa rudeza no trato. É o que se nota no excerto da conferência [Cl. 1. -SC, 7.01.16], em que o locutor, Sérgio Conceição, pede ao jornalista que prossiga com as questões: “Siga!” [Cl. 1. -SC, 7.01.16].

Ou ainda no excerto de conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018], quando Abel Ferreira, treinador do Sporting de Braga, pede aos jornalistas para dizerem a verdade: *“Tem que dizer a verdade. O bom jornalista é aquele que diz a verdade.”* [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Aliado ao ato ilocutório diretivo direto, emerge a expressão eufemística “o bom jornalista diz a verdade”, o que deixa subjacente que o jornalista mentiu nas suas declarações, tratando-se, por isso, de uma crítica ao interlocutor. Embora esta declaração seja baseada num eufemismo, visa criticar o interlocutor, na medida que sonega a verdade e quem o faz é mentiroso.

No mesmo excerto de conferência, é visível ainda a reiteração do deítico pronominal “vocês” para demonstrar o desagrado do locutor em relação ao alocutório:

E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me, porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica. [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Estas atitudes verbais em que os locutores tentam impor a sua opinião sobre os outros, permitem-nos inferir uma certa agressividade. Tais comportamentos não se quedam pela conduta verbal, os mesmos são intensificados pelo comportamento paraverbal. *Vide*, por exemplo, o excerto da conferência 1, em que o locutor, Sérgio Conceição, ao desqualificar o colega de profissão, apelidando-o de um boneco, junta as mãos, para simular o modo padre. Agrava, deste modo, a avaliação do outro, desqualificando-o. Constrói um *ethos* depreciativo, característico do discurso polémico e agressivo. Observemos, igualmente, o excerto da conferência [Cl.4- AF, 18.01.2018] cujo interveniente Abel Ferreira, ao argumentar sobre a sua deantologia profissional, defendendo a sua honra, faz uma insinuação aos jornalistas por aludirem ao consentimento de uma derrota expressiva com o adversário. Para demonstrar o desagrado recorre com frequência ao bater das mãos na mesa ou ainda ao apontar às mangas da sua camisa, após a apresentação de argumentos:

Entre ser um bom treinador ou um bom homem, se me derem a escolher, eu prefiro ser um bom homem. Já vos disse qual é a minha filosofia de vida, não, já? Já vos disse qual é, a minha filosofia de vida? Isso é preciso pôr ((bate novamente a mão direita na mesa)). [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Do mesmo modo, constatamos que o uso de perguntas diretas, como reforço da demonstração desse descontentamento, em forma de perguntas-tag, ao captar a atenção do interlocutor, visam diretamente a face dos jornalistas, associando a intenções negativas, corresponsabilizando-os pelo estado de coisas vivenciado. Deste modo, ao visar o outro diretamente, por meio da reiteração de apóstrofes, sob forma de deitícos pronominais (“vocês”), seguido de perguntas, o ato ganha uma agressividade crescente: **“vocês, jornalistas, vocês, jornalistas, são responsáveis por repor a verdade. Tá entendido?”** / (...) **“A minha função aqui é ser treinador. Não quero entrar em novelas nem em circos, porque não sou ator e nem palhaço. Sou treinador de futebol. Tá entendido?”** [Cl.4- AF, 18.01.2018]. Verifica-se neste mesmo segmento atos indelicados quando o locutor formula contrastes desvantajosos para o interlocutor: **“Não quero entrar em novelas nem em circos, porque não sou ator e nem palhaço.”** [Cl.4- AF, 18.01.2018].

Aqui, os qualificativos “ator” e “palhaço” para autocaracterização do locutor reforçam o tom de agressividade perante os jornalistas que, na verdade, podem ter insinuado ou colocado em causa a honestidade profissional do treinador. Assim, essa autocaracterização: “não sou nem ator, nem palhaço”, na verdade, possui um valor pragmático inverso. É utilizado para depreciar a opinião do *outrem*, a qual se deduz através de inferências conversacionais, numa espécie de formulação de contraste desvantajoso para o interlocutor, neste caso, o jornalista. Assinale-se, ainda, a pergunta retórica com elevado valor de agressividade no final e que coloca um encerramento forçado no diálogo “Tá entendido?” reforça a ideia de que não haverá mais explicações nem possibilidade de retorquir e de contestar o seu estatuto de superioridade enquanto treinador ilustre de futebol.

Outros aspetos que denunciam a presença de uma certa agressividade, no bom sentido, nestes excertos de conferência, dizem respeito aos elementos paraverbais, nomeadamente, o tom da voz. Não nos

esqueçamos Charaudeau (2019, p. 451) quem afirma que “a violência verbal pode se manifestar por gritos, voz alta e palavras empregadas em tonalidades diversas (das mais suaves às mais estridentes).” Nos excertos onde predominam o desacordo, há uma tendência do aumento de tom, por parte dos treinadores, verificando-se também a repetição de vocábulos, uma característica da patemicidade, *vide* estes segmentos dos excertos da conferência 4 proferido por Abel Ferreira:

Portanto, os jogos ganham-se dentro do campo. Os campeonatos ganham-se dentro do campo. E é dentro do campo que eu quero competir. Não é aqui! Eu aqui não quero competir com ninguém. Aqui ao microfone não quero competir com ninguém! E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me, porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica.” // **“Não se admirem /não se admirem que o que nós andámos a fazer com a informação, andámos é plantar o ódio e a violência! Andámos a plantar o ódio e a violência!** ... E o futebol não é isso, meus senhores. O futebol não é isso. O futebol é paixão! [Cl.4- AF, 18.01.2018].

No excerto de conferência 5, emerge, de novo, um ato agressivo. O jornalista, ao apropriar-se de avaliações negativas supostamente proferidas por outro treinador, Rui Vitória, treinador do Benfica, por meio de itens lexicais marcados “mau caráter e mau colega”, numa conferência de imprensa precedente, como se verifica neste segmento discursivo: **“Jornalista: (?) - [...]** *a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau caráter e mau colega.”* [Cl.5. JJ, 6.01.16]. O treinador do Sporting, Jorge Jesus, responde, excluindo-o da relação interlocutiva, ignorando-o: *“A outra questão... Mau colega... Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais...”* [Cl.5-JJ, 6.01.16]. No mesmo excerto, através de atos provocatórios, Jorge Jesus, constrói uma imagem depreciativa de Rui Vitória, em relação à sua competência: *“Fi-lo sair da toca. Ele tem de se assumir. Para treinar o Benfica tem de se assumir. Para conduzir um “Ferrari” tem de ter andamento para ele, não é?”* [Cl.5-JJ, 6.01.16].

Nestes segmentos, a intenção pragmática é desqualificar o adversário, fazê-lo sentir excluído do grupo de treinadores com competências para treinar

um clube grande, isto é, a intenção é tocar a sua honra, configurando-se deste modo uma retórica agressiva.

Nestas conferências, estes atos indelicados, sob forma de FTAs são visíveis, contudo dado o caráter institucional das mesmas, a agressividade verbal não é de toda exagerada pois há normas de conduta que regem a atuação verbal, o que faz com que seja considerada, de certa forma, contida. Assim, devido à natureza combativa desta atividade socioprofissional, em que o outro é sempre visto enquanto adversário, que se quer vencer, é natural que, nas conferências de imprensa, nem sempre os treinadores se pronunciem delicadamente em relação aos colegas de profissão e a outros atores envolvidos, acabando por extravasar o razoável em algumas declarações. Por exemplo, excluir o outro do mesmo grupo de atividade profissional, com o intuito de desconsiderá-lo é arrogante e agressivo, classificar o outro como um boneco é, também, insultuoso e agressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após examinarmos alguns excertos de conferência de imprensa de futebol, pudemos verificar que, em termos discursivos, os interlocutores na interação - os treinadores e os jornalistas - alteram e negociam o sentido dentro de um determinado contexto, cujos atos produzidos visam ou a busca de um consenso, com atos de acordo, ou dissenso, ao tentar influenciar o outro, impondo o seu ponto de vista.

Estas conferências correspondem a um gênero do oral, poligerado, baseado principalmente nas dimensões dialogal e argumentativa. Dialogal, no sentido em que se edifica em turnos de pergunta dos jornalistas e respostas dos treinadores, estruturando-se, conseqüentemente, em pares adjacentes. Argumentativa na medida em que se recorrem a argumentos na imposição do ponto de vista que se quer defender.

Nos excertos menos harmoniosos, há um jogo de argumentação e contra-argumentação, sustentado em argumentos *ad personam* e *ad hominem*. Para além disso, impera igualmente a qualificação e desqualificação do outro, muitas vezes, de forma pejorativa, construindo uma imagem menos abonatória do referente. De igual modo, verificamos a tipologia narrativa, aquando da apresentação dos eventos, sobretudo com recurso à narração de histórias de vida (Gunthner, 2011; Flannery, 2011) para a legitimação e credibilização discursivas que se querem passar. A tipologia diretiva ou injuntiva está também presente, porque, em muitas circunstâncias, quer-se impor o ponto de vista, e toda a argumentação é, então, direcionada a um interlocutor fazendo com que a ameaça à face do outro sobressaia, pondo em relevo as questões de indelicadeza e, inclusivamente, de agressividade verbal.

Nas conferências de imprensa analisadas, verifica-se a presença da delicadeza verbal, quer seja ritual, quer seja estratégica, pois em qualquer modalidade discursiva esta é fundamental para o estabelecimento da relação interpessoal. Em qualquer interação verbal, comunicar significa pedir a

colaboração do outro (Gumperz, 1982; Tannen, 1989; Almeida, 2008) ou, então, invadir o espaço (Brown & Levinson, 1987; Marques, 2008a) do *alter ego*, por conseguinte, o envolvimento entre os participantes é fator primordial para que haja comunicabilidade. Deste modo, há recurso à delicadeza normativa (cf. Bravo, 2004), principalmente no ato de abertura e fecho das sequências em que os jornalistas, antes de colocarem as questões aos treinadores, apresentam as saudações iniciais que são retribuídas, na maioria das vezes, na tomada de vez do treinador, construindo, por conseguinte, o par adjacente saudação *versus* saudação. Similarmente, no fecho das conferências em que o locutor se despede, verifica-se, também, o uso de estratégias de delicadeza altamente ritualizada e convencionalizada.

Dado o caráter institucional destas interações, o fluxo interativo é desigual, isto é, assimétrico, cabendo ao treinador a maior parte do tempo na gestão verbal, porquanto responde às breves questões dos jornalistas. Por deterem o maior fluxo conversacional, socorrem-se a várias estratégias pragmáticas que lhes possibilitam responder aos jornalistas de diversas formas, quais sejam, em jeito de brincadeira, ou de forma séria e irónica, com realizações diretas ou indiretas.

No entanto, nem sempre as interações ocorrem num clima harmonioso, o que nos permite constatar sequências interativas de caráter conflituoso (Simonin, 2010) entre jornalistas *versus* treinadores, *in praesentia*, e treinadores *versus* treinadores, *in absentia*, pelo que nalgumas situações os treinadores das equipas adversárias são convocados pela cena de enunciação (Maingueneau, 2006), acabando por alimentar polémicas (Dascal, 2010; Amossy, 2017) que atravessam outras conferências, sob forma de vozes que se digladiam, como comprovámos na análise, isto é, sob a forma de uma polifonia de vozes (Fonseca 1992). Uma vez alimentada pelas perguntas dos jornalistas, é construído um discurso de oposição, contraposição (Amossy, 2017) e justificação (Lopes, 2012), cujos protagonistas são os treinadores das equipas adversárias, baseado numa sequência alternada de réplicas com uma específica estrutura sequencial e interacional. Assim, cada intervenção individual apresenta uma estrutura

diafónica (Fonseca, 1992; Cabasino, 2010), uma vez que retoma as propostas atribuíveis ao seu interlocutor no seu próprio discurso.

Por outro lado, constatou-se que, no ato da gestão verbal, e tendo em conta as intenções dos treinadores, sobretudo nas interações polémicas, edificam-se diferentes *ethè* (Amossy, 2011; 2014) no discurso.

Da análise dos excertos, pudemos concluir que há um conjunto de *ethos* que sobressai, dos quais se assinalam:

- (i) o *ethos* competente, sendo preponderante, na medida em que os treinadores constroem esta imagem de mais saber e de total domínio das situações vivenciadas no jogo, quer pelos seus jogadores, quer pelos adversários, quer ainda, relativamente às decisões dos árbitros;
- (ii) o *ethos* incompetente, em oposição ao primeiro, ao se traçar uma imagem negativa do outro, primando pela desvalorização do saber do *alter*, ou a não integração deste no seu grupo profissional, excluindo-o por meio da desqualificação;
- (iii) o *ethos* solidário, em que o locutor, através do discurso, escuda-se em entrar em litígios verbais, primando pela promoção da relação de confiança e cooperação com o outro;
- (iv) o *ethos* arrogante, muito frequente no nosso *corpus*, que é característico do treinador entrevistado, por este demonstrar ser superior ao outro;
- (iv) realça-se, do mesmo modo, a presença do *ethos* agressivo que decorre da tendência constante de efetuar julgamentos críticos e insistir na desconsideração pessoal e profissional do outro.

Deste modo, os comportamentos linguísticos e paralinguísticos, em termos de delicadeza verbal (Brown & Levinson, 1987; Kerbrat-Orecchioni, 1992; Marques, 1995; Marques, 2008a) e indelicadeza (Culpeper 1996, 2011; Boushfield, 2008), estão intrinsecamente ligados às imagens construídas.

Sobre este último aspeto, diríamos, em síntese, que os treinadores, ao convocarem os colegas de profissão, para a cena de enunciação os quais lutam por objetivos comuns, nas interações menos harmoniosas, com atos de indelicadeza verbal (Culpeper, 1996; Locher & Bousfield, 2008) há principalmente dois *ethè* que se constroem – uma positiva em relação à sua pessoa – *competente*, sustentado em atos de autoelogio e outra menos abonatória à pessoa do referente - *incompetente*, sob forma de desvalorização do outro, os quais concorrem para a edificação de uma imagem *arrogante*, características do discurso *agonal ou antagónico* (Marques, 2008a; Amossy, 2017).

Esta constatação da construção dessas imagens antagónicas encontra sustentação em Terkourafi (2008) quem relaciona a violência verbal e a edificação de uma imagem de si, em que a construção da própria imagem do orador pode envolver a edificação ou a destruição da imagem do outro, seu adversário, o que reforça o carácter intencional da violência, associando-a ao *ethos* (cf. Cabral, 2020, p.55). Estes *ethè* são suportados sobretudo pela polémica, traduzidos em atos de autoelogio e de indelicadeza verbais, sob forma de crítica ou ameaça, causando danos à imagem do outro.

Pragmaticamente, a partir do momento em que o locutor – treinador - ataca a imagem do outro (treinador da equipa adversária), nestas interações menos harmoniosas, há principalmente duas estratégias que se emergem em decorrência de conferências subsequentes:

- (i) o treinador visado reage, contrariando ofensivamente. Ataca também a imagem alheia, abrindo espaço a uma guerra verbal (Amossy, 2017). Neste caso, faz uso da indelicadeza verbal (Culpeper, 1996), com estratégias de indelicadeza negativa, como a invasão deliberada do território do outro, metaforicamente ou literalmente, com atos de crítica, através da desconsideração ou desqualificação, associando-o a aspetos negativos. Nestes casos, materializa-se pragmaticamente por meio de uma argumentação emotiva, isto é, assente no *pathos*,

pelo que revide, fazendo aumentar a tensão verbal e, conseqüentemente, a polémica.

- (ii) o treinador visado reage defensivamente. Resguarda a sua própria imagem. Prima pela delicadeza verbal, isto é, pela cortesia estratégica, e constrói um *ethos* humilde, contrariando o que lhe foi tecido antecipadamente. Distancia-se da imagem do outro, recorrendo a uma argumentação baseada no *logos*.

Ao optar pelo primeiro caso, com um discurso mais crítico e agressivo, e sendo as conferências de imprensa um espaço interativo, por excelência, onde os treinadores são inquiridos pelos jornalistas a prestarem os mais diversos esclarecimentos, acabam, em situações pontuais, por se retratarem, com atos reparadores (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]; Briz, 2013). Socorrem-se a atos de delicadeza negativa como pedidos de desculpa (Brown & Levinson 1987 [1978]) ou outros atos mitigadores, por exemplo, a sequências de justificação (Lopes, 2012) enquanto formas de legitimação e credibilização discursivas (Charaudeau, 2014), permitindo-lhes construir outros *ethè*, como o *solidário*, *humilde*, *responsável* porquanto optar pela indelicadeza tem os seus custos e benefícios (Leech, 1983; Simonin 2010).

Esta pluralidade de *ethos* deriva daquilo que Goffman (2012 [1974]) designa de o homem ser um ator cénico.

A polemicidade (Amossy, 2017) é, por outro lado, uma constante nestas conferências e prolonga-se no tempo devido à dicotomização do discurso e a descredibilização ou desqualificação do outro (Amossy, 2017), neste caso do adversário, ou através da sua tese, ou do ataque “*ad personam*.” Os treinadores atacam a face de terceiros ausentes, os colegas de profissão, sobretudo os que lutam para alcançar os mesmos objetivos. Neste contexto, a intenção é desestabilizar, fazer desacreditar o outro para poder tirar vantagens. Efetuem-no, inicialmente, por meio de FTAs dissimulados ou implícitos, sob forma de ironia, metáforas, perguntas retóricas (...) que, através de insistências das questões dos jornalistas se tornam explícitas, amplificando, por sua vez, o grau de ameaça à face alheia instalando-se a polémica verbal.

Tais atos de polemicidade são suportados pelas questões dos jornalistas, sob forma de perguntas com avaliações axiológicas negativas proferidas por outros treinadores, outras vezes, através da exacerbação das opiniões, as quais nutrem as interações, fazendo com que estes atos se estendam no tempo.

Não é por acaso que Amossy (2017) aponta, de entre outros dispositivos discursivos, a subjetividade marcada pela linguagem, o vocabulário fortemente axiológico, a seleção estratégica de termos de denominação, o emprego de vocábulos depreciativos, a manipulação tendenciosa do discurso relatado, as afirmações enfáticas, como traços recorrentes de atos polémicos e que se fazem presentes nestes excertos de conferência menos harmoniosos.

Nas respostas, por via de retoma, refutação e reformulação, os treinadores socorrem-se de contra-argumentos, enquanto dispositivos retóricos como forma de combate às teses adversas. Estes atos de crítica e insinuação relacionados sobretudo a terceiros ausentes são adotados como estratégias de desresponsabilização pelos resultados menos conseguidos.

Por isso, vários são os recursos discursivos os quais despoletam nestas interações: *ataques ad hominem e modos de escárnio* (“*ele é um boneco*”, “*para ser treinador tem de ser muito mais,*” “*como não sou amigo dele, não o qualifico como treinador...*”); o bom senso (“*como nunca faltei ao respeito a ninguém*”); *marcas do pathos*, como *a indignação e a cólera*.

A polemicidade é, por outro lado, instaurada devido a críticas a outros agentes desportivos, nomeadamente, à arbitragem. Quando se referem a estes últimos, geralmente, tais atos de polemicidade se esgotam nas mesmas conferências de imprensa diferentemente dos que visam os colegas de profissão, os próprios treinadores. Estas interações ganham, por conseguinte, uma dimensão espetacular na medida em que há uma certa teatralidade nas conversações, fazendo também com que estas conferências sejam essencialmente triviais.

Constatamos, igualmente, que os atos de crítica também são dirigidos diretamente à face dos jornalistas em presença, principalmente, quando há intromissão destes no território dos treinadores, que se quer ver salvaguardado.

Nestes segmentos de interações verbais menos harmoniosos, algumas são as estratégias discursivas de captação, legitimação e credibilização do discurso (Charaudeau, 2014), dos quais pudemos verificar as breves histórias de vida (Flannery, 2011; Günthner, 2011), enquanto mecanismo retórico para tocar os outros, a polifonia de vozes (Fonseca, 1992; Cabasino, 2010), ou seja, vozes dos outros, como estratégia de desresponsabilização e credibilização discursivas, o elogio (Kerbrat-Orecchioni, 1992), como estratégia de valorização da face do outro e de si próprio, a ironia e outros recursos retóricos, como a metáfora, em forma de tropos, enquanto estratégias de mitigação, de delicadeza devido à indiretividade, atos reparadores (Briz, 2013) e sequências de justificação (Kerbrat-Orecchioni, 2014 [1996]; Lopes, 2012; Almeida, 2015) para atenuar os danos causados à imagem do outro, resultante num trabalho de figuração (cf. Goffman 1973), com o intuito de atenuar os FTAs e minimizar os danos causados à face dos outros e terceiros ausentes.

Na análise efetuada, os treinadores, ao visarem os seus colegas de profissão, árbitros e jornalistas, com atos de crítica, ameaça, desacordo e insinuação, fazem com que o discurso seja, em muitas situações, agonístico e agressivo. No entanto, dado o caráter institucional das conferências de imprensa, não podemos falar num discurso predominantemente ofensivo. Na verdade, a própria atividade desportiva requer uma certa agressividade no bom sentido, como defende (Samulski, 2008), a qual atravessa igualmente os atos verbais das conferências de imprensa, com atos de provocação e insinuação. Assim, os atos de crítica e ameaça fazem parte destas interações sobretudo as de caráter polémico e, quando proferidos, há um trabalho de figuração da face (Goffman, 1973) em conferências subsequentes com o intuito de minimizar os danos causados à imagem alheia. Além disso, não nos esqueçamos de que diversos contextos de comunicação, como faz notar

Amossy (2017, p.192), autorizam modos de confrontação e que a violência mesmo quando se inflama, está sujeita aos ritos da interação. Assim, o insulto, que aparece como culpado porque transgride às regras de delicadeza e ameaça à face do outro, no caso das conferências de imprensa de futebol, não foge à regra.

Embora irrompam atos os quais podemos considerar agressivos, nestas conferências, não são necessariamente ofensivos. Ocorre no sentido de provocação e ataque à face do outro, sobretudo aquando da justificação de resultados menos positivos em sintonia com uma falta de controle emocional, por um lado, e, por outro lado, ao tentar atingir o concorrente direto na persecução de objetivos que lhes são comuns a fim de tirarem alguma vantagem (“minds games”).

Como mencionado acima por Culpeper (1996), a indelicadeza pode despoletar-se porque há um conflito de interesses, e é importante impor sobre a outra pessoa para obter o melhor sobre ela e também um objetivo positivo a longo prazo pode ser alcançado por uma estratégia de rudeza a curto prazo. Estes atos não assumem, porém, a dimensão de agressividade exacerbada. Ademais, os treinadores deverão agir de acordo com um código de ética e de conduta que os constrem nas suas declarações, sob pena de gravosas sanções, que lhes podem até impedir a continuidade do exercício da sua profissão. Deverão demonstrar, por isso, um certo decoro relativamente a outros intervenientes (futebolistas, adversários, árbitros, dirigentes, espetadores, apoiantes, público, naturalmente e representantes da comunicação social).

Na sua conduta, é obrigação moral dos treinadores serem, por um lado, delicados, respeitando a dignidade, a privacidade e a liberdade dos praticantes e, por outro lado, tolerantes, aceitando as diferenças individuais, não recorrendo a qualquer manifestação de violência de acordo com a deontologia profissional (cf. Lima, 2016).

Com esta pesquisa, ficamos cientes de que um trabalho de investigação tem naturalmente limitações que, a par e passo, foram sendo testemunhadas e que nem sempre conseguimos ultrapassar. Uma das

principais decorre da constituição do *corpus* e da sua atualização, pois este foi constituído nas datas referidas e, posteriormente, sobretudo nos principais campeonatos portugueses, tem sido bem patente o acréscimo de agressividade verbal e as constantes infrações às regras de delicadeza e de fair-play, que deveriam pautar o desporto-rei. Teria sido importante analisar um *corpus* mais vasto e com treinadores de outros clubes, porventura de menor relevância na panorâmica nacional para compreender se os clubes mais poderosos, que ao nível do futebol quer, conseqüentemente, ao nível económico, dados os milhões que movimentam, usam argumentos menos tolerantes com os clubes mais modestos, veiculando, assim, uma progressiva agressividade verbal.

Múltiplos são os percursos de investigação futura e cremos que será possível privilegiar o estudo das conferências de futebol, assegurando análises que aqui não pudemos abordar, nomeadamente as questões semióticas, de proxémia verbal, ou outro tópico que é recorrentemente apontado sobretudo aos treinadores e aos futebolistas que são as incoerências gramaticais dos discursos produzidos, as dificuldades na articulação de discursos coesos e coerentes, para os quais muitos apontam a falta de literacia dos implicados.

Por fim, cremos que este percurso de investigação que, de forma algo pioneira, encetámos, poderá abrir pistas numa perspetiva didática, pois importa o reconhecimento das próprias falhas e dificuldades por parte de todos os atores envolvidos, para construtivamente se poder ajudar a pensar e elaborar discursos mais construtivos, mais delicados, já que a dimensão mediática destas conferências de imprensa pode estar ao serviço da formação de gerações futuras, mais educadas, mais tolerantes e mais respeitadoras do(s) adversário(s).

Essa dimensão pedagógica e construtiva que gostaríamos de explorar em trabalhos subsequentes é, em nossa modesta opinião, crucial para que esta investigação tenha feito sentido ao longo dos últimos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adam, J. M. (2011). *A linguística textual- Introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues et al. 2ª Edição revista aumentada. Cortez Editora.

Almeida, C. A. de (2010). “(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos):” o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio. *Textos Seleccionados. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto. APL. pp. 127-142.

Almeida, C. A. de (2011). Aspectos semânticos e pragmáticos da co-construção de identidades discursivas em narrativas de experiência de vida produzidas por participantes de emissões noturnas de rádio. *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa. APL. pp. 35-48.

Almeida, C. A. de (2012). *A construção da ordem interacional na rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*. Porto: Edições Afrontamento. Biblioteca das Ciências Sociais.

Almeida, C. A. de (2013). Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. *Textos Seleccionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra. APL. pp. 59-77.

Almeida, C. A. de (2014). O uso estratégico do ato de asserção num corpus de ‘histórias de vida’ realizadas em contexto de entrevista, in Moreno, A. et al. (Orgs.) *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística em Coimbra*. Porto. APL, p. 29-42.

Almeida, C. A. de (2015). Estratégias discursivas de mitigação na sequência discursiva de pergunta-resposta: a justificação no contexto de entrevista. In Moreno, A.; Silva, F.; Veloso, J. (orgs.) *Textos Seleccionados, XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, APL, pp. 65-76.

Almeida, C. A. de (2016a). Conselho de amigo, aviso do céu: contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça. *Revista de Associação Portuguesa de Linguística - Textos Seleccionados XXXI. Encontro Nacional de Associação de Linguística*. Porto. FLUP. APL. pp 1-29.

Almeida, C. A. de (2016b). Dispositivos linguísticos de atenuação e de intensificação: estratégias retórico-argumentativas de persuasão. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos* 20-1, 25-50.

Andrade, E. (1966). *Poemas 1945-1965*. Lisboa. Portugália Editora.

Amossy, R. (1999). *Imagens de soi dans le discours – La construction de l'ethos*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

Amossy, R. (2000). *L'Argumentation dans le discours: discours politique, littérature d'idées, fiction*. Paris: Nathan.

Amossy, R. (2005). The argumentative dimension of discourse. Frans H. van Eemeren & P. Houtlosser, eds. *Practices of argumentation* (Amsterdam: John Benjamins Publishing Company), pp. 87-98. In <file:///C:/Users/USER/Downloads/theargumentativedimensionofdiscourse.pdf>. [Acesso em 24 de julho de 2021].

Amossy, R. (2011). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto.

Amossy, R. (2012). Faut-il intégrer l'argumentation dans l'analyse du discours? Problématiques et enjeux. *Argumentation et analyse du discours*, n. 9: <http://aad.revues.org/1346>. [Acesso em: 28 agosto de 2021].

Amossy, R. (2017). *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto et al. São Paulo. Contexto.

Amossy, R. (S/d). O lugar da argumentação na organização do discurso: - abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de de Adriana Zavaglia. Universidade de Tel-Aviv.

Atkinson, J. M., & Drew, P. (1979). Order in court: The organisation of verbal interaction. In *Judicial Settings*. London: Palgrave Macmillan.

Atkinson, J.M.; Heritage, J. (1984). Structures of social action. *Studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 299-345.

Austin, J.L. (1961). *Philosophical Papers*. Oxford. Clarendon Press.

Austin, J.L. (1962). Performatif-constatif. In A.A.V.V., *La philosophie analytique*. Paris. Minuite.

Austin, J.L. *Quando dizer é fazer*. Tradução Prof. Danilo Marcondes Sousa Silva (1990). Porto Alegre: Artes Médicas.

Bakhtin, M. (1992). *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo. Martins Fontes.

Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. H. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1(4), 251-254.

Bravo, D. V. (2004). Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía. *Universidad de Estolcomo*. pp.15-37.

Batoréo, J. H. (2004) - *Linguística portuguesa: abordagem cognitiva*. CD-Rom. Lisboa: Universidade Aberta.

Becker, J. B. (2008). *Manual de psicologia do desporto e do exercício*. Porto Alegre. Nova Prova.

Bierwisch, M. (1980). Semantic structure and illocutionary force, in John R. Searle, Ferenc Kiefer, and Manfred Bierwisch (Eds). *Speech act theory and pragmatics*. Dordrecht: Reidel, 1–35.

Binet, M. G. J. & Freitas, T. (2007). A Ritualização de aberturas: A pergunta 'dádiva está (s) bom'? *IIº Fórum de Partilha Linguística*, organizado 12 e 13 de junho de 2007 pelo Grupo de Jovens Investigadores do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), pp. 288-304.

Binet, M. G. J. (2013). Análise da conversação etnometodológica e investigação em serviço social: preliminares teórico-metodológicos. *Lusíada. Intervenção Social*, Lisboa, n.º 41, pp.71-91, in <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/1198/1309>. [Acesso em 18 de abril de 2019].

Blas Arroyo, J.L. (2003). Eperdóneme que se lo diga, pero vuelve usted a faltar a la verdad, señor González: form and function of politic verbal behaviour in face to face Spanish political debates. *Discourse & Society* 14, 4, 395-423.

Blas Arroyo, J.L. (2010). La descortesía en contextos de telerrealidad mediática. Análisis de un corpus español. In Franca Orletti y Laura Mariottini (2010) - *(Des)cortesía en español. Espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. 1ª ed. - Roma-Estocolmo: Università Degli Studi Roma tre-eDICE, 2010. 744 págs.

Bousfield, D. (2008). *Impoliteness in interaction*. Amsterdam: John Benjamins.

Briz, A. (2013). A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas / The attenuation and the attenuators: strategies and tactics. *Linha d'Água*, 26 (2), pp. 281-314.

Bronckart, J.P. (2003). *Atividades de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo. Educ.

Brown, P. & Levinson, S.C. (1987). *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

Cabasino, F. (2010). Dialogisme autocentré et interlocution dans le cadre du débat politique télévisé, in Mur, Clara-Ubaldina Lorda (2010) - *Polyphony and intertextuality in dialogue*. University Pompeu Fabra. pp. 1-16.

Cabral, A.L.T.(2020). Inteligência retórica: violência e emoções na construção do ethos. *Verbum*. v. 9, n. 1, p. 49-64.

Carapinha, C. (2016). Padrões interacionais em contexto institucional – a organização do discurso em sala de audiências. CELGA – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Carreira, M. H. (1995). A Delicadeza em português: Para o estudo das suas manifestações linguísticas, in Marques, M.E.R. (1995). *Sociolinguística*. Universidade Aberta.

Carrilho, M. M. (1994). Linguagem e pragmática, in *A Filosofia das ciências – De Bacon a Feyerabend*. Editorial Presença. Lisboa.

Charaudeau, P. (2003). Uma teoria dos sujeitos da linguagem, In: Hugo M., I. L. M. Renato, M., *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Nad-FALE-UFMG. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-teoria-os-sujeitos-da.html>. [Acesso em 12 de agosto de 2020].

Charaudeau, P. (2006). O discurso político, In: Emediato, W; Machado, I.L; Menezes, W. (Orgs.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos. Faculdade de Letras da UFMG.

Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2008). *Dicionário da análise do discurso*. Editora Contexto.

Charaudeau, P. (2013) - *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2014). Étude de la politesse entre communication et culture In Cozma A-M., Bellachhab A., Pescheux M. (dir.), *Du sens à la signification. De la signification aux sens. Mélanges offerts à Olga Galatanu*, Bruxelles, 2014, pp. 137-154. In <http://www.patrick-charaudeau.com/Etude-de-la-politesse-entre.html> [acesso em 10 de julho de 2019].

Charaudeau, P. (2019). Reflexões para a análise da violência verbal. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, set./dez. 2019.

Colin Rodea, M. (2003). *El Insulto: Estudio Pragmático – Textual y Representación Lexicográfica*. Tesis de Doctorado. Barcelona.

Crystal, D. (1985). *Dicionário de linguística e fonética*/David Crystal. Tradução e adaptação [da 2ª ed. Inglesa ver. e ampliada, publicada em 1985]. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed. 2000.

Culpeper, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics* 25, pp.349-367, in https://www.academia.edu/3402438/Towards_an_anatomy_of_impoliteness [Acesso em 12 de agosto de 2019].

Culpeper, J. (2005). Impoliteness and entertainment in television quiz show: the weakest link. *Journal of Politeness Research*, v. 1, p. 35-72.

Culpeper, J. (ed.) (2009/2011). *Journal of Historical Pragmatics: Special Issue on Historical Sociopragmatics*, 10(2).

Culpeper, J. (2011). *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press.

Damásio, A. R. (1994). *Descartes error - emotion, reason and human brain*, trad. Portuguesa, 1995, *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*, 18th ed., Mem Martins. Publicações Europa-América, 1998.

Dantas, S. et al. (2012). Os pares adjacentes em sala de aula. VII CONNEPI. *Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação*. Palmas. Tocantins.

Dascal, M. (2010). Types of polemics and types of polemical moves, in Capone, A. (ed.), *Perspectives on language use and pragmatics: A volume in memory of Sorin Stati*, München: Lincom, pp. 77-97.

Drew, P. & Heritage, J. (1992). *Talk at work: Interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Ed Minuit.

Eelen, G. (2001). *A Critique of politeness theories*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Espíndola, L. C. (2013). Futebol é guerra: A metáfora concetual do futebol. *Rev. de Letras*, nº 32, vol. 1, p. 37-43.

Ervin-Tripp, Susan M. (1979). Children's verbal turn-taking, in E. Ochs and B. Schieelin (Eds). *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, 391-414.

Faria, I. H. (1996). Linguagem verbal: aspetos biológicos e cognitivos. In Faria, I. H. et al. (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Editorial Caminho. pp. 25-35.

Foucault, M. (1972). *The archeology of knowledge*, trans. A. M. Sheridan. New York: Harper.

Fávero, L. L. (2015) – Cortesia verbal e ensino de língua: reflexões sobre competência comunicativa, jogo interpessoal e normatividade. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-129, jan./jun. 2015 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p101-129>. [Acesso em 21 de agosto de 2019].

Ferreira, J. G. B. (2019). Metáforas do futebol no português brasileiro: uma abordagem cognitiva. *Linguist.lit.nº75*. Medellin, pp.78-85.a Jan./junho 2019.

Figueiredo, O. M. F. G. (2012). A Semiótica das emoções no discurso ficcional. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, nº 1. pp. 55-78.

Fishman, J. A. (1972). The sociology of language, in P. P. Giglioli (ed.), *Language and social context*. Harmondsworth: Penguin, 45–58. (1st edn 1969).

Flannery, M. R. de S. (2011). Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 46, n. 1, p. 112-119.

Fonseca, J. (1992). *Linguística e texto/discurso – Teoria, descrição, aplicação*. Lisboa. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Fraser, B. (1980). *Journal of pragmatics 4: Conversational mitigation*. DOI:[10.1016/0378-2166\(80\)90029-6](https://doi.org/10.1016/0378-2166(80)90029-6).

Fraser, B. (1999). Perspectives on politeness. *Journal of Pragmatics*, 14: 219–236. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90081-N](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90081-N).

Fuentes Rodríguez, C.; Alcaide Lara, E. R. (2008). *(Des)cortesía, agresividad y violencia verbal en la sociedad actual*. Universidad Internacional de Andalucía.

Garand, D. (1998). Propositions méthodologiques pour l'étude du polemique. Hayward, A. & D. Garand (éds.). *Etats du polemique*. Montréal: Nota Bene, pp. 211-268.

Georgakopoulou A., Goustsos D. (2004). *Discourse analysis: an introduction*. Edinburgh. University Press.

Goffman, E. (1953). *Communication conduct in an island community* (Unpublished Ph.D. dissertation). University of Chicago, Chicago.

Goffman, E. (1973). *La mise em scène de la vie quotidienne*. 1, 2. Paris. Minuit.

Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis. Vozes.

Goffman, E. (2012). *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Prefácio de Bennet M. Berger. Tradução de Gentill A. Titton. Editora Vozes. Petrópolis.

Gouveia, C. A. M. (1996). Pragmática. In Faria, I.H. et al (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Editorial Caminho. S.A. Lisboa, pp. 383-419.

Gouveia, C. A. M. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In Duarte, I.M.; Oliveira, F. (Eds.) *O fascínio da linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 91-100.

Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In Cole, M. *Syntax and Semantics*, vol. 3. Speech Acts. New York. Academic Press. pp. 41-58.

Guaranha, M. F. & Gomes, A. C. (2019). Casos de violência verbal no futebol e nas redes de computador à luz da teoria dos atos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. 20 (especial), pp.135-149.

Gumperz, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gumperz, J. (2002). Entrevista com John Gumperz. In: Pereira, M. G. D. Garcez, P. M. (Orgs. e Eds.). *Palavra*. V 8. Rio de Janeiro: PUC-RJ.

Gunthner, S. (2011). The construction of emotional involvement in everyday german narratives – interactive uses of dense constructions. In *Pragmatics* 21: 4, pp. 573-592.

Habermas, J. (1981) *Théorie d'agir communicationnel*, 2 vols. Paris. Fayard.

Haverkate, H. (1985). La ironía verbal: análisis pragmalingüístico. *Revista Española de Lingüística*, 15, 2.pp. 343 – 391.

Haverkate, H. (1994). *La cortesía verbal. Estudio pragmalingüístico*. Editorial Gredos S.A. Madrid.

Heritage, J., & Maynard, D. W. (Eds.). (2006). *Communication in medical care: Interacion between primary care physicians and patients*. Cambridge: Cambridge University Press.

Holmes, J. (1995). *Women, men and politeness*. London: Longman.

Hymes, D. (1964), Introduction: Toward ethnographies of communication. *American Anthropologist* 66 (6): 1–34. <https://www.jstor.org/stable/i227427>.

Hymes, D. (1974). *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. Philadelphia: University of Philadelphia Press.

Hutchby, I. (2006). *Media talk: Conversation analysis and the study of broadcasting*. Maidenhead: Open University Press.

Ilie, C. (2001). Unparliamentary language: insults as cognitive formas of ideological confrontation. In: Dirven, R.; Roslyn, F.; Ilie, C. (Orgs). *Language and ideology. Vol. II*. Amsterdam: John Benjamins, p. 238-261.

Jacques, F. (1979). *Dialogiques. Recherches logiques sur le dialogue*. Paris, PUF.

Jobert, M. (2010). L'impolitesse linguistique: vers un nouveau paradigme de recherche? *Lexis*, HS 2. URL: <http://journals.openedition.org/lexis/777>; DOI: 10.4000/lexis.777.

Kádár, D. Z.; Haugh, M. (2013). *Understanding politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kasper, G. (1990). Linguistic politeness: Current research issues, *Journal of Pragmatics*, 14: 193–218. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90080-W](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90080-W)

Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). La polémique et ses définitions. In: Gelas, N.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds.) *Les discours polémiques*. Lyons: Presses Universitaires de Lyon, pp.3-40.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1990) - *Les interactions verbales: 1. Approche interactionnelle et structure des conversations* (Vol. 1). Paris: Armand Colin.

Kerbrat-Orecchioni, C. (1994). Rhétorique et pragmatique: les figures revisitées. In: *Langue française*, n°101. *Les figures de rhétoriques et leur actualité en linguistique*. pp. 57-71; https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1994_num_101_1_5843. [Acesso em 8 de fevereiro de 2019].

Kerbrat-Orecchioni, C. (1996). *Análise da Conversação – Princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. 2014. Parábola Editorial.

Kerbrat-Orecchioni, C. (2002). Système linguistique et ethos communicatif. *Cahiers de praxématique*, n° 38, pp. 35-57, in <https://journals.openedition.org/praxematique/540>. [Acesso em 3 de março de 2019].

Kerbrat-Orecchioni, C. (2010). L'impolitesse en interaction, *Lexis* [En ligne], HS 2 | 2010, mis en ligne le 06 septembre 2010. In: <http://journals.openedition.org/lexis/796>. DOI:10.4000/lexis.796. [Acesso em 19 abril 2019]

Lakoof, R. (1973). The logic of politeness, or minding your P's and Q's. *Chicago Linguistics Society*, 9, 292-305.

Labov, W. (1972). The social stratification of (r) in New York department stores, in William Labov (ed.), *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 43–54.

Latraverse, F. (1987). *La pragmatique*. Bruxelles.P. Margada. Éditeur.

Lee, S.-H. (2005). The scales of justice: balancing neutrality and efficiency in pleabargaining encounters. *Discourse & Society*, 16(1), 33–54.

Leech, G. N. (1983). *Principles of pragmatics*. Londres. Longman.

Leech, G. N. (2007). Politeness: Is there an East-West divide? *Journal of Politeness Research*, 3: 167–206.

Lima, J. P. (2007). *Pragmática linguística*. Lisboa. Editorial Caminho.

Lima, T. (2016). *Ética e deontologia profissional. Manual de curso de treinadores de desporto, grau II*. Instituto Português do Desporto e Juventude.

Locher, M. A., & Bousfield, D. (2008). Introduction: Impoliteness and power in language. In D. Bousfield & M. A. Locher (Eds.), *Impoliteness in*

Language. Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice (pp. 1–13). Berlin: Mouton de Gruyter. https://edoc.unibas.ch/14557/1/20131011104605_5257bacd3f7ab.pdf. [Acesso em 13 de agosto de 2019].

Locher, M.; Watts, R. (2008). Relational work and impoliteness: Negotiating norms and linguistic behaviour. In: Bousfield, D.; Locher, M. (eds.). *Impoliteness in language. Studies on its Interplay with power in theory and practice*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 77-99.

Londoño Zapata, O. I. (2011). Aportes del doctor Patrick Charaudeau a los estudios del discurso (ED), in [https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/Entrevista Analisis del discurso .pdf](https://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/Entrevista_Analisis_del_discurso_.pdf), pp.1-3. [Acesso em 23 de março de 2019].

Lopes, A. C. M. (2009). Justification: A coherence relation. *Pragmatics* 19: 2, pp. 241-252.

Lopes, A. C. M. (2012). Contributos para uma análise semântico-pragmático das causais da enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa*. São Paulo. 56 (2) pp- 451, 468.

Lopes, A. C. M. & Carapinha, C. (2013). *Texto, coesão e coerência*. Almedina. CELGA.

Maçãs, D. (1976). Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial. *Separata de Biblos*, vol. XLV, Coimbra: Faculdade de Letras.

Macaulay, R. K. S. (1987). Polyphonic monologues: quoted direct speech in oral narratives. *IPRA Papers Pragmatics*. pp-1-3. In https://www.researchgate.net/publication/43647598_Polyphonic_Monologues_Quoted_Direct_Speech_in_Oral_Narratives. [Acesso em 24 de fevereiro 2019].

Mainueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy, *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto. pp. 69-91.

Mainueneau, D. (2006). *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições.

Mainueneau, D. (2008). A propósito do ethos. In Motta, A., & Salgado, L. *Ethos discursivo* (pp. 11-32). São Paulo: Contexto.

Mainueneau, D. (2010). As três facetas do polémico. Trad. Sírio Possenti. In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Trad. Sírio Possenti e M. Cecília P. de Souza-E-Silva (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial.

Marcuschi, L. A. (1996). A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: Koch, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado (Volume VI: Desenvolvimentos)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. p. 95 – 129.

Marcuschi, L. A. (2003). *Análise da conversação*. São Paulo. Ática.

Marcuschi, L. A. (2006). Repetição. In: Jubran, C. C. A. S.; Koch, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: Construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Mari, H. et al. (2011). *Análise do Discurso: Fundamentos Práticos*. Belo Horizonte. Núcleo de Análise do Discurso. FALEU/UFMG, pp. 23-37.

Marques, M. A. (2008a). Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. In: Oliveira, F.; Duarte, I. M. *O fascínio da linguagem: Atas do Colóquio de homenagem à Fernanda Irene Fonseca*. Porto. p. 277-296.

Marques, M. A. (2008b). *Arrogância e construção do ethos no discurso político português*. Universidade do Minho, in <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27048/1/Arrog%C3%A2ncia%20e%20ethos.pdf>. [Acesso em 20 de maio de 2018].

Marques, M. A. (2015). *Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação*. Revista Galega de Filoloxía. 16. pp.107-121. in, https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/20097/RGF_2015_16_art_4.pdf?sequence=1&isAllowed=y. [Acesso em 13 de fevereiro 2019].

Marques, M. E. R. (1995). *Sociolinguística*. Universidade Aberta.

Martínez Lara, J. A. (2009). *Los insultos y palabras tabúes en interacciones juveniles. Un estudio sociopragmático funcional*. *Boletín de Lingüística*, vol. XXI, Núm. 31, enero-junio. pp. 59-85 Universidad Central de Venezuela.

Matuda, S. (2015). *Futebóis: uma análise do léxico do futebol brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da linguística de corpus*. [Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras].

Meier, A J. (1995). *Passages of politeness*. *Journal of pragmatics* 24: 382-392. <https://scholarworks.uni.edu/facpub/4311> [Acesso 3 de março de 2020].

Mills, S. (2003). *Gender and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.

Monteiro, D. (2011). A organização sequencial de interações informais institucionalmente enquadradas. O caso do Atendimento de Ação Social.

Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/6976>. [Acesso em 30 julho de 2019].

Morris, C. (1971). *Writings on the General Theory of Signs*. La Haye. Monton.

Oliveira, A. D. B. de et al. (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didática – dicionários temáticos*. Porto Editora.

Orlandi, E. P. (2005). Estudos da Linguagem – Michel Pêcheux e Análise do discurso. Universidade Estadual de Campinas. Vitória da Conquista, nº 1, pp.9-13, in <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3> [Acesso em 1 de abril 2019].

Ortega, M. B. A. (2005). La ironía y la cortesía – una aproximación desde sus efectos. Universidad de Alicante. Grupo Grial. Elua 19, pp.33-45.

Pêcheux, M. (1990). Delimitações, inversões, deslocamentos. Cadernos de Estudos Linguísticos, n.19. Campinas: Unicamp, p. 7-24.

Pedro, E. R. (1996). Interação verbal. In, Faria, I.H. et al (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Caminho, pp. 449-475.

Perrera, M.G. D., & Garcez, P. M. (2002). Entrevista com John J. Gumperz. Palavra, 1-8. <https://lingcult.files.wordpress.com/2015/04/palavra-8-02-2002-entrevista-john-gumperz.pdf>.

Pita, S.; Pinto, R. (2014). Construção dos *ethè* em discursos políticos em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo, in *Redís: Revista de Estudos do Discurso*, nº 3, pp. 126-154.

Plantin, C. (1996). Le trilogue argumentatif. Présentation de modèle, analyse de cas, Langue Française. v. 112, p. 9-30. https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1996_num_112_1_5358.

Rodrigues, D. F. (2003). *Cortesía lingüística. Uma competência discursivo- textual*. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

Rodrigues, M. C. C. (1998). A sequência discursiva pergunta resposta, in Fonseca, J. (1998) (org.) *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*. Tomo II. Porto. Porto Editora. pp.11-220.

Rodrigues, S. V. (2008) - A estrutura dialogal da polémica: aspetos configuracionais. Estudos Linguísticos /Linguistic Studies 1, pp. 273-284.

Rodrigues, S. V. (2011). *Estrutura e Funcionamento da interação verbal polémica. Contributo para o estudo da polemicidade em Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sacks, H., Schegloff; E. & Jefferson, G. A - (1974). *Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*, traduzido por

Adriana Maria Soares da Cunha, Camila Ferrarezi Duque, Jésus Ribeiro Medeiros, Luciana de Mesquita Silva, Milene de Paula Borges, Mônica Beatriz Pedrosa Schittini, in *Veredas - Rev. Est. Ling. Juiz de For a. v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003.*

Sacks, H., Schegloff, E., & Jefferson, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50(4), 696–735. <https://doi.org/10.2307/412243>.

Samulski, D. (2008) - *Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2. ed. Barueri, SP: Manole.

Sarangi, S., & Roberts, C. (2005). Theme-oriented discourse analysis of medical encounters. *Medical Education*, 39, 632–640.

Schegloff, E. (2002). Beginnings in the telephone. In J. E. Katz & M. A. Aakhus (Eds.). *Perpetual contact. Mobile communication, private talk, public performance*, pp. 284–300. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Schegloff, E. A. (2006). Interaction: The infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted, in Enfield, N. J. & Levinson, S. C. (Eds.), *Roots of Human Sociality: Culture, cognition and interaction*. London: Berg. 70-96.

Schegloff, E. A. (2007). *Primer in Conversation Analysis. Sequence Organization in Interaction - A I*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schiffrin, D. (1994) - *Approaches to Discourse*. Oxford: Blackwell.

Seara, I. R.; Cabral, A. L. T. (2017). O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista de Associação Portuguesa de Linguística*. Nº 3, set. pp- 211-232.

Seara, I. R. (2021). Ligações vertiginosas: violência verbal em 'comentários' nas redes sociais. *Calidoscópio*. 19 (3): 385-397. 10.4013/cld.2021.193.07.

Searle, J. R. (1968). Austin on locutionary and illocutionary acts. *The philosophical Review*. Vol 77.

Searle, J. R. (1969). *Les actes de langage*. Trad.fr.Paris. Hermann.

Searle, J. R. (1971). *The Philosophy of Language*. Oxford, Oxford University Press.

Searle, J. R. (1972). *Les actes de langage*. Trad. Fr. Paris. Hermann.

Searle, J. R. (1984). *Os Atos de Fala*. Coimbra: Almedina.

Silva, P. N. da (2015). *Alguns Contributos da Linguística para a Classificação dos Textos*. Universidade Aberta. CELGA.

Simonin, O. (2010). (Im)politesse, coopération et principes d'inférence. In *Lexis Special 2: Impoliteness/Impolitesse*, pp. 21-34, in <http://screcherche.univ-lyon3.fr/lexis/Recurso>. [Acesso em 13 de fevereiro de 2019].

Swales, J. M. (1990). *Genre Analysis - English in academic and research settings*. Cambridge, Cambridge University Press.

Tannen, D. (1989). *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press. Second Edition.

Teixeira, J. (2011). Futebol, Inferno, jogo e guerra: as realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses. *Diacrítica - Série Ciências da Linguagem*, Nº 25/1, pp. 283- 316, in repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17804 [Acesso em 25 de janeiro de 2020].

Terkourafi, M. (2005). Beyond the micro-level in politeness research. *Journal of Politeness Research*, v. 1, n. 2, p. 237-263.

Terkoufari, M. (2008). Toward a unified theory of politeness, impoliteness and rudeness. In: Bousfield, D. & Locher, M. (eds). *Impoliteness in Language*. Berlin, NY: Mouton de Gruyter, pp.45-74.

Travaglia, L.C. et al (2013). Géneros Oraís – Conceituação e Caracterização. *Anais do SILEL*, vol. 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, in http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1528.pdf. [Acesso em 21 de janeiro de 2019].

Travaglia, L. C. et al. (2017). *Olhares & Trilhas*. Universidade Federal de Uberlândia. Escola de Educação Básica, vol. 1, nº 2.

Traverso V. (1996). *La conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

Urquizu, C. A. (2009). Politesse, impolitesse, auto-politesse: Janus revisité. *Çédille. Revista de Estudios Franceses*, 5. Pp.24-55, in https://www.researchgate.net/publication/26598742_Politesse_impolitesse_a_uto-politesse_Janus_revisite [Acesso em 3 de agosto de 2019].

Van Dijk, T. A. (1992). *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. 3ª ed. Barcelona: Paidós.

Van Dijk, T. A. (1993). *Elite discourse and racism*. Newbury Park, CA: Sage.

Van Dijk, T. A. (2005). *Discourse and context. A sociocognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

Van Dijk, T. A. (2008). *Discourse and Context: A Sociocognitive Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vilela, M. (1999). *Gramática da língua portuguesa. Gramática da palavra, gramática da frase e gramática do texto*. Coimbra. Almedina.

Villalva, A. (2003). E se os brasileiros descobrem que os portugueses acham que eles falam Brasileiro? Parte II. *Notícias da Amadora*, 31 de Março

de 2007. Disponível em:
<http://www.noticiasdaamadora.com.pt/nad/artigo.php?aid=3226&coddoss=72>
[Acesso em 13 de setembro de 2020].

Vion, R. (1996) L'analyse des interactions verbales", *Les Carnets du Cediscor*. Publication du Centre de recherches sur la didacticité des discours ordinaires, pp. 19-32. <https://doi.org/10.4000/cediscor.349>. [Acesso em 23 agosto de 2020].

Watts, R. J., Ide, S, & Ehlich, K. (Eds.). (1992). *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Wittgenstein, L. (1953) – *Investigações Filosóficas*. Blackwell. (Tradução José Carlos Bruni). Edição 1999. Editora Nova Cultural Limitada.

REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS DE CONFERÊNCIAS ANALISADOS

Remate Digital (2016. 12. 03). Conferência de Imprensa Jorge Jesus - Sporting CP X Vitória FC – 3 de dezembro de 2016. [vídeo]. Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=pWd0iGY-28>. [Acesso em 12 de junho de 2018].

Remate Digital (2018. 01. 07). *O ataque de Sérgio Conceição a Rui Vitória, com uma comparação ao boneco do filho*. [vídeo]. Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=yCtmovmETlo>. [Acesso em 15 de setembro de 2018].

Remate Digital (2018.01.12). *Rui Vitória responde às polémicas declarações de Sérgio Conceição*. [vídeo]. Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ZjZvtXLejCg>. [Acesso em 15 de maio de 2019].

Remate Digital (2018.01.14). *Sérgio Conceição Reafirma Incoerência de Rui Vitória*. [Vídeo]. Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=RNtZ6SktRbk>. [Acesso em 15 de junho de 2019].

Remate Digital (2016.01.16). *Conferência de Imprensa de Jorge Jesus, após Vitória de Setúbal 0 Sporting 6*. [vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=54sYspUeLcM>. [Acesso em 20 de julho de 2018].

Remate Digital (2018.01.18). *Abel Ferreira comenta o atual estado do futebol português*. [vídeo]. Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=qjY8v6tTEHs>. [Acesso em 2 de abril de 2019].

Remate Digital (2018.05.05). *Conferência de Imprensa de Rui Vitória, após o Sporting 0 x Benfica 0*. [vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=tFmcqwUSs8>. [Acesso em 22 de outubro de 2019].

ANEXO A - [Transcrição do Excerto da 1ª Conferência de Imprensa de Sérgio Conceição]

[CI1-SC, 7.01.18]

Sérgio Conceição: “- dar mérito ao Vitória de Guimarães, porque fez uma primeira parte excelente naquilo que foi a sua ação defensiva. Ummm... Tivemos que ir atrás do resultado num golo que me parece estar fora de jogo. Eehh uma situação de *penalty* que não foi assinalada a nosso favor, mas isso já é recorrente. Nós temos que continuar o nosso caminho, pensar pouco nessas situações. Não as deixo de as dizer, porque eu sou assim. E não sou quando me apeteço. Sou frontal, digo aquilo que penso. Eehh por isso é num contexto digo para deixarem os árbitros em paz, mas também já disse e critiquei equipas de arbitragem. Disse, no fim do jogo das Aves, que os árbitros deveriam ser criticados como nós os treinadores e jogadores também somos. Aquilo que é o meu sentimento no momento, eu expesso. Ok! Não tenho problema nenhum. Não ando aqui a mando de alguém ou algo do género. Zero...Zero. Aliás, vocês sabem que eu até já entrei em confronto, confrontos, salvo seja, com o nosso diretor de comunicação e posso entrar com o meu presidente. Eu sou livre e crescido, assumo a responsabilidade do que digo. Eu... Eu... Eu... Faz-me lembrar um boneco, um boneco que o meu filho tem em casa que não tem expressão, mas depois tem um botão para ‘agressivo’, carrega-se para ser agressivo e ele cerra os punhos. É verdade, é verdade... Depois carrega-se no botão para entrar em modo ‘padre’ e ele mete as mãos assim ((junta as mãos como se estivesse a rezar)). Eu não sou desses, que são comandados e têm botões para se comportarem de diferentes maneiras e passarem diferentes mensagens em frente à comunicação social. Eu, não. Siga.

Jornalista: - Sérgio Conceição, perguntava-lhe se o que esteve aqui a dizer tem um destinatário.

Sérgio Conceição: - tem/tem/tem! É para o Rui Vitória.

In, <https://www.youtube.com/watch?v=yCtmovmETIo>

ANEXO B - [Transcrição do Excerto da Conferência de Imprensa de Rui Vitória]

[CI.2- RV, 12.01.18]

Jornalista: - Rui Ribeiro, muito boa tarde, estamos em direto para a CMTV. Há duas épocas quando houve uma guerra de palavras com o treinador rival acabou por ser campeão. Acha que esta época acontecendo o que aconteceu vai acabar a época a sorrir, tendo em conta que quem ri por último ri melhor? (...) Sérgio Conceição o ter comparado a um boneco?

Rui Vitória: - vamos lá por partes em relação a isso. Em relação à ambição do campeonato é evidente que a ambição é sempre enorme e muito grande e acreditamos como acredita qualquer equipa daquela que está na frente pode vencer o campeonato. Segunda questão, a questão da ... que me colocou em relação ao treinador do Porto. Fazer um preâmbulo: este episódio não começou aqui, não começou aqui, mas da minha parte termina aqui hoje. Segunda parte da questão, segunda parte do preâmbulo, desculpe-me que vos diga: tenho visto agora nos últimos dias 'haja respeito entre os treinadores' haja ehh...os treinadores têm que... mas eu faltei ao respeito a alguém? Mas eu faltei ao respeito a alguém? Portanto, não aceito, e estou a falar para quem diz isso, para quem escreve e para algumas instituições que às vezes de uma forma leviana metem tudo ao mesmo nível. Quando digo ao mesmo nível, digo o mesmo patamar. Nem aceito que o digam de forma leviana sobre a minha pessoa, nunca passei determinados limites e como não os ultrapassei não metam tudo dentro do mesmo saco. Eu não aceito isso. E portanto, ahh, dentro desta lógica o que eu quero dizer em relação a esta matéria é o treinador do FC Porto disse o que disse, assuma as suas responsabilidades. Eu não passo determinados limites. Sou treinador de equipa grande, mas uma pessoa perfeitamente normal. (...) Subi a pulso, agarrando as oportunidades, deixando amigos em todos os clubes, cheguei aqui dessa maneira e assim vou continuar a ser. Falo quando quero e da forma como quero. Sei o clube que represento e a responsabilidade que tenho. Não aceito de forma leviana que alguém diga que se faltou ao respeito. Da minha parte haverá sempre

respeito entre os treinadores. Uma coisa é divergências de opinião sobre jogos, outra coisa é achar que vale tudo. Da minha parte não vale tudo. Já ganhei e já perdi, mas nunca ninguém me disse que ultrapassei limites em relação à função de treinador. Por isso, não aceito que ultrapassem comigo. A conversa sobre este assunto da minha parte termina aqui. Só acrescento este ponto: Há duas semanas avisei o que estava em causa. Isto é um alvo ao Benfica e os benfiquistas já entenderam isso. Em relação a mim, reafirmo que não faltei, nem falto ao respeito, a minha postura há de ir comigo até ter a minha demência e é assim que vou ganhar mais vezes. (...).

In <https://www.youtube.com/watch?v=ZjZvtXLejCg>, Publicado em 12 de janeiro de 2018, duração do vídeo 5 minutos e seis segundos.

ANEXO C - [Transcrição de um excerto de uma Conferência de imprensa de Sérgio Conceição, treinador do FC Porto, na sequência de dois outros excertos, proferidos primeiramente por Sérgio Conceição, seguido de Rui Vitória].

[CI3-RV, 14.01.18]

Sérgio Conceição: - vou dizer aqui uma coisa muito importante. Eu não voltei atrás naquilo que eu disse ((gesticula as mãos como se estivesse a retroceder atrás)). Ehhh ... eu lamentei que um exemplo menos feliz da minha parte ... que o levassem à ofensa, e eu não quis ofender. Eu falei em incoerência. Incoerência só. Ponto. Basta! Foi isso que eu falei... eehh ... eu assumir as minhas responsabilidades, assumo-os sempre porque sou frontal. Sou direto. Se eu mandar umas indiretas, não posso assumir essa...essa ... eehh... essa responsabilidade daquilo que digo, porque acabo por não dizer, porque há algo no ar, algumas coisas no ar, eu não sei quê! ((Levanta os braços, gesticulando-os.)) Eu não! Eu assumo essa responsabilidade de vir aqui. Eu assumi a responsabilidade daquilo que disse, e vim aqui depois daquilo que eu disse, do exemplo que dei, menos feliz e disse que lamentava. **Não é desculpa nenhuma. Não tenho de pedir desculpa nenhuma! Não tenho de pedir desculpa a ninguém! Eu lamentei ... um exemplo menos feliz que levou a que as pessoas ... que fosse quase um ... parasse Portugal... e eu vi assim ontem nos telejornais uma revolta, uma resposta** ((com tom irónico, com a gesticulação dos braços)) ... nada disso, pá! Nada disso! Eu tenho respeito por toda a gente. Eu tenho respeito pelo nosso roupeiro. Tenho respeito, numa instituição, seja a minha, seja outra instituição rival. Tenho respeito pelos roupeiros adversários, rivais. Tenho respeito pelos vendedores de pipocas. Tenho respeito pelos treinadores. Tenho respeito pelos presidentes. Tenho respeito por toda a gente, porque ... ehh... o verdadeiro limite no futebol ...é mesmo esse respeito pela verdade desportiva. **É isso que é o limite!** ((levanta as mãos e coloca-as acima da cabeça, em representação desse limite)). **Isso que é o limite! Isso que é o limite no futebol! É o respeito pela verdade desportiva. E com isso quero**

concluir... porque aquilo que tenho de falar por mim são os resultados, é a minha equipa, é o futebol que nós praticamos. Isso que é importante realçar e não esse tipo de situações. Eu, tudo aquilo que consegui, como jogador, vocês sabem disso, que eu não sou nenhum “*yes man*”, não faço parte de /de ... dessa/ desse grupo de pessoas ... que ...que... que sou mais dada a dizer sim do que por vezes não. Eu, não! Eu digo o que sinto, o que penso. Fui assim sempre como jogador. **Fui assim sempre como treinador desde quando comecei como adjunto na Bélgica.** Ok! E que cheguei ao patamar em que cheguei. Ao FC Porto. Ponto. Não há mais nada a dizer sobre isso. O verdadeiro limite é o respeito pela verdade desportiva. Isso é que é o verdadeiro limite do futebol. Depois o que é limite para mim, em termos de/daquilo que é o meu discurso, pode ser para outro. Ok. Lá está, estou a dizer, por isso, que estou a dizer. Por isso que respeito um vendedor de pipocas...respeito um colega de trabalho, um treinador de futebol/um treinador de futebol, respeito um roupeiro. **Respeito verdadeiramente!** Eu... aquilo que eu disse em relação ... àquilo que foi o exemplo que eu dei na semana passada de um outro treinador, foi menos feliz da minha parte. Lamento! Não tou a pedir desculpa a ninguém. Isto não é desculpas a ninguém. Eu assumo aquilo que disse. Tou a dizer que lamento! Ok! A partir desse momento **a incoerência que eu falei continuo a reafirmar e continuo a dizer...** É só isto, mais nada ... não há mais nada! Ponto final! Nem quero falar mais disso. Tenho de falar é da minha equipa, dos resultados positivos, das coisas boas que temos feito. Isso para mim que é importante.

In, <https://www.youtube.com/watch?v=RNtZ6SktRbk>,
consultado em 14 de janeiro de 2018

ANEXO D - [Transcrição do excerto de uma Conferência de Imprensa de Abel Ferreira, treinador do Sporting Clube do Braga]

[CI4- AF, 18.01.2018]

[...] **Jornalista**: - Abel, após a exibição frente ao Benfica, o Braga foi acusado de ser/ de ter sido uma equipa pouco apática comparativamente a outros jogos. O que eu lhe pergunto se isso é algo que preocupa o Abel e se espera uma resposta forte após as críticas que foram feitas após o jogo feito pelo Benfica.

Abel Ferreira - olhe, aamm... aahmm... em primeiro lugar, não sabia que o Braga tinha tantos adeptos assim. Fiquei espantado com os adeptos que o Braga / que o Braga tem. Aahmm... nós também jogámos com o Setúbal, duas vezes, e a verdade que o Braga não esteve no seu/no seu melhor, mas para ser curto e grosso em relação a isso... aahmm quando estamos mal-intencionados, nós podemos criar problemas onde nós/onde nós quisermos. Sobre, eu vou dizer isto ((levanta a mão direita e gesticula o dedo apontador)) para terminar eu não vou falar mais do jogo. Está um zero e nós temos no pé de Ricardo Horta o um/um uma grande defesa do guarda-redes do Benfica ... está dois um e temos mais uma vez o guarda-redes do Benfica a salvar o dois/dois. E é isto é que temos de dizer. E vou vos dizer mais. Em termos de oportunidades claras, criámos nós mais oportunidades ao Benfica do que se calhar outros grandes que jogaram contra o Benfica e não lhes conseguiram ganhar. **Portanto, os jogos ganham-se dentro do campo. Os campeonatos ganham-se dentro do campo.** E é dentro do **campo** que eu quero competir. **Não é aqui! Eu aqui não quero competir com ninguém. Aqui ao microfone não quero competir com ninguém! E vocês já me conhecem, apesar de não termos relação pessoal/ apesar de não termos relação pessoal, vocês já me conhecem o suficiente e admiram-me. Vocês trabalham comigo e admiram-me,** porque para ser bom jornalista/ para ser bom jornalista, não tem que ir à procura de polémica. Tem que dizer a verdade. O bom jornalista é aquele que diz a verdade. E nós, hoje em dia, temos grandes programas que falam **do futebol, jogado. Fantásticos!** Com

ex-jogadores, com ex-treinadores, com grandes jornalistas que falam do futebol jogado, com género feminino e **com género masculino. Fantásticos!** Em que eu vejo, ouço e sei que a crítica ou o elogio é isento. **Há sites e blogues de futebol, absolutamente fantásticos**, que falam daquilo que interessa, que é o futebol / o futebol jogado. E desde o primeiro dia que me sentei nesta cadeira/ **cadeira a qual**, foi o presidente António Salvador que me escolheu para estar aqui... eu me comprometi em valorizar o espetáculo. Lembrem-se da história do colibri? Alguém se lembra aqui da história do colibri? Alguém se lembra? Mas isso é preciso meter nos jornais. Não adianta num discurso de um minuto tirar só trinta segundos daquilo que eu disse. E vocês estavam aqui comigo. Vocês estavam aqui comigo. O jornal *A Bola*, *O Record* e *O Jogo*, o que deviam fazer para a verdade desportiva era pôr o discurso que o treinador Abel Ferreira teve. Só me faltou elogiar o Jorge Jesus. Elogiei o Rui Vitória. Elogiei o Sérgio Conceição e se vocês me perguntassem e porque eu não fujo à pergunta nenhuma, só me faltou elogiar aqui o Jorge Jesus que foi o meu treinador. Só faltou elogiar esse. E vocês / e vocês para serem grandes jornalistas não precisam ser polémicos. Eu para ser grande treinador não preciso andar à procura de polémica. Eu quero competir **só** com os meus colegas que os respeito todos dentro das quatro linhas. Aí que eu quero competir com eles. Ando no futebol **há vinte e um anos. Não parece!** Mas ando no futebol **há vinte e um anos! Enquanto jogador, não tive um problema com um treinador. Um!** E quando os tinha fazia como os homens fazem. Não preciso mandar recados. Falo pessoalmente. Não tive **um problema**, enquanto treinador, com ninguém. **Com ninguém!** E ando no futebol de cara limpa e de cara levantada. E para as pessoas que fazem mal ao futebol, para os ignorantes, para os mal-intencionados, para os recalcados, fica a oração dos sábios. Tá entendido? E não vou admitir **que ninguém, ninguém, ponha em causa a instituição do Braga, os profissionais do Braga que têm sido campeões**. Estamos a fazer uma boa época, que já há muito tempo que não se via o Braga a fazer. Nem eu, não vou admitir, **porque entre ser um bom treinador e um bom homem, prefiro ser um bom homem** ((Bate a mão direita na mesa duas vezes)). **Entre ser um bom treinador ou um bom homem, se me derem a**

escolher, eu prefiro ser um bom homem. Já vos disse qual é a minha filosofia de vida, não, já? Já vos disse qual é, a minha filosofia de vida? Isso é preciso pôr ((bate novamente a mão direita na mesa)) para as pessoas verem, porque se o que não acontece. Se não vou vos dizer o que andámos a fazer/ vou vos dizer o que andámos a fazer. **Não se admirem /não se admirem que o que nós andámos a fazer com a informação, andámos é plantar o ódio e a violência! Andámos a plantar o ódio e a violência!** ... E o futebol não é isso, meus senhores. O futebol não é isso. O futebol é paixão! O futebol é prazer! O futebol é competição! O futebol tem que unir os povos! O pessoal tem que unir ... ahhh as pessoas! O futebol deve ser dos poucos desportos onde junta todos os extratos sociais. Todos os extratos sociais. E isto que vocês têm que valorizar. É isso que vocês têm de valorizar. **E quando alguém for buscar ahhh declarações ... a um minuto tirar trinta segundos quando estou com este casaco** ((demonstra o tamanho das mangas do casaco)) e a seguir tenho outro de manga curta ((aponta às mangas do casaco)), **vocês, jornalistas, vocês, jornalistas, são responsáveis por repor a verdade.** Tá entendido? E, eu não vou... sou coerente com aquilo que digo e aquilo que faço. A minha função aqui é ser treinador. Não quero entrar em novelas nem em circos, porque não sou ator e nem palhaço. Sou treinador de futebol. Tá entendido?

In, <https://www.youtube.com/watch?v=qjY8v6tTEHs> Publicado em 18 de jan de 2018, 6 minutos e 51 segundos.

ANEXO E - [Excerto de uma Conferência de Imprensa de Jorge Jesus, após Vitória de Setúbal 0 Sporting 6]

[CI.5-JJ, 6.01.16]

Jornalista: (?) - [...] a minha pergunta tem a ver com o que disse o treinador do Benfica, que é obcecado pelo Benfica, é mau caráter e mau colega.

Jorge Jesus: - disse essas três questões? Se eu perguntar porque eu não posso responder... Disse? Disse? Aahh ... Em relação/em relação ao jogo, à equipa ... Aahh... Um pouco dentro daquilo que eu já respondi, foi/foi/foi uma exibição com muita dinâmica ofensiva, uma exibição com/com os jogadores, todos eles em movimento, a saberem o que/ o que tão a fazer... Aahhh... E portanto, aahh, se antes do jogo, eu esperava vencer por seis a zero, eu diria que não. Aahh... mas depois o jogo foi-se tornando fácil pela qualidade individual e pela qualidade tática dos jogadores do Sporting, portanto, essa mesma dinâmica e quando estás em vantagem, também torna se muito mais fácil. Em relação ahhh... ao meu colega, eu tou obcecado /tou obcecado pelo Benfica, tou obcecado pelo Porto, tou obcecado por todos os meus adversários e, **principalmente, pelos dois rivais que sei que vão estar na luta direta para a conquista deste/deste campeonato. E, portanto, procuro, não é?, tar cada vez mais esta opção, e esse conhecimento, para quando/quando for a quarta vez voltar a ganhar e ser quatro vitórias.** Essa é a minha opção em relação aos adversários. Isso, a minha opção leva-me ao trabalho, **para o conhecimento do trabalho, para o conhecimento** ... aahh... daquilo que/que normalmente é minha opção em função ao meu trabalho e aos meus adversários. Neste momento, tento...são, estamos num campeonato onde há vários adversários, mas há dois, como é óbvio, são aqueles que estão com o mesmo objetivo, em relação/ em relação/ em relação ao adversário. A outra questão... **Mau colega...** Treinador... Como eu não o qualifico como treinador, não sou mau colega dele. (?) ... Para ser treinador tem de ser muito mais...

Jornalista (?)

Jorge Jesus: - não ... aahh... uuff...a forma como tu queres qualificar, não é? Esta palavra...a tua opção leva-te a vários/ a vários/ vários si...signi... significados. Aahhh...uuff... Se os adversários possam ter opção/opção em relação à equipa do Sporting agora estar em primeiro lugar...uuff...não É natural porque faz parte do futebol, não é? E ... e... a minha é essa mesma, eihn. É exatamente essa. Sou obcecado pelo meu trabalho. Sou obcecado pelo meu trabalho. Ela agora a equipa do Sporting estar em primeiro lugar.

Fi-lo sair da toca. Ele tem de se assumir. Para treinar o Benfica tem de se assumir. Para conduzir um "Ferrari" tem de ter andamento para ele, não é? E, portanto, isso tudo" eu acho normal, desde que não entremos cada um na vida particular... e, portanto, cada um defende, como é óbvio o seu clube.

In <https://www.youtube.com/watch?v=54sYspUeLcM>, publicado em 06/01/16, 8 minutos e cinquenta e seis segundos.

ANEXO F - [Excerto de uma Conferência de Imprensa de Rui Vitória, após Sporting 0 Benfica 0, relativo à 33ª Jornada do campeonato português 2017/2018]

[CI6, RV- 5.05.2018]

... Rui Vitória: ... – não! E ... e... e ... se vocês considerarem eu estou a ver mal o jogo ((abana afirmativamente a cabeça))... porque na realidade, deixe-me que vos digo, e às vezes/ às vezes, temos que/temos que, de facto ...ahh...ahh... marcar a diferença. Nós fizemos uma primeira parte de grande nível ahh... ahh ... a vir a uma equipa ...a casa de uma equipa forte...ahh ... e jogar a forma como nós jogámos na primeira parte ...foi uma/uma primeira parte de grande nível...poderíamos e deveríamos ter feito golos e não os fizemos, mas fomos uma equipa de carácter, uma equipa de/de grande entrega, de qualidade, a jogar com qualidade e... merecíamos/merecíamos ter ganho... É ... é evidente que defrontámos uma equipa de qualidade, isto não tira mérito àquilo que é equipa do Sporting e, portanto ao valor que tem, mas hoje nós fomos os melhores! Ahh...e agora estava aqui, antes devir estava, por acaso, a ver para os ecrãs da televisão havia uma preocupação em pôr um lance do Sporting, um lance do Benfica ((gesticula os braços de forma alternada)), um lance do Sporting, um lance do Benfica, um lance do Sporting, como se houvesse equilíbrio, a única coisa que houve equilíbrio foi a passe de bola, o resto não houve mais nada. Nós fomos os melhores. Nós tivemos mais ocasiões. Tivemos lances para golo. Merecíamos ter ganho. O Sporting na segunda parte teve um pouco melhor, mas a nossa estratégia da primeira parte foi muito forte, foi boa. Os meus jogadores interpretaram na perfeição aquilo que nós/ que nós queríamos. Ahh e o Sporting na primeira parte não teve capacidade de nos/de nos condicionar, mas também era difícil depois na ... durante o jogo todo manter o ritmo. Mas nós tivemos os lances mais do que suficientes para/para ganhar. E depois tem Rui Patrício que acaba por fazer uma ou duas defesas de **grande nível, de grandíssimo nível**, ao nível dos melhores da Europa e que acaba por dar pontos ao Sporting.

Jornalista: “- boa noite, Ricardo (?) em direto para Abola TV! Com este resultado sente que o Benfica pode ter perdido os milhões, os muitos milhões da liga dos campeões do próximo ano, ou seja, ter entregue o segundo lugar ao Sporting?”

Rui Vitória: “- isto ainda falta uma jornada, ainda falta uma jornada... ehh... essa carga ahh...oiça...ahh...valorizem...é de facto aquilo que o Benfica fez, que andou um ano inteiro, muitas vezes, a baterem no Benfica quase do nada... a equipa do Benfica era quase um alvo a bater, como se não pudessemos ganhar o quinto campeonato, ganhámos quatro, não ganhámos este, mas vamos ganhar mais vezes e, portanto, isso é que é de enaltecer. Agora, ehh...vamos ver até à última jornada, vamos ver até à última jornada...ahh... há uma jornada para disputar, o campeonato ainda não acabou e falo depois no final cá faremos esse balanço.”

Jornalista: “- boa noite, Rui Vitória, João Miguel Nunes, RTP, com este empate o Porto sagra-se campeão. Pergunto-lhe se o FCPorto é um justo campeão este ano?”

Rui Vitória: “- eu...balanço do jogo do campeonato, fá-lo/fá-lo no final do campeonato. Agora, quero falar do Sporting x Benfica, do zero a zero. Depois balanços é quando acabar a última jornada.”

Jornalista: “- Rui Vitória, boa noite! Gonçalo Ferreira, em direto da SIC Notícias, foi muito crítico, não tanto nesta conferência de imprensa, mas sim na ‘flash’, os erros da arbitragem justificam esta que é uma das piores épocas da história do Benfica?”

Rui Vitória: “- ahh, quem é que disse isso?”

Jornalista: “- não disse nada.”

Rui Vitória: “- ok! Mas há uma dedução que não é aquilo que não disse aqui há pouco. Aquilo que eu disse aqui há pouco foi factual em relação a este jogo. Não estejam a baralhar as coisas, porque não é isso que eu... e vou repetir aquilo que eu disse. Em relação a este jogo, Carlos Xistra é um árbitro, já nos conhecemos há muitos anos. Anda aqui há muitos anos. Ahh ... e eu

falei factualmente deste jogo. E deste jogo, e depois do jogo/jogo da/da/ do jogo em nossa casa. Não falei de mais nada. Não foi do campeonato nem menos campeonato. E aí que eu me vou cingir. Hoje de manhã há uma reunião preparatória, para quem não possa estar devidamente informado. Há uma reunião preparatória em que está a equipa da arbitragem, estão as equipas, com os seus responsáveis ...ahh... e que o árbitro acaba por dizer quais são algumas das diretrizes para o jogo, e a transmitir que dura o tempo ... mais coisa ou menos coisa (eu não estive lá, mas ele não me vai desmentir), dura o tempo que durar, se nós tivermos que analisar qualquer lance que haja para analisar, vamos analisar. Dura o tempo que durar! Diz-se isto de manhã, à tarde por que não se faz, à noite? Ehh... portanto... eu...eu... tenho sido ao longo deste campeonato...ahh... porque têm batido tanto no Benfica...eu tenho a noção da responsabilidade que tenho... de grandeza deste clube... e tento ser, tenho sido sempre elegante, respeitador ... ahh ... à minha maneira.... mas... e também não estou aqui a falar... e se calhar já vai tarde, se calhar já vou tarde, se calhar ... ehh..., ehh... se calhar temos ... tenho que falar com o presidente para arranjar outra estratégia para nós funcionarmos em relação a isto... nestas questões... quer dizer...porque eu não entendo isto! Eu... ehh ... estava a olhar para esta arbitragem... e estou a falar assim um bocadinho mais com o coração...eu estava a olhar para essa arbitragem e estava a ver que.... ehh... parece que os árbitros querem que isso anda assim, para um zero, zero, vai andando. E depois aos noventa minutos aparece um lance em que tudo isto complica, eles já não sabem o que hão-de fazer e ficam condicionados. De certeza que aquilo foi mal analisado, os lances que houve na... durante ehh... o jogo. Foi mal analisado ou das duas uma. Ou foi mal analisado por quem está a arbitrar, ou foi analisado por quem lá está sentado em cima num quarto qualquer, por quem lá está ehh... como vídeo-árbitro. **O que é certo é que nos dois dérbis, nós vimos quatro pontos a esfumarem-se com muitos lances factuais** de penáltis nestes dois jogos, e vimos quatro pontos a esfumarem-se ahh...e nada agora podemos fazer. E a verdade amanhã quem fica com menos pontos somos nós. **E hoje, quer pela qualidade, quer por aquilo que se passou em relação à arbitragem, nós**

merecíamos ter ganho. Não tou a falar nada do campeonato, estou a falar no jogo de hoje. Hummm....

Jornalista: - boa noite, Rui Vitória, Bruno Valério em direto para a Sportv! Relativamente a esses quatro pontos de/de que fala que o Benfica deixou fugir nestes dois jogos, são quatro pontos que, nesta altura, dariam a igualdade pontual com o Futebol Clube do Porto. Pergunto-lhe se são estes dois jogos que acabam por tirar o campeonato ao Benfica?

Rui Vitória: - eu tou a lembrar-me destes dois jogos, porque estamos a falar da mesma equipa, não sei, não tou agora ahh...a minha memória é muito/é muito seletiva, ehh... e portanto não tenho capacidade, não tenho tantos *bytes* assim para saber tudo o que é campeonato, tudo o que é que se passou, neste campeonato, mas tenho de ganhar mais *bytes* nesta/nesta memória. Tou a lembrar-me destes dois jogos factualmente. Nós do ponto qualitativo, quer em casa, quer aqui, fomos melhores. **Para mim, ponto claro, quem disser o contrário, não concordo. Para mim, é ponto claro! Fomos melhores, ehh... fatualmente.**

E depois, há de facto estes dois lances que vão ficar. Ehh...estes dois lances, não. Estes dois jogos, que objetivamente há ali **lances para...pa/para serem ajuizados de uma outra forma.** Curioso, está o Hugo Miguel, que foi o árbitro do primeiro jogo, e é o Hugo Miguel no vídeo árbitro deste segundo jogo! Não está em causa aqui... o Xistra vai... já me arbitrou muitos jogos, já vai arbitrar muitos jogos... aahh...acho que tem qualidade, **mas é pá....** estas coisas têm que ser... de manhã diz-se uma coisa ... ehh... se calhar pôr lá dentro...temos que levar um/um elemento da arbitragem para dentro dessas reuniões, porque se calhar não estamos a nos entender, se calhar tem que tar lá um ex-árbitro, um ex-fiscal de linha, um ex-qualquer coisa da arbitragem, porque não estamos a nos entender. Pelos vistos não estamos a nos entender. Vai um elemento da minha equipa técnica e nos, (?) nos quer transmitir alguma coisa, e agora chega-se..., **com um cuidado enorme!** Vamos garantidos, pelos menos, vai ser tudo revisto. E... e... atenção que nem vi os lances todos, porque quem estava a passar os lances na televisão, era um lance para cá, um lance do Sporting, um lance para lá e ... umas jogadas. Uma jogada como a nossa nosso, uma jogada mais ou menos assim do Sporting. Nem tou a

analisar isso. Não estamos a perceber o que se passa. E hoje tou a falar mais do coração.

Jornalista: - “boa noite, Rui Vitoria, Pedro Neves de Sousa da CMTV, pergunto-lhe para uma equipa que precisava hoje de marcar aqui golos, não teve receio de pôr o Jonas mais cedo, o melhor marcador do campeonato, e aquele que disse ontem que era o melhor jogador do campeonato? ”

Rui Vitória: - olhe, você vê essas coisas sempre como copo vazio e copo cheio. Ehh... oiça, nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Tá a perceber? Nós fizemos uma primeira parte de grande nível! Se calhar, agora, tava-me aqui a dizer, se não tivéssemos feito aquela primeira parte, porque jogámos com dois médios, porque jogámos com mais ... **Nós fomos os melhores! Nós merecíamos ter ganho!** Não é que há mais Jonas, menos Jonas, nem menos...! Aquilo que fizemos, fomos os melhores. Chegámos aqui, impusemos o nosso jogo, não vamos agora cá tar...eehh... Para alguns é...é tudo bonito, para outros é tudo cinzento. Isto aqui...Tenham lá paciência, porque vos conheço de gingeira. E essa conversa não é adequada para aquilo que se passou hoje. Mas qual Jonas, menos Jonas? **Nós fomos os melhores!** E é isso vocês têm de dizer. Nós na primeira parte fomos **uma grande equipa aqui, em Alvalade, uma grande equipa!** Com um público adverso, claramente o Sporting a jogar em sua casa, com a qualidade dos jogadores de grande qualidade que o Sporting tem, e se reforçou para isso. Ponto final! ((Levanta-se e sai da sala de conferência)).

Acessor do Clube: “- tá, ponto final!

In, <https://www.youtube.com/watch?v=tFmcqwUSs8>, publicado em 5 de maio de 2018, 10 minutos e cinco segundos.

**ANEXO G - Excerto de Conferência de Imprensa Jorge Jesus – SC
Portugal 2 X Vitória FC 0 – 3 de dezembro de 2016**

[CI, 7. JJ- 3.12.2016]

Jornalista “- boa noite, Tiago Labrega para a Sporting TV, hoje um fim de tarde a Sporting, uma grande exibição controlada ao longo dos noventa minutos, sem sofrer golos, uma grande exibição também dos adeptos num dia chuvoso e também uma grande homenagem a Chapecoense, que tinha /que era treinada pelo seu amigo Caio Júnior.”

Jorge Jesus “- sim, boa noite a todos! Desculpem-me! Bom, aahh...fazendo um comentário em relação às duas partes do jogo. Primeira parte do jogo, já tive oportunidade de...na flash interview de...de expressar a grande primeira parte que o Sporting fez. Eehh... para além da qualidade ofensiva...eehh... com muita dinâmica, com muita velocidade, eehh...e muito bem jogado, taticamente e tecnicamente que criou muitas dificuldades à equipa do/do Vitória, com muitas dificuldades de poder parar a qualidade ofensiva do Sporting. Fizemos três golos. Só valarem dois, **mas três golos limpinhos.** **Aahh...**o árbitro marcou golo, porque já vi o gesto dele, não é? O fiscal de linha, **do outro lado/do outro lado**, conseguiu ver não sei o quê. Aahh... e portanto foi... foi...este golo ... transportava-nos para uma/para uma segunda parte três a zero, não é? muito mais confiante...aahh... era também, importante, porque um golo é sempre um golo, e para um ponta de lança cria muito mais confiança para a segunda parte. Resumindo, a nossa primeira parte, toda ela, foi um produto de qualidade. Aahh... E chegares a uma primeira parte e fizeres três golos, é muito bom. Para mim foi três golos, mas só valeram dois. Para mim foi quatro a zero, mas só valeram dois. Aahh... e dentro/dentro desta ideia, na segunda parte já não/já não tivemos a intensidade que tivemos na primeira. Não porque o Setúbal defendesse melhor ... Aahh...aahh, mas sim porque os jogadores do Sporting quiseram controlar o dois a zero. E o campo, que a chuva que caiu, hoje em Lisboa, e o campo estava muito pesado, aahh... e portanto isso fatigou não só os jogadores do Sporting, mas também os jogadores do Setúbal, como é óbvio.

E o Sporting jogou mais pela certa, se assim poderemos dizer. Não é que o Sporting tirasse o pé do acelerador, não. Começou a jogar mais pela certa. Aahh...sem ter o objetivo, dalgumas vezes, do golo, mas o objetivo da vitória. Isso também é importante. E fez mais um golo, mais uma vez mal anulado. Aahh...portanto, quatro a zero para o Sporting. A valer só foi dois a zero. Aahh... e portanto isto é o resumo, mais ou menos, do jogo. Na segunda parte, o Vitória tem um remate à baliza e tem uma oportunidade à grande defesa do Rui Patrício. É a única/a única/a única e, portanto, a única bola de golo...aahh..., portanto a única bola que vai à baliza, não é? Foi essa bola. Podíamos ter saído daqui com um resultado maior se/se... a equipa vai para o terceiro a zero logo na primeira parte, e se o terceiro logo, também, que era o quarto, mas vamos para o terceiro, logo no início da segunda tudo era diferente/tudo era diferente para melhor, não é? Parabéns aos jogadores do Sporting! Aahh...também, claro que isto... aahh... eehh... todos nós, agentes do futebol, fizemos uma/uma homenagem/homenagem ao Chapecoense. Aahh... que/que/que... como vocês sabem, não é fácil e...e, para nós que estamos longe, quando gostamos de pessoas que estavam lá que são/que são nossos amigos, quanto mais para aquela cidade, para aquele povo e para aquelas famílias. Tivemos um gesto, dentro daquilo que podíamos fazer, para homenagear ... aahh...o Chapecoense, com o emblema da equipa e com o nome da equipa nas nossas camisolas. Aahh... também foi um gesto muito bonito. E também, vejo os nossos adeptos sempre connosco, sempre confiantes, desde o primeiro dia. Aahh...o facto de agora teres reduzido de cinco para dois, não nos dá mais nem menos confiança, sempre tivemos confiança, e vamos caminhando jogo a jogo.”

Assessor de imprensa: “- próxima questão, CMTV.”

Jornalista: “- Jorge Jesus, boa noite, Mário Ribeiro, em direto para a CMTV. Eu perguntava-lhe por que decidiu manter William Carvalho em campo, que já tinha visto um cartão amarelo, sabendo que ao ver mais um cartão amarelo falharia ao derby de domingo contra o Benfica.”

Jorge Jesus: - “é uma pergunta interessante e bem feita (sorriso). Não é que eu não tivesse pensado, não é? Aahh...mas eu achei/ achei por bem tirar/ tirar o Adrien. Aahh... achei o Adrien com menos intensidade de jogo que o William, correndo o risco de perder o William, mas o resultado dois a zero, também confio na maturidade do William, aahh e sabemos que isso às vezes isso não chega, mas arrisquei. É isto no futebol. Não era um risco difícil. Achei que foi um risco calculado... Aahh, e portanto tive essa decisão. Achei que era mais importante pôr outros jogadores a jogar, como foi o caso hoje do Joel, do Markovic... E tinha, na minha cabeça antes, a poder lançar o Alan no jogo, porque ele esteve bem com o Arouca, e precisava jogar, mas ele, durante o dia de hoje esteve doente e ficou no banco, não direi com febre. Mas, ele teve, durante o dia de hoje, com trinta e sete e meio de febre, portanto não/não quis pô-lo a jogar por esse motivo, senão o tinha lançado também no jogo. Portanto, a justificação do William foi um pouco essa. Não havia nenhum conteúdo técnico ou tático que pudesse...aahh... valorizar a saída da equipa do Sporting, com a saída do William. Era o perigo do amarelo, mas/mas arrisquei. Se é um risco, acho que não, mas pronto!”

Assessor: - “Bola TV.

Jornalista: “- boa noite, Jorge Jesus! Miguel Custódio, em direto para a Bola TV. Diz aqui que nada muda o facto de ir à Luz jogar o derby com dois pontos apenas de distância, mas não/não será diferente jogar esse jogo tão importante estando a cinco pontos ou tendo a possibilidade de sair da Luz com a liderança do campeonato?”

Jorge Jesus: “- Aahh... aquilo que eu tentei explicar para nós...aahh... não é? Claro, que... para nós... qualquer equipa. A importância? ... Se puderes andar em primeiro, não andes em segundo. Se puderes ter cinco pontos de avanço, não terás cinco de atraso. Mas aquilo que eu quis dizer, para nós, Sporting, a nossa confiança antes deste jogo, aahh... e depois desse jogo é exatamente a mesma. Não é a questão pontual que nos tira confiança ou nos dá mais confiança. Foi só isso que quis dizer em relação à nossa classificação. Neste caso, em relação ao primeiro classificado que, neste caso, é o Benfica.”

Assessor: RTP.

Jornalista: “- boa noite, Jorge Jesus, deste lado António Pedro Carvalho, agora em direto para a RTP3. Pegando nesta ideia, pergunto-lhe se sente que a equipa é capaz fazer o que fez no estádio da Luz na época passada, vencer e sair dessa com a liderança na mão, neste caso. ”

Jorge Jesus: “- volto a frisar... aahh...que a confiança do Sporting, em termos pontuais, é a mesma antes do jogo e depois do jogo com o nosso rival que vai à frente que é o Benfica. Tudo a partir daqui, o nosso foco chama-se Légio quarta feira. É isso que me tenho de focar. Depois do Légio, vou pensar no que vem a seguir.”

Assessor: “- última questão, TVI.”

Jornalista: “- boa noite, Jorge, em direto para a TVI24. Eu perguntava-lhe, dizia que tinha uma primeira parte de grande intensidade, uma segunda parte em que o Sporting teve algumas portunidades de golo, teve várias oportuidades de golo, o Jorge fez alguma gestão do plantel na segunda parte, com a saída do Adrien, com a saída também, e depois com a saída do Gelson, e também com a saída do/do Bruno César, perguntava-lhe se isso já era a pensar nas próximas jornadas que vão ter estes dois próximos jogos importantes e bastante duros.

Jorge Jesus: “- era a pensar mais no jogo da quarta feira, como é óbvio, não é? Aahh...ahh... quarta?”

Assessor: “- sim, sim. Quarta.

Jorge Jesus: “- quarta feira com o Légio... aahh...e por que? Aahh... como já tentei falar no relato do jogo... o campo estava muito pesado... aahh...ainda deu tempo para falar com o Gelson, houve tempo para falar e perguntar-lhe como é que ele estava, e ele disse-me que estava a sentir-se cansado e, portanto, os dados que o Bruno me ia dando na segunda parte já não fechava aquilo que normalmente faz, o próprio Adrien quando ia já não vinha, então tentei protegê-los para o jogo da quarta feira....

In https://www.youtube.com/watch?v=_pWd0iGY-28, publicado em 3 de dezembro de 2016, 10 minutos e 17 segundos.